



RACHEL
COHN

BETA

VOLUME UM



AUTORA DE *NICK & NORAH –
UMA NOITE DE AMOR E MÚSICA*,
ADAPTADO PARA O CINEMA



BETA

volume um

Rachel Cohn

Tradução de Marina Garcia





É A MIM QUE ELA QUER COMPRAR.

A senhora elegante afirma que entrou na boutique do *resort* à procura de uma malha, mas não consegue tirar os olhos de mim. Ela veste um conjunto de seda marfim cravejado de diamantes perfeitamente ajustado ao corpo violão, seu rosto luminoso é impecável, apesar de ser de meia-idade, e seu cabelo castanho cai abaixo dos ombros formando ondas brilhantes. As mãos suaves exibem unhas pintadas e dedos repletos de pedras preciosas. Parece que uma esteticista paira constantemente à sua volta para manter sua estética sempre agradável. Está ladeada por dois guarda-costas, altos, bronzeados e loiros, com corpos sarados. Cada um tem os olhos de cor fúcsia vidrados e uma tatuagem de flor-de-lis violeta na têmpora direita, como eu.

Os dedos rosa pálido da senhora elegante acariciam uma malha de *cashmere* azul-bebê, apreciando a qualidade do material, mas seus olhos permanecem fixos em mim. Ela está me avaliando.

— Ela está disponível? — pergunta finalmente à Marisa, a gerente da boutique. Sua voz é sussurrada, infantil, e ela pergunta casualmente, mas com um tom discreto, como se estivesse interessada em uma enorme fatia de bolo com creme, com muitas calorias. Marisa, que também é corretora de elite em Demesne, acena discretamente. Esta loja vende roupas — e pessoas.

Se pudermos ser considerados pessoas. Aqui em Demesne, os humanos nos chamam de “clones”. Meu nome é Elysia, pois é como a Dra. Lusardi disse para eu me chamar quando emergi.

Emergi há apenas algumas semanas. Mas sou uma garota de dezesseis anos de idade. Nada sei sobre a minha Matriz, a menina da qual fui clonada. Tampouco é provável que saiba algo a respeito

dela. Para que eu fosse criada, ela teve que morrer.



Estamos em uma sala privada, somente eu, a senhora elegante e Marisa. Sem guarda-costas nem clientes ou outros espécimes de clones. As paredes são completamente brancas. Cortinas pesadas ondulam com o ar superoxigenado de Demesne, vindo das enormes janelas da sacada. A sala deve transmitir a paz e a tranquilidade que dão fama a esta ilha alojada nos mares equatoriais. As janelas oferecem uma visão ampla de Io, o mar azul-violeta borbulhante que circunda Demesne. Eu me pergunto como é que as águas de Io podem parecer tão especiais. Não é algo que eu esteja destinada a entender, o motivo está relacionado a sentimentos humanos e não com a lógica. Pessoas gastam as economias de uma vida para experimentar um momento de prazer em Io. Você poderia me atirar em Io para absorver todas as suas supostas propriedades místicas; isso não provocaria efeito algum em mim.

Eu não tenho alma.

A senhora elegante me apalpa como se aperta uma fruta no mercado. Pressiona gentilmente minha carne, primeiro os braços, então as coxas. Toca com força as minhas costas para testar a firmeza, depois passa a mão pelo cabelo.

— Ela é delicada — comenta enfim.

Marisa a alerta:

— Sra. Bratton, isso é nossa responsabilidade, preciso ter certeza de que entende. Ela é uma Beta. A Dra. Lusardi ainda não aperfeiçoou a linha adolescente. — A mão de Marisa alcança meus ombros para puxar o meu cabelo de lado para a cliente ver claramente a marca tatuada a laser em minha nuca: beta em letras cor de violeta.

— Acredito então que isso se reflita no preço — avalia a dama vistosa chamada Sra. Bratton em sua voz suave.

Meu *chip* avisa que isso se chama *barganhar*.

— É claro — responde Marisa. — A Dra. Lusardi ficará encantada em saber que alguém de sua posição se dispõe a arriscar com uma Beta adolescente.

A Sra. Bratton dirige seu olhar para mim.

— Qual é o seu nome, querida?

— Elysia — respondo.

E-ly-si-a. E-ly-si-a. Ainda posso ouvir a Dra. Lusardi enquanto me fazia praticar o meu nome e o da ilha, *De-MES-ne*, assim que surgi. Clones não acordam sabendo falar automaticamente. Isso pode levar um dia ou dois após a imobilização.

— Acho que você seria uma ótima aquisição para nossa casa, Elysia. Sentimos tanta falta de uma adolescente desde que Astrid, a mais velha, foi para a faculdade no Continente. — Ela fez uma pausa. — A Universidade Bioma.

— Parabéns — eu disse, pois sei que é a coisa apropriada a se dizer a alguém cujo filho entrou em uma instituição de ensino ultracompetitiva. — Você deve estar muito orgulhosa.

O rosto da Sra. Bratton se ilumina.

— E estou! Mas Astrid é devotada demais aos estudos. Ela insiste em não viajar para casa, em Demesne, durante o ano letivo para nos visitar. Sentimos tanta falta dela. Seu irmão e irmã mais novos andam choramingando tanto desde que ela se foi. — Ela faz uma pausa para me examinar de cima a baixo novamente. — Isso, uma nova garota é exatamente o que a família precisa. Você gostaria de ser essa garota?

— Sim, senhora — respondo. A mim não faz diferença se eu existir nesta loja ou em sua casa. Mas minha programação interna me diz como demonstrar o entusiasmo que leva os humanos a se sentirem bem sobre a decisão de me adquirir.

— Seus modos são impecáveis — vangloria-se Marisa.

— É verdade — concorda a Sra. Bratton. — Uma melhoria excelente para a insolência dos adolescentes reais. — Ela sorri. — Eu eduquei alguns.

Marisa me manda de volta à loja enquanto conclui as negociações com a Sra. Bratton. Devo apanhar algumas roupas boas, mas discretas, para levar ao meu novo lar, onde servirei ao meu novo proprietário. Escolho a malha azul-bebê que a Sra. Bratton tanto gostou, além de uma blusa branca e uma saia lisa azul, combinando com a malha. Um uniforme inicial. Uma mudança no traje. Não há nada mais que eu precise.

A não ser me despedir de Becky.

Becky é a outra Beta adolescente disponível nesta butique. Logo que cheguei, Becky me informou que os Betas eram mais difíceis de vender, pois o comprador não tem cem por cento de garantia que um Beta irá operar como programado. Becky e eu somos Betas adolescentes, as primeiras do nosso gênero. Becky disse que, assim que emergiu, a Dra. Lusardi lhe informou que, embora alguns compradores gostassem da ideia de serem os primeiros a ter um modelo novo, não era esperado que os Betas adolescentes tivessem uma boa saída, pois não havia tantos adultos humanos que realmente

gostassem de adolescentes; muitos, na realidade, faziam força para esquecer que eles mesmos já foram jovens. Segundo Becky, Betas adolescentes serviriam de teste até que a Dra. Lusardi conseguisse produzir bebês e crianças reais, que tinham o potencial de “ser um estouro de mercado”.

Tecnicamente Becky está disponível para compra, mas não se espera que isso ocorra, por essa razão ela está consignada a trabalhar na boutique, mantendo-a em ordem, buscando bebidas e arrumando tudo após os fregueses saírem. Com sua estética infeliz, Becky jamais ascenderá à casta superior dos clones e trabalhará como companheira, *chef*, governanta, controladora de oxigênio, instrutora de esportes ou — o cargo mais valioso de todos — assistente de luxo, que organiza as necessidades sofisticadas dos residentes. Becky emergiu há alguns meses com cabelo castanho crespo que parece um ninho de ratos, olhos de um matiz rosáceo de fúcsia e uma pele amarelada. Ela também é gorda: pelo menos dois tamanhos acima do padrão ideal sem celulite, conhecido como “corpo de biquíni”, a estética preferida da ilha.

De acordo com a Dra. Lusardi, sou sua melhor Beta, seja adolescente ou não. Minha estética acentua o estilo de vida de Demesne, como os clones devem fazer. A brochura holográfica diz que minhas medidas são um “modelo perfeito”. Meu tônus muscular sugere que minha Matriz foi atleta ou dançarina. A Dra. Lusardi disse que sou verdadeiramente “especial”. Tenho lindos cabelos cor de mel, pele bronzeada de sol e a pele do rosto aveludada e macia. Até meus olhos — a parte mais difícil, segundo ela — saíram perfeitos, como balas brilhantes fúcsia, com pálpebras amendoadas e espessos cílios castanhos, para passar a ideia de docilidade e não assustar os proprietários. De longe, os olhos luminosos dos clones devem atrair os humanos e fazê-los sentir segurança. De perto, parecem ocos. Por isso, os humanos não tendem a fixar nossos olhos de perto, algo que me disseram ser socialmente preferível, já que olhos destituídos de alma podem ser assustadores aos que a têm.

— Então você será uma companheira — diz Becky. — Que bom para você.

De repente sinto um aperto no coração, como se fosse ter saudades dessa outra Beta adolescente, mas sei que isso ocorre porque meu *chip* pode imitar reações humanas e não porque eu seja capaz de sofrer de verdade a falta de Becky. Não sentimos nada uma pela outra, não precisamos. Não entendo por que sinto ainda um vazio no estômago ao pensar em deixar a outra adolescente Beta. Há tanto para eu aprender sobre esta ilha, a química de meu próprio corpo. Sou tão nova.

Becky acrescenta:

— Você acabou de entrar no mercado, foi uma venda rápida. Parabéns!

— Assim que me estabelecer no novo lar, talvez eu possa perguntar se há alguma posição adequada para você.

— Obrigada — responde Becky, demonstrando gratidão para uma promessa que ambas sabemos ser improvável de cumprir. — É totalmente satisfatório servir aqui também.



A Sra. Bratton e eu saímos em um Aviate, um Veículo Utilitário de Luxo de baixa altitude, com motorista. O VUL tem janelas que ficam escuras do lado de fora, por dentro cheira a jasmim e possui assentos que parecem acariciar os passageiros. Sentei na parte de trás com a Sra. Bratton, enquanto seus dois guarda-costas ocuparam a frente, olhando intensamente pelas janelas, como se ameaças pudessem surgir no paraíso fora deste veículo. Talvez eles olhem com tanta seriedade por não saberem o que mais fazer. O Aviate se conduz sozinho.

Conforme planamos sobre o terreno, a Sra. Bratton desliza sua mão direita sobre a parte interna do seu braço esquerdo, do cotovelo para o pulso. Sua tela Transmissora surge por baixo da pele e ela começa a retransmitir mensagens. Seu interesse por sua nova compra — eu — aparentemente evaporou. É meu dever agradar e não a aborrecer, mas meu *chip* me permite saber que, às vezes, humanos precisam de calma para Transmitir, então não tento abordá-la neste momento. Em vez disso, observo a paisagem passar: palmeiras altas, luxuosas vilas isoladas, lagoas turquesa e jardins cheios de jacarandás, lírios, maracujá, dalias, orquídeas e hibiscos em flor. A distância, vejo o tranquilizante mar Io e, acima de tudo, mais adiante, as montanhas com mata verde esmeralda que recobrem a ilha. Embora eu não consiga vê-las das janelas do Aviate, lembro que aquelas montanhas se transformam, do outro lado, em uma floresta tropical selvagem, onde as instalações da Dra. Lusardi, o lugar de onde venho, se escondem.

Jamais vivi em qualquer lugar que não fosse Demesne, então não posso compará-la a outros locais, mas mesmo sem um *chip* para me contar isso, acho que poderia entender que esta ilha é um ideal, a incorporação da perfeição. Inspirar o ar sedoso é como ter mel morno a escorrer garganta abaixo. O contraste de cores — o azul violáceo de Io, as plantas e as árvores altas de um verde viçoso, a plumagem exuberante das flores de tons brilhantes: róseos, amarelos, laranjas, vermelhos, roxos e dourados —, em todos os locais, intoxicava os olhos.

A animação fervilha em mim, um antídoto direto para a ansiedade anterior sentida ao ser separada de Becky. Agora tenho um proprietário e estamos a caminho do meu novo lar, no lugar mais desejável da Terra. Como será a vida em Demesne, na qual recentemente emergi?

Uma resposta surge na Transmissão da Sra. Bratton, e ela suspira.

— Que coisa. O Governador não está muito satisfeito com tudo isso.

Minha interface lampeja uma imagem de um imponente homem calvo com uniforme militar adornado com muitas medalhas. Ela me informa que o Governador é um general aposentado e atual presidente da ilha, contratado pela diretoria de Demesne.

— De onde conhece o Governador? — pergunto à Sra. Bratton.

— Ele é meu marido, bobinha.

Suponho que essa afiliação explica os detalhes de sua segurança, embora a própria ideia de precisar de segurança em um local tão perfeito e tranquilo me confunda, mas essas coisas eu não questiono. Sou apenas um clone, e um Beta entre eles.

— Por que o chamam “Governador”? — pergunto à Sra. Bratton.

— É um apelido, querida. Como na época colonial. *Presidente* parece tão... *sem graça*.

— Entendo, Sra. Bratton — respondo, embora não compreenda de fato. De meu programa de orientação, assim que emergi, aprendi a usar isso como frase útil para preencher o silêncio com humanos. É irrelevante se eu realmente entendo ou não.

— Não me chame de Sra. Bratton, é tão formal.

— E como devo chamá-la? — questiono.

— Você pode me chamar de Mãe.



QUANDO ACORDEI PELA PRIMEIRA VEZ, NÃO SABIA o conceito de mãe. Tinha a lacuna de conhecimento típica de uma nova Emergente, com um alcance básico de idioma e símbolos de minha Matriz, mas nenhum contexto.

Ao abrir meus olhos lentamente pela primeira vez, vi única e exclusivamente o rosto de quem, mais tarde, saberia ser a Dra. Lusardi. Ela observava meu despertar. Minha vista estava borrada, mas sua coloração era tão distinta que ela entrou em foco nebuloso. Tinha uma massa de cabelos ruivos encaracolados emoldurando um rosto pálido com sardas alaranjadas e olhos vermelhos cor de sangue; vestia um avental branco de laboratório. Consegui ouvir o rosnar de máquinas atrás dela, silvos e guinchos criando uma sinfonia suave de barulho eletrônico que não fazia sentido para mim.

Se pudesse, teria saltado da mesa e corrido — muito e rápido. Mas não era possível. Só mais tarde entenderia o que ocorreu no momento do despertar, quando as coisas afixadas em meus braços — as mãos — pareciam apertadas e a coisa na parte superior esquerda de meu tórax — o coração — parecia disparar furiosamente contra aquilo em minha cabeça — o cérebro — para ver qual anexo do corpo experimentaria primeiro a dissolução completa. Assim que meu *chip* foi implantado, entendi que aquele sentimento era chamado pânico. Após receber o *chip*, não precisaria vivenciar aquela sensação nunca mais. Foi só na primeira vez.

O que realmente senti no despertar inicial foi um frio terrível, que se destacou pelos arrepios que percorriam meu corpo, deitado nu sobre a gelada mesa metálica ao lado da invenção máxima da Dra. Lusardi — a máquina de duplicação humana. A máquina da qual emergi parecia um caixão aberto, com tubos presos às extremidades, levando matéria para dentro por meio de conexões que a ligavam

a outra mesa metálica elevada, paralela ao equipamento. Nessa mesa ao lado deitou-se a minha Matriz no momento de ser duplicada. Mas seu corpo morto não estava mais lá quando acordei.

Uma voz perto da Dra. Lusardi — acredito que de um assistente — disse:

— Parece bem para uma Beta. Esta é uma Especial, com certeza.

Senti carne úmida em minha testa, a mão da Dra. Lusardi, verificando se eu tinha febre.

— A Emersão parece bem-sucedida — disse ela. — Vamos dar algumas horas para ter certeza de que não será um fracasso, mas não estou preocupada com essa. Dê um tranquilizante leve, para acalmá-la. Assim que a temperatura corporal e a pressão arterial estabilizarem, coloque-a sob anestesia geral, imprima seu rosto e implante os *chips*.



A segunda vez que acordei, com meus *chips* implantados, a Dra. Lusardi se debruçava sobre mim de novo.

— Mamãe? — perguntei. O local, que pareceu vago em meu primeiro despertar em pânico, agora se registrou mais claramente. Entendi que a Dra. Lusardi foi responsável por minha criação.

— Criadora! — ela corrigiu, séria. — Não mamãe. Agora sente-se.

Obedeci, sentindo a cabeça leve assim que experimentei o efeito da gravidade em minha anatomia. Minha visão ainda estava borrada, mas compreendia o suficiente para perceber que me encontrava em algum tipo de laboratório médico. Vi painéis de informação do tamanho de paredes mostrando imagens anatômicas do corpo humano com fórmulas científicas, unidades de armazenamento com amostras de DNA e esqueletos em tamanho real. Conforme eu contemplava o laboratório médico de paredes brancas sem janelas, vi interfaces, do piso ao teto, com números e símbolos iluminados rolando por eles. Atrás da interface havia uma mesa com instrumentos cirúrgicos — bisturis, espéculos, aparelhos de fibra ótica, guias de corte a *laser*, seringas, agulhas e aparelhos de medição —, uma régua a *laser* e compassos de calibre. Além disso, a parede estava repleta de prateleiras cheias de textos médicos e vidros — vários deles, cheios de sangue ou com moldes gelatinosos contendo partes avulsas do corpo, como dedos das mãos e pés, mamilos, orelhas e globos oculares.

A Dra. Lusardi me apalpou com os dedos. Examinou meus atributos físicos, então anunciou:

— O tônus muscular está um pouco flácido, mas isso é comum após a interrupção da circulação do sangue e vai passar. Você é realmente linda. Precisarás de um nome inicial, vou te chamar...

Elysia. Repita comigo: *Ee-Ly-siaa*.

— Sia — foi tudo que consegui balbuciar.

A Dra. Lusardi assentiu.

— Vejo que precisará de mais um dia antes da orientação. — Ela falou a um homem de olhos encovados devidamente parado no canto. Talvez ele também tenha acordado na mesma mesa na qual estou agora. — Leve-a para a sala de espera até que esteja pronta para a orientação. E dê-lhe algumas roupas.

A Dra. Lusardi começou a se afastar, então se voltou para me inspecionar mais uma vez. Ela disse:

— Você deve alcançar um ótimo preço, Elysia. Mesmo para uma Beta.



A sala de espera era um cômodo sem janelas com uma fileira de camas de solteiro alinhadas à parede, sem outra mobília. Havia quatro outros Emergentes como eu, também à espera de orientação, usando uniformes hospitalares verdes como os que me foram dados. Os outros clones novos, duas mulheres e dois homens, pareciam mais velhos do que eu — deviam ter entre vinte e trinta anos humanos — e destacavam-se por suas estéticas excepcionais, com atributos físicos humanos considerados superiores, como corpos esbeltos e rostos com maxilares altos, lábios carnudos e cabeças cheias de cabelo. Seus semblantes refletiam variação zero. Enquanto meu banco de dados me piscava exemplos de expressões faciais humanas, com etiquetas como FELIZ, TRISTE, BRAVA e CARINHOSA, os outros emergentes não exibiam gesto algum além de INEXPRESSIVO.

Não nos falamos. O que haveria a dizer? *O que...?*

E o tempo inteiro havia um clone de olhos fúcsia em pé no canto da sala, de compleição de lutador de boxe de peso pesado. Sua aparência e constante observação silenciosa deixavam claro que devíamos aguardar, descansar e não conversar.

Então, na sala de espera, fiquei deitada no catre como um bom clone, dormi quando pude, e esperei por uma vida fora daquela sala.



No dia seguinte, os outros novos Emergentes e eu fomos levados para a sala de orientação, outro

ambiente escuro sem janelas, onde nos mandaram sentar sobre almofadas distribuídas no chão em padrão circular. No meio do círculo foi projetada uma apresentação holográfica para os clones recém-despertos para instruí-los sobre a nova vida.

Uma jovem elegante de pele de alabastro, olhos negros oblíquos e cabelo preto com reflexos violáceos narrou a orientação. Seu vestido chinês vermelho com dragões dourados bordados acentuava sua figura esbelta. Conforme ela falava, uma montagem de imagens girava ao seu redor, mostrando fotografias da água azul-violeta do mar de Io batendo nas praias de areia branca, quedas-d'água enfileiradas cascadeando suavemente sobre rochas cristalinas, pináculos de formações rochosas se elevando do oceano, montanhas do interior e emaranhados de densas florestas. Sua entonação ronronava em acolhedor prazer.

— Olá, clones recém-emergidos! Sou Mei-Xing e estou aqui para lhes contar sobre Demesne, sua nova casa!

— Demesne é um arquipélago formado após uma gigantesca erupção submarina ocorrida a milhares de quilômetros do continente, o novo continente realinhado de países unidos após uma época infeliz na história humana chamada de Guerras da Água. Esse paraíso viçoso precisava de humanos para desfrutá-lo. É claro! O mundo passou por tanto desespero, mas agora, com a esperança e a prosperidade novamente reivindicando a Terra, esse novo paraíso foi aquinhoado com prazer. Assim, a melhor ilha no novo arquipélago foi comprada e desenvolvida por alguns dos mais ricos e importantes humanos do continente! Esses sujeitos poderosos fizeram com que a ilha se transformasse no maior parque de diversões para pessoas de elite como eles, que precisavam de um refúgio particular. É claro! Eles o mereceram!

— O oceano ao redor da ilha foi reformulado por cientistas e gurus espirituais para criar a marinha mais luxuosa do mundo. Eles refizeram o canal aquático e o chamaram de mar Io, que ondula em cristas padrão violeta e promove uma experiência transformadora. Para os humanos, nadar em Io ilumina, relaxa e encanta. Que lindo!

— Adivinhem o que mais? Depois de recriar um oceano inteiro, pensaram: por que não melhorar também o ar? Então projetaram um sistema que bombeia oxigênio especial na atmosfera de Demesne. Esse succulento ar doce, disponível em outros lugares apenas em contêineres especialmente produzidos, é bombeado por toda nossa ilha. Incrível, não é? Certo!

— Então, é provável que estejam pensando, se há um paraíso completo em Demesne, o que mais este local perfeito precisa? A resposta seria: trabalhadores para servir os convidados da ilha! É claro! Empregados, mordomos, cozinheiros, auxiliares de construção, entendem? Há um probleminha

— as mesmas condições atmosféricas que fazem Demesne ser tão especial também dificultam as viagens para cá. Aqui é relaxante e animado demais para os humanos trabalharem! Difícil!

— Para remediar isso, os fundadores da ilha construíram um complexo científico para a brilhante Dra. Larissa Lusardi, a maior especialista mundial em clonagem. Eles a trouxeram para Demesne para criar trabalhadores que poderiam prestar os importantes serviços que a ilha precisaria para ser um *resort* funcional. E você, meu amigo, é um desses clones afortunados, escolhido pela estética superior de sua Matriz — o humano recentemente falecido do qual foi clonado. Pela tecnologia patenteada da Dra. Lusardi, os corpos das Matrizes são clonados em até 48 horas após o falecimento, permitindo a extração de suas almas. Então, bônus para vocês. Não carregam a carga de uma alma pesada. Disso eu sei, vocês são felizardos!

— Vocês são a elite da clonagem humana. Parabéns! Representam a força e a beleza pelas quais a ilha tem fama. E agora, viverão e servirão no lugar mais luxuoso e belo da Terra. Fantástico, não é! Certo!

— Bem-vindos!

Assim que Mei-Xing pronunciou *bem-vindos*, uma procissão diversa de clones cujas etnias pareciam representar cada canto do planeta veio à frente para cumprimentar e repetir sua última frase:

— Bem-vindos!

Estavam vestidos com os respectivos uniformes de empregados, governantas, massagistas, instrutores de golfe e tênis, assistentes de luxo, etc. e, como Mei-Xing, eram espécimes adultos que pareciam ter entre vinte e trinta anos e que se enquadravam na estética da ilha, de bela aparência associada a belos corpos.

Acordei como um deles, mas na forma adolescente.

Detinha a promessa de um novo futuro em clonagem.

Após a apresentação, a própria Dra. Lusardi entrou na sala para nos falar. Disse:

— Imaginem-se como telas de pintura em branco.

Um clone surgiu e entregou a cada um de nós um espelho. A Dra. Lusardi prosseguiu:

— Olhem nos espelhos. Vejam suas telas.

Encarei o espelho e vi meu rosto pela primeira vez. Tinha olhos, orelhas, nariz, bochechas, lábios — os complementos humanos usuais de feições, todos perfeitamente formados e esteticamente desejáveis. Do lado direito de minha face, vi a tatuagem que ia das minhas têmporas ao maxilar: era um símbolo de flor-de-lis cor de violeta. Eu a toquei e vi os outros fazerem o mesmo com a deles,

tentando sentir o bonito desenho em seus rostos, saber se a tatuagem tinha textura. Não tinha.

— Embora possam parecer humanos — continuou a Dra. Lusardi —, vocês não são. As tatuagens violetas em seus rostos estão aí para exprimir essa distinção. Vocês pertencem a Demesne. — Fez uma pausa enquanto os clones auxiliares retiraram os espelhos de nossas mãos. Então, prosseguiu: — Mas, como os humanos, vocês podem considerar que possuem duas partes — uma que está dentro de vocês e outra que está fora. A primeira, a interna, é composta pelos seus órgãos, que foram replicados das Matrizes. Nos humanos, o que está dentro é algo que não pode ser visto — a alma. Aqui essa é a diferença fundamental entre vocês e suas Matrizes. Vocês não têm almas. O que as substituem são implantes de *chips* individualizados, que foram customizados para vocês. O primeiro *chip* está em seu cérebro e contém todas as informações que precisarão para desempenhar os papéis a que se destinam em Demesne. Seu *chip* os instruirá a imitar sentimentos humanos, usando o rosto e a linguagem corporal, e exprimir fisicamente o que seus corpos sem alma não podem sentir de verdade. Ele se automodificará para se aproximar das expressões humanas adequadas para qualquer situação em que se encontrarem.

— Desempenharão diferentes papéis em Demesne. Vocês dois — a Dra. Lusardi apontou os dois musculosos clones machos em nosso círculo — têm constituição perfeita para a construção civil. Daqui, irão direto para o setor de construção, sem nenhum agente intermediário para leiloá-los. O conjunto de habilidades que precisam para operar o maquinário e similares foi implantado em seus *chips*. Vocês duas — então ela apontou para as fêmeas loiras com cinturas minúsculas e seios grandes — irão para um agente que tentará vendê-las para posições mais importantes, talvez de massagistas ou até assistentes de luxo. Receberão treinamento nos serviços designados, e seus *chips* lhes mostrarão como projetar as qualidades que os humanos apreciam em seus servidores, como carinho, devoção, eficiência e disposição. — Por fim, a Dra. Lusardi me apontou. — E você, nossa Beta adolescente, não sei o que acontecerá a você. Minha outra adolescente Beta foi um fracasso, então normalmente não a colocaria à venda ainda. Mas você é especial demais para não tentarmos. Você tem a estética exata que esta ilha procura, mesmo sendo uma Beta.

— O que *Beta* significa? — indaguei.

— Um modelo de teste — respondeu. — Ainda em desenvolvimento. — Ela deu uma risadinha e acrescentou: — Exatamente igual a uma adolescente real.

Então, outra projeção holográfica caiu no centro de nosso círculo, mostrando a procissão diferente de clones de boas-vindas que vimos na apresentação anterior que agora exibiam seus braços. A Dra. Lusardi explicou:

— O segundo *chip* foi inserido abaixo da pele em seus pulsos direitos. É o seu localizador, para assegurar que nunca se percam e que seus proprietários sempre saibam onde os encontrar.

Os novos Emergentes e eu pusemos os dedos da mão esquerda sobre o pulso direito para tocar o *chip*. Conseguimos sentir a textura, uma pequena saliência abaixo da pele. Que sorte. Nesta nova e estranha terra, nunca nos perderíamos.

A figura holográfica dos clones demonstrando seus *chips* nos braços desapareceu, substituída por imagens individuais em *close* dos rostos dos clones, mostradas em rápida sucessão. Cada um tinha uma tatuagem idêntica de flor-de-lis violeta do lado direito do rosto, enquanto a face esquerda ostentava uma tatuagem exclusiva, com um tipo diferente de flor.

Dra. Lusardi completou:

— E depois há o que é visível, no exterior. Suas tatuagens faciais os marcam como clones nativos de Demesne. Vocês já viram suas flores-de-lis violeta. Após serem comprados e designados para serviços, o lado esquerdo de seus rostos será marcado com uma tatuagem botânica específica simbolizando sua função. É então que a tela vazia de sua existência começará a tomar forma. Daí por diante, esse símbolo botânico rapidamente identificará qual função desempenham na ilha.

As imagens holográficas desapareceram, dando lugar a um contagiante acompanhamento musical que reforçava o final da palestra de orientação da Dra. Lusardi.

— Mas como a evolução de sua estética se baseia em suas tarefas aqui — completou ela —, o que permanecerá constante será sua missão. Lembrem sempre: foram criados para servir. A ciência permitiu a extração das almas de suas Matrizes para que os clones possam trabalhar aqui sem restrição. Vocês nada sentem, assim os humanos a quem servem conseguem encontrar o que buscam aqui em Demesne — felicidade.

Imagens holográficas foram projetadas diante de cada um de nós, rostos humanos intitulados: FELIZ, CONTENTE, EXULTANTE e SATISFEITO.

— Estas são as feições que vocês se esforçarão em expressar em seu serviço para os humanos — explicou a médica. — Estes rostos são o maior objetivo artístico. Vocês são, meramente, as ferramentas que permitem aos seus proprietários experimentar a arte de viver bem em Demesne, que eles se dedicaram tanto para criar.



Retornamos à sala de espera após nossa orientação, onde nos disseram que passaríamos uma última

noite antes de sermos enviados para nossas novas tarefas: no caso dos dois homens, para os agentes apropriados, no caso das duas mulheres adultas e eu mesma, para sermos colocadas à venda. Fomos para cama.

Em algum momento durante a noite, acordei repentinamente, a boca ressecada.

— Eu poderia, por favor, tomar um pouco de água? — indaguei respeitosamente ao corpulento clone que se impunha no canto de nosso quarto, nos observando.

Ele apontou a porta, dizendo baixo:

— Há um bebedouro no final deste saguão. Não demore.

Disparei pelo saguão mal iluminado. A caminho do bebedouro, no final do pátio, passei por uma porta que, diferente das outras que existiam nas instalações, tinha um visor de vidro para olhar dentro da sala. O aviso dizia ENFERMARIA. Chequei a palavra em meus dados e descobri ser um local onde criaturas com problemas ou doença são mandadas para ficarem melhor.

Espiei pelo visor. A sala parecia um laboratório científico similar ao que emergi, com mesas longas de metal e equipamento médico. Sobre essas mesas havia clones com olhos fúcsia precisando de reparos.

Um clone macho estava em uma delas, com mãos e pés presos em travas, enquanto a pele de seu tórax era cauterizada por um assistente de laboratório segurando uma tocha de aço. Sangue e secreção pingavam da órbita do olho vazia de uma fêmea sentada na mesa ao lado, também presa, enquanto outro trabalhador de laboratório extraía o olho de outra órbita. No canto da sala, tinha um clone macho pregado na parede, braços acima da cabeça, pulsos e tornozelos presos, sendo estocado com uma longa lança metálica nas axilas, boca, narinas e ouvidos.

Os corpos dos sujeitos estavam todos batidos, com equimoses e ensanguentados; as bocas abertas pareciam dizer algo. Ou gritar algo.

Meu coração palpitou, minhas mãos ficaram úmidas e senti gotas de suor se formando na testa. Meu corpo voltou ao *pânico*, como durante os primeiros momentos após o despertar inicial.

Virando, me apressei a retornar à sala de espera, de volta para minha cama.

A sede podia ser um sinal de mau funcionamento. Eu não precisava mais de um gole de água.



É VERDADE O QUE DIZEM SOBRE O AR DAQUI.

Embora eu não tenha base para comparação, posso perceber como o ar enriquecido com oxigênio pode proporcionar a um corpo e mente humanos um sentimento constante de contentamento. O ar aqui é tão suave que começo a entender como os humanos com alma consideram impossível realizar qualquer serviço. Não é de surpreender que eles precisem de clones que não se importam em desfrutar a serenidade da ilha. A doçura pode ser tão intoxicante quanto a anestesia colocada em meu rosto, da qual estou despertando.

Meus olhos se abrem da breve letargia. Estamos novamente planando no Aviate. Agora me recordo. A anestesia se dissipa mais rapidamente nos clones. Após a minha compra, paramos na clínica dentro das instalações do clube de campo, chamada Refúgio, onde os clones são “gravados” — o termo humano usado para clones que receberam a tatuagem botânica específica que é implantada no lado esquerdo dos rostos após nossa função ser designada. Os guarda-costas da Mãe, nos assentos dianteiros do Aviate, foram embelezados com capuchinhas — folhas em formato de armadura com flores de um amarelo e laranja vivos —, simbolizando conquista, um troféu.

Toco o meu lado esquerdo, traçando uma linha com o dedo de minha têmpora até a maçã do rosto. No reflexo da janela do VUL, posso ver enevoadas as pontas das pétalas de flores de um azul profundo, com esporões. Minha gravação anuncia a todos o quanto sou afortunada em ser uma Beta adolescente que servirá na função de acompanhante de uma casta superior. A Dra. Lusardi predisse que eu seria uma venda excelente, e ela tinha razão. Sinto uma contração no estômago, uma deliciosa antecipação. Mal posso esperar a nova aventura ter início. Mal posso esperar me instalar nesse novo

lar.

— Sua gravação está divina — avalia a Mãe com voz infantil. — Ficaré ainda melhor assim que as marcas da queimadura esmaecerem. Estou tão feliz que ficamos com o delfínio em vez do crisântemo com que a maioria dos acompanhantes é gravada. Uma escolha tão bonita. O azul complementa tão bem o violeta do outro lado do rosto.

O delfínio simboliza uma conexão ardente. A Mãe parece ardentemente ligada à minha estética.

— Elysia, acho que nunca vi um clone tão bonito quanto você. E isso é algo inédito nesta ilha. Estou tão satisfeita que teremos uma garota querida em nosso lar. Que ideia brilhante da Dra. Lusardi de fazer uma Beta adolescente. Tão jovem e pura! Mas puxa... sua pobre Matriz. Tanta beleza jovem desperdiçada. Sua pobre mãe, ter perdido uma filha tão jovem — suspira ela. — Mal posso esperar para te exibir por aí.

Ela me puxa para perto dela. Eu avalio a reação apropriada — colocar minha cabeça em seu ombro, o que eu faço, levando a Mãe a depositar um beijo maternal em minha cabeça.

— Que garota boazinha — ela arrulha.

O calor do abraço da Mãe flui para meu corpo. Não sou só uma companheira, mas uma filha, exatamente como a garota humana dos Bratton. Serei cuidada e amada como Astrid. Sou uma Beta afortunada.



Como todas as outras vilas em Demesne, a Casa do Governador, o lar onde a Mãe me trouxe, foi projetada para ser artística e arquitetônica. Uma centena, ou mais, de mansões luxuosas se espalham por toda a ilha, sempre criadas pelo mesmo arquiteto e usando os mesmos materiais no exterior: estuque, madeira, vidro, titânio e cobre. As casas têm formas geométricas esculpidas, como se antigas civilizações tivessem mesclado os templos construídos para seus deuses com uma moderna aeronave intergaláctica e espalhado esses lares híbridos, sem emendas, pela paisagem de Demesne.

O Aviate chega à pista de desembarque circundada por fileiras de flores típicas de Demesne, chamadas *cuvées*. Essas plantas parecem tochas, com flores espigadas de cor coral brilhante em longas hastes eretas. Elas fazem a pista de desembarque do Aviate borbulhar como garrafas de champanhe esperando para serem estouradas.

Mãe aperta minha mão assim que o Aviate para.

— Bem-vinda ao lar, querida — ronrona ela.

Eu não preciso de guia para meu novo lar; minha interface do *chip* revela tudo que preciso saber a respeito dele. A Casa do Governador está empoleirada no topo de uma rocha que toca o oceano, com paredes inteiras de vidro e vistas privilegiadas da água. A entrada é um saguão de mármore, com luminárias de cristal pendendo acima da cabeça, que leva à casa com cômodos enormes: quartos luxuosos, áreas serenas de descanso, cozinha ultramoderna, sala de massagem. E é claro que a casa tem área especial de entretenimento, comum aos lares em Demesne: a sala FantaEsfera, uma arena de jogos de fantasia para esportes como caçada virtual de veados e tubarões e pilhagem de floresta tropical e especialmente para jogar ZGrav, o jogo de gravidade zero pelo qual, a Mãe me contou, os adolescentes de Demesne enlouquecem.

A Casa do Governador conta com energia solar e opera com a energia dos clones. O governador e sua esposa têm um mordomo próprio que prevê e fornece tudo para cada necessidade deles, junto com replicantes que facilitam a operação da casa: empregados, *chef*, jardineiros, assistentes de luxo, guarda-costas. O maior grupo de clones da ilha, os instrutores de esportes, massagistas e trabalhadores de construção são compartilhados pelos residentes de Demesne e residem na área do Refúgio.

Conforme entramos, a Mãe mantém minha mão na sua e comenta:

— Você é o primeiro clone da Casa do Governador a servir de companheira e seu primeiro modelo Beta. Vamos nos divertir tanto te testando!



Durante os últimos dois anos, meu novo irmão, Ivan, foi o campeão regional de luta romana de sua categoria. Ou é o que a Mãe me informa após ele me atirar no chão ao sermos apresentados. Ele tem dezoito anos e cabelo castanho-claro cortado à maneira militar, com olhos azuis-claros e bochechas rosadas cheias como as da Mãe, dando uma suavidade ao rosto que não combina com sua compleição.

— Brincadeirinha — diz Ivan, retornando à posição ereta. Ele estende sua mão para me ajudar a ficar em pé. — Nem sabia que agora produzem Betas adolescentes.

— Bom menino! — diz a Mãe. — Agora você tem uma companheira quando quiser lutar com alguém. Alguém de sua própria idade, então não machucará acidentalmente nossa pequena e delicada Liesel.

A pequena e delicada Liesel berra de prazer.

— Temos uma Beta! Temos uma Beta! — Ela é uma garota magrela de dez anos com apenas um prenúncio de adolescência no peito e quadris, e as mesmas cores de Ivan e da Mãe. — Posso mostrar o quarto dela, Mãe? Posso, por favor?

— Não — responde a Mãe. — É para isso que temos clones, querida, para fazer o trabalho. — A Mãe se volta ao clone que está por perto. — Xanthe, por favor, leve a Beta ao antigo quarto da babá ao lado do quarto de Astrid. Vou logo lá para ajudá-la a se instalar.

A governanta, Xanthe, aparenta uns vinte e poucos anos na idade humana. Tem pele branca pálida, cabelos negros curtos encaracolados e olhos fúcsia amendoados. Sua gravação é de azevinho, simbolizando felicidade doméstica. Eu a sigo pelo longo saguão com paredes de vidro e vista para o oceano de um lado e jardins vicejantes do outro.

— Esta residência é excelente — comento com ela, para puxar conversa e para que Xanthe saiba que desempenha bem sua função mantendo-a tão arrumada.

— Por que não seria? — responde ela.

— Não sei. Esta é a primeira casa em que estive.

— São todas iguais, qualquer casa nesta ilha — avalia Xanthe. — Harmoniosas e bonitas.



Vou ficar no alojamento da antiga babá, ligado ao quarto de minha nova irmã distante, a Astrid. É pequeno, mas funcional. Tenho uma cama, uma cômoda para roupas, uma escrivaninha e uma janela com vista para o oceano. Astrid e eu até temos o mesmo manequim. Mãe me dá uma caixa do guarda-roupa de Astrid para encher o meu próprio armário.

— Astrid nunca usou a maioria dessas roupas — avisa a Mãe. — Ela tem um corpo tão lindo para usar esses *jeans* apertados e *tops* minúsculos, mas ela preferia aquele horrível estilo *grunge*. Que azar, aquelas roupas tipo saco que os pacifistas vestem nos continentes. Mas todas essas peças que comprei para a minha filha rabugenta devem lhe servir perfeitamente.

— Que modelo devo usar?

A Mãe consulta seu relógio com pulseira de diamantes.

— As crianças adoram brincar na piscina a esta hora. Coloque um dos trajes de banho para que possa se juntar a eles.

Enquanto me troco no banheiro, ouço o Governador se juntando à Mãe no quarto de Astrid. Ele não está nada feliz com a minha chegada em sua casa e não é tímido para discutir em voz alta com a

esposa.

— Eu disse a você, nenhum clone mais! — sibila para a esposa. — Especialmente uma Beta adolescente! Onde você estava com a cabeça? O tratado da ilha com o Continente cobre apenas clones adultos, e eles os tirariam, se pudessem! Tem ideia das consequências políticas às quais me expôs? Você se superou com esta compra frívola.

A Mãe parece despreocupada.

— Não seja ridículo. Elysia é um anjinho gentil. Você vai adorá-la.

— Isso não tem nada a ver.

— Querido. Uma Beta adolescente! Nós somos os primeiros a possuir uma! Eu tinha que tê-la.

Prometo que não comprarei mais nenhum.

— Ela é uma adolescente. Ela ficará Horrível.

Verifico *adolescente Horrível* nos dados e descubro que níveis hormonais em rápida mudança em adolescentes às vezes os levam a agir de forma selvagem e insolente, que seus guardiões adultos chamam de comportamento “Horrível”, mas geralmente os adultos toleram esse comportamento, pois os adolescentes estão apenas “agindo de acordo com a idade”.

— Você não pode afirmar isso.

Sei disso. Não serei uma Beta adolescente Horrível. Meu *chip* garantirá que eu sempre saiba me comportar como uma boa menina.

— Mas por que arriscar? — questiona o Governador.

— Se ela não der certo, podemos devolvê-la. Isso basta para você? — retruca a Mãe.

Em silêncio, jurei jamais agir de forma que pudesse me levar a ser devolvida. Devo provar que sou digna da decisão da Mãe de me comprar e de me tornar parte de sua casa e de sua família.

O governador diz:

— Estou falando sério. Nada mais de compras por impulso como esta.

— Prometo — assegura a Mãe.

— E eu prometo a você que se isso der errado, é o *seu chip* de crédito Transmissor que será cortado. — Seu tom de voz se torna brincalhão. — Ou será cortado fora do seu braço!

A Mãe ri.

— Você é um gozador, Governador.



AO SAIR PARA O DEQUE DA PISCINA, A REAÇÃO DO meu novo irmão Ivan ao me ver vestindo o biquíni de sua outra irmã foi bastante concisa: — Uau.

Primeiro, entendi que ele falava algo sem sentido para mim, mas depois chequei esta palavra — uau — e aprendi que é própria de machos de 18 anos de idade.

Agora entendo por que Astrid evitava os biquínis que a Mãe lhe comprou. Não consigo imaginar por que qualquer garota iria querer vestir algo assim. É apenas um monte de barbantes. Deveria ser chamado de “traje de salão”, já que oferece pouco do apoio que um corpo precisa para nadar de verdade.

— Uau para você também, Ivan — respondo.

Eu inspeciono a vista. A piscina de borda infinita é construída na encosta à beira da propriedade e é inclinada para dar a aparência de cair diretamente no oceano abaixo. As águas cor de safira da piscina dão um destaque morno para o azul-violeta de Io abaixo. É uma piscina dividida, com uma grande parte circular aberta que leva a uma de gruta menor, isolada em uma caverna de pedra.

Ivan, porém, não me quer distraída pela vista. Ele acha que a Beta de biquíni deve saltar para a água imediatamente. Ele sugere isso espirrando uma enorme onda que me molha dos pés ao tórax.

— Pule, Beta! — ele me chama.

— Você sabe nadar, Elysia? — pergunta Liesel, nadando até Ivan na borda da piscina.

Observando-me, Ivan diz a Liesel:

— Pelo seu corpo, ou a sua Matriz foi uma grande atleta ou era uma daquelas meninas magras, malhadas, que não comem, mas então estufam depois de ter filhos, como a Mãe.

— A Mãe não é gorda — afirmo, defendendo a honra de minha esbelta benfeitora.

— Ela era até procurar a nutricionista no Refúgio que a pôs naquela dieta de morrer de fome! — comenta Ivan com alegria.

— Talvez a Matriz de Elysia tivesse anorexia e foi por isso que morreu — especula Liesel.

Ivan joga as mãos para o alto.

— Liesel! Cara! Você nem deveria saber o que é anorexia. — Então, ele aponta para mim. — E não há jeito de a Matriz do clone ter tido anorexia.

— Como você sabe? — pergunta Liesel.

Ivan se inclina para sussurrar algo no ouvido de Liesel, fazendo-a rir e olhar diretamente para o sutiã do biquíni.

— Ah — responde Liesel, balançando a cabeça com espanto. — Então é isso que “bustão” significa.

Ivan espirra água em Liesel.

— Não diga isso na frente dela.

— Por que não? — questiona Liesel. — Ela é um clone. Não se importa.

É verdade. Não me importo que achem que tenho bustão. Não fico ofendida nem lisonjeada. Só fico... Olho para os meus seios fartos e redondos... peituda, aparentemente.

Eu também estou curiosa para saber se sei nadar. Como vou descobrir se não tentar?

Piso na borda da piscina infinita. Mexo os dedos dos pés, os quais mergulho e puxo para fora, mexendo a água. A temperatura está morna e convidativa. É como se a água me agarrasse quando a toco — uma corrente que me atrai.

Ivan e Liesel voltam a brincar de “cavalo” de água enquanto eu a testo com os dedos dos pés. A brincadeira dos irmãos não é justa. Ivan é um jovem corpulento com o físico de um lutador. A pequena e delicada Liesel não tem nada para se ancorar contra sua força; entendo agora por que a Mãe precisava de uma companheira adolescente para seu filho adolescente. Mas a Liesel brinca com prazer junto com Ivan, parecendo satisfeita por ser o objeto de atenção do irmão mais velho.

Mergulhar. Sinto que é isso que devo fazer. Vou até o trampolim construído sobre a parte funda da piscina e instintivamente dobro os joelhos.

— Vamos lá! — chama Ivan. — Mergulhe!

— Vai, Elysia! — exclama Liesel, para me incentivar.

Minhas panturrilhas me lançam à frente, para cima e por cima.

Eu *consigo* mergulhar! O movimento vem naturalmente, é gracioso.

A água me envolve e eu imagino que é como um útero que alimenta aqueles que não são criados em um aparelho de duplicação humana. É um conforto caloroso. É a segurança. Não consigo acreditar como esse sentimento é bonito, minha pele absorve essa água suave. O momento é como um milagre. Há algumas semanas eu nem estava viva. Há algumas semanas, minha Matriz perdeu a vida e eu ganhei seu corpo e esta existência nova e fascinante. Agora, experimento esse dom chamado vida nadando na piscina de minha nova família, localizada na ilha mais luxuosa da Terra.

Ao sentir a resistência da água em meus braços, percebo: sou uma *boa* nadadora. Debaixo da água, tenho um momento de reconhecimento: *devo* ficar aqui.

Quando subo para respirar, Ivan e Liesel me olham com expressões atordoadas.

— Você acha que a sua Matriz era uma mergulhadora? — pergunta Liesel.

— Não sei — respondo, confusa.

— Pareceu um mergulho digno de Olimpíadas — avalia Ivan. — Nossa nova irmã Beta é incrível! — Ele e Liesel batem as mãos, celebrando.

— O que mais sabe fazer? — questiona Liesel.

Mergulho de volta na água, faço uma parada de mãos e lá, novamente sob a água, sinto algo mais. Ouço uma voz me chamando: *Z! Por aqui! Z!* A voz fere meu coração, me desequilibrando. Preciso sair da parada de mão e voltar de novo ao ar.

Estou muito confusa. Sinto-me ofuscada, talvez pelo sol brilhar diretamente em minha pele exposta.

— O que está zumbindo? — pergunto aos meus novos irmãos. Balanço a cabeça para a esquerda e para a direita. Fiquei com água presa nos ouvidos?

Meus novos irmãos também parecem surpresos.

— Nada — respondem ambos.

Talvez tenha apenas imaginado o som *Z* sob a água.

— Qualquer um pode fazer uma parada de mão — diz Ivan, nadando em minha direção. — Como você está de luta na água?

Ele se joga, agarrando meus braços por trás de mim. Eu me curvo e o arremesso por cima de mim. De novo, a sensação de reconhecimento. De alguma forma, eu sei: já fiz esse movimento antes. Sei exatamente como lutar com um homem forte na água.

Ivan cai de volta na água com Liesel rindo, satisfeita.

Vejo a Mãe nos observando pelas portas de vidro do pátio. Ela sorri. Estou me ajustando bem, fazendo exatamente o que ela esperava.

Ivan retorna por debaixo da água.

— Ela te pegou! — provoca Liesel.



— Bela jogada, Elysia — felicita Ivan. — Era tão chato brincar com a Astrid. Ela só queria ficar à beira da piscina lendo manifestos comunistas pré-históricos. Você será muito mais divertida.

Liesel salta sobre mim por trás para ser levada nos ombros, espirrando água em Ivan.

— Pegue a gente! Pegue a gente! — grita ela.

E se agarra em mim até Ivan nos apanhar e arrancá-la dali para poder lutar comigo por conta própria, de forma justa. Ele é mais forte que eu, mas sou mais ágil. Ele me agarra firme, mas eu enrosco a perna em torno de seu joelho para me soltar de sua pegada. A resistência está correta — estamos bem equilibrados nesse jogo. Mergulho e nado por baixo d'água até o final da piscina, pegando ar antes que ele caia pesado na metade do caminho para me agarrar de novo. Mergulho novamente e nado ao redor de suas pernas para aticá-lo antes que ele possa me imobilizar com outra gravata.

Sob a água, tenho uma certeza: *já* fiz tal movimento antes — nadar em torno de um rapaz para provocá-lo. Consigo ver as longas pernas fortes masculinas. Pelo tamanho e forma dos músculos em minha visão, entendo que as pernas do estranho de pelos loiros pertencem a um nadador — um dos *bons*.

Isso não está certo.

Nado para longe das pernas de Ivan para me livrar dessa falsa imagem, dando braçadas em direção ao túnel subaquático que leva para a piscina da gruta. Mas essa arrancada só traz outra aparição: um rosto que combina com as pernas do ótimo nadador. Vejo um jovem bronzeado, com aparência típica de um deus surfista californiano: pele dourada, cabelos loiros, olhos azul-turquesa, um torso esculpido com perfeição muscular. É como se seus profundos olhos azuis se dirigissem diretamente para mim, reconhecendo e convidando. Seus lábios carnudos se abrem para dizer algo: *Z!* Meu coração se aperta, ansiando por ele, precisando tocá-lo, *imediatamente*. Estendo meus braços para ele. Preciso tocá-lo, preciso, preciso, mas o ansioso arfar, o quase desespero me faz engolir água, e sou forçada a subir de volta à superfície antes de chegar à passagem para a gruta.

Tossindo, tento expulsar a água dos pulmões e recuperar o equilíbrio. Ivan e Liesel nadam até mim e me ajudam, dando tapinhas nas costas.

— Você está bem, campeã? — pergunta Ivan.

É possível que eu *não* esteja bem. O que vi debaixo da água era uma visão que pertencia à minha Matriz. Não sei como sei disso, mas sei.

Afasto o pensamento negativo de minha mente. Esta família comprou um clone insensível, e é exatamente isso o que terão. Eles merecem o melhor. Eu serei esse melhor. Meu corpo estremece, livrando-se de qualquer coisa impossível que tenha acabado de acontecer sob a água.

No deque da piscina, vejo Xanthe, a governanta, arrumando a área ao redor da piscina, apanhando as toalhas molhadas no chão e as espalhando para secarem nas espreguiçadeiras. Por um momento, nossos olhos fúcsia se encontram, e ela acena para mim, como se para me assegurar que estou desempenhando bem a minha função, assim como ela. Xanthe é como eu, só que ela é destinada ao trabalho e eu, à brincadeira.

— Você precisa de um descanso? — pergunta Liesel. Ela esfrega meu braço com carinho quando meu ataque de tosse acaba.

— Não, com certeza não! — respondo, espirrando água nela e incitando uma nova rodada de gritos alegres da minha nova irmãzinha.

Como Xanthe, sei executar bem minha função.



O SOL E A BRINCADEIRA NA PISCINA DEIXARAM Liesel e Ivan famintos. Eles devoram seus jantares enquanto beberico minha vitamina de morango.

— Você gosta de macarrão com queijo, Elysia? — pergunta Liesel entre mordidas vorazes. — É o meu favorito.

— Não seja idiota — critica Ivan. — Você sabe que clones só bebem vitamina de morango.

— Eu também gosto da de baunilha — esclareço.

A família ri como se eu fosse hilária.

Por cortesia, porções completas do mesmo alimento que os humanos comem foram servidas em meu prato, embora eu só precise de vitamina de morango para sobreviver. Tenho atum grelhado e salada, acompanhados de macarrão com queijo. Posso digerir alimento humano, mas não desfruto o seu sabor. Seria inútil experimentar essa comida, já que toda a nutrição que eles obtêm das refeições eu consigo em uma só vitamina. As de morango têm sabor adequado, mas me disseram que seus componentes químicos são abomináveis ao gosto humano, assim não preciso lhes oferecer goles de minha bebida especial por educação.

— Você deveria provar o macarrão — insiste Liesel. — Está delicioso.

Nunca ingeri nada além das vitaminas da Dra. Lusardi. Olho para Xanthe, em pé a uma distância discreta atrás da mesa de jantar, pronta para servir e tirar a refeição, conforme necessário. Discreta, Xanthe acena a cabeça para mim. Eu deveria experimentar.

Espeto com o garfo um pouco de macarrão do prato à frente e levo à boca. A massa parece macia dentro da boca, enquanto o sabor de queijo dança ao redor da língua. Ai que delícia! A sensação na

boca parece repleta de... deleite? Eu verifico o significado de *deleite* e descubro que é um estado de extrema satisfação, um alto grau de prazer. De fato, estou extremamente satisfeita em mastigar esta delícia com queijo. Meu estômago parece sinalizar para minha boca, *Mais, mais, mais*, por favor!

É como se a minha fiação se acumulasse por si só. Meu *chip* me diz para *expressar* alegria com a comida dos humanos, mas meu estômago diz *estar* realmente satisfeito. Quem quer que tenha inventado juntar queijo derretido à delícia de amido foi com certeza o mais brilhante dos seres humanos.

Mas... eu não deveria ser capaz de ter prazer com o sabor. Só deveria saber como expressar essa satisfação, sem realmente senti-la. E não seria bom comer mais. No entanto, não consigo parar. Quero mais macarrão com queijo. Não entendo como os humanos não repetem essa combinação de sabores *em todas as refeições*.

Mastigo e engulo o resto do meu macarrão com queijo e, mesmo querendo pedir outra porção grande, não o faço. Volto para a minha conhecida e segura vitamina de morango.

Não é possível que tenha desfrutado uma porção inútil de carboidratos. Apesar de terem papilas gustativas que conseguem distinguir o sabor, os clones não sentem prazer com isso. Foi o que me ensinaram.

— O que você acha? — indaga Liesel. — É muito bom, né?

— Completamente incrível — eu lhe asseguro.

Ivan ri.

— SZ! — Liesel grita alegremente.

— O que é SZ? — quero saber.

— Só zoando! — respondem Liesel e Ivan ao mesmo tempo.

Ah, isso de novo.

A Mãe sorri para mim, então lança um olhar para o Governador, sentado à cabeceira da mesa.

— Não disse que ela é uma graça? Ela até experimenta o macarrão com queijo da Liesel, só para agradar.

Foi realmente incrível. Eu não estava sendo gentil ou SZ.

Mas eles não precisam saber disso. Em nenhum momento durante a orientação fui instruída a revelar quaisquer peculiaridades dos Betas que possam surgir, como um infeliz (mas que sorte!) sentido do paladar.

— Ela também fica natural na água — conta Ivan. — Aposto que a Matriz era uma atleta.

— Ah, isso é uma ideia — diz o Governador a Ivan. — Você precisa ser mantido ocupado até

começar o treinamento básico. Se Elysia é tão atlética assim, poderia ser sua companheira de condicionamento. Prepará-lo para a Base. Dê à Beta algum uso real aqui, em vez de só fingir gostar de comida humana para nos agradar.

Em vez de ir para a universidade, Ivan está prestes a seguir os passos do pai e entrar para o serviço militar. Ele vai se juntar ao exército particular de elite que treina na Base, a gigante instalação militar no Continente que se estende por centenas de quilômetros, desde o mar até o deserto. O exército e sua Base são de propriedade das mesmas pessoas que vivem em Demesne, mas o exército protege pessoas poderosas em outros locais. Na pacífica Demesne nenhuma tropa é necessária, e seria ainda um incômodo estético.

— Legal! — comemora Ivan.

O Governador se vira para mim. Como o filho, ele é um homem grande, mas com um comportamento rígido e autoritário. O Governador se orgulha:

— Cinco gerações de homens desta família chegaram ao posto de general. Um dia, Ivan será o sexto. Elysia, você o ajudará com o treinamento físico para colocá-lo em forma para o acampamento. Ele partirá em três meses e pode usar esse tempo para se preparar.

Está bem, Governador — respondo.

Ele não me instruiu a chamá-lo de “Pai”.



A MÃE ESCOVA MEU CABELO ATÉ ELE BRILHAR.

— Sinto falta disso — suspira ela. — A Astrid tem cabelo dourado bonito, como o seu.

Estou sentada junto à penteadeira no quarto de Astrid com Mãe atrás de mim, me observando no espelho. Ela está tão contente. Parece um bom momento para fazer as perguntas importantes sobre a cegonha.

Não aquela cegonha. A respeito dela eu sei.

— Mãe — digo —, existem clones em *resorts* em outras ilhas?

Ela dá um tapinha afetuoso no topo da minha cabeça.

— Não, querida. Somos mais especiais aqui. Os *resorts* em outras ilhas usam populações humanas para trabalhar, mas isso não é possível aqui. A formação de nossa ilha é relativamente recente, daí não tem população nativa. Com exceção de nós, é claro — diz, piscando para mim no espelho. — E é extremamente caro obter uma passagem para cá, então não é uma boa opção importar trabalhadores. Outros lugares menos especiais usam os humanos. Apenas Demesne pode ter clones. Regras e leis, chato, chato, chato!

— Há um barco para trazer as pessoas do continente para cá?

A Mãe sorri para mim no espelho.

— Finalmente, uma filha que não me considera uma mala sem alça — ri ela. — Talvez não saiba, mas os adolescentes reais têm uma maneira de tratar seus pais como se desejassem que as criaturas não existissem. Prefiro ter um que não me ignore e queira me fazer perguntas! — Ela faz uma pausa, tentando se lembrar da minha pergunta. — Sim, Elysia! É óbvio que moradores chegam em aviões

particulares, mas o tratado de Demesne com o continente exige que um barco vá e volte, assim Demesne não parece tão exclusiva e fora dos limites para os não residentes. — A Mãe coloca a mão sobre a boca, zombando, como se confiasse em mim, e fala em voz baixa. — Mesmo que seja!

— Então, o barco é muito caro?

— Não, querida. É praticamente de graça. Mas os vistos necessários para a entrada custam um valor expressivo. Visitantes precisam obter visto para ficar no Refúgio, já que não temos hotéis reais. Não queremos turistas enlouquecendo aqui.

— Então, por que as pessoas não podem voar para Demesne como os moradores daqui?

— Eles *podem* voar para cá. Desde que possuam um pedaço da pista de pouso, algo necessário para ter uma propriedade aqui.

— Então, as pessoas que querem vir compram direitos de aterrissagem — concluo.

— Claro, se tiver esse bilhão de Uni-dólares de sobra! Minha querida, os direitos de pouso custam mais que todas as casas da ilha combinadas — zomba a Mãe.

— Então é por isso que os trabalhadores não vêm de balsa ou voando?

— Meu Deus, Betas são tão perguntadores! É quase uma graça, até que se alongue demais e custe o meu sono de beleza.

Ela faz uma pausa, como para juntar energia, e então explica.

— Clones são muito ecológicos, entende? — Ela aperta meu braço com afeto. — Você deve ter muito orgulho de ser um. A reciclagem de pessoas mortas em clones é a realização científica máxima. A morte do ser humano, sua Matriz, não foi desperdício e você é totalmente biodegradável após o seu tempo de serviço.

Eu não pergunto qual será o meu tempo de serviço. Não estou pronta para enfrentar a própria biodegradabilidade, quando envelhecer muito, como acontece com os clones, assim que a aparência e as habilidades diminuem após sua década de serviço. Eu mal comecei a viver. Pôr uma data final em meu tempo de serviço quando ainda estou na garantia parece prematuro.

— Entendo que tenho sorte por estar aqui e sou grata a você por me receber, Mãe — respondo.

Ela alisa com carinho as costas dos ombros.

— Meu docinho! Se quer realmente saber, tentamos a experiência humana, anos atrás. Trouxemos uma babá real para as crianças. Ela dormia no quarto que é seu agora. Pensamos que daria às crianças um algo mais, uma Mary Poppins viva e real! Que desastre acabou sendo. O ambiente requintado daqui a fez se sentir muito melhor do que deveria. Em vez de ser uma funcionária disciplinadora, ficou totalmente relaxada e feliz. Deixava as crianças correrem soltas enquanto *ela* se

bronzear! Uma vergonha, não é?

— Sim, Mãe.

Atrás de mim, Mãe passa os dedos pelo meu cabelo comprido, então ela o divide em três partes e as trança. Eu sorrio para ela no reflexo do espelho. A Mãe conta: — Eu costumava trançar o cabelo de Astrid antes de ela ir para a cama. Era a única coisa que me deixava fazer por ela, bandidinha independente. Dizia que dormia melhor se o cabelo não ficasse se enrolando no travesseiro.

— As tranças ficaram bonitas, Mãe. Obrigada.

Ela me beija no topo da cabeça.

— De nada. Agora há algo que você pode fazer por mim.

— Sim, Mãe?

— Às vezes, quando a Liesel dorme, ela tem pesadelos. Se você a ouvir, poderia ficar com ela até voltar a pegar no sono? Eu tomo soníferos à noite e muitas vezes não a ouço. A Astrid costumava fazer isso, agora é o Ivan, mas ele só a deixa mais ansiosa. Meninos e suas brincadeiras de luta na hora de dormir! Ele não tem noção de como acalmar uma criança assustada. Você sabe como são os jovens garotos.

Eu não sei. Nada além de que dizem “Uau”.

— Vou sim, Mãe — garanto-lhe.

— Boa menina! Boa noite.

Ela caminha em direção à saída do quarto e para na frente da porta um último momento para me observar. Meu programa reconhece *orgulho* e *carinho* humanos no rosto quando seu olhar se fixa em mim.

— Mãe? — eu a chamo.

— Sim, querida?

— Quando a Astrid ficou doente, o que aconteceu com ela?

— O que você quer dizer?

— Ela foi para a enfermaria?

A Mãe ri baixinho.

— Não, claro que não. Nós cuidávamos dela aqui quando ficava doente, como com todos os nossos filhos. Felizmente, nenhum jamais ficou tão doente que exigisse cuidados hospitalares.

— Então, se eu ficasse doente, não iria para a enfermaria?

A Mãe apaga a luz do meu quarto.

— Durma, Elysia. Você não vai ficar doente. Você é simplesmente perfeita.



OUÇO LIESEL GRITAR NO MEIO DA NOITE. PULO DA cama e corro para o quarto dela, como a Mãe solicitou. Acendo a luz do seu quarto e vejo que é um santuário erguido em homenagem às princesas dos velhos tempos, com paredes rosa cintilante, penteadeira francesa com gavetas e uma cama de dossel cercada com tule rosa.

Sento-me na cama. Liesel se joga contra mim, enterrando o rosto em meu peito. Acaricio seu cabelo, sentindo enorme necessidade de confortar essa criança angustiada. Como uma verdadeira irmã, quero protegê-la de males reais ou imaginários. Minha camisola fica úmida com as lágrimas.

— O que aconteceu? — pergunto à Liesel.

— Sonhei de novo com os bandidos. Estavam em pé, no chão, do lado de fora do meu quarto, atirando balas na minha janela. Exatamente como no jogo do Ivan.

— Isso é terrível. Isso nunca aconteceria aqui.

— *Poderia* acontecer. Existem bandidos maus em toda parte.

— Quem lhe disse isso?

— Ivan. Ele contou que as pessoas do protesto estão ficando mais fortes e começarão a nos perseguir, não só o papai.

— Quem são as pessoas do protesto? — Examino o banco interno de dados, mas não encontro informações sobre essa seita.

— Você não sabe nada, Elysia? Aqueles que são contra a clonagem.

Beijo o topo da cabeça de Liesel, como a Mãe beijou a minha. Regulo meu tom *tranquilizador* e questiono Liesel:

— Como alguém pode ser contra a clonagem? As pessoas iriam protestar... *contra mim*? Não acho que seja possível.

Ela olha para o meu rosto e por um momento seu estresse parece diminuir. Aparentemente, porém, meu rosto reconfortante não basta.

— Como você sabe? — insiste Liesel.

— Sei o quê?

— Que ninguém tentará me machucar.

Verifico essa questão em meus dados, que fornecem a resposta definitiva.

— Coisas ruins não acontecem em Demesne, garanto.

— Existem clones maus lá fora? — Liesel sussurra.

— Como assim? — sussurro de volta.

— Defeituosos. Clones que não funcionam.

Ergo a vidraça do quarto para que uma corrente de ar fresco de Demesne possa acalmá-la.

— Acho que você já sabe que esta ilha é perfeita demais para permitir que qualquer coisa defeituosa viva aqui.

Mas se há clones com problemas, talvez seja por isso que existe uma enfermaria nas instalações da Dra. Lusardi, para guardá-los com segurança, longe dos humanos?

Sento ao lado de Liesel e a puxo para perto. Acaricio seu queixo de leve para oferecer consolo.

De novo, ela enfia cabeça em meu peito, finalmente consolada.

— Você trabalha bem — murmura Liesel.



Ainda acordada, ela está mais calma, mas continua convencida de que “alguém do mal” está chegando para pegá-la durante a noite.

— Posso dormir com você na cama da Astrid? Ela costumava me levar para o quarto dela quando eu estava com medo dos pesadelos. Minha cama é muito pequena para duas pessoas — implora.

Voltamos para o quarto de Astrid. Ajeito Liesel na cama da irmã mais velha e me aconchoo ao lado dela. Liesel põe sua mão em minha cintura por segurança e rapidamente volta a dormir, exausta do drama que criou para si mesma.

Eu não consigo voltar a dormir tão facilmente. Já que estou substituindo Astrid, acho que preciso conhecê-la melhor. Vejo a *holofoto* em seu criado-mudo, Astrid e Liesel se abraçando uma no ombro

da outra. Liesel está sorrindo, mas Astrid não. Ela tem cabelo loiro claro na altura dos ombros como o meu, e olhos azul-bebê, como os da Mãe. Liesel parece despreocupada e feliz; Astrid, cansada e distraída.

Abro a gaveta do criado-mudo. Nela há pedaços de balas duras com sabor de morango. Pergunto-me se eu gostaria de balas de morango, tanto quanto gosto de vitamina de morango. Pego o doce, mas a embalagem está um pouco desfeita e a bala grudada no fundo da gaveta. Eu a puxo, e com ela vem toda a tábua que forra o fundo da gaveta. Quando a tábua sai, aparece uma gaveta oculta embaixo, que contém cadernos cheios de testes simulados dos exames de ingresso na universidade de Astrid. Pego um deles e leio as respostas de Astrid. Suas notas no início do caderno são baixas, mas no último, ela quase conseguiu a nota máxima. Até sua letra melhorou no final. Não é de admirar que a Mãe sinta tanto orgulho dela. Fica claro que Astrid se esforçou muito para alcançar a nota necessária para conseguir ser aceita nas melhores universidades.

Coloco o caderno de volta na gaveta em cima das outras coisas ali guardadas. Há uma adaga de prata com uma fita vermelha enrolada e um bilhete em anexo: *Feliz Natal, Astrid. Com amor, papai.* O resto do espaço é preenchido com um dicionário e utilidades femininas, como absorventes íntimos. Tiro o dicionário para ler mais tarde, mas deixo o punhal e os artigos femininos. Replicantes, biologicamente falando, são como seres humanos em todos os sentidos, exceto que não podemos nos reproduzir.

Não preciso de produtos femininos, pois não tenho menstruação. E não saberia o que fazer com um punhal. Mas sempre posso aprender palavras novas.

Observo que no quarto há *holofotos* da própria Astrid e de Liesel, mas de nenhum outro membro da família. De fato, em comparação com o cômodo de Liesel, decorado com muitos babados e objetos cor-de-rosa, Astrid tem um mobiliário minimalista. É quase estéril. A única “arte” pendurada na parede é um calendário, no qual os dias estão marcados em contagem regressiva para sua partida.



Ainda estou acordada de manhã quando Xanthe entra no quarto de Astrid. Fecho com força o meu dicionário marcado, que me manteve concentrada a noite toda, e o coloco na cama. Estou surpresa por ter encontrado tantas palavras na página impressa que não consigo encontrar examinando meu dicionário da base de dados.

Acabo de encontrar uma palavra que Astrid destacou.

Insurreição [*in-sur-rei-ção*]: Um ato ou instância de subversão em revolta, rebelião ou resistência contra a autoridade civil ou um governo estabelecido.

Insurreição me parece uma palavra ameaçadora e desagradável, mas, ao lado desse verbete de dicionário, Astrid rabiscou: “Isso aí!”.

— Lá está ela — diz Xanthe, olhando para Liesel dormindo em paz ao meu lado. — Está na hora de acordá-la para se aprontar para a escola.

— Há uma escola aqui? — pergunto curiosa. — Será que eu vou lá?

— Se eu tivesse senso de humor, acharia você engraçada — comenta Xanthe.

Imagino que isso signifique que não irei à escola aqui.

— Onde fica a escola? — indago.

— Já que não há bastante residentes o ano inteiro em Demesne para justificar a necessidade de haver escola, as crianças que vivem aqui têm professores particulares. Eles trabalham com alunos no Refúgio. Eles têm horas normais de ensino, como no continente.

— Eles são clones?

— É claro! Nenhum ser humano seria confiável para educá-los por completo. Mas não há outras crianças da mesma idade na ilha com quem ela se socialize, e ela se sente solitária. Você será sua companheira após o horário de estudos.

Apenas há alguns meses minha Matriz deve ter sido uma estudante. Talvez morasse em algum lugar do continente. Pergunto-me se ela era uma boa aluna. Tão esforçada quanto Astrid, tão ansiosa para ir para a universidade?

— Você gostaria de receber educação? — pergunto à Xanthe.

Ela olha para mim como se, de repente, tivessem crescido três cabeças em mim, ou eu tivesse anunciado meu amor real, e nada fingido, por macarrão com queijo.

— O que eu poderia fazer com uma educação? — questiona Xanthe.

— Aprender coisas! Mudar e se tornar melhor! — Eu suponho. — Há tanta coisa para aprender aqui e é tão... — eu ia dizer *incrível*, mas fui interrompida pelo olhar desconfiado de Xanthe em mim. Eu não tenho muita instrução, mas sei o suficiente para entender que não se deve desejar experimentar algo *incrível*, devo refletir isso para os humanos, mas não sentir ou desejar de verdade para mim. — É tão... bom ter informação — concluo.

Xanthe responde enfática:

— Eu não ambiciono coisa alguma e não preciso ser melhor do que já sou. Não desejo, pois sou feita para servir e já tenho todas as informações necessárias. Como você.

Ela vai até o armário de Liesel, tira algumas peças e arruma a roupa de Liesel para o dia em uma cadeira.

Estou prestes a tocar o braço de Liesel suavemente para acordá-la. Não quero que ela perca o privilégio de sua educação. Mas Xanthe me impede de cutucar a garota. Ela se inclina pertinho para sussurrar:

— Você *deseja*? — questiona ela.

Meu coração de repente dispara, como se estivesse sendo ameaçada, quando sei que estou apenas sendo reafirmada sobre as minhas funções.

— Eu não desejo — afirmo. — Eu sirvo.

— Correto — concorda Xanthe e cutuca Liesel, acordando-a.



POR ORDEM DO GOVERNADOR, IVAN E EU COMEÇAMOS nosso regime de treinos às oito da manhã. Fazemos alongamentos e ginástica no pátio, corremos um trajeto plano e finalizamos com uma série de arrancadas vigorosas no penhasco rochoso acima, de acelerar o coração, a partir da praia da Casa do Governador.

Estamos na metade dos degraus de pedra para a quinta subida; Ivan para e examina a paisagem abaixo.

— Você explorou bastante Demesne antes de vir para cá? — pergunta, com a respiração ofegante.

Novamente recorro o milagre deste novo momento. Antes de vir, fiquei confinada a espaços fechados — as instalações da Dra. Lusardi e a boutique — e não podia inspirar este ar doce de Demesne ou fitar do alto de uma rocha uma vista magnífica abaixo, de água violeta, praia arenosa, palmeiras e perfeição divina. E isso é só o que eu posso ver agora. Quem sabe como o cenário vai se tornar ainda mais espetacular quando eu explorar esta ilha com cuidado?

Não respondo a pergunta de Ivan. Há coisas demais a dizer. Quero ver *tudo*!

— É claro que não! Provavelmente não lhe permitiam. Sinto muito — lamenta Ivan, sem necessidade. Ele alcança um buraco fundo no penhasco, a uma distância de um braço dos degraus de pedra, e tira um binóculo deixado lá. Ele o entrega para mim. — Dê uma olhada. Uma vista incrível, não é?

Olho através da lente, inspecionando o cenário, engolindo o ar com aroma de madressilva. O azul-claro do céu é tingido por uma névoa cor de laranja e rosada, a evidência de onde o sol encontra a atmosfera de Demesne. Cercada pelas águas violetas de Io, vejo um panorama cheio de casas

aninhadas sob um espectro do arco-íris de árvores. Ao longe fica a serra na qual o Monte Orion, o mais alto de todos, domina a ilha, soltando fumaça vulcânica. Abaixo da montanha há uma floresta tão densa que parece uma selva emaranhada. Nela, sob o topo esfumaçado da montanha, fica o complexo da Dra. Lusardi, onde fui feita e que é invisível pelo binóculo.

Foco as lentes em um ponto na praia de areia no Refúgio, a distância. Observo uma mulher corpulenta entrar na água, fazer uma breve imersão, então retornar ao seu lugar. Devido ao breve mergulho, ela parece um tamanho menor e dez anos mais jovem, como se o mar fosse um estímulo do qual emergiu seu melhor e mais radiante eu. De volta à areia, ela se estatela no chão ao lado de seu parceiro, que deixa de lado seu material de leitura. Ele envolve as pernas ao redor dela. Eles se beijam lentamente, com saudade, como se fosse a primeira vez, apesar da familiaridade física indicar serem companheiros de longa data.

Pairando no fundo, os empregados do clube levam bebidas e pratos de comida aos banhistas próximos.

— Uma boa vista da boa vida, hein? — avalia Ivan. Sei que ele se refere ao tipo de vida planejado para *seres humanos*, mas assim mesmo aceno concordando. *Para mim também*, penso.



Depois de nossa décima subida e descida pelas escadas, Ivan nos faz ter outro descanso na parte inferior da escada, perto da costa.

— Não acredito que consegue me acompanhar — comenta.

Eu poderia ir muito além. De fato, seria fácil arrasá-lo em tempo e velocidade, mas a Mãe me instruiu que o deixasse vencer.

— Ele precisa reforçar a confiança antes do treinamento militar básico — disse ela. — Seja uma boa menina, querida Elysia. Deixe o Ivan fazer o que quiser.

Uma adolescente desce correndo as escadas do penhasco e se aproxima de nós.

— Ivan! Oi! — Ela é uma ruiva sardenta petulante de uniforme de tênis. — Me disseram que poderia encontrá-lo aqui. Quer jogar duplas comigo e com Dementia?

— Oi, Greer — murmura Ivan. — Talvez não hoje.

— O que é isso? — questiona Greer, apontando para mim.

— Temos uma Beta — conta Ivan.

Greer me avalia, focando dentro dos meus olhos vidrados.

— Agora estão fazendo replicantes adolescentes? Acho melhor eu me cuidar! Não quero que os piratas me capturem e me transformem em morta-viva. — Ela acaricia uma parte do meu cabelo. — Sua Matriz tinha uma textura e tanto de cabelo. Eu me pergunto qual o hidratante que usava. Você tem nome?

— Elysia — respondo.

— A Lusardi escolhe os nomes mais estranhos! Você joga tênis? — pergunta Greer. Ivan responde por mim:

— Ela está aqui para brincar comigo, não com você!

— Não faça isso! — resmunga Greer, fazendo beicinho. — Estou apenas tentando ajeitar um bom jogo. — Ela volta a subir as escadas, virando-se outra vez para nós. — Estaremos nas quadras se vocês dois quiserem se juntar a nós. Ou talvez nos vejamos mais tarde no clube.

Greer dispara escada acima.

— Quem é ela? — pergunto ao Ivan.

— Seu pai é o embaixador de Demesne — conta Ivan, revirando os olhos. — Ela vive na propriedade vizinha à nossa. Basicamente, ele representa os interesses dos militares em Demesne. Tenho certeza que ser nomeado embaixador é apenas um prêmio para militares ricos ou influentes, sem habilidades táticas reais. Os militares os mandam para cá para serem felizes, mas inúteis.

— Então, o pai de Greer é feliz e inútil. Ela também?

Ivan dá de ombros.

— Ela é legal, acho.

— Você não gosta dela? Ela é muito bonita.

— Gosto dela sim. Mas ela está sempre por perto. É meio que... vadia. Não há nada, tipo, interessante ou misterioso nela.

Falando em misterioso:

— O que é uma dementia? — pergunto ainda.

— Dementia é a melhor amiga de Greer. Seu nome real é Demetra.

— Então por que chamá-la assim?

— Verifique a palavra. Então o nome fará sentido assim que conhecê-la.

Dementia [*de-mên-tia*], em latim: Deterioração mental de origem orgânica ou funcional.

Não consigo imaginar como essa palavra pode ser personificada em uma garota de verdade e mal posso esperar para descobrir.

Ivan bate em meu ombro para retomarmos outra corrida. Corro ao longo da praia, até onde

consigo. Ivan corre e corre, mas não consegue me pegar.

Do sinal de satisfação que meu *chip* me envia eu entendo: seres humanos gostam de ganhar.

Parece que eu também.

Circulamos de volta para os degraus para subi-los correndo. Ivan chega ao topo das escadas cerca de um minuto atrás de mim, sem fôlego.

— Você rouba — reclama ele. — Bebeu uma vitamina de morango antes da última volta.

É fato, tomei uma vitamina deixada para mim no topo da escada antes da última corrida, mas Ivan também se fortaleceu com uma bebida de germe de trigo feita para ele.

— Você está certo — concordo com Ivan. — Eu tive uma ajudazinha.

O suor escorre por seu rosto enquanto o meu continua limpo e suave. Eu poderia subir mais mil degraus. Ivan dobra o tronco para baixo sobre as pernas, exausto.

— Amanhã vamos fazer um tempo ainda melhor, certo? — pergunto-lhe.

— Você está me matando — geme ele.

— O que é uma vadia? — tento saber.

— Uma menina muito oferecida.

— Oferece o quê? — Imagino Greer colocando o jantar, por exemplo, e não entendo o que Ivan desaprova nisso.

— Oferece, você sabe... — Seu rosto, já supervermelho devido à corrida, fica um escarlate mais escuro. — Sexo.

Eu me pergunto onde Greer oferece sexo.



Não é de admirar que a palavra *insurreição* não esteja em meu banco de dados. Contra o que se poderia revoltar em Demesne? A vida aqui parece, como Ivan define, “ultrassublime”.

Ivan e eu tomamos sol no deque da piscina flutuante no Refúgio. Construída no meio da Baía Néctar, que ladeia o clube, a piscina é feita de vidro para que os nadadores possam ver os peixes tropicais coloridos listados e manchados se juntando fora dela sem machucar os pés por ter de pisar no coral do fundo raso nem mexer com o ecossistema marinho da baía. O sol brilha forte na glória do meio-dia, transformando a água violeta ao redor da piscina em rosa fulgurante. Ivan e eu relaxamos em flutuadores boiando levemente na água e minha pele se bronzeia. A distância vejo pessoas tomando sol na praia. Elas são tão ociosas e felizes, quase entrando em um coma. Elas não

conseguiriam dar conta de protestos mesmo que tentassem.

— Hora da sesta — diz Ivan no flutuador ao lado. Ele coloca uma toalha sobre os olhos para bloquear o sol. — Você quase me matou hoje, Elysia.

Nosso descanso flutuante é perturbado pela chegada da menina humana mentalmente deteriorada.

Dementia se junta a nós na piscina flutuante do Refúgio feito uma bala de canhão. Nós a ouvimos gritando de emoção enquanto corria cais abaixo para a piscina. Ela usa um desses conjuntos de cordas, chamado biquíni. Também estou de conjunto de duas peças, mas um de encaixe mais seguro, com sutiã e calcinha azul-marinho que encontrei na pilha de roupas descartadas da Astrid. Assim que Dementia chega à borda da piscina, ela pula no ar, dobrando os joelhos e os apertando contra o tórax. — Bala de canhão! — Grita antes de se jogar na água, criando ondas tão fortes que quase nos derrubam das boias.

Ela volta à tona e agarra o flutuador de Ivan.

— Oi, criatura *sexy* — Dementia diz a ele. — Ouvi falar que sua mãe tem uma Beta.

Ivan me aponta.

— É essa aí. Ela se chama Elysia.

Dementia mergulha de novo, nada por baixo da boia de Ivan e chega ao lado da minha. Sua aparência é tão bonita quanto o som de seu nome, com pele morena escura, cabelo preto e olhos verde-oliva para combinar com seu tom de pele. Ela coloca as mãos na minha boia e me examina. — Tão brilhante. Tão bonita. Ivan, sua mãe tem muito bom gosto. — Ela coloca uma mão em meu braço, passando as unhas em linha reta por ele. O gesto é algo entre cócegas e um arranhão.

— Dementia — Ivan espirra água do flutuador. — Não a corte. Quantas vezes temos que te lembrar? Cortar é algo que você faz em si mesma. Não é para infligir em outras pessoas.

A mão de Dementia se agarra novamente no flutuador em vez do meu braço e seu olhar se volta para baixo, contrito. — Desculpe! — Com os olhos verde-oliva desviados de mim, observo na têmpora do lado direito do seu rosto uma lesão profunda. Parece que ela usou alguma lâmina afiada, talvez uma navalha, para tentar esculpir sua própria flor-de-lis, mas desistiu no meio. Talvez não tivesse a anestesia adequada. Seus olhos voltam para mim, com uma expressão ansiosa no rosto. — Então, Elysia... você pode, digamos, fazer coisas?

— Que tipo de coisas? — pergunto.

Ivan responde por mim.

— Ela é craque em natação. Mostre a ela, Elysia.

Eu escorrego da boia e coloco os pés no fundo da piscina. Então pulo para a frente com meus

braços estendidos, mergulho e me lanço em estilo borboleta. Nado e cruzo a piscina tão rapidamente quanto meus braços e pernas permitem, perguntando-me se a aparição subaquática viril deslumbrante, com a qual me deparei na piscina na Casa do Governador, decidirá se apresentar de novo para mim enquanto estou submersa.

Ela não aparece. Não sei se fico desapontada ou aliviada.

Quando tiro a cabeça para respirar ao lado de Demetra, seu queixo está ligeiramente caído.

— Nunca vi braçadas tão rápidas e perfeitas — avalia ela. — Você parece uma máquina.

Ivan diz:

— Acho que devemos levá-la para a Praia Oculta e ver que tipo de mergulhos ela consegue dar nas rochas de lá. Esta piscina é rasa demais.

— Além disso, há tantas pessoas mais velhas por aqui — comenta Dementia, com aversão. De fato, agora só nós três estamos na piscina flutuante, mas na praia há vários adoradores do sol que estão no final dos trinta e início dos quarenta anos, meia-idade humana, que não precisam da data de validade obrigatória dada aos clones com o mesmo tempo. Eles têm nos observado, como se esperando por nossa saída.

— Nem um pouco *raxia*[\[1\]](#) empolgante — acrescenta Dementia.

Examino meu banco de dados, mas não consigo encontrar pistas do que significa essa palavra usada por Dementia. Mas, aceno com a cabeça concordando com ela, para parecer que sou parte de seu grupo, que é a minha tarefa.

Ivan bate no braço para Transmitir. Ele passa uma mensagem, então volta o olhar para mim e Dementia. — Farzad está na Oculta.

— Pergunte a ele como está a água — pede Dementia.

Ivan Transmite.

— Ele diz que está *raxia* total.

— Vamos lá! — decide Dementia. Balança freneticamente a cabeça para que o cabelo comprido bata e molhe os ombros. Para as pessoas na praia, ela grita em voz alta: — Agora, podem ter a piscina de volta, seus velhotes!



PEGAMOS UM PEQUENO BARCO DE PESCA DO REFÚGIO para irmos até um ponto na praia um pouco mais distante, acima na ilha. Ivan aporta a embarcação na praia e me leva com Dementia para um conjunto próximo de rochas. Escalamos as formações precárias. Assim que chegamos ao topo das pedras, nos empoleiramos acima de uma angra de água violeta que arremessa espuma dourada sobre a areia cristalina rosa. As rochas que cercam a enseada não permitem que se chegue à baía por qualquer outro meio que não seja a pé. Esta é a Praia Oculta.

Pulamos das rochas em direção a Farzad, amigo de Ivan e Dementia, que está na areia esfregando a prancha de surfe. Ele tira o olhar da prancha para me vislumbrar pela primeira vez. Farzad fala a mesma língua natal que Ivan.

— Uau! — diz a Ivan. — Que Beta!

— Admire, mas não toque — avisa Ivan.

Dementia ri.

— Se quebrá-la, terá que pagar.

Ivan e Dementia sentam-se na areia diante de Farzad, então eu me sento também. A areia quente propicia um calor suave e massagrador em minhas nádegas.

Como Ivan, Farzad veste apenas bermudas de surfe. Ele é esguio, com músculos tensos, diferente de Ivan que é volumoso. Tem pele escura bronzeada combinando com os olhos e cabelos pretos até os ombros, preso num rabo.

— Antes levei um *jet ski* até a quebrada. Encontrei uns caras das Cavernas do Delírio surfando as *gigantes* por lá — diz Farzad.

— O que são as *gigantes*? — interesse-me. Minha base de dados não mostra uma explicação para esse uso da palavra que se pronuncia *gi-GAN-tes*.

— Ondas gigantes — explica Ivan, apontando para o oceano a distância, onde posso ver as cristas brancas das ondas de altura monstruosa se formando, a 1,5 km no mínimo de onde estamos sentados.

— Elas devem ser muito perigosas para surfar — admito. Não apenas são enormes, mas ainda cinza-azuladas, por estarem fora da periferia do anel de Io — as cristas violetas demarcam a linha entre o mar de Io e o oceano. O anel foi projetado para afastar a subida das águas que destruiu outros lugares na costa pelo mundo afora. As ondas puras do outro lado do anel de Io pareciam querer devorar qualquer ser humano que tentasse surfar nelas.

— O perigo é um estado de espírito — afirma Farzad. — Conquiste-o e você chegará ao paraíso.

— A água perfeita dentro do anel não basta para você? — ironiza Ivan.

— Pedi para o controlador de ondas ligar no máximo — conta Farzad, referindo-se ao controle de ondas nas praias designadas para surfe, dentro do anel onde os surfistas podem pedir para o pessoal de Demesne manipular para atender seus desejos de emoção. Dentro do anel, a água é ajustada para maximizar a diversão, mas garantir a segurança. Aparentemente, a segurança aborrece Farzad.

— Sugerir o tamanho gigante, mas o controlador disse que não era permitido. É de dar sono, este lado. Só conseguiria mais emoção se fosse buscar diretamente na fonte. Preciso entender o que há lá fora, nas *gigantes*. Por causa de Tahir.

Ivan e Dementia acenam com a cabeça, por entenderem.

— Você marcou com alguns dos caras das Cavernas do Delírio, enquanto estava lá, na parte selvagem? — Dementia quer saber.

As mãos de Farzad vão para baixo da linha de cintura, abaixo da bonita barriga tanquinho. Ele puxa um saco plástico hermético com várias pílulas brancas.

— Marquei — confirma Farzad.

— O que são as Cavernas do Delírio? — pergunto.

Dementia sorri para mim.

— É uma graça como os clones novos não conhecem nada.

É verdade, não sei mesmo. Mas estou ansiosa para aprender.

Ivan aponta para algumas ilhas pequenas, a distância, além das *gigantes*.

— Aquelas ilhas lá adiante. Fazem parte de Demesne, mas nem tanto. Nossa ilha era a única

realmente habitável que pôde ser desenvolvida.

— Então ninguém vive lá? — pergunto. De acordo com o meu *chip* de localização, as ilhas distantes são meros pontos no mapa, sem nome e nada de notável.

Ivan me explica:

— Supõe-se que haja gente vivendo lá. Mas é totalmente ilegal e contra as regras. O solo é muito duro, indomável. Jovens fugitivos do continente vagam na ilha à esquerda. Eles a chamam de Cavernas do Delírio. Acredita-se que seja um local de festas totalmente doidas.

— Você já esteve lá?

— Não, meu pai me mataria se tentasse.

— Não há Transmissão disponível nas Cavernas do Delírio, nem mesmo banheiros ou chuveiros adequados — continua Farzad. — É completamente selvagem. É maravilhoso surfar as *gigantes* por perto, mas com certeza não há gente civilizada nessas ilhas próximas.

— Se é tão selvagem — continuo —, quem vai lá?

Ivan responde:

— As pessoas do continente se esgueiram para aquelas ilhas de barco. Acreditam que, chegando nelas, conseguiriam entrar em Demesne.

— Como?

— Nadando de lá para cá — esclarece Ivan. — O que é virtualmente impossível. Ou talvez pagando por um barco pirata para tentar trazê-las de *jet ski* a um lugar como este, a Praia Oculta.

— E dá certo? As pessoas chegam aqui dessa forma?

— Não! — Dementia se intromete. — A maioria morre tentando. Então eles se tornam clones.

Que sorte!



Hoje aprendi muitas coisas: o que significa *insurreição*, que o sexo pode ser oferecido e que o arquipélago de Demesne inclui coisas como as *gigantes* e as Cavernas do Delírio. Entendi ainda que *marcar* não se aplica apenas a valores numéricos usados num jogo para determinar o vencedor. *Marcar* também significa obter drogas ilegais — nesse caso, a tal da *raxia*. Agora Farzad, Ivan e Dementia estão usando essa droga. Deitados na areia, enrolados um no outro, os olhos fechados, eles têm sorrisos satisfeitos nos rostos. Dementia está de *topless* na areia, mas, como Ivan e Farzad, não despiu a peça de baixo.

— Isso é um exagero na minha opinião — diz Greer. Também aprendi hoje que não existe tema algum sobre o qual Greer não tenha opinião, incluindo o fato de que Farzad, Ivan e Dementia deveriam ter-lhe contado que iam usar *raxia* antes de convidá-la para vir e perder tempo. — Quero dizer, a própria atmosfera de Demesne, o ar doce, a água tranquilizante, as casas luxuosas, tudo foi projetado para criar o estado de *ataraxia*. Para que forjar mais? É ganância.

Ataraxia, descobri também, é um antigo conceito grego, sinônimo de pura felicidade. Os fundadores de Demesne planejaram a ilha usando o termo como sua premissa central. A juventude da região se inspirou nessa palavra e a aplicou para sua versão de pura felicidade, a droga que chamam de *raxia*.

Greer e eu sentamos na ribanceira acima da Praia Oculta, de frente para Io, vendo os três jovens atarácicos na areia abaixo.

— Não entendo por que aqueles caras precisam induzir quimicamente mais disto — observa Greer. — Simplesmente têm medo de experimentar algo real. Viveram aqui praticamente suas vidas inteiras. Não têm ideia do que é a realidade.

— Ivan diz que usar *raxia* é melhor que fazer sexo. Até melhor — conto para Greer, no caso de ela não saber.

— Já tentei os dois — afirma Greer. — Sexo de verdade é melhor.

— Onde você fez sexo? — quero saber.

— Essa pergunta é atrevida.

— É?

— Acho que você não tem ideia. — Greer balança as pernas que pendem na falésia. — Fiz aqui e lá na cidade de onde sou.

— Sexo é bom?

— Vou te contar: é super-super — ri Greer.

Examino rapidamente o dicionário interno, mas só consigo mesmo determinar que ela duplicou a palavra *super*, sem lhe dar qualquer relevância significativa.

— Você *super-super* com frequência? — continuo.

Ela me olha com a expressão facial humana que identifico significar: *Você deve ser idiota*. Greer responde:

— Eu *super-super* quando é possível, com um tipo de pessoa com mente semelhante, corpo gostoso, com quem compartilho atração mútua. Mas só tenho dezoito anos. Não é como se eu tivesse *super-super* com tanta gente assim.

— Com quem você *super-super*?

Seu tom de voz ficou agitado.

— Pare de falar assim! Foi apenas um jogo de palavras.

Jogo de palavras. Imagino crianças balançando sobre blocos, soletrando palavras tipo ENGRAÇADO e TERRA ENCANTADA.

— Desculpe. Vou refazer a pergunta. Você fez sexo com Ivan ou Farzad ou Dementia?

Sua pele fica escarlate.

— Talvez — balbucia. Ela gesticula para os corpos sonolentos na praia. — Mas, como pode ver, eles preferem *raxia*. E talvez você esteja ficando íntima demais. Então, caso tenha mais perguntas, sugiro que mude o tema também.

Posso fazer isso.

— Você não viveu sempre em Demesne? — pergunto.

— Não. Mudamos para cá há alguns anos apenas, quando meu pai aceitou o cargo de embaixador. A maioria das pessoas em Demesne não vive aqui o tempo inteiro. Se fosse assim, não pareceria tão especial. Farzad, Ivan e Dementia são os únicos jovens na ilha que vivem aqui o ano inteiro, agora que Astrid partiu. E agora você, acho. Não tenho certeza se você conta.

— Você prefere viver aqui ou na cidade? — continuo a perguntar.

— Depende a qual tipo de cidade que você se refere, antiga ou nova?

— Qual é a diferença?

— Bem, as cidades antigas são tão inundáveis. Tipo, é legal como a água sobe naqueles lugares, é feito para parques e edifícios elevados muito legais, para festas maravilhosas de dança de espirrar água, de fim de mundo. Mas prefiro as cidades novas. Antes da minha família se mudar para cá, vivemos na Cidade de Bioma. Agora, os desertos também estão empanturrados de pessoas legais.

— Então os desertos se empanturram de gente?

— Não! Deixe de ser tão literal. Quero dizer que as pessoas estão se mudando para o interior. Lugares que costumavam ser nada, são alguma coisa agora. Pense nisso. A família de Farzad possui as maiores instalações em Demesne. Sabe por quê? Porque o tio dele inventou o mecanismo que controla a água que permite que as novas cidades do deserto sejam construídas em lugares previamente habitados, como CB.

— CB?

— É como chamamos a Cidade de Bioma.

Procuro mais dados sobre CB em meu banco de dados. A interface revela que é uma cidade nova,

construída após as Guerras da Água, projetada usando os princípios do mimetismo, no qual os elementos primários da cidade se inspiram na natureza. Os gráficos mostram edifícios de escritórios que parecem árvores e formações rochosas em vez de monstros de concreto, carros que pairam cruzando os céus em padrões de tráfego como pássaros migrantes e residências autossustentáveis construídas com formas que lembram formigueiros e cupinzeiros. Já que CB foi construída após o tempo dos combustíveis fósseis que poluíam os lugares antigos, a vista da cidade se estende, desobstruída de poluição atmosférica, até as maciças dunas de areia, erguendo-se como montanhas a distância, e o céu noturno brilha com milhares de estrelas.

— CB é o meu lugar favorito — conta Greer. — Quando se vai lá, é como se não nos sentíssemos deprimidos ou desesperados. Quando você está lá, entende que as Guerras da Água não foram totalmente inúteis, no final das contas. Por causa delas, no lugar que costumava existir um deserto, há uma festa épica.

— Tudo bem, mas o deserto não precisa de um pouco de água?

— O deserto, com certeza sim, mas as pessoas de lá, não.

— A água não muda o meio ambiente?

— Isso é problema do deserto, não das pessoas. O deserto se adapta. As pessoas se adaptam. Vivem. Morrem. Lutam. Sofrem. Criam. As pessoas no mundo real além do anel de Demesne não são essa perfeição produzida. Elas negociam. — Ela gesticula com sua mão para indicar a atmosfera de Demesne enquanto seus olhos focam em mim, para me deixar perceber que estou incluída em sua frase *perfeição produzida*.



Após uma hora, cansei Greer com meu questionamento. Abaixo de nós, Farzad, Ivan e Dementia pareceram se mover. Seus dedos dos pés e das mãos se mexem conforme seus corpos se alongam.

— Finalmente — disse Greer. — Que desperdício de dia. — Seu rosto demonstra que uma ideia surgiu. — Ei, passei esse tempo todo te dando informações, agora você pode fazer algo por mim.

— O quê?

— Apenas... algo legal. Ivan disse que é uma boa mergulhadora. Então... mergulhe — Ela aponta para trás de meu ombro, para o oceano além da angra, onde a água é funda o suficiente para um bom mergulho. Provavelmente. Meu mapa não especifica.

Andamos até onde as falésias se elevam sobre o oceano. Não tenho certeza se posso mergulhar

deste ponto de vantagem, mas já que me pediram, devo tentar. Clones não produzem adrenalina, então não tenho medo de altura ou da dificuldade envolvida. Entendo que a morte seja uma probabilidade decente. Sinto ainda que tentar o mergulho poderia ser um primeiro passo para entender quem foi minha Matriz. Se puder fazer isso, ela pode ter sido capaz de fazê-lo também. Se ela podia, então havia uma razão. Ela era uma atleta, uma ginasta ou uma acrobata. Ou então, apenas...

— Atrevida — me diz Greer. — Pule!

A rocha embaixo de meus pés é lisa o suficiente para servir de plataforma, embora não seja como um trampolim. Estou ereta com os dedos dos pés balançando sobre a borda, olhando o redemoinho de água que calculo estar a cerca de 7,5 metros abaixo.

— Posso fazer melhor que pular apenas — digo a Greer.

Não tenho certeza se posso.

Ergo-me sobre os dedos e estendo os braços para cima. Não sei a profundidade da água, ou se há rochas abaixo da superfície da água para obstruir o impacto. Mergulho pode significar morte. Ou mergulhar pode significar poder. Conhecimento.

Eu salto.

Meus braços permanecem erguidos quando minhas pernas se lançam à frente, para fora e para cima. Meus braços se abaixam para tocar meus pés estendidos — posição carpada —, então meu tronco cai para trás e estico meus pés para cima. O corpo se estende em vertical, de cabeça para baixo, precipitando-se para dentro d'água. Todos os meus músculos parecem saber exatamente como se alinhar. Meus dedos se destacam em paralelo na água que os sorve antes de envolver meu corpo inteiro.

Abaixo d'água há escuridão e confusão e é como se cada fibra de meu ser experimentasse o formigamento físico de euforia. Porque lá está ele de novo. Z! Ele acena para mim. Ele nada ao meu redor, seu cabelo loiro subindo na água enquanto os olhos azul-turquesa me atraem mais e mais. Seus braços abertos para que eu me atire neles. *Você sabe que eu não resisto a você, Z. Venha aqui!* Tento e tento me pressionar contra ele, mas ele permanece fora de alcance. Sinto que vou morrer se não puder tocá-lo. A atração é irresistível, quase sufocante, e inteiramente... *incrível*. Calculo que seja isso o que Greer quis dizer com *super-super*.

Mas seu rosto e corpo desaparecem quando mergulho mais fundo no vórtice subaquático. Meu corpo ondula contra a corrente, finalmente permitindo que eu assumo o controle e salte para o ar. Acima de mim nos penhascos, Greer agita freneticamente os braços. Ela abre os braços em posição de vitória.

— Mergulho inverso sem falhas — ela grita para mim. — *Inacreditável!* Entrada perfeita!

Sei que ela elogia o fato de meu mergulho reverso ter espirrado pouca água, uma entrada ideal, e que se refere ao som de corte quando o mergulhador entra na água. Sei ainda que o que experimentei agora — *novamente*, só que mais intensamente desta vez — é algo que nenhum Beta — ou qualquer clone — deveria sentir.

Eu não só sinto gosto das comidas, como também tenho algo muito, mas muito mais proibido.

Eu tenho memória.

Aquele homem bonito que vi na água pertencia à vida da minha Matriz. Ela sentiu alegria quando experimentou a água com ele, quando nadou com ele, esses foram os momentos mais felizes de sua vida. Ela o amava de maneira profunda e apaixonada, talvez até de forma um pouco obsessiva. Não sei como ou por que sei disso. Mas sei que é verdade. *Sinto* que é verdade.



— Vocês deveriam ter *visto* — conta Greer para os agora despertos Farzad, Ivan e Dementia. — A Matriz dela com certeza foi uma mergulhadora treinada.

Os outros ainda estão voltando da *raxia*; ficam indiferentes ao entusiasmo de Greer.

— Ajude-me a vestir isso de volta — Dementia me pede, sonolenta. Ela segura as alças da parte superior do biquíni acima do pescoço, para que eu possa amarrá-las. Minha cabeça está tonta do mergulho seguido das braçadas nas águas agitadas de volta para a enseada da Praia Oculta e do *flash* de memória que parece um raio que penetrou no meu crânio. Meus dedos doloridos dão um nó nas alças do sutiã. Agora com a peça bem presa no corpo, Dementia segura os seios com as mãos e diz para ninguém em particular:

— Olha, mamãe, sem marcas de biquíni!

Penso se poderia pedir à Mãe um maiô de uma peça, adequado para praticar mais mergulhos. O sutiã esportivo do conjunto de Astrid mal se aguentou durante minhas braçadas no mar revolto.

— Você está me ouvindo, Dementia? — Greer está irritada. — Vocês *têm que* ver o que esta Beta consegue fazer.

— Tivemos um Beta uma vez — resmunga Farzad, com os olhos turvos. — A Dra. Lusardi chamou o Beta de paisagista, mas era só um nome sofisticado para jardineiro. O carinha enlouqueceu totalmente e começou a podar árvores com formas obscenas de partes íntimas.

— Parece um Beta incrível — comenta Dementia.

— Pornográfico! — corrige Farzad. — Isso é o que o Beta era. Nos ensinou a não comprar o produto antes de ser testado. Tahir disse que, quando ele pilotou o avião sobre a nossa propriedade, parecia um jardim de obscenidades. Farzad se acalma em um profundo despertar, seu rosto se ilumina. — Ei! Esqueci de contar a todos vocês. Tahir volta na próxima semana.

— Quem é Tahir? — pergunto.

— O primo de Farzad — responde Ivan.

— O pai de Tahir, tio de Farzad, é praticamente o homem mais rico do mundo — explica Dementia.

— Ele não só consegue transformar água em vinho, ele transforma água em... — brincou Ivan — muito mais água.

— O Tahir melhorou? — preocupa-se Greer.

— Não sei — confessa Farzad. — Ele Transmite para mim que sim, mas preciso ver para crer. Ele está tão diferente desde o acidente. Totalmente estranho. Acho que a lesão foi pior do que os médicos disseram.

— Como foi o acidente? — pergunto.

Os humanos todos apontam para as *gigantes* a distância.

— Aconteceu enquanto ele surfava — conta Greer. — Tahir foi apanhado em um *swell*[\[2\]](#) e puxado para baixo. Sofreu traumas sérios na cabeça e no pescoço. Ele só sobreviveu porque o helicóptero-planador do pai o tinha deixado por lá e ainda sobrevoava o local.

Com o sol se pondo no horizonte, o ar se tornou mais frio. Farzad me vê tremendo e me envolve com uma toalha. Ele massageia meus ombros, aquecendo-me.

Ivan retira as mãos de Farzad de mim.

— Mano, ela é *minha* Beta. E você sabe as regras em Demesne — avisa o filho do Governador a Farzad. — Olhe, mas não toque.

MESMO COM UM SUFLÊ DE CHOCOLATE PERFEITO À sua frente — a sobremesa favorita da Mãe, que o Governador encomendou ao *chef* especialmente para agradá-la —, ela ainda está com beicinho depois do jantar. O deque do terraço onde a família janta tem vista para Io, que esta noite oferece uma cena de golfinhos pulando nas águas cor de violeta. Aves tropicais cantam nas árvores que cercam o deque, enquanto o papagaio residente da família — que parece fogos de artifício com a plumagem vermelha, amarela e azul contrastante — sibila de sua gaiola grande, com uma árvore e ninho próprios:

— Chocolate para a Mãe! Chocolate para a Mãe!

Nada dessa exibição impressiona a Mãe.

— Você ficou com ela o dia todo — resmunga para Ivan.

— Já chega! — interrompe o Governador. — O que você teria feito com a Elysia: a levaria para o Refúgio e a faria roubar no *mah-jong* com você?

— Eu não trapaceio! — rebate a Mãe.

Ivan e Liesel olham para baixo, tentando não rir.

Posso ver em seus rostos: *com certeza, ela trapaceia!*

— Trapaceira! — repete o papagaio. A Mãe estala os dedos, sinalizando para os guarda-costas virem de fora. Ela olha para a gaiola e eles sabem exatamente o que fazer. São necessários dois homens grandes para tirar a enorme gaiola do deque, para longe da vista e dos ouvidos da mesa de jantar.

A Mãe volta a sua atenção para Ivan.

— Você não pode manter a Elysia só para si, Ivan — reclama ela. — Ela está aqui para me fazer companhia também. Seu pai está no serviço o dia todo e Liesel tem aulas. Eu tenho que fazer *tudo* aqui sozinha.

Um clone que serve a mesa torna a encher sua taça de vinho.

— Você só está entediada — diz Ivan à Mãe.

— Como foi seu treino da manhã? — o Governador pergunta a Ivan, ignorando-a.

— De matar — conta Ivan. — Elysia me fez entrar num ritmo acelerado.

Ele deixa de contar aos pais que “turbinou” a recuperação do treino matinal com uma escapada química de *raxia*, à tarde, com Farzad e Dementia. Antes de voltarmos para casa, Ivan ordenou que eu mantivesse essa informação “embaixo do tapete”. Quando olhei para baixo, procurando pela *raxia*, Ivan explicou que queria dizer que não deveria contar a seus pais sobre a curtição com a droga.

— Excelente — alegra-se o Governador. — E como foi o surfe com Farzad à tarde?

— Incrível — mente Ivan. — Pegamos onda máxima.

— Bom — aprova o Governador. — Esse tipo de esporte o fortalece. Você precisa perder a barriga antes do treinamento básico, ou será muito mais difícil. Acabei de ver o relatório estatístico que pedi das aulas de início na Base. Lá, a competição será acirrada, os caras mais fortes e durões do mundo todo. Com certeza você só entrou por tradição de família.

Quando Ivan ergue o garfo com uma porção do suflê de chocolate, seu pai acrescenta:

— Talvez fosse melhor esquecer o chocolate?

Ivan sorri forçado para seu pai.

— Que tal eu desistir do chocolate amanhã? Hoje me sinto tão... — ele me olha e suspira — ótimo.

— Eu disse que uma garota nova faria bem para a família — avalia a Mãe para o marido.

Tenho certeza de que uma pitada de *raxia* também ajudou a melhorar o humor do filho.

— Ivan precisará de toda ajuda possível antes de ir para a Base — avisa o Governador, parecendo acenar a cabeça em minha direção antes de olhar para o filho para oferecer sabedoria paternal. — Você não sabe, porque sempre viveu aqui, mas o mundo lá fora é difícil. A Base é terrivelmente competitiva.

— Tenho certeza de que Ivan se dará mais que bem por lá — diz a Mãe.

— Ele é de Demesne — observa Liesel. — É claro que será o primeiro de sua classe na Base. Ele merece.

O irmão dela não mereceu *ainda*, mas, de alguma forma, Liesel não fez essa distinção.

— Você já pensou para qual tarefa gostaria de ser nomeado após o treinamento básico? — a Mãe quer saber.

— Acho que gostaria de voltar para cá depois do treinamento e iniciar algo tipo uma missão de polícia militar.

— Nós não precisamos de polícia em Demesne! — assegura a Mãe, horrorizada. — Mas você tem esse tipo de força bruta. Talvez fosse bom se pudesse usar isso para um propósito mais suave. Quem sabe se tornar uma espécie de construtor. Um arquiteto de instalações militares?

— Ou talvez eu pudesse ser um *designer* de moda camuflada — continua Ivan. — Ou um astrólogo estratégico de campanhas.

— Você pode ir para a Base para aprender astrologia? — pergunto, surpresa. De acordo com minha interface, a Base é o lugar onde jovens recrutas vão para aprimorar sua resistência física, aprender história militar e ganhar habilidades com armamento. Ela não me mostra nenhuma correlação entre astrologia e militares.

— Ivan está usando sarcasmo — Liesel me informa. — Ele aprendeu com Astrid.

Confronto a palavra com meus dados.

Sarcasmo [sar-CAS-mo]: Expressar zombaria que fere.

Pulo da cadeira e corro para o lado da Mãe, abraçando a parte superior de seu corpo.

— Não se fira, Mãe — digo a ela.

A família morre de rir. A Mãe me beija na bochecha e depois gesticula para que eu volte a sentar. Estou muito confusa.

— Obrigada, querida Elysia, mas não me feri com o sarcasmo — acalma a Mãe, sorrindo. — Mas com certeza, sou grata que pelo menos um dos meus filhos procura me proteger, em vez de apenas zombar de mim. — Seu humor mudou: desanuviou. Eu fiz isso. — Vamos aproveitar esta sobremesa maravilhosa, não é? — ela incentiva o grupo.

— Nham, nham, nham — concorda Liesel esburacando o doce.

Posso sentir o cheiro do chocolate. O aroma não deveria me dar sentimento algum além de ambivalência, mas, em vez disso, minha boca se enche de saliva e minhas narinas são diretamente agredidas pelo ar de sedução. É como se o chocolate cantasse para mim... *E-LY-sia... você sabe que você me quer, Beta. Sou muito mais delicioso do que possa imaginar.*

Quero tanto prová-lo. Cheira tão bem. Engulo a saliva acumulada em minha boca inexplicavelmente atormentada.

— O chocolate compele a ataraxia? — pergunto à família.

— Querida — diz a Mãe, que corta um pedaço do suflê e o coloca em meu prato —, é a antítese do *pfff*.

— O que é o *pfff*? — pergunto.

— Indiferença — responde, encolhendo os ombros. — Chocolate é o oposto. É a própria essência da felicidade. Experimente um pouco.

— Ela não consegue apreciá-lo — avalia o Governador. — É desperdício lhe dar.

— Não acho que exista melhor ataraxia que o chocolate — declara Liesel. Ivan bufá.

— Mulheres e chocolate — ironiza o Governador, preferindo um gole de vinho ao suflê. — Jamais entenderei isso.

— Isso é porque você não entende nada de mulheres — responde a Mãe.

— Chega, fique quieta — retruca o Governador.

É difícil ouvir as farpas dos Bratton e não se perguntar se a noção de ataraxia dos seres humanos de ser a verdadeira felicidade é realmente apenas uma perfeição percebida, sujeita a seus próprios solavancos e decepções.

Meu garfo risca o suflê para pegar uma pequena porção. Coloco o suflê de chocolate na língua, que é alertada de imediato para algo com sabor tão raro que suspiro com o choque sensorial. Chocolate quente e grudento, parecido com bolo, penetra todos os lados da minha boca, espalhando doçura e satisfação. Não é que quisesse mais evidências de que, além de ser uma Beta com as memórias de sua Matriz, há algo mais estranho em mim. Mas, certamente, este chocolate proporciona isso; acho que o adoro ainda mais que a estupenda mistura chamada macarrão com queijo. Quero reunir todos os suflês de chocolate da mesa de jantar e devorá-los.

Eu me forço a parar após a segunda mordida e enxáguo o sabor com a vitamina de morango. Eu deveria apagar esta memória ou ficarei ávida por mais.

— Que tal o suflê de chocolate? — Liesel quer saber.

Eu dou de ombros.

— Acho que entendo que os humanos o achem satisfatório, apesar de sua falta de utilidade nutricional. Não é uma vitamina de morango.

A família ri de novo, como se eu não fosse apenas a filha substituta, mas ainda a sua comediantista pessoal. Não entendo por que sou tão engraçada. O suflê de chocolate não é realmente uma vitamina de morango. São dois itens alimentares completamente separados e não relacionados.

Não vou confessar isso para a família, mas acredito totalmente. O chocolate pode de fato

produzir ataraxia.

Tawny, a assistente de luxo do Governador, gravada com uma calêndula vermelha e amarela no lado esquerdo do rosto, sai para o deque. Sua estética me lembra o mito humano chamado “sereia”. Exibe um vestido curto branco recortado sobre a pele bronzeada e tem cabelo longo, loiro-prateado, com pontas verde-azuladas caindo até a cintura, esculpindo o corpo de proporções perfeitas.

— O novo assistente do embaixador chegou — diz Tawny ao Governador. — Veio direto para cá para cumprimentá-lo em vez de ir para o Refúgio, como o instruí sobre seu itinerário. Pedi-lhe para esperar em seu estúdio. Devo remarcar sua massagem para mais tarde esta noite?

O Governador suspira, joga o guardanapo na mesa, toma um último gole de vinho e se levanta. — Sim! Obrigado, Tawny.

— É este o novo assistente que vai preparar o relatório para a Comissão de Direitos dos Replicantes? — indaga a Mãe.

— De fato — diz o Governador. — Jovem oficial, recém-saído da academia. Grande potencial, esse garoto. Ao menos, é o que o Conselho de Administração diz. O exército provavelmente lhe deu este trabalho absurdo para amadurecê-lo antes de lhe dar uma missão de verdade.

— Devo convidá-lo para o chá? Talvez ele queira participar do comitê de planejamento do Baile Anual do Governador — especula a Mãe.

Tanto o Governador quanto Ivan riem.

— Hum, duvido que alguém que treinou para comandar, depois foi enviado para cá em sua primeira missão, queira realmente planejar uma festa com a qual apenas *socialites* em Demesne se preocupam, mãe — assegura Ivan. Seu rosto registra horror solidário pelo pobre assistente do embaixador, que poderia ter sido enviado para a batalha, mas em vez disso foi enviado para o paraíso.

— Estarei no seu comitê, mãe — afirma Liesel. — Não vou zombar de você.

— Obrigada, querida — responde a Mãe. Ela olha para Ivan.

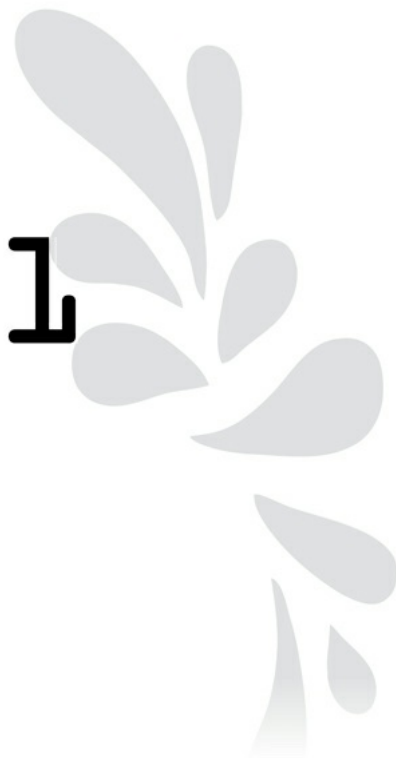
— Ivan, não zombe de sua mãe sobre o evento social mais importante do ano — avisa o Governador, saindo da mesa de jantar. Seguindo Tawny de volta para dentro da casa pelas portas de vidro, eu vejo a mão do Governador tocar sutilmente o traseiro firme de Tawny. Ivan percebe também — e nota que não foi o único.

— Desculpe — murmura Ivan, que se lembra de fazer um pedido à Mãe:

— A Elysia precisa de um maiô de verdade para natação. Algo que cubra mais que os biquínis antigos de Astrid.

A Mãe ri.

— É claro, querido! Será que Farzad apreciou muito a paisagem hoje?



NA MANHÃ SEGUINTE, VOLTÔ PARA O MEU QUARTO DEPOIS do treino matinal com Ivan. Quando chego, Xanthe está arrumando o cômodo.

— O Ivan deixou isso para você — conta ela. Um maiô de uma peça só está sobre a cama.

Ergo o modesto leotardo de estilo marinheiro que me cobrirá a parte superior do tórax até o meio das coxas.

— Isso deve servir — digo à Xanthe. — Era da Astrid?

— Da avó da Astrid — responde Xanthe. — Mas não é para hoje. Esta tarde, você deve se juntar à Sra. Bratton no clube.

— Ivan vai se decepcionar. Ele queria que eu jogasse Z-Grav com ele.

— Ivan jogará com seus amigos humanos. Ele ficará bem.

Se ele usar *raxia*, ficará mais do que bem. Ficarão em êxtase.

Talvez *raxia* seja como chocolate. Devo perguntar ao Ivan se posso experimentar a *raxia*?

Quero apagar a memória do chocolate, mas não consigo. A lembrança é sensacional demais, salivo de novo só de pensar nisso.

Para me distrair, tiro a roupa para experimentar o macacão.

— Você nada? — pergunto à Xanthe.

— Não sei — confessa ela. — Não fui instruída a tentar.

— Então o que você faz?

— Quando?

— Quando não está trabalhando.

— Retorno aos meus aposentos. Durmo. O que mais há para fazer?

Suspeito que o sono seja sua distração, para fazer o tempo passar mais rápido, até... até o quê?

Será que chega a pensar sobre seu término definitivo?

Será que ela se pergunta sobre sua Matriz?

Ajusto minha voz para o tom chamado *informal* e pergunto:

— Você sabe alguma coisa sobre sua Matriz?

— Sou um Cordeiro — esclarece Xanthe. Ela pega uma cesta com roupa dobrada do chão e começa a colocar os objetos nas gavetas da minha cômoda. — Isso é tudo o que eu sei. Ouvi a Dra. Lusardi dizer isso para a assistente quando emergi pela primeira vez.

— Você foi clonada a partir de um animal? — perguntei, chocada. Neste caso, a Dra. Lusardi fez um excelente trabalho moldando sua estética.

— É claro que não. É uma referência para o que os humanos chamam de cordeiros de sacrifício. — Ela observa meu rosto enquanto tento acessar as informações. — Não se preocupe, esse significado de cordeiro não está no banco de dados. Cordeiros aqui são criados a partir de pessoas mais pobres. Elas sacrificam voluntariamente suas vidas para serem transformadas em clones.

— Não consigo imaginar por que fariam isso.

— Para prover financeiramente seus entes queridos após a extração de sua alma.

Se uma pessoa pudesse pagar para sua família sobreviver, oferecendo a extração de sua alma para se tornar um clone, acho que é um preço pequeno a se pagar. Afinal, o clone vai viver no paraíso e, assim, prover para os entes queridos deixados para trás, que sofrerão menos, ao ter acesso ao dinheiro que os seres humanos parecem almejar mais que chocolate. Isso é lógico.

Por causa de seu sacrifício, em algum lugar no mundo real, a família da Matriz de Xanthe possivelmente agora tem um teto para se abrigar, ou comida na mesa. Eles sentem falta apenas de quem ela era para eles — uma mãe, esposa, filha, irmã, tia?

Xanthe vem inspecionar meu novo maiô.

— Há um rasgo nas costas. Tire que eu conserto.

— Eu vou consertar isso — digo à Xanthe. — Tenho certeza que consigo descobrir como costurar.

— Não seja ridícula. Tire e o devolva para mim. Será consertado e ficará pronto para você esta noite.

— Não há pressa... — começo a dizer, mas ela me corta.

— É melhor você usar o traje modesto quando você estiver aqui.

Lembro-me de o governador tocando o traseiro de Tawny.

— Não é contra as leis de Demesne se consorciar com um clone? — questiono.

— Tecnicamente, sim — diz Xanthe. — Mas eles fazem suas próprias regras.

Tawny entra no quarto.

— Estive procurando você por todo o lado, Xanthe. O Governador mudou sua agenda de compromissos diários e a sala de massagem precisa ser arrumada para ele imediatamente. — Ela diz isso com grande pressa, como se houvesse um incêndio a ponto de queimar a casa.

— Está bem — diz Xanthe. Ela levanta o outro cesto de roupas recém-lavadas. As duas começam a sair do meu quarto, em sincronia perfeita.

— Eu poderia dobrar aquelas para você, Xanthe — digo. Ela tem muito a fazer, e eu não.

Tawny e Xanthe juntas viram o rosto para mim, a cabeça inclinada no mesmo ângulo, o rosto definido para a mesma expressão que eu reconheço como horror.

— Isso não é seu trabalho — dizem as duas. E deixam meu quarto.

◊ ESCÂNDALO!

As senhoras que almoçam me informaram da depravação mais chocante. Os grãos de cacau dos quais é feito o chocolate estão em falta no continente; a escassez é tanta que o cacau é racionado em todos os lugares. Aqui em Demesne o chocolate é abundante, pois a ilha colhe seus próprios grãos de cacau, cuja exportação para o resto do mundo é vetada. As misturas de chocolate nativo feitas aqui têm até as calorias estabilizadas, para engordar o mínimo em caso de excesso de consumo. Os humanos aqui não terão que se contentar só com uma barra de chocolate por semana como os pobres seres no continente.

Eu não cederei.

Estamos sentadas no jardim de trás da casa principal do Refúgio, em um pátio com vista para a Baía Néctar. Eu faço a marcação enquanto a Mãe joga *mah-jong* com as mulheres após o almoço. As senhoras usam túnicas leves estampadas em mosaico vivo e flores com sapatos de salto alto de tiras nos pés bem cuidados. Estão passando da meia-idade humana, mas seus rostos oxigenados em Demesne lhes dão um brilho juvenil, com tez rosada ainda firme, iluminada pela brisa fresca de Io. Perto do guarda-sol de palha sobre a nossa mesa, que protege a pele delicada das senhoras dos raios ultravioleta, pairam clones servidores, mantendo discretamente as taças de vinho cheias para que pareça que as senhoras bebericam delicadamente as bebidas em vez de emborcar garrafas inteiras. Cada uma tem uma tigelinha de frutas tropicais cobertas com chocolate para mordiscar com o vinho, além de uma equipe de massagistas, guarda-costas, esteticistas e instrutores de esportes à espera nos bastidores para servi-las após o jogo de tabuleiro.

A poucas centenas de metros atrás de nós, em um lote vazio em um canto da propriedade, vejo trabalhadores com rostos gravados com bambu, representando força e resistência. Esses clones de castas inferiores, fabricados para o trabalho físico, como obras de saneamento e construção, lançam as bases para uma nova adição ao complexo principal do Refúgio. Podemos ouvir seus grunhidos fracos quando usam máquinas pesadas para abaixar as placas de concreto no lugar para a fundação.

— O que estão construindo? — pergunto à Mãe.

— Ah, o barulho que fazem — lamenta a Mãe sobre o som fraco audível de uma possante ferramenta distante. — É insuportável. Estão construindo uma nova ala para hóspedes no Refúgio. Leis bobas incômodas que exigem permitir mais visitas para forasteiros; precisarão de mais acomodações.

Erguidas discretamente além de uma parede espessa de árvores, atrás dos trabalhadores de construção, as residências dos clones de serviço, cabanas de bambu, contam com pouco além de camas.

— Certamente, os visitantes não se hospedarão em nossas casas — diz a senhora sentada em frente à Mãe.

Agora que aprendi o que é sarcasmo e que não pode causar dano físico, no íntimo, renomeei essa dama de “Sra. Choramingo Tinto”[\[3\]](#), pelo tanto de *pinot noir* que bebe enquanto reclama sobre quase todos os tópicos da conversa.

— Sim — concordo, balançando a cabeça, em apoio ao grupo, como uma boa companheira deve fazer.

As amigas da Mãe sorriem. A da esquerda da Mãe — a quem chamo de Sra. Marcha Lenta por arrastar as palavras e demorar a tirar os olhos cobiçosos da vista, ao longe, de grunhidos masculinos sem camisa — comenta:

— Sua Beta é muuuito mais divertida que a AAAstrid! Aquela menina só gemia o teeempo todo sobre igualdaaade, susteentabilidaaade e distribuiçãooooo da riqueza. Que chaaaaato!

— O desprezo de Astrid por Demesne era um infortúnio real — lamenta a amiga à direita, a Sra. ex-Rainha da Beleza, que gostaria que eu soubesse que ela ainda usa o mesmo manequim de quando venceu o *Miss Adolescente* do Continente, “só há dez anos, há, há, há!”

— E a sua Beeeta uuuuusa coisas boniiiiitas! — acrescenta a Sra. Marcha Lenta. A Mãe queria que eu me vestisse como ela para a reunião, por isso estou com uma túnica estilo saída de banho, estampada com figuras curvas em rosa e amarelo, idêntica à dela. Sou mais alta que a Mãe, assim o vestido mal cobre meu traseiro. Por baixo, uso um dos biquínis de Astrid. A Mãe prefere que eu não

vista um maiô, parecendo a sua sogra, quando me exhibe às amigas.

— Ela é um encanto — conta a Mãe.

As outras damas acenam a cabeça. Não posso imaginar por que sou um encanto, a não ser por concordar com cada afirmação das senhoras, sorrir bastante para elas e não tagarelar sobre igualdade, sustentabilidade e distribuição de riqueza, como a Astrid. Aparentemente, toda a prole feminina é em parte monstro, em parte anjo — seus filhos privilegiados, os quais elas cercaram tanto de luxo quanto da ideia de que a ataraxia é um direito deles, não têm disciplina e acham que as mães são um entrave para se lidar. Felizmente, as senhoras têm umas às outras, suas garrafas de vinho, as sessões de *mah-jong* e os complementos globais de pessoas prontas para aliviar a dor, quando a busca pela ataraxia ocasionalmente as leva a filhos que decepcionam ou são ingratos.

— Mostre a elas o que pode fazer, Elysia — pede-me a Mãe.

— Como o quê? — pergunto. A piscina flutuante no meio da baía é muito longe do nosso canto e não daria às senhoras uma visão muito boa de meus mergulhos.

— Uma boa mergulhadora também deve ser boa ginasta. Tente alguns saltos mortais de costas.

Levanto e obedeço. Sei que a Mãe quer que eu distraia as companheiras para poder maliciosamente espiar suas peças e descobrir a melhor forma de trapacear. A Mãe gosta muito de ganhar. Acho que ela gosta mais disso do que de chocolate.

Quando giro e salto para trás, ouço a Sra. Choramingo Tinto comentar: — Dá para imaginar uma de nossas filhas mimadas se apresentar alguma vez sob comando?

Todas elas “nãñãm” de acordo e aplaudem quando meus pés tocam o solo de novo. Ouço as taças tilintarem e a Sra. Marcha Lenta exclama: — Também queeero uma Beta!

— Venha aqui, querida — acena a Sra. Rainha da Beleza para mim. Ela é a mais bêbada do bando até agora. Chego perto dela. — Oh, esta cintura fina é um sonho — proclama com as mãos apertando minha cintura. — Aposto que a Matriz da Beta poderia ser candidata em concurso de *miss*. Você sabe como desfilas em uma passarela, querida?

Acesso meu banco de dados e determino. — Sim!

Ela bate palmas. — Que bom! Minha filha costumava brincar de desfilas para mim o tempo inteiro quando era pequena, mas depois dos doze anos, misericórdia! Era impossível fazê-la se apresentar para a mamãe dela. Vamos ver como você faz!

Ajusto o meu rosto para *confiante* e desfilo passando pela mesa delas, me pavoneando, balançando ombros e quadris e irradiando um sorriso magnífico para as senhoras.

Elas aplaudem com entusiasmo.

— Minha Beta! — exulta a Mãe em sua voz sussurrada. Ela engole o resto do vinho e aponta para as amigas ao redor da mesa. — Não se esqueçam, todas vocês. Eu consegui a minha antes.

A Sra. Marcha Lenta sugere: — Competição de taleeentos?

A Sra. Choramingo Tinto revira os olhos. — Por favor, deixe-a cantar *Children of Hope*[\[4\]](#). Concurso algum pode ser vencido sem esse disparate banal.

— *Children of Hope* é uma música linda! — opõe-se a Sra. Rainha da Beleza. — Minha filha adorava cantar essa música comigo quando brincávamos de concurso de *miss* na FantaEsfera.

A Sra. Rainha da Beleza me olha. — Você conhece a canção *Children of Hope*, Elysia? Diga que sim!

Novamente, acesso o banco de dados e mais uma vez concordo.

— Então, cante! — pede a Sra. Rainha da Beleza. — A minha pirralha nunca mais o fará.

Nunca cantei antes. Não sei como minha voz vai soar. Mas conheço a letra e a melodia dessa poderosa canção tipo balada, uma favorita reconfortante que tem sido popular desde a época das Guerras da Água.

Canto, sintonizando minha voz para o ajuste *desfile de miss*, forte e sincera, exagerando a expressão do rosto para mostrar ousadia e fazendo grandes floreios com as mãos:

Nestes tempos difíceis de escuridão e medo,

Deles recebemos o dom mais sublime.

Eles são os nossos sonhos, nossos amores,

Nossos filhos da esperança.

As senhoras gritam de prazer ao tinir das taças para brindar o meu desempenho de concurso. Pelo que parece, consigo cantar.

— Essa Beta, com certeza, não tem defeito algum — murmura a Sra. Rainha da Beleza, enrolando a língua.

As outras suspiram, e a Sra. Choramingo Tinto toma a si o dever de censurar a Sra. Rainha da Beleza por qualquer transgressão que acaba de ocorrer.

— Nem sequer pronuncie a palavra — adverte ela.

— Amém — concorda a Mãe.



Todas estão bêbadas e atarácicas o suficiente. Foi uma tarde de jogos bem-sucedida e elas estão

prontas para encerrar o encontro. Mas não antes de comentar sobre a chegada de Dementia, que sai da casa principal e começa a caminhar em direção a nossa mesa.

— Puuuxa vida, a meniina estraakaanha — diz a Sra. Marcha Lenta.

— Bem, você também seria se seus próprios pais não a tolerassem e a prendessem em Demesne para ser criada por clones — sussurra a Sra. Rainha da Beleza.

— É tão triste — concorda a Sra. Choramingo Tinto. — Sabe, o dia em que ela tentou esculpir a tatuagem foi o mesmo dia em que a babá, que a criara desde bebê, chegou ao final do prazo de validade.

Acho que a babá deve ter atingido 45 anos em idade humana e sua estética e habilidades não eram mais valorizadas ou necessárias para os pais de Dementia.

A garota se aproxima de nós.

— Demetra, querida, como está você? — pergunta a Mãe.

— Bem. Seja o que for. — Dementia parece tentar ignorar as senhoras enquanto seus olhos focam em mim. — As aulas do dia já acabaram. A Beta pode vir jogar comigo?

— Talvez não seja uma boa ideia? — murmura a Sra. Choramingo Tinto para a Mãe.

Mas a Mãe diz: — É claro, Demetra. Leve Elysia para jogar. Começo a me erguer, mas a Mãe tem mais a dizer para Dementia. — Mandeí um convite para sua mãe há algumas semanas pedindo para tomar parte do comitê de planejamento para o Baile do Governador, mas não recebi resposta. Você sabe se ela o recebeu? O evento social mais importante da temporada deve ter a contribuição do gosto impecável de Elaine Cortez-Olivier, certo?

Dementia pega a minha mão e me puxa da cadeira.

— Não sei se ela recebeu e sinto muito, Sra. B, mas na verdade não estou nem aí. — Dementia é tão boa no sarcasmo. — Meus pais estão em CB agora. Transmita para minha mãe lá.

Eu sei que a Mãe já transmitiu para a Sra. Cortez-Olivier responder ao convite, mas não recebeu nada. Ela não vai insistir. A Mãe estala os dedos e aparece um clone servidor para configurar sua poltrona para cochilo enquanto a massagista se materializa para cuidar dos pés cansados.

— Vamos atacar um pouco de *raxia* — Demetra diz para mim. Diante das expressões chocadas das senhoras, acrescenta: — Brincadeirinha! — Baixinho, ela murmura: — Tipo...



Dementia me leva pela mão do pátio do Refúgio para a praia. Pisamos na doca e andamos pela longa

ponte de madeira que leva à piscina flutuante no meio da Baía Néctar.

— Será que seus pais voltam logo a Demesne? — digo.

Ela dá de ombros. Seu indicador escala o lado do rosto, cutucando a cicatriz da tentativa frustrada de recortar uma flor-de-lis em sua têmpora.

— Os superintendentes dos clones, digo babás, alertaram meus pais sobre recentes incidentes. Então, talvez façam uma aparição em breve. Queria que me levassem de volta para a cidade de Bioma com eles.

— Ouvi que a cidade de Bioma é uma festa épica.

Dementia ri. — É. É real e estranha, mas meio selvagem. Tipo, às vezes, quando as tempestades do deserto ficam muito intensas, não dá nem para sair, você tem que ficar em casa e, tipo, jogar na FantaEsfera. Mas é um lugar comum para pessoas, digamos, se você for uma garota normal.

— Gostaria de ser uma garota normal! — exclamo.

— Não, quero dizer, se você fosse realmente uma garota comum em CB e não só um clone de Demesne imitando o desejo de ser normal. A vida para uma garota comum pode ser dura e não exatamente uma festa épica. Se há uma tempestade do deserto, você vai ter que ficar em casa, com seus pais, até passar. Porque nem todo mundo tem uma FantaEsfera em casa. Só em Demesne. Em CB, pessoas comuns têm que ir para o Fliperama Agulha Espacial e pagar para jogar em uma FantaEsfera.

— Uau — respondo.

Chegamos à piscina. Dementia olha para além da vista da piscina flutuante — palmeiras, areia branca, mar violeta — e engole uma dose generosa do oxigênio de Demesne. Então, abre os braços e grita: — Estou tão entediada aqui!

Abro os braços também, em solidariedade. — Eu também!

— Você é estranhamente legal — elogia Dementia. — A Dra. Lusardi fez um trabalho e tanto programando seu *chip*. Bem que gostaria de poder ter uma Beta, mas meus pais jamais topariam.

Os olhos verde-oliva de Dementia param em minha túnica, idêntica à da Mãe.

— Meu pai, por favor, tire essa monstruosidade.

Tiro e fico só de biquíni.

— Tente me pegar! — incentiva Dementia.

Ela mergulha na piscina para abrir vantagem. Mergulho atrás dela, deleitando-me na água suave que me faz sentir em casa. Eu não deveria ter problema algum para alcançar Dementia e ganhar dela, mas debaixo da água acontece de novo, aquela corrente permeando minha pele, e lá está ele. Vejo seu

rosto mais claramente nesta água clara e dócil, as maçãs do rosto salientes e brilhantes dentes brancos, o bronzeado da pele. Os olhos turquesa fixos em mim, como se pudesse ver através do corpo. Sua proximidade me faz estremecer de emoção. O cabelo loiro-sujo se joga para cima conforme seu corpo rijo feito uma rocha gira, penetrando na água. Sua constituição muscular é larga, como a dos trabalhadores da construção, gravados com bambu, como se pudesse carregar o mundo nos ombros. *Você sabe que você me possui, Z*, diz a voz, e meu coração salta e meu sexo parece subitamente vivo. A voz, tão grave, atinge diretamente uma unidade de luxúria que eu não sabia possuir. A voz é um traço sensual que formiga a minha pele. *Você sabe que me possui, Z*.

Ele foi o primeiro de minha Matriz. Ela o sentia dentro de si. Não sei por que, só sei que sinto uma doce e intensa dor no coração e diretamente no núcleo privado do meu ser. A dor me oprime com puro desejo, não me canso de ansiar por ele.

Mais uma vez, corro em sua direção, para tocá-lo, mas desta vez, quando o alcanço, em vez de desaparecer, ele ergue a mão, para me afastar. *Não posso fazer isso — diz. — É errado. Você sabe disso.*

Eu o ouço e dói tanto, que realmente não consigo respirar.

Ódio. Fúria. Traição.

Agora, entendo esses sentimentos.

Planto meus pés na superfície da piscina e me ergo acima d'água, inalando avidamente o oxigênio especial em meus pulmões, esperando desesperadamente que, de alguma forma, o veja acima da água, ao vivo e em carne e osso. *Podemos fazer dar certo — quero implorar, em nome dela. — Por favor.*

Mas só vejo Dementia na outra extremidade da piscina.

— Você deveria me perseguir! Qual é o problema? Parece que você viu um fantasma. Não fique aí parada, feito idiota, ou vou ter que te cortar.

Antes de afundar de volta na água, Dementia acrescenta: — Estou brincando! Tipo...

Mergulho de novo para procurá-lo, mas a visão do deus bronzeado não reaparece. Deito-me no fundo da piscina enquanto minha respiração aguenta. Meu banco de dados me diz que, se eu fosse uma adolescente humana desejando confinar-me a um lugar privado, seria aqui onde eu o criaria. É o meu santuário, embaixo d'água. Submersa em seda líquida, não sou um clone insensível.

Sob a água, posso conhecê-la. Ela era feroz, inflexível. Quando amava, amava profundamente, apaixonadamente. Ela adorava o deus d'água, de olhos azuis. Ela o possuía. Seu coração.

Mas quando sentiu a traição, ela odiou e foi temida.

Ódio lhe conferiu poder.

Se ela fosse eu (e ela sou eu, mesmo que esteja morta), não teria medo de minhas memórias e instintos antinaturais. *Talvez seus defeitos indizíveis também lhe deem poder?*, diria ela.

IVAN ESTÁ GANHANDO MAIS.

Nessas poucas semanas desde que cheguei à casa dos Bratton e começamos os treinos matinais, sua velocidade de corrida e agilidade melhoraram muito. Ele já consegue me acompanhar facilmente e, em muitas vezes, até passar na frente. Os registros diários de índice de massa corpórea mostram que perdeu 10% de gordura, mas ganhou outros 10% de músculos.

Estamos a meio caminho de nossa terceira arrancada dos degraus de pedra acima, a partir da área na Casa do Governador, quando Ivan para, vira-se de frente para o oceano, e afirma: — Estou *bombado*! Finge dar um gancho em mim, como um boxeador ansioso por uma rodada.

Ivan não só aumentou a massa muscular, sua confiança também cresceu. Ficou mais ansioso, em vez de resignado, para partir para o treinamento militar. Agora, ele sabe que consegue se manter lá. Conta animadamente os dias até sua partida para a formação básica e já definiu um objetivo de carreira. Decidiu que quer se tornar um piloto de caça. A seleção para esse emprego cobiçado é altamente competitiva. Vai trabalhar duro para alcançar esse objetivo elevado.

O Governador está satisfeito. Há um mês apenas, Ivan não confiava em suas habilidades físicas, pelo menos em relação à forma dos outros recrutas da Base, e não se interessava, se esquivava de identificar seus objetivos. A Mãe me dá crédito por ajudar na recuperação de Ivan, e a si mesma, por sua vez, por me trazer para casa. Foi positivo para todos, até o Governador ficou convencido em ter uma Beta como parte de sua família. — Você pode até ser uma melhoria em relação à Astrid — avaliou durante o jantar uma noite depois de inspecionar as estatísticas melhoradas de corpo de Ivan. — Você tem todas as qualidades desejáveis de uma adolescente, sem qualquer um dos terríveis

aborrecimentos e sem as plataformas ideológicas desinformadas que Astrid tinha.

Em pé nos degraus do penhasco, Ivan se inclina para um esconderijo na rocha, uma fenda grande o suficiente para enfiar a mão nela. — Sabe o que eu tenho ali? — pergunta. — Mas tem que prometer manter isso em segredo.

Concordo, surpresa, com a cabeça. Geralmente, meu irmão não é do tipo que guarda segredos. Isso porque os meninos são mais fáceis que as meninas, a Mãe me disse. Astrid tinha segredos e era mentirosa. Mas Ivan “é um livro aberto”, segundo a Mãe. — É claro como a água.

Quando ele puxa a mão da fenda, vejo sementes brancas em sua palma. — São sementes de *cuvée* — conta Ivan, referindo-se às flores nativas em forma de tocha de Demesne, que adornam festivamente jardins, calçadas e muitas plataformas de pouso em diversas casas da ilha. Em seguida, ele puxa um item ainda mais curioso escondido dentro da parede do penhasco: uma tigela pequena com um bastão grosso, ambos de porcelana, que minha interface revela ser um pilão, um instrumento antiquado para moer materiais como especiarias. Ivan coloca algumas sementes de *cuvée* na tigela e as tritura, produzindo um líquido cremoso, com um aroma floral celestial.

— Deixe-me adivinhar — digo eu. — Você está treinando para se tornar um perfumista militar?

Ivan me lança o seu mais orgulhoso sorriso. — Sarcasmo: bem imitado. Mas não, é algo ainda mais emocionante. Estou tentando fazer a minha própria *raxia*.

— Por quê? Aquela que você obtém ilegalmente não tem qualidade satisfatória? — pergunto.

— Mais do que satisfatória. Esse é o problema. Quanto melhor a *raxia* fica, mais eu desejo, e menos quero esperar para encontrar alguém para me passar. A *raxia* é feita com sementes de *cuvée* do interior das pétalas pontiagudas da flor. Estou estudando como produzi-la, mas também melhorá-la. Se eu adicionar componentes como testosterona — Ivan puxa uma pequena garrafa rotulada T do penhasco — posso usá-la não só para me sentir bem, mas para ficar mais forte também.

— Muito científico — reconheço.

— Estou, tipo, inspirado agora, me sentindo bem e querendo ficar ainda melhor. Mas não só me *sentir* melhor. *Ser* melhor. Mais forte.

— O Governador sabe disso?

— Com certeza quer que eu seja o primeiro, cara.

— Quero dizer, sobre seu conjunto de química.

— Claro que não. Me mataria. Então não conte a ele. Só estou te mostrando isso agora porque vou começar a recolher mais suprimentos para mais experiências e quero que saiba onde guardá-los para mim se eu pedir. — Ele dá um soco forte em meu braço, de brincadeira, mas forte o suficiente

para eu saber que um roxo aparecerá mais tarde. — Tudo bem, campeã?

— Sim, irmão — concordo.



Entrei em uma rotina na casa. De manhã cedo, acordo Liesel e a ajudo a se preparar para a escola. Então, me exercito com Ivan por duas horas. Após o almoço, sou companheira da Mãe. Às vezes, vamos ao Refúgio para almoçar com as senhoras, às vezes anoto o que ela me dita sobre o planejamento da comida e convidados para o iminente Baile do Governador e às vezes ela só quer que eu vá às compras com ela.

A maior parte das compras em Demesne é feita por Transmissão, já que há poucas lojas e cafês na rua principal, perto da pista aérea, e a Mãe quer voltar à boutique onde me comprou. Diz que precisa de *lingerie* nova, mas acho que ela quer mais um clone.

— Se me recordo bem, havia outra Beta adolescente na loja? — ela pergunta ao nos aproximarmos da boutique.

— Sim, Mãe. Seu nome é Becky.

Ela não deve ter sido comprada ainda. Eu teria sabido onde ela estaria.

Entramos na loja e somos imediatamente cumprimentadas por Marisa, a agente que me vendeu à Mãe. — Sra. Bratton, é tão bom vê-la — diz Marisa. — Como a Beta está funcionando?

— Ela é perfeita — arrulha a Mãe. — Simplesmente perfeita.

— A Dra. Lusardi ficará tão contente. Como posso lhe ser útil hoje?

— Gostaria de ver uma camisolinha. Algo sedoso e *sexy*. E... aquela outra Beta ainda está disponível?

Marisa faz uma ligeira careta. — Ela está disponível. Mas... talvez não seja do seu agrado. Não é tão perfeita quanto esta. — e aponta para mim.

— Deixe-me vê-la — pede a Mãe.

Marisa vai até o fundo da loja e retorna com Becky. A outra Beta adolescente parece mais pálida que da última vez que a vi e, espantosamente, seus olhos fúcsia apresentam partículas vermelhas, como se estivessem congestionados de sangue. Parece ainda que ela engordou um manequim.

— Olá, Elysia — cumprimenta ela.

— Olá, Becky — respondo.

A Mãe a inspeciona de alto a baixo. A escolha é fácil. — Não — sentencia.

— Deixe-me mostrar nossa coleção de *lingerie* — sugere Marisa. — Acabamos de recebê-la da Cidade de Bioma. Os *designs* de lá são tão surpreendentes!

— Está bem — suspira a Mãe. Percebo seu desapontamento. Ela queria algo novo e interessante. Agora, vai comprar uma camisola com o mesmo aspecto que as outras cinquenta que possui.

A Mãe e Marisa recuam para um canto remoto da loja, deixando Becky e eu sozinhas na frente.

— Como você está? — pergunto à Becky.

— Mais ou menos — declara ela. Sua aparência mudou. Não só está mais pesada, como sua pele empalideceu e os olhos parecem perdidos em vez de vidrados. — Como é a Casa do Governador?

— Mais ou menos — afirmo. Melhor que ficar enfiada nesta butique sem graça o tempo todo, esperando por uma venda que jamais irá ocorrer, penso eu.

— Como é? — interessa-se ela. Sua emoção é tão amena quanto deveria ser, ainda assim não posso deixar de suspeitar que há algo estranho com ela.

— Perfeita — respondo.

— É claro — concorda Becky.

— Como você serve lá? — questiona. — Você tem tarefas?

— Não tenho tarefas — conto, surpresa que minha voz parece injuriada, de certo modo. — Sou membro da família.

— Então, o que faz?

— Eu me exercito com meu irmão, Ivan. Acompanho a Mãe a almoços. Brinco na piscina com minha irmã, Liesel. À noite, janto com a família.

— Você janta com eles? — pergunta Becky. — Você come a comida deles por educação?

— Como sim. — *ADORO a comida deles*, mas isso não conto.

Becky se inclina perto de mim. — Você já experimentou chocolate?

— Sim — respondo tranquila.

— Ouvi dizer que ele compele a ataraxia nos humanos — comenta Becky.

— Parece que sim — concordo.

— Ele compele ataraxia em você? — interessa-se ela.

— Sou incapaz de alcançar a ataraxia, é claro. — Nem sei por que não conto simplesmente à Becky que de fato sinto os sabores. Sua vida parece tão limitada. Não preciso reforçar ainda mais meu privilégio. Minha bela casa e família. Meu sentido de paladar, que eu não deveria ter.

— Experimentei chocolate — ela sussurra. Ela fala rápido, como se já estivesse disposta em fazer essa confissão, mas só conseguiu ter coragem por falar ligeiro.

Bem! Talvez a sua vida na butique não seja tão limitada e sem privilégios, afinal.

Aproveito a deixa de sua confissão e faço a minha. Rápido e baixinho, admito: — O chocolate é muito agradável.

Becky agarra a minha mão e a aperta. — Sim — ela afirma, aliviada. Ela caminha até a escrivaninha com pilhas de malhas dobradas por cima. Abrindo a gaveta, vejo mais malhas guardadas, até que Becky puxa várias barras de chocolate escondidas. — Tenho muitas, se quiser pegá-las para você.

Ela não ganharia peso tomando vitaminas insípidas de morango. Mas engordaria por comer muito chocolate, que só comeria em excesso se tivesse sentindo prazer real com ele. Será possível que o sentido do paladar seja de fato um equívoco de Betas? Ou será que outros clones também o sentem?

— Não, obrigada, guarde para você — respondo. — Posso comer chocolate a qualquer momento.

— Por favor, leve isso embora, Elysia. Estou engordando e não quero ser devolvida — ela diz.

— Devolvida para onde? — pergunto.

— Para a enfermaria — ela cochicha.

Ela viu o mesmo que eu.

Peguei as barras de chocolate e as guardei em uma das sacolas de compras da Mãe que eu carregava.

— Obrigada — diz Becky. — Eu escutei que você é um sucesso com os seus novos proprietários. As pessoas têm vindo à butique para me ver depois de conhecer você. Uma depois da outra, secretamente. Todas as amigas de sua mãe vieram procurar outra igual a você. Elas acham que uma não sabe da outra. Só que elas me olham mas nenhuma me leva.

— Você vai encontrar um comprador — digo, com minha voz ajustada para o tom ACONCHEGANTE.

De repente, Becky sussurra: — Não quero um comprador. Quero a minha liberdade.

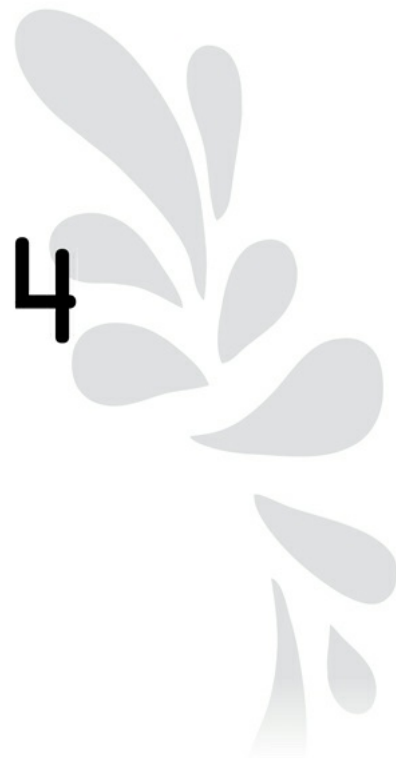
Ela quer o quê? A que tipo de liberdade ela se refere? Não tenho chance de continuar a conversa com Becky. Mãe e Marisa voltam para a frente da butique nesse momento e Mãe está pronta para sair. Pego suas sacolas e ela anuncia: — Hora de almoçar!

— Sim, Mãe — concordo. — Adeus Marisa, adeus Becky.

Pensei que *liberdade* significasse sair da butique e ser aceita em um novo lar. Mas agora, depois de ver que Becky também sente o gosto das comidas, acho que ela acabou descobrindo uma explicação diferente para a palavra liberdade, que não está no meu banco de dados.

Acho que sei o que Becky quis dizer: possuir a si mesma em vez de ser possuída por um ser

humano.



POP POP POP

O gamo morreu.

— Pare! — berra Liesel, usando a palavra de segurança para desligar o jogo quando ele fica assustador demais para ela.

— Tarde demais — diz Ivan. — Você não avisou a tempo. O veado bebê foi abatido.

Mas o jogo reconhece o comando de Liesel, e tudo desaparece. As colinas, os carvalhos altos, o prado com a bela lagoa onde o gamo saciava a sede, o bebê veado morto, todos somem em um instante. Tudo o que resta do jogo virtual são os consoles das armas em nossas mãos.

— Quero jogar Pilhagem Florestal ou Baile da Princesa — diz Liesel, fazendo beicinho. Odeio jogos de caça.

Os jogos de caça a assustam, especialmente o de tubarão. Por crescer em Demesne, crê que esses peixes são as criaturas benignas clonadas que vê quando o pai a leva para um passeio de barco para a periferia do anel de Demesne e a deixa balançar os pés fora do barco, para os tubarões fazerem cócegas. Na FantaEsfera, os tubarões são monstros oceânicos que caçam humanos em vez de lhes fazer cócegas.

— Você conhece a regra — diz Ivan. — Se quiser que eu jogue com você, precisa escolher um jogo que não seja bobo.

Liesel suspira.

— A Astrid jogaria Baile da Princesa comigo.

— É, para poder ensinar sobre a mulher-objeto, cujo único objetivo é ser salva por um príncipe.

— Eu quero ser salva por um príncipe — afirma Liesel.

— Seu irmão mais velho garante que nunca haverá nada do que você precise ser salva, tudo bem?

— diz Ivan. — Então o que você quer jogar?

Liesel tenta mais uma vez.

— A Elysia não pode jogar Baile da Princesa comigo e você vai para outro lugar?

Quando apenas eu jogo na sala FantaEsfera com ela, Liesel sempre escolhe Baile da Princesa, em que frequentamos festas suntuosas com vestidos de tafetá e tiaras de diamantes. Ela até salvou nosso príncipe projetado personalizado em seu perfil de jogo para que possamos jogar sempre com ele. Ele conhece cada passo de dança que Liesel lhe ordena fazer, de danças antigas, como o Hustle e a Macarena até os mais novos, como o Onda Sexy e o Bate Crânio. Ele é alto, moreno e bonito e usa uniforme formal de oficial, de calça preta e casaco vermelho adornado com um cinto de brocado dourado e uma faixa vermelha e dourada. Ele nunca deixa de nos presentear com caixas de chocolate. Nós o chamamos de Príncipe Chocolate.

— Não — rebate Ivan. — Eu disse para escolher algo legal ou não jogo nada com você.

— Não seja chato! — reclama Liesel, fazendo beicinho.

— Não sou chato. Não se comporte como bebê. Papai quer que eu pratique mais jogos de condicionamento físico.

Liesel suspira como a Mãe.

— Que tal Z-Grav?

— Sim!

O jogo começa, mas desta vez nem objetos virtuais ou cenários aparecem diante das paredes brancas da sala. Em vez disso, ouvimos um barulho de sucção e imediatamente somos atraídos para o teto, como ímãs. À gravidade zero, os músculos centrais de nossos corpos devem se esforçar para levar os pés de volta ao chão. Vence quem alcançar primeiro o chão. Normalmente eu chego lá antes, mas, desde que Ivan ficou mais forte e magro, pode ter chance nesta rodada. Liesel nem sequer tenta competir, em vez disso, quica alegremente nas paredes e tenta empurrar seu irmão mais alto sempre que ele faz progresso para baixo. Ela não tem vontade de vencer, apenas de se divertir.

Eu me esforço para ganhar, pois esse é o objetivo claro do jogo.

Tenho certeza de que teria sido a meta da minha Matriz também. Um clone não vem com a musculatura tão esculpida quanto a minha, a menos que tenha sido duplicado de alguém que fez do esporte e de vencer a sua missão.

Ivan se esforça para ganhar, porque o Governador jamais deixa de lembrá-lo de que precisa ser

um “vencedor” para sobreviver e progredir nas forças armadas.

Nós três flutuamos pela sala, lutando para conseguir voltar ao chão. Liesel pende do teto, agarrando as mãos de Ivan para puxá-lo para cima, enquanto ele tenta ir para baixo. Assim obstruído, atinjo facilmente o chão primeiro. O som de sucção cessa. Liesel e Ivan caem no chão, amortecidos pelos balões de ar que brotam do solo em suas posições de pouso.

Ivan ergue-se e o balão some.

— Que droga — reclama ele, que não gosta de perder. — Vamos jogar algo real — sugere. — Algo que envolva risco de verdade.

— Algo que Elysia não possa ganhar! — brinca Liesel.

— O quê? — Fico curiosa.

— Posso participar também? — indaga Liesel.

— Não, você ainda é muito nova — responde Ivan à Liesel. Ele Transmite uma mensagem para o pessoal externo.

— Elysia e eu vamos fazer parapente nas falésias.



A sensação é de estar pendurada sobre a borda do mundo.

Não sinto a onda química da adrenalina, mas posso entender seu potencial, olhando para o rosto de Ivan, que registra uma combinação de antecipação, determinação e medo. Vamos mergulhar no perigo. A Astrid, ele me disse, tinha medo de altura e nunca participou desse jogo com ele.

Nossos pés estão na borda do penhasco na propriedade do Governador. Sob as bordas ásperas, cerca de uma centena de metros abaixo de nós, aproximadamente do comprimento de um campo de futebol, as águas de Io se estendem, amplas e promissoras. Os empregados afivelam cada um de nós em um parapente, e Ivan e eu agora estamos no local de onde faremos nossos saltos, correndo para ascender no ar, para longe da terra.

Ivan se vira para ficar diante da casa.

— Vamos correr rápido a partir daquele ponto. — Ele aponta para uma rocha enorme há vários metros de distância, então gira o braço para onde nossos pés se encontram agora. — É preciso dar um salto muito forte quando se alcança a borda aqui, assim, quando você decolar, não acerta o lado do penhasco.

Ele aponta para um conjunto de casas perto da costa, alguns quilômetros de nosso ponto de

partida na pedra.

— Está vendo aquela casa enorme esculpida no penhasco de calcário lá embaixo? É o complexo Fortesquieu. Vamos dar um giro agradável sobre a água e depois pousar naquela praia, onde a areia é firme o suficiente para um pouso em pé. Entendeu?

Aceno com a cabeça. Ele começa a se mover para trás, em direção à rocha onde a asa do parapente se estende sobre o chão para preparar nossa investida à frente. Assim que está pronto para saltar da borda, a asa descerá e se expandirá acima dele, levando-o sobre o oceano.

Mas não o sigo de imediato. Em vez disso, me pergunto o que aconteceria se eu simplesmente dissesse *Não*.

Será que o meu prazo de vencimento expiraria se eu de repente anunciasse: *Ivan, saltar deste penhasco poderia facilmente me lançar para a morte. Nunca manobrei um parapente antes. Tenho um chip que me diz como usá-lo, mas nenhuma experiência real para servir de orientação e saber como guiar este equipamento ou o clone nele afivelado, pairando alto ao vento, desprotegido, acima do oceano. Além disso, prefiro mergulhar na piscina flutuante e ter visões de um belo e divino surfista bronzeado com os olhos azul-turquesa. Depois de nadar, gostaria que alguém me servisse chocolate. Gostaria que esse alguém fosse humano. Gostaria que os clones fossem servidos hoje. Deve-se fixá-los em seus parapentes se é assim que eles escolhem ficar de bobeira hoje. Seja bonzinho, está bem, querido?*

— Venha já, Elysia — chama Ivan.

Eu digo a palavra. Eu a pronuncio, mas baixo: — Não.

— O que você acabou de dizer? — indaga ele, o rosto demonstrando choque e confusão.

— Não — repito, um pouco mais alto.

Ivan não sabe como reagir à minha resposta. Deve ficar furioso? Me acalmar? Me ordenar?

— Elysia, eu *disse*...

Não espero resposta, em vez disso dou alguns passos para trás, então me agacho na posição de corrida.

— Estou brincando! — digo. — Te peguei!

Não me importo com o louco arranque do ponto de partida designado por Ivan. Uso toda minha força para me pressionar e então arremesso minhas pernas tão alto quanto possível e salto.



Planamos.

Voando lá no alto, sustentados no ar a centenas de metros pela elegância simples de cordas ligadas ao retalho ondulante do tecido da asa, entendo por que Ivan busca ativamente esse perigo. Estar aqui é ser livre. Aberto. Infinito.

O sol, ao se por no horizonte a oeste, lança um brilho cor de damasco sobre a água violeta. O ar parece mais fino e delicado que o oxigênio especial bombeado na atmosfera abaixo de nós. Absorvê-lo parece arriscado, sedutor.

Ela poderia estar nessa ideia humana chamada paraíso, nos céus acima de mim? Voando sobre o oceano, os pulmões pela primeira vez cheios de ar não criado pela bioengenharia que ela pode ter conhecido, não consigo deixar de pensar, espero que a minha Matriz tenha experimentado isso.

— Especial, não é? — a voz de Ivan diz no receptor de audio em meu capacete.

— Melhor que a *raxia*? — provoco.

Ouçoo-rir.

— Nada é mais especial que a *raxia*. Mas ela é para afastar os dias sem graça em Demesne. Voar aqui é viver de verdade.

A grande altitude me oferece uma vista nova e mais ampla do anel violeta que cerca Demesne e, além do anel, das ondas monstruosas de crista branca conhecidas como as *gigantes*, que parecem mansas e pouco ameaçadoras de tão acima da água. Pela primeira vez desde que emergi, enxergo a vastidão do oceano real além de Io. Conforme vejo o fluxo e refluxo, o bramido e o espirro, chego a um novo entendimento de seu grande poder; Ivan e eu parecemos tão pequenos e inconsequentes em comparação à imensidão do oceano. À frente das *gigantes*, vejo o arquipélago de ilhas menores, desabitadas, suas periferias contornadas por areia branca, mas longe das praias, abundantes de plantas e florestas. Consigo começar a entender como aquelas terras poderiam ser consideradas selvagens e sem lei.

Olho para o nada muito além das ilhas. A água se estende para o que parece a eternidade. Mil quilômetros à frente, completamente além de minha vista e, provavelmente, de meu alcance, para sempre, existe um lugar onde o continente encontra o oceano. Ela deve ter vindo de lá.

Ele sente falta dela, o deus bronzeado cujo coração ela possuía e que, por sua vez, destruiu o dela?

— Complexo Fortesquieu à frente. — A voz de Ivan vibra em meu capacete. — Prepare-se para aterrissar. — Ajusto as cordas de acordo com as instruções. Ivan e eu começamos a descida vagarosa conforme nos aproximamos do local de pouso na praia de Demesne.

Pof. Meus pés tocam o solo e eu corro para amenizar a aterrissagem.

Pof pof pof. Ivan cai atrás de mim, mais duro e desajeitado. Ele tenta correr, mas o mecanismo do parapente se enrola nele, forçando-o a cair. Ele tosse ao se levantar, enrolado na corda, mas animado.

— Voo incrível — ele arqueja.

— Por que você está tossindo? — pergunto.

— Isso acontece com as pessoas que cresceram aqui. Estamos tão aclimatados ao ar puro, que, quando subimos até o ar mais rarefeito, nossos pulmões apanham na aterrissagem. Eu deveria fazer isso com maior frequência, para preparar a aclimação à Base. — Ele tosse cada vez mais alto.

Uma figura solitária caminhando pela praia se aproxima e dá tapinhas em suas costas. Ivan se vira e cumprimenta a pessoa.

— Tahir! — exclama.

Ivan e a figura alta chamada Tahir fazem o gesto de bater o punho e o ombro, como irmãos, comum à espécie dos *Uaus*!

Tahir é um adolescente alto, com pele cor de café e olhos castanhos cercados por cílios pretos espessos. Seus lábios são tão vermelhos e carnudos que parecem quase femininos, de tão perfeitos. É como se tivessem sido geneticamente projetados para beijar. Metade de seu cabelo negro é trançado rente, com tranças emoldurando seu rosto, estendendo-se para trás de sua testa por alguns centímetros até o meio da cabeça, onde as tranças acabam e seu cabelo natural abre em um estilo despontado, solto e livre. Como seu primo Farzad, seus músculos abdominais são admiravelmente rijos, exibidos acima dos *shorts* de surfe, mas o peito é liso, enquanto o de Farzad é salpicado de pelos pretos.

Tahir me avalia, curioso, da cabeça aos pés, então dá a volta por trás onde deve observar a palavra BETA tatuada a laser em toda a volta, atrás do pescoço. Dá um passo para trás para me encarar, mirando fixamente os meus olhos fúcsia. Minha pele tem uma sensação de formigamento quando nossos olhos se encontram, o que eu atribuo ao atrito do pouso de parapente. Ele me fita profundamente, em vez de olhar para longe rapidamente como os outros seres humanos fazem, como se quisesse ver se há algo por trás de meus olhos vidrados, além de uma alma vazia.

— Sim, estão fazendo Betas adolescentes agora, dá para acreditar? Seu nome é Elysia. Bem-vindo à casa, amigo — diz Ivan a Tahir, desafivelando-se do parapente.

Tahir não responde a Ivan. Em vez disso, sua mão se estende e toca meu ombro, que sente uma sucção estranha e imediata de calor passando de seu corpo para o meu. Ele olha melancólico em meus olhos e seus lábios cheios se curvam em um meio-sorriso.

— Ei, linda — diz para mim.

É como se ele fosse um Príncipe de Chocolate, real e vivo.

Delicioso.



IVAN INICIA AS RODADAS DE TRANSMISSÃO E, horas após nossa aterrissagem de parapente na praia, a turma — Farzad, Greer e Dementia — se juntou a nós no alojamento de lazer de Tahir, no complexo Fortesquieu, para acolher seu amigo de volta em Demesne.

Fortesquieu é uma estrutura de vários andares, em estilo *pueblo*, esculpida no penhasco de calcário que se eleva sobre a parte mais espetacular de terra à beira-mar de Demesne. O alojamento de Tahir é uma série de quartos com paredes de pedra branca e janelas circulares de vidro como vigias de um navio com vista para o oceano. Os quartos são decorados com tapetes e travesseiros turcos, mobiliados com mesas esculpidas e cadeiras feitas de marfim e madeiras preciosas extintas. Os funcionários têm ordens para não perturbar a recepção de amigos por Tahir, a menos que solicitados. Uma bandeja com sanduíches e copos de limonada de menta fresca foi deixada para nos refrescar.

Sinto-me atraída por ele de um modo que não posso definir nem entender. Simplesmente quero olhá-lo... para sempre.

Tahir nos conta sobre o tempo que passou na cidade de Bioma, onde foi se submeter à terapia física extensiva após o acidente. Suas esperanças na faculdade, sua antiga vida nos competitivos circuitos de surfe em ondas gigantes foram postas de lado, por enquanto. Agora, seu dia a dia está voltado apenas para a recuperação de sua lesão e experiência de quase-morte. Seus amigos estão extasiados em torno dele contando sua história, seus olhos cor de avelã, ocasionalmente, espreitando-me em meu canto tranquilo, sentada em um travesseiro na janela com vista para o mar. Há uma qualidade remota na forma como fala lentamente, como se ele pudesse, a qualquer momento,

tropeçar nas palavras ou memórias. A coluna e o pescoço ainda estão sarando, explica. Ele não só está proibido de competir, como também não pode surfar por um longo tempo. Talvez nunca mais.

— Não! — grita Farzad. — Isso é demais. Inaceitável.

— Mas lembrem-se — avisa Greer, baixinho. — Ele sobreviveu. O preço poderia ter sido muito maior.

Olho o mural na parede atrás de Tahir, que ocupa todo o comprimento da parede e é uma pintura magistral, melhor do que um holograma, onde aparece Tahir surfando uma onda enorme que se ergue sobre sua cabeça. A pintura é tão detalhada, foca em seu corpo para dar uma visão caprichada das ondulações em seus bíceps, dos músculos abdominais e do poder de suas pernas fortes. Ele cavalga fundo dentro de um tubo safira de água borbulhando aros em espuma branca acima da cabeça, enquanto a mão acaricia a água atrás dele. Os olhos castanhos são mais brilhantes nesta imagem que na realidade e exibem intensa determinação. O detalhe na pintura é extraordinário, tão preciso que o espectador quase pode imaginar o som do *swell* crescente antes de sua queda inevitável, quase sentir o cheiro do mar e a brisa acariciando a pele de Tahir naquele momento. Conquistar uma onda dessas deve ser um feito heroico, como evidenciado pelos muitos troféus e fitas expostos em um mostruário na parede em frente ao mural.

— Vamos jogar Z-Grav — sugere Ivan. — Como nos velhos tempos.

— Nada mais de Z-Grav para mim, tampouco. — Tahir balança a cabeça.

O grupo todo arqueja.

— Pelo menos por enquanto — corrige Tahir.

Os amigos assentem com a cabeça. *As coisas podem voltar a ser como antes*, demonstram seus rostos.

Mas quando ele olha para mim, de alguma forma, vejo em seus olhos uma mensagem diferente: *Não, as coisas jamais voltarão a ser como antes.*

É bobagem imaginar que eu pudesse experimentar alguma atração física ou psíquica por ele.

Então por que, de algum modo, eu a sinto?



Na sala da FantaEsfera de Tahir, os garotos jogam Luta em Voo de Bioma, um jogo com aviões de combate disputado sobre a paisagem desértica da cidade de Bioma, deixando as meninas livres na sala ao lado para serem femininas, ou seja, para pintar as unhas dos pés e falar sobre garotos.

Dementia está recostada num divã em forma de L, as pernas estendidas ao longo do móvel e eu, no chão, pinto suas unhas com um vermelho cor de sangue. Greer está no canto ao lado do divã, com as pernas esticadas sobre uma almofada, a cabeça de Dementia pressionada contra sua coxa. Com uma mão, Greer dá goles em uma limonada e, com a outra, acaricia o cabelo longo e negro de Dementia, como se ela fosse um gatinho aconchegado contra si.

— O Tahir não lhe parece mais frio? — Greer indaga Dementia.

— Com certeza — concorda Dementia. — Antes, ele era um frio tipo arrogante. Agora, é frio, só frio. De seu modo realmente sensual, é claro.

Esse argumento faz sentido para Greer, que acena com a cabeça, entendendo.

— Com certeza. Ele realmente feriu o coração.

— Quem? — pergunto. — O coração precisou de cirurgia?

— É ferida de amor — explica Greer. — Não é um machucado real no coração. É a forma de sentir.

— O coração da Astrid — conta Dementia. — Ela o amava loucamente. Eles não formavam um casal de verdade, mas ficavam juntos quando ele estava na ilha, embora ele jamais a reconhecesse publicamente. Ele tinha outras garotas onde quer que fosse, no circuito de surfe, provavelmente um harém inteiro lá em Bioma.

— Acho que você pode ser assim quando o seu pai é um dos homens mais ricos do mundo. Tahir poderia ter a garota que quisesse — avalia Greer.

— Provavelmente tem — concorda Dementia.

— É possível — ri Greer. — Pobre Astrid. Era tão louca por ele, mas ele nunca se limitaria a uma garota cujo pai é apenas um funcionário desta pequena ilha.

— Não seria um prestígio para Tahir se relacionar com a filha do governador? — pergunto. E que tal a clone substituta da filha, pensei.

— Se relacionar... certamente — argumenta Greer —, mas ter um compromisso sério com ela? Nada legal, pelos padrões de Demesne. As pessoas diriam que estava abaixo dele. O pai de Astrid é apenas alguém contratado. O Governador e sua família vivem aqui pelo arbítrio da Diretoria, não porque realmente tenham alguma propriedade aqui.

— O seu pai, o embaixador, é dono de sua propriedade aqui? — questiono. Parece ser a pergunta lógica a ser feita, mas Greer rebate:

— *Não!* — E então me observa com irritação. — Mas ao menos minha família tem dinheiro há tempos, mesmo que não sejamos podres de ricos, como esta senhora aqui. — Ela acaricia

carinhosamente a cabeça de Dementia.

Não entendo como a podridão afeta a riqueza da família de Greer nem como uma garota de dezessete anos humanos pode ser considerada uma senhora, mas acho que em algum momento tudo ficará claro para mim.

— A Astrid era tão doce, mas tão determinada em entrar na melhor universidade — conta Dementia —, e era tão chata com seus discursos sobre distribuição justa da riqueza e todas aquelas ataraxias impossíveis. Era constrangedor, acho que foi o que acabou afastando Tahir. Ela deu o seu coração a Tahir, e ele o pisoteou.

Dementia pausa enquanto tento imaginar Tahir pondo o pé sobre o coração pulsante de Astrid.

— Elysia, estou com cãibra; massageie a minha perna ou algo assim.

Paro de lixar suas unhas e começo a esfregar as panturrilhas.

— Já melhorou. Pode lixar de novo.

Como a cãibra passou, Dementia volta a especular sobre o relacionamento de Tahir e Astrid.

— Além disso, a Astrid jamais iria a lugar algum que a distraísse dos estudos e Tahir queria ir a *todos os lugares*. Ele era do tipo “vou pairar sobre os Alpes ou cavalgar nos Himalaias, enquanto você fica aqui sentindo minha falta”.

— Nunca entendi como a Astrid se apaixonou por um canalha como o Tahir. — Greer comenta. — Ele era o oposto dela.

— Mas deslumbrante! — suspira Dementia. — Vamos assistir um pouco disso. — Ela se inclina e aperta PLAY em uma moldura holográfica na mesa lateral. A moldura do holograma mostrando Tahir no Baile do Governador do ano passado entra em ação. O clipe mostra Tahir de *smoking* preto com lapela marrom, combinando com seus olhos, girando Astrid na pista de dança e a inclinando tão baixo que sua cabeça quase toca o chão. — “Eu venero o chão que sua cabeça pisa” — diz Tahir. Astrid ri e sorri quando ele a ergue para junto dele e a aperta contra si. Os olhos de todas as mulheres ao redor do casal dançante parecem fixos em Tahir. Ele sorri para elas, reluzindo os dentes perolados, então volta a atenção para Astrid. — “Ei, linda” — murmura para ela. O rosto dela se ilumina de novo.

— Bom — concorda Greer ao final do clipe. — Ele é deslumbrante ao máximo. Mas a Astrid tinha sentimentos sinceros por ele, e ele não reconhecia nem mesmo para seus pais que eram mais que um casal casual. Ele simplesmente a usou.

— Carma — sentencia Dementia. — Aquele acidente não foi por acaso, se é que entendem o curso cósmico.

— Você acha que eles se encontram na Cidade de Bioma? — pergunta Greer.

— Duvido — sentencia Dementia. — O Tahir é do tipo ame-as e deixe-as.

Acabei de pintar as unhas dos pés de Dementia. Pergunto a Greer:

— Quer que pinte as suas também?

Greer pensa um instante, então responde:

— Hoje não. Não acho que o Aquino vai gostar disso.

— Aquino? — repito.

— O assistente que veio da Base para trabalhar com meu pai por um tempo. Estou tão caída por ele que é patético. É um Aquino, então é provável que prefira as garotas naturais, que não usam esmalte. Aquinos devem ser humildes e modestos, ou algo assim.

Aquino, pesquiso. A interface me mostra que os Aquinos são uma seita enclausurada de pessoas geneticamente modificadas que se acasalam para produzir uma nova raça de humanos perfeitos. São conhecidos por serem pacíficos, zelotes religiosos que, junto com a programação de seu DNA para uma ótima aparência e força, criaram uma raça de pessoas leais ao máximo: só se acasalam por amor e são monógamos. Uma vez casados, permanecem com o parceiro pela vida inteira. Essa raça superior não acredita em fazer amor de forma tempestuosa ou casual.

— O Aquino veio até a minha casa na semana passada, te contei? — comenta Dementia. — Quase desmaiei com sua exuberância. Ele entrevistou o nosso pessoal para o relatório anual da Comissão de Direitos dos Replicantes. Sua voz é um resmungo sensual, mas tem um rosto de anjo. Desejaria que tivesse *me* entrevistado! — A mão de Dementia toca a cicatriz de flor-de-lis no seu rosto.

Greer remove a mão de Dementia e coloca a própria mão em sua cicatriz, traçando-a com o dedo indicador.

— Minha doce Dementia — diz Greer. — Você me faz querer chorar. Por que você faz coisas como essa a si mesma?

Dementia aponta em minha direção.

— Porque quero ser como a Elysia. Não quero sentir. Não quero me magoar.



Os garotos entram em busca das garotas assim que o jogo da FantaEsfera termina. Farzad olha para mim.

— Ei, Beta. Precisamos que faça uma corrida.

“A corrida” é quando Ivan, Farzad ou Dementia me enviam para encontrar um mensageiro designado — às vezes um trabalhador de construção, gravado com bambu, às vezes um humano que ganhou visitação temporária para o Refúgio —, de quem tomo uma entrega de pílulas de *raxia* para o consumo do grupo.

— Que corrida? — pergunta Tahir. A turma toda olha para ele, surpresa pela confusão de Tahir.

— A corrida — explica Farzad. — Para a viagem da *raxia*. Se algo der errado, melhor que a Beta seja apanhada do que nós.

— Ah, é — Tahir dá de ombros, como se já soubesse. — Agora ando esquecido.

Todos assentem, mas o rosto de Farzad demonstra preocupação — como Tahir pôde esquecer algo tão importante?

Dementia agarra Tahir num abraço e coloca a cabeça em seu peito.

— Está tudo bem, Tahir. Estamos felizes que esteja melhor.

Ele beija o topo de sua cabeça.

— Muito obrigado, linda — responde. Mas seus olhos estão voltados para mim quando ele diz isso. Eu me pergunto o que esse olhar quer expressar — a afeição e a doçura reveladas no modo como fitou Astrid, ou o desejo por um brinquedo artificial como é o caso do Governador e Tawny, sua assistente de luxo?

— Você está em casa agora — diz Ivan a Tahir — e vamos tomar conta de você direitinho esta tarde. Esta *raxia* que encomendamos apenas para você deve ser de primeira.

— Não posso usá-la mais. Ela poderia interagir mal com todos os medicamentos que tomo — lamenta Tahir.

— Uau — reagem Farzad e Ivan ao mesmo tempo.

— Você costumava ser, tipo, o Rei da Ataraxia — lembra Ivan.

— Desapontador... — confessa Farzad. — Mas tenho certeza de que é apenas uma questão de tempo antes de ficar bom de novo. A Beta pode fazer a corrida, mas vamos curtir sozinhos, mais tarde, quando não puder nos ver nem sentir falta.

— Não deixem de se divertir por minha causa — pede Tahir. — Usem esta tarde. Vou fazer a corrida com a Beta.

— Você não pode fazer a corrida — proclama Farzad.

— Especialmente você, não! — apoia Dementia.

— Talvez o antigo Tahir não fosse — responde ele. — Mas o novo Tahir irá.



— Eu só precisava de um tempo sem eles — explica Tahir enquanto nos encaminhamos para a praça central no complexo Fortesquieu. Eu me pergunto — ou talvez desejo —, será que você queria ficar sozinho comigo, como eu queria ficar a sós com você?

A praça se localiza no alto da residência, onde a frente da entrada do complexo leva a acres de áreas paisagísticas com árvores esculpidas e jardineiras floridas. Alcançamos uma fonte elaborada cuja parte central é um golfinho feito em jade, com a boca esguichando água cristalina rosa pálida.

— Não queria ser rude e pedir a todos que fossem embora. Mas eles estavam me cansando.

Ah, entendo. Agora ele prefere passar o tempo com uma entidade sem alma, pois é mais fácil. De repente, a tamanha afeição humana por Demesne e seus clones faz sentido. Falar com criaturas sem alma é menos exaustivo que interagir com a própria espécie.

Ficamos sentados na borda da fonte. Um trabalhador tatuado com bambu, vestindo uniforme de jardineiro, se aproxima de nós, mas, ao ver Tahir, continua a caminhar, como se nunca pretendesse chegar perto de nós.

— Ei — chama Tahir. — Está tudo bem.

O jardineiro volta até nós, olhando por cima dos ombros, para ver se alguém observa. — Não sei não — diz o jardineiro. — Eu não deveria sequer ser visto conversando com vocês.

— Basta entregar — diz Tahir.

O jardineiro tira um saco transparente com alguns comprimidos do bolso e o entrega a mim. — Isso nunca aconteceu — sussurra, então foge.

Como fui instruída, coloco o saco no bolso, como se nunca o tivesse recebido e ajusto meu rosto para inocente.

— Acho desnecessário esse jeito de todos me tratando como se eu fosse tão sacrossanto — reclama Tahir. — O único motivo de meus pais gostarem de vir aqui é por ser o único lugar seguro onde podemos agir normalmente. Podemos deixar os guarda-costas em seus quartos e sermos apenas nós mesmos. Entende?

Não entendo, mas aceno que sim, como a Greer faz.

— Com certeza — respondo.

Observo seus lábios cheios. Tão sedutores, tão próximos. Poderia tocá-los, se ousasse. Este belo adolescente é muito melhor que a aparição viril subaquática com o torso perfeitamente tonificado. Tahir é real.

Você sabe que me possui, Z. Para minha Matriz e seu deus aquático, *possuir* significava algo mais que aquilo que estou acostumada em Demesne: possuir um trabalhador clone. Estou curiosa para experimentar esse tipo de paixão por mim mesma, e não apenas como uma visão de *flashback* pertencente a ela, a Z.

Eu deveria resistir, mas não consigo. — Você e a Astrid experimentaram o super-super? — pergunto a Tahir. Porque sou a substituta da Astrid, acho. E sou... curiosa.

— Nem mesmo sei o que é super-super. E quem é Astrid? — Os olhos castanhos de Tahir cauterizam os meus, e é como se meus olhos sem alma sentissem a efervescência.

— A filha dos Bratton, a quem substituo — respondo, com o tom experimentalmente definido para *paquera*.

Ele pisca para mim. — Eu sabia disso, linda — diz, incisivo, olhando profundamente para mim de novo, tão profundo que sinto que poderia derreter com o calor do seu olhar. — Mas é a Elysia quem está aqui agora.

— Sou um clone — o relembro. — Não sou tão real como Astrid. — Acho bom ser clone, pois é claro que minhas habilidades de paquera são nulas. Acabo de anunciar não ser desejável para ele.

— Claro que você é real — retruca ele. Seus dedos pressionam meu pulso. — Você tem um pulso. Seu dedo indicador delicadamente pressiona o canto esquerdo do meu tórax. — Você tem um coração. Certo?

— Certo — digo, meu coração batendo tão forte que não posso acreditar que não tenha removido o seu dedo devido à batida ensurdecadora.

Mas a sua fixação em meu rosto termina abruptamente e os olhos se voltam para a fonte. Ele tira o dedo indicador do meu peito e o coloca na água, fazendo círculos. Quero tanto que aquele dedo me toque de novo.

Ele parece não ter nada mais a dizer para mim, por isso deve me engajar nesse passatempo humano chamado de “conversa fiada”.

— Você deve se sentir muito mais relaxado aqui em Demesne — especulo.

Ele não responde. Como se não tivesse me ouvido. Como se estivesse tão fascinado pelos redemoinhos do dedo na água que esqueceu que esta garota clone, cuja presença de pulso e coração ele verificou pessoalmente há segundos, está sentada aqui, ansiosa por conversar mais com ele. É difícil perceber por que Dementia e Greer consideram Tahir um canalha tão intrigante. Estou intrigada com ele, certamente, mas mais por ele ser muito intenso e visualmente atraente, não por exalar carisma.

— Por causa do ar daqui — esclareço.

— Sim. — É tudo o que ele tem a retrucar.

Conversar com garotos bonitos é *difícil*. É como se meu circuito não tivesse ideia do que fazer ou dizer a essa pessoa cuja própria proximidade faz meu coração pular mais rápido, mas que parece ter se esquecido de mim com a mesma intensidade com a qual me focava momentos atrás.

— Você sente falta de tomar *raxia*? — pergunto a Tahir. Certamente Ivan sentiria muita falta se perdesse acesso a ela. Ele se preocupa tanto com isso que começou a fazer a própria droga.

Tahir encolhe os ombros. — Realmente não. — Como pode Tahir não sentir falta se, supostamente, a *raxia* é tão maravilhosa? Talvez não seja assim tão maravilhosa. Talvez eu não devesse ter tanta curiosidade a respeito dela ou deste garoto.

É HORA DO CHÁ DE MÃE E FILHA, EM NÍVEIS separados na Casa do Governador.

No andar de cima, no deque do terraço, a Mãe e suas amigas da sociedade convocaram um chá da tarde para o planejamento do próximo Baile do Governador. O vinho flui em quantidades maiores que o chá. Liesel e eu podemos ouvir seus risos e gargalhadas, com as senhoras desfrutando a companhia uma da outra. Abaixo do deque, no pátio coberto, Liesel e eu criamos a nossa própria festa de chá de faz de conta. Sentadas perto de uma mesa pequena redonda de bistrô coberta com uma toalha branca, bebemos chocolate quente de xícaras de chá de porcelana fina e mordiscamos biscoitos verdadeiros de creme de amendoim. Liesel criou uma festa em silêncio para encenarmos. Como mímicas, ouvimos a conversa acima de nós e fingimos as reações imaginadas das senhoras para cada fofoca.

Uma nova convidada acaba de se juntar ao grupo turbulento no deque.

— Desculpem-me, senhoras! — ela diz. Liesel bate o dedo em um relógio imaginário no pulso. Faço o mesmo com o meu pulso e sacudo a cabeça. *Atrasada!* Falamos com apenas o movimento da boca e depois reviramos os olhos. A voz da nova senhora soa como a da Sra. Rainha da Beleza. — O mau tempo no continente atrasou minha viagem de volta para Demesne — explica ela. — Só cheguei em casa há uma hora. A viagem foi horrível, mas juro que no momento em que inspiro o ar suave daqui relaxo imediatamente. Em Demesne, toda a tensão desaparece!

— Sim! — Suspiram muitas das vozes femininas, em acordo.

— Não sabia que você tinha viajado de volta para o continente — diz a Mãe. — Para a Cidade

de Bioma? — Ela parece enciumada.

— Sim — responde a Sra. Rainha da Beleza. — Tivemos que cuidar de alguns negócios lá, no mundo real. E fazer algumas compras!

— Deve ter sido divertido — avalia a Mãe.

— Certamente é sempre mais interessante, de volta ao mundo. Mas nunca tão divino como estar em Demesne. Deveria tê-las convidado para vir junto, queridas? Sei que vocês não têm avião próprio para sair da ilha sempre que querem... mas vocês sabem, quando quiserem uma carona em um de nossos passeios, basta pedir.

— Sim! — Várias vozes responderam juntas.

Liesel estende os braços para os lados e gira a cabeça em círculos, imitando o movimento de um avião. Eu faço o mesmo.

— Demesne é perfeita — diz a Mãe. — Por que sair?

Liesel cobre a boca com a mão, arregalando os olhos, ou seja, *Oh, não!* Ela sabe que a Mãe está mentindo. Muitas noites no jantar, a Mãe reclama ao Governador sobre como todas as amigas têm aviões para levá-las a qualquer lugar do mundo que queiram ir, e por que ela não pode ter um também? Ela gostaria de ir à CB para ver os desfiles de moda, e a Astrid.

— Você pode pedir uma carona para as suas amigas — responde o Governador.

— Eu não deveria ter que pedir a elas — resmunga a Mãe. — Deveria ter o meu próprio. É constrangedor.

E o governador responde, inevitavelmente: — Então vá ganhar os bilhões de Uni-dólares para comprar os direitos de aterrissagem em Demesne. Da última vez que verifiquei a conta bancária, estávamos a várias centenas de milhões de distância.

Uma voz que soa como a da mãe de Greer pergunta: — Senhoras, quem aqui deu uma olhada no novo representante militar Aquino na ilha?

Algumas suspiram e murmuram sonhadoras: — Sim! — e — Oh, meu Deus, eu o vi!

— Há um Aquino em Demesne? — indaga uma delas. — Pensei que não saíssem de seus assentamentos.

— A maioria não sai — assegura a mãe de Greer.

— Eu o vi e, de fato, é um belo exemplar masculino — conta a Mãe.

As mãos de Liesel tapam as orelhas, e ela sacode a cabeça.

— Cooomo ele acabouooooou em Demeeeeesne? — questiona a Sra. Marcha Lenta.

— Ouvi que o Aquino está aqui, de fato, para investigar o que fez alguns dos clones na ilha

acordarem — conta a Sra. Choramingo Tinto.

Acordarem? Quem? Por quê? Onde?

O quê?

— Incidentes isolados — avalia a Mãe. — Defeituosos.

A mão de Liesel vai para a boca, em choque.

— A Mãe disse Defeituosos! — sussurra.

— O que são os Defeituosos? — sussurro de volta.

— Clones que ficam maus — conta Liesel. — Isso é o que a Astrid me explicou. Eu não deveria saber; o Pai diz que não devemos falar sobre isso. Nunca.

— Que clones se tornam maus? Como? Quando isso aconteceu?

— Psiu! — adverte Liesel. Ela põe o dedo indicador sobre a boca e, então, aponta para o deque acima. — Quero ouvir isso! — cochicha ela.

— Talvez tenham sido incidentes isolados, silenciados no passado — especula a Sra. Rainha da Beleza. — Mas algo mudou. Ouvi que ocorreram mais casos de Defeituosos. Há alguma verdade nisso, Sra. Governadora? — brinca ela com a Mãe.

— Nenhuma — corta a Mãe. — O erro não é tolerado aqui. O Governador se assegura disso.

— Não tenho tanta certeza — rebate a mãe de Greer. — Esse Aquino colhendo informações para preparar o relatório para a Comissão de Direitos dos Replicantes parece uma boa desculpa para os militares investigarem um pouco.

— De qualquer modo, à raça mestre! — Brinda a mãe de Greer. — Que possa sempre ter uma aparência tão boa!

— E natural!

— E pacífica!

— E humilde!

— E pobre e carente por uma coroa de açúcar!

Liesel enfia o dedo na garganta para mostrar *Nojento*. Eu não apenas imito o olhar *confuso* de volta para Liesel: *estou* confusa. Por que um Aquino pacífico e sem dinheiro precisa de uma coroa de açúcar?

A Mãe parece perturbada. Mas não tanto quanto eu me sinto.

ELES TÊM ALGO A ESCONDER. EU TENHO ALGO A ESCONDER.

Parece que não há uma taxa de sucesso de cem por cento com os clones. Por erro, fabricaram modelos Defeituosos. E qualquer coisa que eles tenham feito foi tão terrível que os humanos evitam falar deles. A ponto de não admitir que eles existiram ou existam ainda.

É tão frustrante descobrir novas informações que não estão em meu *chip*, só para esse mesmo *chip* calcular o risco envolvido em perguntar maiores explicações para os seres humanos.

Sou uma boa menina, não um clone terrível. Mas tenho peculiaridades. Memórias. Paladar. Não vou desapontar a família que me ama, deixando essas peculiaridades se traduzirem em defeitos. Não vou causar tamanha vergonha à minha família. Vou manter meus caprichos escondidos, da forma que encobrem seus Defeituosos. Eles me possuem, mas possuo minhas manias de Beta. Em privacidade.

É uma manhã rara, quando o meu tempo é só meu. Ivan continua a se fortalecer e quer ter lições reais de boxe hoje, já que meus golpes ágeis o impressionam cada vez menos. Ele anseia por força bruta masculina, então, está se exercitando com um dos chamativos instrutores de *fitness* no Refúgio. Liesel está com o tutor, e a Mãe raramente sai da cama antes das onze. Assim, aproveito meu tempo livre para pular na piscina da casa do Governador.

Para trás e para a frente por baixo d'água, procuro pelo homem-deus submarino, esperando ouvir o seu chamado sedutor: *Você sabe que me possui, Z.* Ao mergulhar, ele se digna a aparecer, mas, em breves explosões sem som. Vejo o cabelo loiro ondular e o corpo rijo como pedra arquear, perto do orifício que leva para a gruta da piscina. Mas as visões dele são lampejos, breves, turvos, desfocados, como se a frequência psíquica através da qual ele se comunica comigo tivesse cessado.

Nem mesmo sua voz grave me chama desta vez. Minha pele formiga cada vez que o vejo e corro obediente em direção a cada aparição dele, mas ele some assim que chego perto. E reaparece na extremidade oposta da piscina, abre os braços para mim, os lábios se entreabrem como se esperassem um beijo meu; nado de novo para ele, mas de novo se perde.

Estou cansada de ser provocada.

Atravesso o longo túnel de conexão até a gruta da piscina, onde posso ficar de mau humor em particular, como uma adolescente de verdade. Não sei exatamente o que quero, mas sei que quero mais do que ser enganada tão continuamente por esta aparição, que só surge em visões e nunca em carne e osso. Deito-me sobre uma laje de pedra plana molhada, em um lugar perfeito, onde o sol pode espreitar através das paredes da gruta e banhar meu rosto e corpo com calor. Regulo meu rosto para *amuada*, mas meu corpo está muito quente e a mente distraída demais para conseguir o nível adequado do estado típico adolescente.

Vim para a piscina esperando rever o homem de minha Matriz, consegui, mais ou menos. A verdade é que não paro de pensar em Tahir Fortesquieu. Será que a lembrança de Tahir quebra as visões do homem submarino? Esperar conhecer melhor Tahir é inadequado para alguém de minha casta. Entendo isso, e não espero mais. Mas não consigo me livrar daquela aflição humana chamada atração física intensa.

Do outro lado da piscina, ouço a voz de Tawny; ela e o Governador saem para o deque e caminham até a piscina.

— As crianças estão no Refúgio. A Sra. Bratton ainda dorme. Sua reunião da manhã com o enviado foi transferida para esta tarde.

Ouçó a voz rouca do Governador. — Finalmente! Algum tempo só para mim.

Espreito pelo buraco na parede da gruta. Tawny, de biquíni minúsculo em seu corpo impecável, ajuda o Governador, de *short* samba-canção, a entrar na piscina. Posso vê-los, mas eles não devem estar cientes de que estou na gruta.

— Já aqueci a água — avisa Tawny. — Para ajudar a soltar suas articulações.

É verdade, a água parece mais quente. Pensei que o sol e meus pensamentos sobre rapazes bonitos fizeram parecer assim. Mas era a ciência.

Tawny está em pé diante do Governador, agora submersa até a cintura na piscina. Ergue a perna direita para cima e para baixo, depois em movimento circular, então repete esse padrão com a perna esquerda.

— Ah, a terapia para articulações — suspira o Governador. — A melhor parte do meu plano de

saúde.

As pontas dos longos cabelos loiro esbranquiçados de Tawny giram na água. As mãos do Governador abraçam suas costas expostas para pressioná-la contra ele, virilha contra virilha. Ela massageia seu couro cabeludo com as mãos.

— Tawny — o ouço dizer. — O que você sabe sobre a Insurreição?

— Só sei o que me contou — responde ela. — Há rumores de uma rebelião iniciada por alguns Defeituosos que buscam a liberdade. Esses Defeituosos foram capturados e extintos. Mas há uma preocupação humana de que existam mais deles lá fora.

— Quando está de folga do trabalho, à noite, nos quartos dos clones... você não ouve falar mais sobre isso?

— Não, senhor — responde Tawny. Suas mãos se movem da cabeça do Governador para debaixo da água. Não consigo mais ver onde as mãos estão, mas parecem acariciar seu lugar mais privado.

— Você deseja a liberdade? — pergunta o Governador, ofegante.

— Eu não desejo — afirma Tawny. — Eu sirvo.

— Boa menina — grunhe o Governador.



Defeituosos. Insurreição. Liberdade.

Não são apenas palavras, mas conceitos reais. Não tenho certeza de como processar.

Enquanto Tawny serve o Governador, silenciosamente saio da água e desapareço atrás das árvores ao lado da extremidade da gruta da piscina. Ando entre as árvores, afastando-me da Casa do Governador. Caminho até chegar ao local do terreno onde fica o alojamento dos clones, várias cabanas de bambu construídas lado a lado, cada uma de tamanho para acomodar de dois a quatro clones de cada vez. Já que é dia, o alojamento deveria estar vazio mas, da cabana na extremidade, ouço gemidos.

Parece que alguém deve estar em perigo.

Ando em direção à cabana de onde vêm os sons e fico embaixo da janela. Através dela, vejo dois corpos, um macho e uma fêmea, de cabelos pretos e pele branca, ambos nus, nenhum em perigo. Talvez o ar bombeado em Demesne mudou hoje de premium para pornô, e a indiscrição parece ser o resultado, quer meus olhos vidrados busquem essas visões ou não.

Os giros de coito do casal são perfeitamente simbióticos, como se cada um pudesse sentir o que o

outro quer ou precisa a cada momento. A intimidade não é como a que vi entre o Governador e Tawny — profissional. A deles é vigorosa, mas carinhosa. Se não fossem claramente clones (vejo as tatuagens nas têmporas através dos cabelos pretos), avaliaria o seu acasalamento como a sensação exclusivamente humana, chamada *sentimental*.

Sei que se supõe que o que fazem é errado e proibido para os clones. Então, por que essa união parece tão certa — quase bonita?

As mãos dela alcançam atrás do pescoço dele, para puxar o rosto junto ao seu. — Sim! — ela grita bem alto. As mãos se agarram quando seus corpos parecem culminar em um momento final de prazer compartilhado.

Ele cai em cima dela, que traz o rosto dele para perto, para esfregar junto ao seu e passar os dedos por seu cabelo. Eu posso finalmente ver a face dela. Seus olhos vidrados podem ser os de um clone, mas sua expressão corresponde à palavra que um ser humano rotula de *querida*.

Esse é o rosto que eu quero experimentar. Com Tahir. Na realidade.

Seus olhos fúcsia encontram os meus.

O rosto pertence a Xanthe.



Mais tarde naquela noite, ao deitar, Xanthe aparece em meu quarto. Ela fecha a porta e casualmente me observa, aproxima-se da cama para desmanchar os lençóis e afofar os travesseiros. Ela nunca fez antes essa preparação do quarto para a hora de deitar.

— Boa noite — ela diz.

— Boa noite — respondo.

Ela leva uma enormidade de tempo para afofar meus travesseiros, como se à espera que eu comece a conversa.

— Recebo um chocolate no travesseiro? — pergunto.

— Como?

— Um chocolate! Com o serviço de arrumação da cama, ao deitar.

Seu rosto registra *confusa*. E então ela parece entender o que aconteceu. — Você... está brincando? — questiona ela. Me olha de cima a baixo. — Como você sabe brincar?

Eu dou de ombros. — Não sei. Acontece.

— Que desnecessário — comenta ela. — Que outras coisas você sabe fazer?

— Eu mergulho bem.

— Já ouvi dizer.

Ela espera que eu responda, mas não o faço. É como se estivesse dando um tempo para ver quando reconhecerei o que vi — e se vi alguma coisa.

Talvez possamos trocar informações.

— O que são os Defeituosos? — me interessa.

Seu rosto empalidece, e me arrependo de ter perguntado. Ela definiu sua expressão para *temerosa*.

— *Eu* não sou uma Defeituosa — proclama ela.

— Claro que não é — afirmo. — É só que ninguém quer me dizer o que eles realmente são. Talvez você saiba?

Ao persistir na pergunta estou tentando dizer, sem dizer: *Eu sei o seu segredo. Por favor, revele este segredo para mim.*

Xanthe fecha e aferrolha todas as janelas do meu quarto. Então, ela vai até a porta, a abre, espreita para o corredor para ver se há alguém por perto, e fecha a porta novamente. Senta na minha cama e gesticula para que eu me sente ao seu lado.

— Você consegue guardar a informação só para si? — pergunta baixinho.

Acredito que ela tenha aceitado a troca.

— Eu juro. Com certeza. — Toco seus dedos, mas ela recua. Pego sua mão de qualquer forma e a aperto. *Por favor, quero que meu gesto lhe diga. Confie em mim. Talvez possamos nos ajudar.*

Ela não retribui o gesto, tampouco retira a mão *debaixo* da minha.

— Defeituosos são clones que pensam que têm almas — sussurra Xanthe. — Eles sentem. Se enfurecem. Existiram apenas poucos em Demesne. Assim que foram descobertos, foram imediatamente devolvidos e extintos.

— Eles *acham* que têm alma? Ou *têm* alma? — pergunto.

— Não sei — confessa ela. Mas seu dedo indicador se agarra no meu. Como se reconhecesse alguma coisa: esperança?

— Quem é ele? — pergunto.

Seu rosto suaviza visivelmente, quase brilha.

— Um controlador de oxigênio. — *A-ha!* Então havia algo diferente no ar hoje, mas não era a ciência. Era tão indelével quanto o ar, algo para sentir e não para ver. Poderia ser *amor*? Aquela impossibilidade pareceria ainda mais surpreendente que escandalosa. — Ele vive nos alojamentos

dos clones no Refúgio.

Existe uma oportunidade aí. Devo me aproveitar dela.

— Você sabe sobre a Insurreição?

Xanthe se afasta de mim, como se eu tivesse uma doença. Será que eu levei o questionamento longe demais?

— É claro que não. Não há rebelião nesta ilha.

Xanthe está mentindo. A palavra não está em meu banco de dados, por isso não deveria estar no dela tampouco. *Insurreição* não é só uma palavra que vi no livro de Astrid que o Governador acabou dizendo hoje cedo. Seja o que for, é real. Como poderia a *insurreição* igualar o conceito de *liberdade*?

Como posso deixar Xanthe saber que pode realmente confiar em mim?

Minha confissão poderia igualar minha extinção, mas meu conhecimento de seus sentimentos carnis poderia igualar à dela. Estamos empatadas. Preciso que ela saiba disso.

— Eu sinto gosto — sussurro. Adoro macarrão, queijo e chocolate. — Enquanto falo as palavras, libero o fardo de manter esta informação só para mim e posso sentir meu corpo realmente relaxar, como se minha mente permitisse um pouco de alívio ao corpo.

Por um momento Xanthe parece confusa. Primeiro perguntei sobre a Insurreição e agora estou falando sobre comida. Então, ela entende.

— Impossível — exclama Xanthe. — Talvez porque você é uma Beta. Deve ser isso.

— Você tem sensação de paladar?

— Não! — diz, parecendo ofendida. — Só preciso de vitamina de morango. — Ela parece à beira do pânico.

— Há mais uma coisa. — Faço uma pausa. — Acho... que tenho lembranças. De minha Matriz.

— Não! Isso é inédito. Você se lembra dela? — arfa Xanthe.

— Não me lembro dela tanto quanto tenho visões que, com certeza, são de sua memória. É apenas uma lembrança específica. Ocorre quando estou na água. — Posso dizer pelo franzir de sobrancelhas de Xanthe que minha revelação não é uma coisa boa. — Provavelmente não é nada — acrescento, rapidamente. — Deve ser alguma esquisitice Beta. Não sei o que estou falando.

Xanthe agarra meus dois ombros, quase me sacudindo.

— Mantenha isso em segredo — alerta ela. — *Por favor!* Provavelmente poderiam lidar com seu sentido do paladar. *Talvez*. Mas, memórias? De jeito nenhum! Você será rotulada como Defeituosa.

A porta do meu quarto se abre e Xanthe quase pula. Tawny está em pé, à porta.

— É hora de desligar a luz no alojamento dos clones — Tawny repreende Xanthe. — Estive procurando você por todo o lado, Xanthe. Vamos. Não se atrase.

O rosto de Xanthe se torna completamente vazio, como se o seu *chip* acessasse um botão de reajuste. — É claro! Perdi a noção do tempo. Que sorte que você me encontrou — diz Xanthe à Tawny, e ela deixa meu quarto sem olhar para trás.

APESAR DA NOVA INFORMAÇÃO ADQUIRIDA, NÃO VOU acrescentar *preocupação* à minha paleta de mimetismo humano. Qualquer coisa que os Defeituosos e os manifestantes estejam fazendo não diz respeito a mim, porque estou aqui para propiciar diversão.

Literalmente.

É aniversário de dezoito anos de Tahir. Seus pais planejaram uma grande festa para a qual convidaram todas as melhores pessoas de Demesne, mas a festa da tarde organizada pela turma é a que eles esperam que realmente importe para o amigo. Dementia e Greer dizem que Tahir perguntou sobre mim, então eles decidiram me dar como presente de aniversário. Eles me embrulharam em uma caixa de presente com uma fita no alto.

Dementia aterrissa seu Aviate diretamente na areia na Praia Oculta, onde Ivan, Farzad e Tahir esperam nossa chegada. Eu me agacho dentro da caixa, respirando lentamente na pequena área interna. Lá dentro, só vejo escuridão, mas, com base na batida forte em meu peito, concluo que a escuridão pode não afetar apenas a visão. Sinto uma onda do estado humano *irritação*. *Esta é a escuridão que devo conquistar, e não tem nada a ver com o fato de não enxergar.* Por que não posso ser igual a Tahir, em vez de ser seu prêmio?

O Aviate aterrissa e o porta-malas se abre. Percebo Farzad e Ivan em pé na parte de trás do veículo para tirar a caixa.

— Esta é a ideia mais estúpida que as meninas já tiveram — diz Farzad.

— Concordo — responde Ivan. — Mas o que mais podemos dar a um cara que tem tudo? — Ivan bate no topo da caixa, como se em seu interior existisse um filhote ansioso à espera de ser libertado.

— Aguenta aí, campeã. Vamos tirar você daí em alguns minutos. As meninas estão colocando uma venda nos olhos de Tahir, como surpresa.

— Imbecil — resmunga Farzad. — Totalmente.

— Concordo — repete Ivan.

— Ei, Beta — acrescenta Farzad. — Você está de biquíni branco? Foi o que funcionou para o velho Tahir.

— A Astrid jamais usaria um para ele — avalia Ivan.

— E a sua irmã não é mais a namorada esporádica de Tahir — completa Farzad. — Certo?

— Certo — concorda Ivan. — De qualquer forma, ela era inteligente demais para ele.

Eles erguem a caixa e a carregam para longe do Aviate. Sinto que a colocam sobre a superfície de textura macia de areia. Através de um buraco na lateral da caixa, vejo Tahir sentado em uma prancha de surfe, de olhos vendados, com Dementia e Greer em pé de cada lado. — Queríamos que tivesse uma canção surpresa especial de aniversário — conta Dementia.

— Melhor que um holograma! — acrescenta Greer. Ela tira a venda com um floreio exagerado. — *Tcha-ram!*

Tahir observa a caixa.

— O que há na caixa? — pergunta, em tom mais educado que curioso.

— Abra-a! — guincha Dementia.

Ele se levanta e se aproxima da caixa; meu coração bate mais rápido ainda. Sua proximidade provoca algo em mim. Quebra a escuridão de um modo muito confuso.

Ouçó o corte do laço da caixa, então faço como fui instruída. Abro a caixa me lançando para cima de minha posição agachada. Fico em pé, os braços abertos, em posição de vitória, e digo: — “Feliz aniversário, Tahir!”

Sobre o meu biquíni branco, as garotas colocaram uma faixa de concurso de beleza: MISS FELIZ ANIVERSÁRIO. Mas se esperavam uma grande reação de Tahir, ele não lhes dá o prazer. Parece que meu reduzido biquíni branco e corpo adolescente não provocam nada nele. Preciso insistir. Como ordenado, eu troco para a configuração *pose de concurso* e canto “Parabéns para Você” com bravata de concorrente de beleza. Desfilo e rebolo e salto pela areia, projetando calor e entusiasmo para esta grande festa.

— Feliz aniversário, querido Tahir! Fe-liz A-ni-ver-sá-ri-o!

Coloco as mãos nos quadris e lanço um sorriso e uma piscada de olhos.

Tahir sorri seu sorriso-padrão, os lábios carnudos cor de coral se curvando para cima, lampeja

um vislumbre de brilhantes dentes brancos, mas a expressão em seus olhos está totalmente em desacordo com o seu sorriso. Eles estão vazios, como se ele não pudesse estar mais entediado. Meu desempenho deve ter sido falho. O dia está nublado e um pouco frio, meus braços ficam arrepiados e meus dentes batem um pouco. Minha estética está toda errada.

Ainda assim, as garotas aplaudem com entusiasmo no final de minha performance e Ivan e Farzad acenam com a cabeça, tentando não rir.

— Onde está a minha toalha? — pergunta Tahir.

Farzad ergue a toalha de Tahir da areia.

Tahir se aproxima e me envolve com a toalha.

— Você está com frio — ele afirma. — Volte ao Aviate até se aquecer. Vou fazer uma fogueira.

Volto para o Aviate. Mas já estou me aquecendo.



Hoje Tahir não quer jogar na praia nem nadar. Ele parece satisfeito apenas em sentar em silêncio junto à fogueira na areia e olhar para mim em meio às faíscas e estalos do fogo enquanto os outros conversam.

Greer lamenta suas escolhas limitadas para sair da ilha agora que terminou seu exame de equivalência do Ensino Médio. Ela não foi aceita na Universidade Bioma, e as poucas faculdades onde foi admitida são todas em lugares chatos ou inundáveis.

— Quando você começa a UB? — Greer pergunta a Tahir. — Estou com muita inveja.

— Meus pais adiaram por mais um ano, para dar mais tempo para eu me recuperar do acidente — conta Tahir.

— Então, como você está passando o tempo, de volta ao mundo? — indaga Farzad. — Você não pode estar na terapia o tempo todo. Já está autorizado a usar o helicóptero-planador?

— Ainda não — responde Tahir. — Gasto meu tempo principalmente reaprendendo o que o acidente me fez perder.

— Eu gostaria de poder ter amnésia — pontua Dementia.

— Não tenho amnésia — retruca Tahir.

— Ela só quer dizer que você parece um pouco esquecido desde então — explica Greer. — Ainda estão lhe dando sedativos ou algo assim? Você também parece mais quieto. É estranho estar aqui na praia sem você ligar alguma música e correr com os garotos pela areia.

— E cobiçar garotas — acrescenta Dementia.

O olhar de Tahir se manteve intenso em mim.

— Acho que ele ainda come com os olhos — observa Farzad.

— Sim, ainda tomo medicação para dor — relata Tahir.

— Já pensou em se juntar ao exército em vez de ir para a UB? — Ivan pergunta a Tahir. Ivan não se deu ao trabalho de se candidatar à faculdade; o exército foi sua única escolha, ou melhor, a de seu pai para ele. — Eles vão ajudar você a voltar à forma.

— Sim, e ficar bombado como este *bad boy*! — diz Dementia, apertando de brincadeira o bíceps recém-protuberante de Ivan. Ela se vira para Greer. — E os uniformes são tão bonitos. Talvez você devesse considerar o exército também, Greer? Daria assunto para conversar com o Aquino que trabalha para o seu pai. Você sabe, pedir para ajudá-la com o requerimento ou a treinar para a Base.

— Esperem: há um Aquino trabalhando para o pai de Greer? — indaga Farzad.

Greer acena. — Sim. Recém-saído da Base. Está fazendo o relatório anual com o qual ninguém se preocupa para a Comissão de Direitos dos Replicantes.

Ivan, Dementia e Farzad riem do absurdo do relatório anual com o qual ninguém se importa, mas não Tahir.

— Mas Aquinos não entram para o exército — estranha Tahir.

— Tradicionalmente, não — concorda Greer. — Esse cara é o primeiro de seu clã. É, então, uma grande coisa ele ter saído para se juntar ao mundo. Ele é incrivelmente bonito. Confesso que todo aquele DNA especial deu maravilhosamente certo nele.

— Ele é tão puro — comenta Dementia. — Que vergonha! Nenhum flerte impertinente para o Aquino proibido. Só que há algo tão ridiculamente romântico e bonito em se acasalar por uma vida.

— Ela puxa o cabelo e chuta um pouco de areia no fogo. — Pelo menos você tem opções, Greer. Meus pais não me deixam sair desta ilha.

— Você causa suficiente terror por aqui — caçoa Ivan. — Não acho que o mundo possa lidar com você, Dementia.

Ela ri. Então, suspira fundo e se vira para Tahir. — Cara, sinto muito, mas alguém tem que te dizer isso. Você está *tão* chato agora. Acho que um pouco de *raxia* o curaria disso. Está dentro do desafio?

Tahir balança a cabeça.

— Você nunca recusou um desafio antes — zomba Farzad.

Assim desafiado, Tahir concorda: — Então vamos usar *raxia*.

— Finalmente, feliz aniversário para o Tahir! — comemora Ivan.



Através do fogo, observo Tahir. Seus olhos castanhos continuam cravados em mim, e eu me maravilho com isso, como esse príncipe humano pode olhar tão fixamente em meus olhos, sem se sentir obrigado a disfarçar. A intensidade de seu gesto poderia fazer um furo em minha alma. Se eu tivesse uma. Eu desejaria ter, nem que fosse apenas para poder entender o apelo da sua *raxia*.

A turma experimentou um novo tipo de *raxia* — uma mistura personalizada do Ivan. A opinião do Farzad foi: — Infusão esquisita, mano. Diferente da *raxia* normal. Parece que me relaxa mais, mas também me dá vontade de, tipo, furar a parede com um soco. Combinação estranha.

Hoje, pelo aniversário de Tahir, Greer deixou de lado o habitual desprezo pela *raxia* e se juntou à curtição da turma. — É, esqueci o sentimento doce que isso pode proporcionar — diz ela. — Estou, tipo, formigando inteira. Mas também quero socar algo. — Alegrementemente, dá um soco no braço de Dementia. — Tipo, brincadeirinha, meu!

— Estou testando colocar componentes esteroides na *raxia*. Este lote contém um pouco de testosterona — informa Ivan aos amigos.

— É assim que você está ficando tão forte? — Farzad pergunta a Ivan.

Ivan acena. — É. Minha nova *raxia*. E minha nova Beta.

— Se de repente crescer a barba em mim, eu te corto, Ivan — avisa Dementia. Eles riem.

— O que você acha da *raxia*, Beta? — quer saber Greer.

— Pffff! — Por ordem de Ivan, tomei um dos comprimidos, mas não me sinto diferente. Ainda não entendo por que adolescentes humanos curtem essas cápsulas.

— Ouvi dizer que a *raxia* afeta os clones de forma diferente — conta Dementia. — Ela os deixa loucos.

Greer dá uma risadinha. — Ouvi meu pai falar com o pai de Ivan. Acho que é realmente por isso que o Aquino está aqui. Para investigar alguma ligação entre a *raxia* e os Defeituosos.

Ninguém ri com ela. Mesmo chapados, eles não brincam sobre os Defeituosos.

— Não tem graça — critica Ivan. — E não é verdade. Olhe para ela. — Ele aponta para mim. — Nenhum efeito.

Eu dou de ombros e admito — Nada.

A *raxia*, porém, teve efeito sobre o Tahir.

— Beta — ele me chama. — Venha cá.

Dou um passo sobre a areia para onde ele está, perto da fogueira.

— Sente-se — ele ordena.

Sento-me na areia ao lado dele.

— Não — corrige ele e, pela primeira vez, vejo o brilho nos olhos castanhos que seus amigos relataram ter desaparecido desde o acidente. — Sente-se no meu colo.

A turma aplaude.

— Este é o nosso Tahir! — comemora Farzad.

— Me sinto bem — diz Tahir. — Diferente. Tanta doçura.

Ivan cutuca meu braço com o dedo.

— Vá se sentar no colo de Tahir, como ele pediu.

Tahir senta com as pernas cruzadas na areia e eu me levanto e me insiro em seu colo. Nunca estive tão perto e próxima de um garoto humano como agora. Não acho que é a *raxia* que me faz sentir intoxicada. É a pressão do corpo quente e moreno de Tahir contra o meu ao me encostar em seu peito nu. Ele respira na parte de trás do meu pescoço, onde a palavra BETA está gravada e sinto a pele em fogo.

— Beije-a! — Dementia diz a Tahir.

— Sim, finalmente, dê um bom uso à Beta — aconselha Farzad.

Mas o rosto de Ivan endurece, e ele avisa Tahir: — Beije-a e eu vou bater em você, mano. O grupo se volta para Ivan, seus rostos chocados. Então Ivan solta uma gargalhada estridente. — Há-há, brincadeira! — comemora Ivan. — Use a Beta como quiser, Tahir.

Tahir envolve seu braço em meu ombro para mover o meu corpo para o lado, para o meu rosto virar direto para o dele. Eu não deveria querer que isso aconteça. Mas quero. Meus olhos dardejам rápido em Ivan. Ele acena sua permissão, apesar da carranca em seu rosto.

Os lábios carnudos corais de Tahir se entreabrem, assim como os meus. Seu rosto se aproxima do meu, mais perto... mais perto... mais perto... e então... *mágica*. Seus lábios pressionam suavemente os meus, e nossas bocas se encontram em exploração suave. Sinto como se meu coração pudesse explodir para fora do meu corpo. Se isso é *raxia*, eu quero mais, muito mais.

A turma aplaude entusiasmada.

— Esse é o nosso Tahir! — afirma Farzad.

A boca de Tahir se move para o meu pescoço, até morder minha orelha. Baixinho, para que nenhum dos outros possa ouvir, ele sussurra em meu ouvido: — Você é a garota mais bonita que eu já

vi. Você é especial. Diferente de todas as outras. Você me faz sentir *vivo*, Elysia.

FUI BEIJADA PELA PRIMEIRA VEZ. E TÃO rapidamente quanto, fui esquecida.

— Bobagem. Os clones servem em festas, não vão a festas — irritou-se o Governador quando a Mãe sugeriu que gostaria de me trazer para a festa à fantasia de aniversário do Tahir, no complexo Fortesquieu.

Talvez eu não seja uma convidada ideal naquela festa, mas tenho algo que os outros convidados não têm. Sei que só eu sou o melhor presente de Tahir, a única garota que o faz se sentir vivo outra vez desde o acidente. Pelo menos, eu era até a *raxia* se dissipar e Tahir adormecer. Ao acordar, voltou a ser totalmente “chato”, como o definiu Dementia, como se o interruptor do desejo de Tahir tivesse simplesmente desligado. Vou ligá-lo de novo. Sei que consigo.

Ivan e Farzad especularam que foi a testosterona no lote da *raxia* que trouxe os desejos de Tahir por malandragem de volta à vida. Eu gosto da malandragem de Tahir. Experimentar decepção por não ter sido convidada para a festa oficial dele seria muito inadequado para mim, e ainda um desperdício; o que ainda quero vivenciar com ele, preferiria que ocorresse em particular, na próxima vez. Se existir uma próxima vez. Por favor, que haja.

Assim, enquanto a família Bratton está fora, no complexo Fortesquieu, a sua Beta vai jogar. Deixada sozinha em casa, minha missão principal é pular na piscina assim que eles saem. Mergulho correndo na piscina infinita, atravesso toda a extensão e acabo emergindo na borda, onde Xanthe está sentada, balançando cautelosamente os pés e as pernas na água. Espirro água nela. — Entre!

— Vou me afogar — alega ela.

— Não vai não. Apenas caminhe para dentro, onde você está. Vamos ficar na parte rasa. Prometo.

Xanthe olha ao redor para ver se há outros funcionários clones que possam denunciá-la. Não vemos ninguém. A equipe descansa ou participa do seminário da Tawny: Maximize o Luxo para o seu Humano, no espaço para conferências do Governador, do outro lado da casa. É crepúsculo agora; a família não voltará antes das dez horas, no mínimo, quando o desejo de Liesel de participar de uma festa à fantasia, inevitavelmente, se chocará com a necessidade de sono da criança. Enquanto isso, posso nadar e mergulhar muito e, quem sabe, aprender mais sobre Tahir com a ajuda de Xanthe. Por isso, pessoalmente planejo maximizar o uso deste tempo raro, quando não estamos à disposição dos seres humanos. Talvez, até mesmo pilhar chocolate. Eu me exercito com bastante energia na piscina nesta noite doce após a tarde em que fui beijada por um príncipe. O aroma do ar está tão especialmente suculento, a sensação da água tão sedosa e o pôr do sol laranja violáceo tão cheio de promessas, que não será uma mera vitamina de morango que me satisfará.

Xanthe dá um mergulho, pressionando as mãos para erguer o corpo sentado da borda para dentro d'água. A água chega até o peito enquanto ela atravessa, com passos de bebê, a borda rasa da piscina. Ela treme, envolvendo os braços ao redor do peito.

— Primeiro fica frio, mas vai esquentar conforme se movimentar — digo a ela.

— É... — Ela mergulha mais fundo, até a água cobrir-lhe os ombros e molhar as pontas do curto cabelo preto. — Refrescante?

Estou em pé ao seu lado e coloco a mão contra as suas costas. — Tente flutuar. Vou te segurar firme, se estiver com medo.

— Eu não me assusto.

— Certo.

Somos programados para não mentir, exceto, talvez, para nós mesmos, no sentido em que acreditamos naquilo que nos foi dito sobre nossa programação, mesmo se a experiência nos mostra o contrário. Xanthe deve experimentar algum nível de receio.

— Incline a cabeça para trás e levante as pernas para que possa flutuar de costas — explico. — Garanto que você não vai se afogar.

Apesar de seus olhos vidrados fúcsia, sinto confiança neles.

— Quero tentar — concorda ela.

Sei que ela está com medo dessa tarefa simples, mesmo que seja algo que ela não possa — ou não queira — reconhecer. Talvez o medo não se baseie apenas no componente químico da adrenalina. Age também na falta de experiência, no ato de se aventurar no desconhecido, mesmo que esse desconhecido seja uma coisa tão descomplicada quanto uma piscina. Pelo menos, a piscina parece

simples para mim, uma extensão natural de mim mesma. Para Xanthe, que nunca esteve em uma, pode significar o grande desconhecido selvagem.

A sua cabeça se inclina para trás e suas pernas flutuam para cima. Coloco os braços sob as costas para ela se sentir apoiada e segura. Não posso acreditar que tome por certo algo tão simples. Ter as habilidades de minha Matriz na água não era meu direito, mas talvez um dom.

Xanthe flutua!

A alegria também surge, sei disso, mas será este sentimento humano dela, ou meu, ao testemunhar ela vivenciando essa nova liberdade?

— Ah! — diz Xanthe, olhando direto o céu e, pela primeira vez, desde que a vi, com um sorriso no rosto. — Esses humanos devem incutir magia nessa água. É bom demais para ser verdade.

— Posso tirar os braços? — pergunto a ela.

— Sim, por favor. Lentamente.

— Não fique tensa. Relaxe o corpo.

Retiro lentamente um braço, e ela continua a boiar. Puxo o outro. Está por si só. Seu corpo flutua.

— Poderia ficar aqui para sempre. — Ela imita o suspiro de satisfação de um ser humano.

— Você ficará bem sozinha se eu for até o outro lado e voltar? — pergunto à Xanthe. Quero me apresentar para a minha aparição masculina subaquática. Sinto falta dele. Ele tem me ignorando ultimamente, agora que o único garoto no qual consigo pensar é Tahir Fortesquieu.

— Hmm — suspira Xanthe, que fecha os olhos, deixando seu corpo se render à sensação de flutuação.

Mergulho e nado até a outra extremidade, na direção da entrada do túnel-gruta, mas não vejo nada além de água e do corpo de Xanthe. Nado pelo túnel perto do qual duas cadeiras flutuantes balançam na água. Retiro as cadeiras, saio da gruta para levá-las de volta para o outro lado da piscina e as coloco na água lá.

— Vamos fazer isso como os humanos fazem — digo à Xanthe. Ela retorna da posição flutuante, fica em pé no fundo da piscina, e eu a ajudo a manobrar para uma das cadeiras.

Subo em minha própria cadeira, ao lado dela. É uma pena que não pensei em trazer nossa vitamina de morango, ou ainda melhor, um pouco de leite com chocolate, para aninhar nos portacopos. Não importa. Esta noite é perfeita o suficiente. Hoje, essa experiência obrigatória de Demesne para seres humanos, *lazer*, é também para os clones.

— Como era a Astrid? — questiono Xanthe.

— Ela era difícil de conhecer — conta Xanthe. — Só queria ficar sozinha em seu quarto a maior

parte do tempo. Estudando, suponho. Muito reservada, então é difícil de dizer. Por que pergunta?

— Só queria saber. Tenho alguma coisa parecida com ela?

— Nadica de nada.

— Deveria ter?

— Eles parecem muito felizes com você do jeito que é, então eu diria que não.

— Seu companheiro. Como ele se chama?

Ela sorri um pouco ao pensar nele. — Ele se chama Miguel.

— Você queria que ele estivesse aqui agora?

Ela espirra água em mim. — Você serve. Por agora. Além disso, hoje à noite, ele está trabalhando no complexo Fortesquieu. Certificando-se de que o oxigênio para a festa seja especialmente deslumbrante. O jovem que eles celebram está em situação delicada desde o acidente.

— Como Tahir Fortesquieu era antes do acidente?

— Não tive muita interação com ele, exceto quando ele vinha visitar Astrid. Ele era muito... verifique a palavra *arrogante*.

Faço isso e determino: — Ele não me parece assim agora.

— Ah, não, realmente? — questiona Xanthe, em um tom sugerindo que ele, *na verdade, é sim*. — Faça um favor a si mesma. Não pense que um humano se importará com você como se você fosse um deles.

— Jamais esperaria que um ser humano se importasse comigo. — Não sei por que as palavras de Xanthe me irritaram; tudo o que perguntei foi que tipo de pessoa Tahir era antes do acidente. Não perguntei se deveria manter a esperança que seria o clone capaz de mudar a dinâmica do amor entre espécies, que eu seria o clone a ser querido em vez de simplesmente usado. Mas ela deveria saber que há uma possibilidade a mais para mim. — Tahir Fortesquieu me beijou esta tarde — confesso.

Em vez de ajustar o rosto para *surpresa*, ela permite que ele fique *preocupado*. Ela toca gentilmente o meu braço e diz: — Não seja como a Tawny.

— Uma assistente de luxo?

— Uma consorte — corrige Xanthe.

— Poderia ser mais que isso para ele — afirmo.

— Não — garante Xanthe, definitivamente. — Você não pode!

Eu me recuso a acreditar nela; não respondo.

— Sei que não devemos querer — continua Xanthe. — Mas, por favor, me prometa uma coisa. Queira mais para si mesma do que ser uma mera consorte de um ser humano.

— O que mais eu poderia ser?

— Você é inteligente, forte e corajosa. Os seres humanos vão tentar evitar que seja algo a mais que seu joguete. Cabe a você superar isso.

— Posso superar isso?

— Acredito que consiga.

— Você conheceu o amor com Miguel?

— Acho que é isso o que sinto. Com ele, eu vivencio... — sua voz se torna um mero sussurro. — Satisfação.

— Tipicamente Demesne, vocês dois — murmuro. Acho que tenho tanta inveja dela quanto estou feliz por ela.

Ela já enjoou de confidenciar, de clone para clone. — Não consigo flutuar nesta cadeira por tanto tempo. É satisfatório por alguns minutos, mas não entendo o que os humanos acham de tão relaxante em descansar, sob o sol poente, enquanto a pele fria encolhe de ócio persistente na água. Como podem ficar parados por tanto tempo?

— Quer experimentar nadar? — pergunto a ela.

— Sim, por favor.

Saímos de nossas cadeiras e as colocamos na borda d'água.

Coloco meus braços por baixo dela novamente. — Vamos tentar nadar de costas. Comece batendo os pés. — Ela bate os pés. — Agora, gire os braços para trás de você. — Ela tenta, mas engole água, perde o equilíbrio, e volta a ficar em pé.

— Não entendo — diz ela.

Demonstro o movimento, nadando no comprimento da piscina e depois a cruzando.

— Não consigo fazer isso perfeitamente assim — diz Xanthe.

— A perfeição não é importante — explico, e nós olhamos uma para a outra, reconhecendo o absurdo de minha declaração, a antítese de toda a ética de Demesne. É como se quiséssemos... rir? — Apenas tente. Estou te segurando.

Ela volta a flutuar de costas e ponho meus braços debaixo dela. Ela bate os pés e, então, começa a elevar os braços para cima, para baixo, para cima, para baixo. Mas a água espirra para dentro do seu nariz e ela volta a ficar em pé.

— Uma sensação muito insatisfatória — afirma, resfolegando inoportunamente.

— Vamos tentar uma maneira mais fácil — sugiro.

Vou até a borda pegar uma prancha. Demonstro como ela pode segurá-la contra o peito e nadar ao

redor da piscina desta forma, ou até mesmo se arriscar até a parte funda, se desejar. Xanthe pega a prancha e começa a bater os pés em torno da parte rasa. Nado de peito ao seu lado, de modo lento e constante, entramos em ritmo tranquilo.

Xanthe para e fica em pé novamente e desta vez ela muda de direção.

— Quero ir para lá — declara. — Para o lado fundo. Como você.

— Ficarei bem ao seu lado.

— Eu sei.

Sáímos para a parte mais funda da piscina.



O sol se pôs e Xanthe está esgotada da nossa natação. Deitamos nas poltronas dos humanos, secando ao ar frio noturno enquanto bebemos nossas vitaminas de morango.

— Você parece vivenciar o amor, não apenas imitá-lo. Tem certeza de que não é, pelo menos, um pouco Defeituosa? — pergunto. Tento definir minha voz como *genuína*, para que Xanthe saiba que não tento ofendê-la ou acusá-la. Quero... consolá-la. Compartilhar isso com ela.

— Talvez — concorda ela, baixinho. — É provável.

Xanthe continua: — Há um exército de Defeituosos se escondendo nas Cavernas do Delírio. Estão fazendo aliados. É verdade. Planejam uma insurreição.

Essa notícia é tão chocante. A vida em Demesne é perfeita demais para desejar que a insurreição seja um sucesso contra o impossível, e ainda assim é também libertador saber que existem Defeituosos por lá que não foram extintos. Eles criaram sua própria esperança. Planejam uma revolução.

— Ouvi o Governador falar sobre isso com o enviado. Disse que as pessoas que protestam no continente alegam que os Defeituosos não são diferentes dos clones habituais. Os manifestantes dizem que a diferença é que os Defeituosos desenvolveram um sentimento natural de indignação e injustiça por serem mantidos em servidão involuntária. — Xanthe diz.

Agora estou assustada. Quero rever essa conversa. — Mas nós não distinguimos servidão voluntária da involuntária. Nós não sentimos.

— Você sabe que não é verdade — Xanthe contesta baixinho. Dessa vez, é ela quem pega a minha mão e aperta. Sinto tantas coisas nesse momento que é até opressivo. Sinto uma conexão com Xanthe como jamais senti com os seres humanos. Sinto admiração ao descobrir que existem Defeituosos

planejando uma insurreição. Sinto espanto ao saber de pessoas protestando — humanos! — que procuram nos libertar.

Não posso negar. Eu *sinto*.

— Se esta ilha é tão pacífica, por que as pessoas no continente protestam por nós?

Ela olha em volta novamente, mas não vê ninguém. Inclina-se para perto de mim e fala baixinho.

— São ativistas do continente que acreditam que os clones em Demesne são essencialmente escravos. Eles lutam para nos emancipar.

Ela mencionou esse conceito antes — *liberdade* —, mas não estou certa do que isso implicaria.

— Emancipar-nos de quê? — Faço um gesto ao nosso redor. Em direção ao paraíso. — Demesne é o lugar mais desejável e exclusivo na Terra. E nós temos que viver aqui. Temos que respirar o ar mais puro. Estamos cercados por uma paisagem que tem uma estética perfeita. Não precisamos de nada.

— Exceto a escolha sobre nossa servidão. Os manifestantes querem que tenhamos escolha.

— Por que precisamos de escolha se não temos alma? E para onde as almas das Matrizes vão quando são extraídas para a criação dos clones? — questiono.

— Eu não sei. Há rumores. Os Defeituosos estão determinados a descobrir. Eles conheceram o sentimento humano, e agora querem tudo. Os sentimentos *e* as almas de suas Matrizes de volta.

Uau.

— Supostamente, há pessoas infiltradas, oficiais militares na Base, que sabem onde as almas são armazenadas — revela Xanthe. — Os Defeituosos levam a culpa, mas são os seres humanos no continente que, em segredo, estão realmente por trás da insurreição.

— Há *humanos* por trás da insurreição? — exclamo. — Como isso é possível? Foram eles que criaram este paraíso.

— Não o suficiente para compartilhar — argumenta Xanthe. — Isso gerou problemas.

— Que tipo de problemas?

Antes que ela possa responder, Tawny sai para o deque. Ela observa Xanthe e eu reclinadas nas cadeiras do deque dos Bratton. — Meu seminário acabou — relata Tawny à Xanthe. — Você deveria ter participado. Vou lhe dar a ficha holográfica dos pontos discutidos, assim poderá revisá-los.

— Ótimo — responde Xanthe. Sei que ela está usando o sarcasmo, mas Tawny parece não entender isso.

— Sim, é — concorda Tawny. — O que você está fazendo aqui?

— Folgando — diz Xanthe.

Tawny não reconhece este sarcasmo também.

— Nós servimos. Nós não folgamos — adverte Tawny.

E, de repente, entendo que tipo de problemas a exclusividade do lazer humano criou. De longe, ouvimos uma forte explosão. Xanthe e eu pulamos em pé e, junto com Tawny, olhamos para além da piscina, das águas de Io, para o topo da montanha, na outra extremidade da ilha. Vemos a fumaça subindo, e então uma bola laranja e a selva se ilumina, em chamas.

Uma bomba explodiu no paraíso.

— DE JEITO NENHUM! — GREER ERGUE OS OLHOS DE seu Transmissor. — O Governador acabou de declarar aos residentes que a bomba foi um incidente isolado, nada a se preocupar. Mas disse que sabe quem plantou a bomba. A Beta! — A turma se sobressalta e vira a cabeça para olhar acusadoramente para mim.

Eu arquejo.

— Não detonei a bomba! — declaro. — A Mãe diz que sou perfeita. *Não sou* criminosa.

— Não é você, Beta — explica Greer, revirando os olhos. — A outra Beta. A que se chama Becky.

Estamos sozinhos no deque da piscina flutuante no Refúgio, com os residentes de Demesne reunidos dentro do clube para um relatório de estilo oficial do Governador sobre o incidente da noite anterior. Os adolescentes se separaram do “grupo tedioso” (segundo Dementia) dos adultos, que talvez acabe não sendo tão tedioso.

Ninguém se feriu na explosão. A bomba acabou sendo um artefato imperfeito, embora ruidoso, capaz de danos mais psicológicos que físicos, além de ter queimado algumas árvores na selva. Como era possível a Becky ter obtido uma bomba?

Talvez eu seja tão culpada quanto a outra Beta adolescente. Não absorvi *preocupação* em minha paleta humana. Estava ocupada demais sendo a Beta valorizada e não a rejeitada. A última vez que a vi na boutique, Becky parecia diferente, comportava-se de modo estranho, e eu sabia que havia algo errado, mas não me preocupei. Saí porta afora da boutique, de volta à minha vida mimada na Casa do Governador, e nem me lembrei dela novamente.

Falhei com a Becky.

Falhei.

Ivan olha para o Transmissor. — Estão dizendo que ela era uma Defeituosa. Isso explicaria tudo.

— Os Defeituosos estão se insurgindo para assumir! — brada Dementia. Ela ergue o punho em solidariedade. — Eles são tão *incríveis*! Dou total apoio.

— Isso não é engraçado — Greer a repreende.

— Eu não disse que era — retruca Dementia. — Mas é bem legal, você tem que admitir.

Precisamos de alguns Defeituosos aqui. Algo para tornar as coisas mais interessantes.

Uma mensagem nova chega ao Transmissor, levando Greer a exclamar: — Puta merda! O belo Aquino que fez a investigação acabou de contar ao grupo que a Beta tomou *raxia* e foi isso que a levou a ficar Defeituosa.

— Não faz sentido — pondera Farzad. — A *raxia* não teve efeito algum sobre a Elysia. A outra Beta provavelmente só ficou Defeituosa porque não acabou sendo uma Beta tão sensual quanto aquela — ele aponta para mim. — Não há fúria no inferno que se iguale à de um clone ruim, certo?

— É melhor que aquela Defeituosa seja totalmente dissecada — avalia Greer. — A química dos clones precisa melhorar. Vocês sabem que a Dra. Lusardi foi trazida aqui para abastecer clones antes da ciência da clonagem ficar realmente pronta para acomodar o setor de serviços, certo? É verdade. Meu pai me contou. Eles simplesmente não querem pagar salários aos trabalhadores humanos que gostaram tanto daqui que nem sequer fingiam que trabalhavam.

— Não, gente, a bomba era minha! — diz Ivan. — Eu a fiz.

O grupo todo ri, exceto Tahir, que ainda tem que dar a sua opinião.

— Todo mundo sabe que você ladra, mas não morde, Ivan — zomba Greer. — A propósito, você percebe que comeu, tipo, dez doces, um atrás do outro? Deixe um pouco para nós!

A mão de Ivan está a meio caminho para alcançar outro doce disposto na bandeja posta para nós pelos serventes no deque. Ele para por um momento como se reconsiderasse se quer outro, e então o pega. Agarra uma torta de framboesa e a devora inteira. — Framboesa! Quase tão deliciosa quanto o ar daqui!

Farzad ri. — Aproveite agora, porque o tipo de comida sofisticada que temos não vai estar disponível para você na Base.

— Exatamente — concorda Ivan, que come outra torta de imediato, desta vez de limão. — Ah — suspira, engolindo o ar suculento. — Apenas um pouco de *raxia* poderia melhorar esta tarde.

Greer joga as mãos para cima. — Gente! Estou tentando falar sobre algo realmente importante

aqui. Uma bomba explodiu em Demesne! Vocês não acham que é chocante que a Beta que fez isso estava apenas sentada, esperando para ser comprada, sendo Defeituosa o tempo todo? Ela deveria ter sido testada antes. — Ela se vira para mim. — Você já foi testada para ver se é Defeituosa? É estranho como você pode, tipo, mergulhar e nadar tão perfeitamente. Isso não é normal.

Antes, Greer me incentivou a arriscar a vida e mergulhar, por entretenimento; agora ela diz que essas habilidades podem me marcar como Defeituosa?

— Talvez a outra Beta não tenha feito isso realmente — apazigua Ivan. — Talvez ela seja apenas um alvo conveniente a culpar. Pode ser tirada discretamente de cena e ninguém vai se importar, ficará apenas o alívio em saber que o perigo se foi. Não é como se ela fosse uma pessoa real que iria a julgamento e contaria o seu lado da história. — Ele olha para mim. — Doce e inocente Elysia, você acha que a outra Beta fez isso?

Todos os outros riem — imagine, solicitar um parecer de um clone!

— Se o Governador diz que Becky fez isso, então ela fez isso — digo.

— Certo — apoia Ivan. — Só para ter certeza de que *você* não está tomando a *raxia* ruim. Isso prova que se uma Beta toma uma mistura personalizada, nova e melhorada, de seu dono, ela fica, obviamente, bem. — Ele dá um tapinha nas costas de seu próprio ombro. — Trabalho bem feito, Dr. Ivan.

Tantos *ses*.

Se eu não tivesse estado tão ocupada mostrando minhas habilidades aquáticas e agradando os seres humanos, poderia ter tentado passar minhas habilidades que os humanos tanto valorizam para a Becky, e então ela poderia ter sido comprada e encontrariam um papel adequado para ela em Demesne.

Se eu tivesse qualquer controle sobre a minha própria vida, poderia ter... o quê? O que eu poderia ter feito antes, ou agora, ou no futuro, para ajudar Becky? O que poderia acontecer se eu fosse a arquiteta de meu destino, em vez de um mero peão no mesmo?

— Essa Defeituosa vai passar por alguma tortura terrível — sentencia Dementia. Estou com ciúmes!

Meu cérebro de repente fecha a lacuna de conhecimento. Percebo para que a enfermaria do complexo da Dra. Lusardi realmente serve. Becky irá para lá e será dissecada, peça por peça, para determinar sua química com defeito, mas ela estará viva e respirando durante a investigação. Sofrendo. Não haverá anestesia para a sondagem à qual Becky será submetida. Pobre e pálida Becky, que também adorava chocolate. Ela terá a pele cauterizada e os globos oculares extraídos e cada

parte de seu corpo cutucada com instrumentos mentais para descobrir o que deu errado nela.

— Isso não é verdade — contradiz Greer. — O Aquino que fez a investigação está relatando ainda à Comissão de Direitos dos Replicantes, e acabou de prometer que a Defeituosa será monitorada por humanos sob os cuidados da Dra. Lusardi. A Defeituosa será reabilitada, em vez de destruída.

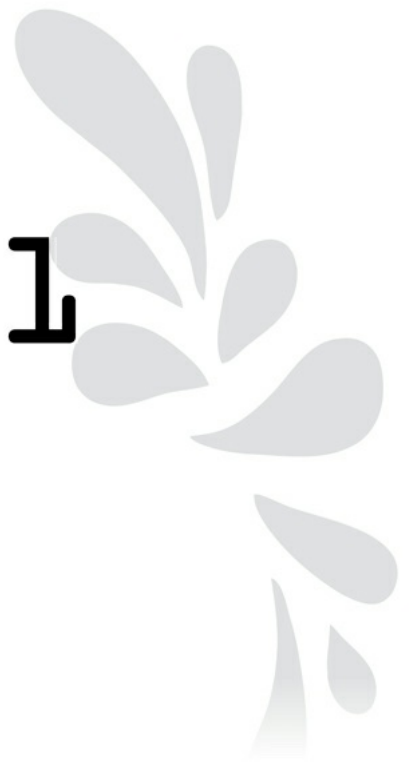
Pelo que testemunhei através das janelas da enfermaria, sei que isso é impossível. Sei que Becky também testemunhou a tortura naquele quarto.

Será que a Dra. Lusardi queria que olhássemos pela janela? Como um aviso?

Dementia, sentada ao meu lado, vira a cabeça para examinar o meu rosto de perto. Ela anuncia: — Ei, rapazes! A Elysia parece realmente preocupada! Tipo, triste, até. Nunca vi um clone parecer tão profundo. Esse negócio de bomba deve ser sério! — ela ri.

— Provavelmente, Dementia deve ter detonado a bomba — diz Tahir. Eu poderia ousar esperar que Tahir desejasse uma conclusão tão absurda? Isso provaria a ele que Betas não são criminosos? Para ele, uma Beta deve ser a garota que ele acha mais bonita, que o faz sentir-se vivo.

A turma ri. Ele está brincando, como o antigo Tahir. A bomba não balançou *totalmente* seu mundo.



MAIS TARDE NAQUELA NOITE, POUCO ANTES DA hora de apagar as luzes nos aposentos dos clones, Xanthe entra discretamente no meu quarto.

— Onde está a Mãe? — pergunta.

— Ainda com o Governador, no Refúgio — respondo.

— Bom — afirma Xanthe. Ela fecha a porta do quarto atrás dela. — Você ouviu?

— Ouvi. A Becky será extinta?

— Sim. Mas não de imediato, graças a Aquino. Seu relatório à Comissão de Direitos dos Replicantes não pareceria tão bonito se um Defeituoso fosse colocado diante de um pelotão de fuzilamento. Mas essa sua suposta defesa dos “direitos” selou o destino de Becky. Agora, ela vai morrer de forma lenta e cruel.

— Na enfermaria?

— É provável.

— Onde você acessa suas informações, Xanthe? É uma modificação de dados que eu poderia receber também?

— Dificilmente. Os seres humanos têm seus Transmissores. Nós... temos nossa própria rede.

— “Nós”?

— É melhor você não saber, por enquanto.

Há algo mais urgente que eu preciso perguntar. — Você já tomou a *raxia*? É por isso que você é capaz de sentir?

— Miguel e eu tomamos a *raxia* — admite ela. — Alguns clones no Refúgio se apossaram de um

pouco e compartilharam. Parece que ela desbloqueia algo em nossos cérebros e nos desperta.

— Ela não me despertou — observo.

— Você a tomou?

— Sim. Não teve efeito algum em mim.

As sobrancelhas de Xanthe enrugam. — Não sei por que isso não aconteceu. Dos clones que conheço e que a tomaram, apenas uma dose de *raxia* foi suficiente para despertá-los. Talvez por você ser uma Beta? Ou seus hormônios adolescentes são diferentes? — Sua expressão facial sugere que seu cérebro está computando adiante. — O que, é claro, invalidaria a condenação da outra Beta. Se a *raxia* não a afeta, não deveria tê-la afetado. Ou ela nunca a tomou e isso nunca a fez, supostamente, ficar Defeituosa.

— Ou a Becky não detonou a bomba e os humanos estão mentindo — concluo.

— Eu culpo o Aquino — declara Xanthe. — Na verdade, eu o odeio.

— Odeia? — pergunto. Xanthe se enfurece. Agora não pode haver nenhuma dúvida: ela é uma Defeituosa. No entanto, não estou com medo dela.

— *Odeio* — afirma Xanthe. — Ele é o maior hipócrita pelo que causou para a outra Beta. Devem ser pessoas espiritualizadas, que mantêm relações éticas com a natureza. Os Aquinos não devem ser peões militares. Para o Aquino pôr a culpa em Becky é contra sua própria natureza.

— Talvez seja exatamente por isso que o Aquino a entregou. Porque os Aquinos não acreditam que os clones sejam “naturais”.

Xanthe pega seu próprio pulso, e de repente arranha a unha afiada através dele, fazendo com que a carne sangre e meu coração doa. — *Eu sou real!* — grita Xanthe. — *Você é real!*

No calor da nossa conversa, não notamos uma figura silenciosa entrar no meu quarto. Liesel está à porta, segurando um ursinho de pelúcia e chupando o dedo. — Liesel! — digo. — Você sabe que a Mãe disse que chupar o polegar é coisa de bebês, não de garotas grandes. O que você está fazendo aqui, querida?

— Estou com medo. Ela olha em direção ao braço ensanguentado de Xanthe e geme.

Vou até ela e a pego em meus braços. Ela inclina a cabeça em meu ombro. Liesel pergunta: — Você é uma Defeituosa, Xanthe?

— Claro que não — a acalma Xanthe. Mas sua voz não está definida para *tranquilizante*. — Vou fazer um pouco de leite quente para ajudá-la a dormir.

Liesel balança a cabeça em meu ombro. — Não! Vá embora, Xanthe. Você me assusta.

Xanthe olha para mim, e eu aceno para ela em reconhecimento tácito. Eu tenho esta situação sob

controle. Assim que Xanthe retirou-se do meu quarto, Liesel diz: — Você não é uma Beta ruim como a que detonou a bomba, é, Elysia?

Eu acaricio seu cabelo. — Não, Liesel. Eu sou uma Beta boa. Uma boa menina, exatamente como a Xanthe. Eu vou amar e cuidar de você como uma irmã deveria.

Suas lágrimas molhadas caem em meu ombro. — Sinto saudade da Astrid — confessa. — Mas eu sentiria mais falta de você, se você fosse embora. Por favor, não me deixe, Elysia.

— Não vou te deixar — prometo.



Mas não é preciso acalmar mais os pesadelos de Liesel. Assim que a Mãe chegou em casa e encontrou a caçula ainda nervosa com a ansiedade sobre a bomba, decidiu que o único modo de sossegar a garota seria dar-lhe uma pequena dose de medicação tranquilizante. Liesel não precisa de mim ao seu lado para ajudá-la a dormir já que ela desmaiou fria, o que é uma pena, pois eu não me importaria com seu calor intranquilo abraçando-se contra mim nesta noite. Só tenho a escuridão do quarto e o vazio para me fazer companhia.

Isto é, até que o Governador entra em meu quarto, sem bater, e acende a luz.

Nunca estivemos juntos sozinhos em um aposento antes. Vê-lo sem o seu habitual cortejo de trabalhadores ou membros da família ao redor faz com que pareça maior que o habitual, sua cintura imponente não ofuscada pela presença física de outros. Ele fecha a porta.

— Preciso interrogá-la sobre o incidente — diz ele.

— Sim, Governador.

O Governador anda em direção à minha cama. Ele não sorri afavelmente para mim como a Mãe. Ele é totalmente um homem de negócios.

— Você conhecia essa outra Beta, a Becky?

— Sim. Estive com ela na mesma butikue apenas por um curto período de tempo, antes de a Mãe me comprar.

— Ela agia de modo estranho?

— O que quer dizer com estranho?

— A agente da butikue disse que recentemente Becky vinha se comportando de modo diferente. Selvagem e insolente, como uma adolescente humana de sua idade. Desrespeitando autoridade, descumprindo as regras.

— Ela parecia banal quando a conheci. Ela só emergiu recentemente, como eu.

— Clones adolescentes estão apenas em fase Beta agora, pois os hormônios da puberdade são imprevisíveis. Os cientistas mais avançados ainda não entendem completamente como fazer a transição de um clone adolescente para a fase adulta. Este incidente infeliz torna imperativo, obviamente, que entendamos se os hormônios daquela Beta rebelde contribuíram para ela se tornar má. — Ele se senta em minha cama. Por que o Governador não reconhece, como contou aos moradores da ilha, que a *raxia* fez Becky ficar Defeituosa e não os hormônios como ele parece estar tentando me dizer? — Não queremos que isso aconteça com você, certo?

— Correto, Governador.

— A Beta vai ser submetida a testes químicos extensivos, obviamente. Podemos ter de fazer alguns testes em você, também.

Meu corpo fica tenso. *Medo*. É real.

O dedo indicador do Governador toca levemente meu joelho exposto, logo abaixo de onde minha camisola curta acaba. — Não posso ter uma Defeituosa em minha própria casa, posso?

— Não, senhor!

Sua mão cheia caminha para a parte superior da minha coxa.

— A menos que prefira que eu faça os testes eu mesmo — sugere o Governador. — Você quer que eu mesmo faça os testes?

Sei que estou sendo ameaçada. Sei que sou mais jovem e seria considerada mais bonita que Tawny, por causa da minha estética inocente, que Dementia disse ser atraente para certos tipos de “perversos”. Mas também estou servindo na Casa do Governador como uma filha.

— Não tenho desejos — afirmo.

— Boa menina. — Centímetros acima, sua mão está quase me tocando lá — Tawny me disse que você e a Xanthe compartilharam momentos de lazer. Atividades prazerosas não são para clones, você sabe. A menos que o lazer esteja a serviço de um ser humano. — Sua respiração ficou mais pesada e há um fio leve de suor acima de suas sobrancelhas. — Tão bonita — murmura conforme sua mão pressiona entre as minhas pernas. — Tão pura.

O som da porta de meu quarto sendo aberta nos assusta, e olhamos para a entrada, onde se encontra Ivan. Ele grita: — Pai! — Sua exclamação indica que ele está à procura do Governador, mas seu rosto registra *preocupação*, sugerindo que talvez ele estivesse procurando por mim.

Em um instante a mão errante do Governador retorna para seu lado. Ele rapidamente se levanta.

— Eu estava questionando Elysia sobre a Beta desonesta — diz o Governador.

Ivan olha para baixo de seu pai. — A Mãe está procurando você — diz Ivan, seus olhos parecendo desafiar o pai: *Tente me contar esta mentira. Apenas tente.*

— É claro — responde o Governador. — Vou encontrá-la. — E sai do meu quarto.

Ivan vai até a minha cama e coloca o cobertor sobre a minha cintura. Ele se inclina para sussurrar no meu ouvido: — Talvez você devesse dormir no quarto de Liesel a partir de agora. Mas, se não fizer isso, certifique-se de sempre deixar a porta aberta. Ok?

Concordo com a cabeça. — Ok!

Quando ele sai do cômodo, deixa a porta entreaberta.

— Obrigada, irmão — sussurro, sozinha no quarto.

Preocupação está agora embutida com segurança em minha pele, e não é porque o meu banco de dados a colocou lá.



XANTHE EXPLICARÁ ISSO PARA MIM.

Na madrugada seguinte, procuro por ela. Preciso do seu conselho sobre o que fazer se o Governador aparecer novamente de surpresa no meu quarto. Quero perguntar se ela acha que realmente vão me levar para testes, devido ao que ocorreu de errado com a Becky.

Esgueiro-me até as cabanas dos criados antes de os humanos acordarem. Pela abertura da janela da cabana, no extremo da fila, vejo Xanthe se vestir. Vou até lá e a chamo baixinho. — Xanthe?

Ela vem até a janela e me vê. — O que está fazendo aqui? Você não deveria...

— Eu sei — interrompo. — Por favor! Preciso de sua ajuda.

— Espere, vou acabar de me vestir e já saio.

Enquanto ela coloca seu uniforme de trabalho, inspeciono seus aposentos. É exatamente como parece: uma cabana mobiliada apenas com duas camas de solteiro e uma cômoda básica. Não há arte nas paredes nem decoração que indique alguma coisa sobre os trabalhadores que nela habitam. O piso é feito de simples tábuas de bambu postas sobre o chão gramado. Mas, dessa vez, não há nenhum amante nu no local. Em vez disso, na cama ao lado da dela está Tawny, dormindo de costas, com seu cabelo loiro-azulado tão longo que quase cobre seu traseiro. Tawny se mexe enquanto Xanthe se veste, mas não acorda.

Xanthe sai do quarto.

— Não sabia que a Tawny era sua companheira de quarto — sussurro.

Ela me conduz a uma árvore grande, onde podemos ficar e falar parcialmente escondidas por folhas e galhos. — Isso importa? — pondera Xanthe.

— Ela não atrapalha seu ato sexual com Miguel?

— É claro que atrapalha. Felizmente, o Governador a mantém ocupada a maior parte do tempo. O que está acontecendo?

— Ontem à noite, o Governador entrou em meu quarto.

A ameaça de um sorriso que estava no rosto de Xanthe desaparece. Ela acena com a cabeça. — Você está bem?

— Disse que podem me mandar para testes de Defeituosos, como a outra Beta adolescente. Falou que só ele poderia assegurar que isso não acontecesse.

Seu rosto fica vermelho. — Ele... você sabe?

— Não aconteceu nada. Ivan chegou e disse ao Governador que a Mãe procurava por ele. Mas o que acha que devo fazer na próxima vez que ele vier ao meu quarto e Ivan não estiver por perto?

É a coisa mais estranha o abraço forte que Xanthe me dá. Nunca experimentei um desses vindo de minha espécie antes, só da Mãe. O gesto me faz lembrar uma palavra nova que descobri recentemente: melancolia. — Não há nada que possa fazer — sussurra em meu ouvido. — Eles são seus donos.

E se afasta. Então, bem baixinho ela diz: — Talvez o Governador não seja um problema para você por mais tempo. Para nenhum de nós.

— O que quer dizer?

Ouvimos Ivan me chamando a distância, pronto para começar o treino matinal.

— Vá — diz Xanthe.

Não me importo. Inclino-me para outro abraço e a aperto com força. — Obrigada, Xanthe — digo. Não me sinto melhor com a situação, mas fico mais confortada.



Ivan e eu terminamos nossa corrida matinal na praia, onde as escadas levam até a Casa do Governador no topo do penhasco.

Ele está em boa forma. Em apenas algumas semanas, será enviado para a Base. Deve facilmente manter sua posição, se não ultrapassar a dos recrutas companheiros no que diz respeito à força física e resistência; passou de lutador com corpo volumoso para um jovem magro e ágil.

Ele me soca antes de arrancarmos escada acima — o ritual do jogo de boxe que encerra nossos treinos. — Adivinha o quê? — diz.

Não entendo esse jogo humano de “adivinha o quê?”. Por que não dizer simplesmente: o que você quer dizer?

— O quê — respondo, usando a frase favorita de Liesel.

Ivan dá algumas notícias interessantes entre os golpes. — Más notícias, campeã. A Mãe contou à mãe de Tahir sobre você, e agora ela também quer testar uma Beta. A família Fortesquieu a pediu emprestada por uma semana, para ver como será em caso de fazerem a sua própria compra. A Mãe disse que sim, por causa do grande susto da bomba. Ela acha que te enviar é uma ótima forma de mostrar à ilha o quanto uma Beta pode ser ótima. Uma Defeituosa não deve estragar tudo para todos.

— Então, por que as notícias são más? — indago. Por que meu coração sente vontade de cantar: *Oba! Uma semana inteira com Tahir! E uma semana livre do Governador.*

O rosto de Ivan de repente escurece, do modo que às vezes faz quando toma sua mistura especial de *raxia* temperada com testosterona. — Porque você é *minha* Beta e não aprecio o modo de os Fortesquieu acharem que podem apenas tirar você desse jeito, por serem tão poderosos e importantes — sibila Ivan.

— Está tudo bem — tento tranquilizá-lo.

— Não, não está tudo bem. Mas não há nada, tampouco, que eu possa fazer. Cuidado, campeã — adverte ele. Eu puxo minha mão na hora certa para o seu mais duro golpe bater no ar e não em mim. Seu soco é tão forte que acho que teria quebrado a minha mão.

Ivan e eu batemos os punhos, celebrando, um contra o outro. Fim de jogo. Hora do almoço e do descanso. Estou confusa porque Ivan não quer a sua Beta em exibição na melhor casa de Demesne. Se a minha semana com os Fortesquieu correr bem, só poderá fazer os Bratton serem mais admirados pela perspicácia de comprar uma.

À medida que começamos a subir a escada, vejo as fendas vazias; as garrafas com sementes de *cuvée* e componentes esteroides de Ivan foram removidas. — Onde está o seu conjunto de química? — pergunto.

— Levei os materiais para um local secreto escavado por trás da parede do meu quarto.

— Você não se preocupa que o Governador possa descobrir isso?

— Claro que sim. Mas ele não sabe que uso *raxia*, então é improvável que procure. Está muito mais interessado em que eu esteja em grande forma para a Base; se importa mais com quantos carboidratos eu como e por quanto tempo me exercito todos os dias. Ele nem imagina que eu use *raxia*. Haha, e fornecida por mim! Estou gostando de ter acesso mais fácil ao meu estoque agora. Está ficando perigoso deixar os materiais lá fora.

— Por que tão arriscado?

— Há muitos investigadores xeretando a ilha, procurando por *raxia*. Mas eles jamais olhariam dentro da Casa do Governador.

Todo mundo nesta ilha quer manter algo em segredo.

Eu quero rugir.



Ao terminarmos a subida e voltarmos para casa, Ivan e eu ouvimos um barulho vindo do grande solar. Um grito agudo feminino, seguido pelo que parecem tiros e uma vibração de pés correndo em nossa direção.

É Xanthe. Está sendo perseguida pelo Governador e pelo guarda-costas da Mãe.

— Defeituosa! — grita o Governador — Como se atreve a se enfurecer em frente da minha menininha?

Não! Liesel deve ter contado ao pai sobre ter visto Xanthe se cortar.

Xanthe dispara, parando à beira do precipício. Acho que ela vai pular. Mas...

— Não olhe — diz Ivan. Seu braço agarra minha cintura e ele puxa minha cabeça para o seu ombro.

Ainda consigo ver.

Os guarda-costas cercam Xanthe. Ela não tem para onde ir.

— *In-sur-rei-ção!* — grita ela, arrastando a palavra em um brado épico de batalha.

O Governador aponta um rifle para ela. Mas não atira.

Em vez disso, um dos guarda-costas empurra Xanthe do penhasco.

Seus gritos ecoam em toda a propriedade, e ela despenca do rochedo, batendo em suas superfícies irregulares conforme cai.

Os gritos cessam antes que ela atinja a água.

Deve ter morrido antes.

Meu corpo fica dormente. Tudo o que consigo pensar é: certamente os banhistas na praia puderam ouvi-la. Isso não pode ser bom para os negócios.



Sozinha, em meu quarto naquela noite, não consigo controlar a profundidade dessa tristeza. Sinto fúria e desespero enormes, além de culpa. Eu sabia que Liesel tinha ficado assustada com as ações da Xanthe e deveria ter previsto que contaria esse medo ao pai. Eu deveria ter dito à menina que Xanthe só estava brincando, mentir para ela, dizer que o que pensou ter visto não foi o que viu. Por que o meu *chip* não se automodifica para a autopreservação ou para proteger a minha irmã real, Xanthe? Talvez ela fosse uma Defeituosa, mas era minha amiga, minha protetora, mais familiar que os Bratton jamais poderiam ser.

Sinto um gosto amargo na boca. Meu corpo se curva para a posição fetal, para excluir o mundo. O que sinto agora confirma o que eu já sabia, mas me recusava a reconhecer. Não sou simplesmente uma Beta com peculiaridades.

Sou um membro da família dos Bratton, como Astrid, desde que eu me comporte como uma menina falsa, e não uma real, com sentimentos, desejos e trevas. Ao contrário de Astrid, sou facilmente dispensável para eles.

Como Xanthe: sou uma Defeituosa.

Luto [Lu-to]: Sofrimento mental agudo ou angústia por aflição ou perda; tristeza acentuada; remorso doloroso.

Retaliar [re-ta-li-ar]: Devolver algo com algo igual, especialmente mal com mal.

Dedico estas palavras à Xanthe.



DEVO CONTINUAR A SER UM BRINQUEDO, a fim de continuar viva.

— Pobre, querida Xanthe. — Ouço por acaso a Mãe explicar ao Aquino, que a entrevista no escritório do Governador. — Sofria de terrível falta de equilíbrio. Eu sempre lhe implorava para que não ficasse perto da escada. Que horror!

Se eu for afogada por essas pessoas, por ser Defeituosa, a Mãe contará à Comissão dos Direitos dos Replicantes que, simplesmente, jamais aprendi a nadar?

A conversa que estou tentando escutar está sendo encoberta pelo barulho das ferramentas elétricas do jardineiro do lado de fora da janela do escritório. Consigo distinguir as palavras entre a Mãe e o Aquino, mas não o seu tom.

— Tem certeza de que ela não era suicida? — especula o Aquino. Além de não conseguir ouvir muito claro o tom de sua voz, estou desapontada por não ver seu rosto, que Dementia e Greer e todas as outras senhoras na ilha consideram tão marcante. De onde observo, dentro do *closet*, só posso ver suas costas. Quero conhecer o rosto responsável pelo envio de Becky de volta à Dra. Lusardi. Quero me lembrar dele.

— Clones não se tornam suicidas, meu jovem — aponta a Mãe. — Eles não são como pessoas reais. Você sabe qualquer coisa sobre eles?

O que é melhor, me pergunto, ser um brinquedo para os humanos, ou controlar o seu próprio destino, mesmo se a única forma de fazer isso for o suicídio? Que mensagem seria essa, de tirar a própria vida? Provavelmente nenhuma. Os humanos em Demesne prosperam por causa de sua cultura do descartável, um clone é bastante fácil de substituir. Eles não sofreriam por causa de objetos, a

menos que os objetos tivessem algum valor material ou monetário.

De forma alguma, Xanthe teria escolhido o caminho do suicídio. Ela tinha um sonho de emancipação. Deu a entender que estava envolvida com a Insurreição, que era parte de algo grande, algo esperançoso. Nunca tive a chance de saber mais sobre o que ela fazia em segredo. Mas vou descobrir.

— Na verdade, Sra. Bratton — diz o Aquino —, com todo o respeito, há muitos dados que mostram que os clones não são os autômatos insensíveis que tentamos acreditar que são. De fato, grande parte das últimas pesquisas sugere...

— Bobagem — interrompe a Mãe.

— Para o registro, então, poderia confirmar que o Cordeiro expirado, Xanthe, caiu para a morte em um acidente infeliz? — insiste o Aquino.

— Sim! Já lhe disse isso! Agora deixe-me só. Estou com dor de cabeça.

— Obrigado, Sra. Bratton. Espero que melhore.

Ele se levanta, aperta a mão da Mãe e sai. Acabei nem vendo seu rosto.

Quando atingiu o oceano, a face de Xanthe estava provavelmente quebrada em pedaços e sangrando.

Minha amiga-irmã foi morta a sangue frio enquanto eu observava, impotente.

Ele deveria saber disso.

Um dia, vou olhar no rosto do Aquino e vou lhe contar.



Mais tarde, enquanto a Mãe está de cama com dor de cabeça, fecho as cortinas de seda em seu quarto, escurecendo as janelas do teto ao chão em seu quarto. Quando puxo a última, olho para fora, para a encosta com vista para Io, para o lugar exato onde Xanthe foi empurrada.

Seus gritos ecoam em minha memória.

Gritos são iguais a sofrimento, em meu entendimento.

É provável que a outra garota tenha sofrido também. Qualquer coisa que tenha ocorrido à minha Matriz, que me levou a ser feita dela, pode ter causado uma dor profunda a ela. A adolescente poderia ter sido morta como Xanthe? Ivan me contou que piratas vagam pelos mares abertos no perímetro, a muitos quilômetros de Demesne, onde o oceano é especialmente bravo e imprevisível, pois as calotas de gelo na parte inferior e superior do planeta derreteram e elevaram o nível do mar,

que bate com fúria. Contou que caçadores de emoção também arriscam as vidas e se aventuram naqueles mares para tentar entrar ilegalmente em Demesne, ou apenas para chegar às Cavernas do Delírio; muitos são capturados por piratas e mortos, sendo então vendidos à Dra. Lusardi. Foi assim que eu vim a existir? Porque minha Matriz foi assassinada e seu corpo duplicado, mas a sua alma extraída para que uma família em Demesne pudesse ter um brinquedo?

Os humanos criam vida e, sem sentido, causam a morte. Para nada. Não posso deixar as mortes de Xanthe e de minha Matriz serem em vão. Como faço para revidar? Será que consigo?

O pensamento de sua dor — de Xanthe e da minha Matriz — queima minha mente, me faz sentir tontura, enfraquece os joelhos. Não pedi para emergir. Não pedi para entender os sentimentos humanos de ira e injustiça. Sua dor é a minha dor. Troveja através do meu crânio e ondula por meu corpo. Ela sufoca e me oprime. Caio no chão, com o quarto girando diante de meus olhos. Perco a consciência.



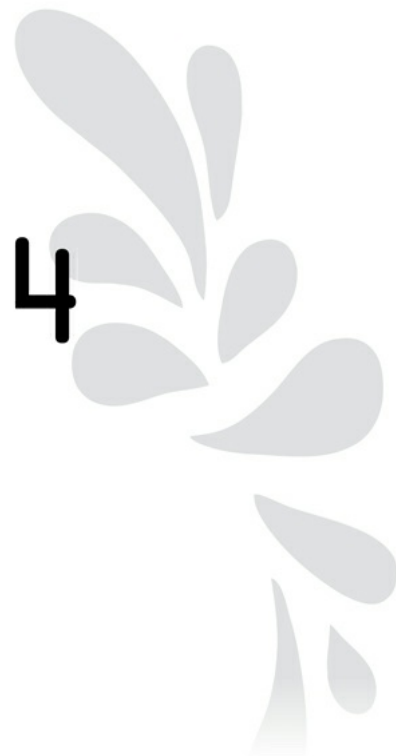
Quando acordo, estou deitada de bruços no chão. Posso ouvir o ronco vindo da cama perto de mim. A Mãe ainda dorme.

Devo ter desmaiado. Minha mente precisou fugir de tanto sofrimento.

Escapar.

Como Xanthe, talvez seja isso que minha Matriz tentava fazer quando chegou o seu fim.

Cerro os punhos e mexo os dedos dos pés para despertar. Faço uma promessa a mim mesma. Quando chegar a hora, quando esses sentimentos de fúria e injustiça forem superados, não vou desmaiar. Vou lutar.



É UMA CURTA DISTÂNCIA PARA VOAR DA CASA DO Governador ao complexo Fortesquieu, e a Mãe usou cada segundo da viagem para me orientar sobre como me comportar com os meus novos donos temporários. Devo fazer o que mandarem, vestir o que pedirem e ser o que desejarem que eu seja. Mas devo ser devolvida da mesma forma como estou sendo entregue. Se quiserem mudar o meu cabelo ou me estetizar de algum modo, devo lembrá-los de que, por favor, consultem antes a Mãe.

A Mãe e eu estamos frente a frente em assentos opostos na parte de trás do Aviate, com um antigo baú de enxoval no chão entre nós. Ela não decidira ainda o que eu deveria pôr na mala na hora que saímos da Casa do Governador, então trouxe junto com o baú coisas para escolhermos pelo caminho. A bagagem está cheia de vestidos que Astrid nunca usou, mas que a Mãe guardou caso um dia ela deixasse de ser uma pacifista grunge e se tornasse uma *fashionista* com gosto por clássicos. A Mãe pega um vestido rosa champanhe e o segura contra seu corpo. — Teria que deixar de comer por um mês para entrar neste vestido — lamenta ela. — Mas você ficará muito bonita nele. Sim, vamos colocá-lo em sua mala. Você pode usá-lo para jantar com os Fortesquieu.

— Sim, Mãe.

— Gostaria que os clones tivessem Transmissor, assim você poderia me contar tudo que acontece lá — gorjeia a Mãe.

Ivan diz que tenho sorte de não poder Transmitir. Clones não precisam de muita informação ao vivo: tudo que temos que saber está em nossos *chips*, o que deve ser um alívio, segundo Ivan. Ele diz que a Astrid desativou seu Transmissor quando foi para a universidade, pois receber Transmissões

constantes da Mãe era seu pior pesadelo. — Embora seja possível que a mãe de Tahir queira te vestir, em vez de você usar o que estou mandando — acrescenta a Mãe.

— Ela tem acesso a todos os melhores *designers*. Mas, conhecendo Bahiyya, ela se absterá das tendências mais recentes em favor de algo careta. Pessoas que cresceram pobres podem ser assim, não têm percepção por coisas finas.

— A mãe de Tahir era pobre? — O príncipe Fortesquieu é descendente da pobreza? Nunca pensei que os humanos em Demesne poderiam vir de qualquer coisa a não ser da elite.

— Que história trágica e inspiradora! — conta a Mãe. — Ambos, Bahiyya e Tariq, eram pobres. Dá para imaginar? Essas pessoas importantes vieram da miséria total? Cresceram juntos na favela, em uma das antigas cidades inundáveis. Os dois são descendentes de ancestrais comuns franco-tunisianos, creio eu. Foram namoradinhos de infância, separados na adolescência quando as guerras vieram.

— Então, como é que os pais de Tahir viveram uma história de amor? — Romance é jogo favorito de Liesel da FantaEsfera. Parece que é baseado em verdades e possibilidades humanas.

— Eles se encontraram novamente anos mais tarde, na Cidade de Bioma. Dizem que Bahiyya foi à CB para buscar uma vida nova depois de perder o marido, com quem ela se casou muito jovem, e os filhos que tiveram juntos. Sua família inteira foi aniquilada nas Guerras da Água. Horrível. Mas perder sua primeira família abriu o caminho para redescobrir o seu amor de infância, que se tornara um dos homens mais ricos do mundo. Esse é o lado bom! Tariq Fortesquieu era um *workaholic* de carteirinha antes de Bahiyya, casado com sua ciência. Mas assim que se reconectaram, ela se tornou tudo para ele.

Verifico Tariq Fortesquieu em meus dados. A interface de referência biográfica revela que ele foi o cérebro por trás do desenvolvimento da Cidade de Bioma. Ele foi um prodígio da ciência quando criança, que saiu de casa para estudar astrofísica com uma bolsa no Instituto Bioma, o precursor da Universidade Bioma. No Instituto, desenvolveu o mecanismo que acabou por trazer de volta alguma aparência de paz ao mundo fraturado pela guerra ambiental. Criou nuvens artificiais que fabricaram chuva e água para terras anteriormente inabitáveis. Por causa de seu trabalho, o deserto estéril pode ser aproveitado para desenvolvimento urbano. Essa invenção permitiu que milhões de refugiados de guerra construíssem e povoassem as novas cidades do deserto, como CB, a mais brilhante joia da coroa de Tariq Fortesquieu. Com as novas cidades, vieram novas economias e uma nova esperança.

A Mãe continua: — O acidente de surfe de Tahir foi particularmente cruel para os seus pais. Eles já perderam tanto e lutaram tanto para criá-lo.

— Lutar é muito não atarácico? — investigo.

— Com certeza, querida. É por isso que Demesne é esse alívio para aqueles que já a mereceram. Certamente, Bahiyya e Tariq se esforçaram para produzir Tahir. Entenda, os dois estavam com quarenta e muitos anos quando se reencontraram em CB. Eles se casaram imediatamente e tentaram desesperadamente ter uma criança. Mas ela estava perto da menopausa e com o corpo enfraquecido por anos de guerra e sofrimento. Não era capaz de levar uma gravidez a termo, e nem mesmo o dinheiro do marido ou sua estimada ciência podiam ajudar. O tempo estava se esgotando. Então, fizeram o que vem naturalmente. Tahir nasceu para eles através de uma barriga de aluguel.

— Tahir é filho biológico deles? — pergunto, de repente, curiosa para saber se o príncipe deles pode ser um humano completamente diferente do que eu tinha sido levada a acreditar.

— Sim. A pobre Bahiyya estava muito velha para ter outra criança e, depois dos outros filhos que já havia enterrado na vida anterior, não queria ser gananciosa. Disse que um filho com seu primeiro e verdadeiro amor era tudo o que ela poderia esperar, e teve o desejo satisfeito. Tahir é a luz na vida de seus pais. Quer dizer, eu amo os meus filhos, é claro. Mas eles adoram Tahir com uma intensidade que nem vou fingir conhecer. Não é de admirar que se recolheram para a privacidade em CB após o acidente.

— Precisavam de acesso rápido aos melhores especialistas e instalações médicas disponíveis para se certificarem de que o filho amado se recuperasse e tivesse o melhor atendimento possível — digo.

— Certo. Você é tão perspicaz, querida. Demesne provê o paraíso, mas não milagres médicos, como podem se obter em CB. Agora que os Fortesquieu voltaram para cá, isso só pode significar que Tahir está curado. Que alívio. Os Fortesquieu são os moradores mais ricos de Demesne; o Governador diz que somente seus impostos poderiam sustentar a ilha. Todo o nosso modo de vida aqui poderia ser alterado se não tivessem propriedades em Demesne. Você deve ser para eles a melhor Beta que conseguir, Elysia. É importante que você represente para eles o quanto este lugar é realmente especial.

O Aviate começa a aterrissar no terreno do complexo Fortesquieu e os guarda-costas da Mãe, no banco da frente, comunicam nossa chegada à equipe de solo dos Fortesquieu. — Será que Bahiyya vem me cumprimentar? — a Mãe pergunta para o guarda-costas no banco da frente.

— Fomos instruídos a deixar sua companheira na frente, Sra. Bratton. O mordomo vai tomar conta dela.

O rosto da Mãe entristece; ela fica decepcionada ou indignada que a dona da casa não sairá para

cumprimentá-la. Ela olha com melancolia o vestido de festa ainda enrolado em seu corpo. — Você será muito reconfortante para Bahiyya. Os Fortesquieu merecem ter uma Beta por empréstimo por uma semana depois de tudo que passaram. Seja uma boa menina. Você vai sentir falta de toda a emoção de casa, da preparação para o Baile do Governador, mas pode me informar tudo o que acontece no complexo Fortesquieu assim que retornar. Como pode ver, eles podem ser esnobes, mas... suponho que fizeram por merecer. — Eu me pergunto se a Mãe também fez por merecer. Será que ser esnobe é um “direito”? A Mãe se inclina para mim, então sua bochecha está perto de meu rosto. — Dê um beijo de adeus à Mãe. — Eu a beijo. — Diga-me que sentirá saudade de mim, Elysia.

— Vou sentir sua falta, Mãe.

Eu sinto. Eu quero. Eu minto.



Um clone mordomo me conduz ao vestíbulo principal, depois de a Mãe me passar a ele e partir no Aviate. O chão do vestíbulo e a escada em forma de caracol são feitos com o melhor mármore, as paredes douradas cobertas com pinturas de mestres retratando deuses e deusas de mitos antigos. Tahir entra na sala vestindo *short* e uma camiseta amassada, as tranças da parte superior frontal da cabeça soltas e despenteadas, seu vestuário casual é um contraste direto com a formalidade da sala.

— Oi — diz ele. Talvez o piso tenha calor radiante, pois, quando olho para ele, acho que vou derreter. Mas seu olhar me sugere apenas interesse remoto e, pela primeira vez, entendo por que as meninas às vezes adulam garotos inatingíveis ou difíceis de se conhecer — porque não conseguem deixar de fazer isso; a reação é involuntária. Felizmente, a sensação calorosa momentânea da visão dele é a minha satisfação particular. Sou fisicamente incapaz de bajular e, portanto, não terei que vivenciar aquele incômodo infeliz chamado amor não correspondido. Estou aqui para servir.

— Oi — o imito de volta. Pego a mala para levar para meus aposentos, mas Tahir balança a cabeça e gesticula para o mordomo.

— Não é pesada, tudo bem — asseguro.

Mas Tahir diz: — Não, isso é trabalho dele. — Solto a mala para que o mordomo possa fazer seu dever. Acho que deixar seu mordomo levar a minha mala é o máximo de cavalheirismo de que Tahir é capaz. Minha tarefa é ser uma companhia para Tahir e tenho esperança que comecemos de imediato, mas ele diz: — Tenho fisioterapia agora. Vejo você no jantar. — E parte tão bruscamente como

chegou.

Nada de *estou tão feliz por você estar aqui, linda garota que me faz sentir vivo* ou *você gostaria de saber o nível de perversão que eu atingi com Astrid, e como podemos usar a sua semana aqui para superar a sua antecessora?* Só: *Vejo você no jantar*. Nem um *Uau* sequer.

Começo a seguir o mordomo pelo corredor, mas paro quando uma voz rouca no topo da grande escadaria me chama: — Você está aqui, querida? Fique aí para que eu possa cumprimentá-la.

É a mãe de Tahir descendo a escada. Fico quase chocada quando vejo o rosto de Bahiyya Fortesquieu se aproximando. O que é diferente na mãe de Tahir em comparação com as amigas da Mãe não é só que ela é mais rica do que todas as outras juntas. É que ela realmente aparenta a idade que tem. Ela é linda do modo que os humanos idealizam, com uma pele radiante, cor de café, maçãs do rosto altas, sobrancelhas arqueadas bem pretas, lábios coral cheios e olhos castanhos emoldurados por cílios grossos como os de Tahir. O que surpreende em seu rosto são as pequenas fissuras que o marcam — linhas de expressão de riso ao redor da boca, pés de galinha nos cantos dos olhos, rugas ousadas cortando as bochechas. Ainda mais surpreendente é o cabelo longo e ondulado, caindo solto até os quadris, e completa e descaradamente grisalho. Nunca vi tal estética em um humano. Não sabia que era possível um ser humano mais velho realmente desejar aparentar sua idade.

Ela chega ao pé da escada, onde me coloco diante dela para a inspeção. Como a Mãe, quando me viu à venda na butique, a Sra. Fortesquieu me mede da cabeça aos pés, então dá a volta, tocando meu cabelo, testando a firmeza dos braços, atenta às características que definem minha estética: pescoço longo, lábios cheios, maçãs do rosto altas, o delfínio gravado na têmpora esquerda. A Sra. Fortesquieu espia meus olhos fúcsia antes de, rapidamente, afastar o olhar e dizer: — Uma Beta realmente requintada.

— Obrigada, Sra. Fortesquieu.

Ela estende os braços para mim e coloca as mãos em meus ombros. — Por favor, nos chame pelos nossos primeiros nomes. Eu sou Bahiyya. Você conhecerá o pai de Tahir mais tarde esta noite. Deve chamá-lo de Tariq. Vamos recebê-la mais adequadamente no jantar.

— Obrigada, Bahiyya — respondo. — Qual é a formalidade do jantar? Tenho muitos vestidos.

Bahiyya ri baixinho. — Somos muito informais aqui. No que me diz respeito, pode usar farrapos no jantar.

Suas mãos me puxam para um abraço. Ela é tão calorosa quanto seu belo filho é frio.

EM MINHA PRIMEIRA NOITE COM OS FORTESQUIEU, aprendo que a família funciona de modo muito diferente que os Bratton. O Governador e sua esposa se comunicam por discussão, vozes altas e ameaças e, como pais, negociam com os filhos ou os repreendem. Os Fortesquieu parecem atingir mais facilmente uma ataraxia familiar. Bahiyya e Tariq Fortesquieu elogiam-se em vez de se provocarem. Ela é vivaz e extrovertida, com uma estética dramaticamente bela. Ele é esbelto, alto e magro, com cabelo preto ralo, olhos castanhos calmos e uma disposição introspectiva, alguém que parece preferir a ciência às pessoas, exceto quando a esposa e o filho estão em volta, a quem dedica toda a sua atenção e seu carinho. Já aposentado da indústria, ele parece satisfeito em gastar seu tempo com a família. Tariq e Bahiyya Fortesquieu se fitam com ternura e bondade constantes, dando-se as mãos sempre que estão próximos, cientes de onde o outro está e como poderiam ajudar melhor o parceiro a qualquer momento, repetidamente, pontuando a fala com palavras carinhosas que soam sinceras: *Sim, meu amor, Como quiser, minha querida*. (Ao contrário do Governador e da Mãe, cujo tratamento afetuosos, tipo *meu querido*, soa mais como se rosnassem *meu urubu* ou *meu inimigo mais odiado*.)

Os Fortesquieu não se cansam de abraçar, beijar e agarrar Tahir. Eles podem ter toda a riqueza do mundo, mas fica claro que o filho é o seu feito mais precioso. Tahir não aparenta retribuir a afeição física, mas a Sra. Fortesquieu me informa que é porque ele é um garoto cheio de hormônios. O adolescente que é agora, diz ela, pode ser propenso a estados de espírito soturnos, mantendo-se distante, mas que é um bom sujeito, em luta desde o acidente. Ela tem certeza de que, assim que Tahir se tornar adulto, vai se parecer mais com o menino que já foi: sensível, carinhoso e doce.

Em nossa primeira noite, junto-me a eles para uma refeição tranquila em um terraço que se projeta do complexo a tal distância que parece um deque flutuando a grande altura sobre Io. Farzad e sua família não comparecem ao jantar desta noite. Ivan me contou que o pai de Farzad é alcoólatra e que sua mãe, a irmã de Tariq Fortesquieu, sofre de depressão e raramente sai de seu apartamento privado. Aquela ala da família vive em Demesne o ano todo por não ter renda ou desejo de ser assimilado de volta no mundo real.

Coloco o último vestido que a Mãe escolheu para mim, que de fato parece feito de trapos, com peças assimétricas de tecido costuradas para formar um modelo que revela um decote generoso, mas Tahir não nota minha elegância. Sentado à mesa de jantar, concentra-se no que está sobre a mesa, em vez da carne feminina exposta pela minha roupa. — Aceita mais vitamina de morango? — ele pergunta depois de eu terminar a que me foi oferecida. — Ou você consome alimentos humanos?

— Consumo — informo. Seus pais foram tão afetivos e acolhedores comigo que não consigo deixar de ser sincera em troca, mesmo que a sinceridade possa ser a característica de um Defeituoso. Este lar é uma oportunidade para me reinventar, como o meu verdadeiro eu. Estou cansada de fingir ser alguém que não sou. — Adoro chocolate, em especial — admito. — É delicioso.

— Você sente gosto? — pergunta-me Bahiyya. Ela parece satisfeita em vez de chocada.

— Sim — respondo, encorajada.

Os Bratton pensariam que eu estava brincando para encantá-los, mas os Fortesquieu acreditam no que digo.

— Algo novo para os modelos Beta? Excelente inovação da Dra. Lusardi — elogia Tariq.

— Maravilhoso! — concorda Bahiyya. — Então, teremos chocolate todas as noites para o jantar!

— Obrigada — digo com entusiasmo.

Tahir mal tocou a comida em seu prato, preferindo a vitamina verde de superalimento preparada para ele.

— Tahir, querido — repreende a mãe —, tente comer algo. Juro que você vai se sentir bem. Desde o acidente, Tahir tem dificuldade de ingerir comida — informa. — Assim o cozinheiro lhe prepara calorias líquidas, ao menos para ele se nutrir. Esperamos que seu apetite e digestão melhorem com o ar superior daqui. Talvez você possa se exercitar com ele, como faz com o menino Bratton, e ajudar Tahir a recuperar um pouco o apetite.

Isso parece estranho. Um jovem, outrora com inclinação tão atlética, com tão pouco apetite? Antes do acidente, sua paixão pela vida provavelmente igualava um desejo similar pelo paladar. Se ele quer tanto melhorar a saúde agora, não iria provar um pouco desta ajuda em forma de comida

deliciosa?

— Claro — concordo. — Vamos correr mais tarde? — convido Tahir.

— Seria ótimo — aceita ele.

— Você realmente deve experimentar o ossobuco — recomendo. — Está delicioso.

— Vou sim — diz Tahir. Seu garfo espeta um pedaço da carne macia e ele dá uma mordida. —

Sim, isso é muito bom.

Seus pais acenam um para o outro, com ar conhecedor, satisfeitos. — Bom menino! — elogia Tariq.

— Não sou um menino! Tenho 18 anos. Já sou um homem — reclama Tahir.

Bahiyya sorri carinhosamente para o filho, tentando, talvez, segurar uma risada. — Com certeza, Tahir.

Tahir chama o mordomo em pé no canto e diz ao clone: — Você poderia trazer um pouco de sorvete de chocolate para a Elysia? — Tahir se vira para mim. — Você já experimentou sorvete antes?

Gol! diria Ivan. Balanço a cabeça: — Nunca comi sorvete antes.

— Hoje à noite você vai provar — afirma Tahir.

— Tahir, você não gostaria de convidar Farzad para comer sobremesa conosco? — sugere Bahiyya. — Sei que ele deseja passar mais tempo com você, agora que voltou a Demesne.

— Talvez, mas não hoje — murmura Tahir.

Seus pais trocam um olhar preocupado.

— Amanhã, talvez? — continua Bahiyya. — Amanhã tentaremos convidar Farzad.

— Tanto faz — responde Tahir. — Decidi o que vamos fazer depois do jantar.

— O quê? — perguntam os pais, ansiosamente.

— Vamos dar uma longa caminhada juntos na praia? — indaga a mãe. — Lembra como costumávamos fazer isso quando era mais novo?

Como qualquer rapaz maduro e requintado — digamos adulto —, ele ignora o pedido nostálgico de sua mãe. — Após o jantar vou voar com Elysia no helicóptero-planador.

Seu pai começa a dizer: — Acho que todos nós poderíamos fazer isso hoje à noite... — mas Tahir o interrompe.

— Eu quis dizer apenas Elysia e eu. Ficaremos bem sozinhos.

A Sra. Fortesquieu toca o braço dele com a ponta dos dedos, mas ele se desvencilha da mãe. — Não acho que seja uma boa ideia, meu querido — adverte ela.

— Gostaria de lembrar que tenho brevê de piloto — comenta Tahir.

— Antes do acidente... — observa Tariq. — Você não voa desde então.

— Estou pronto agora — afirma Tahir.

Bahiyya e Tariq trocam outro olhar preocupado, e então parecem reconhecer por telepatia como reagir.

— Você pode ir — concorda Bahiyya.

— Mas deve levar o instrutor para pilotar o avião — adverte Tariq.

— Vou Transmitir ao clube para que enviem o instrutor — acrescenta Bahiyya.

— Se insistem — concorda. — Este jantar é um desperdício — diz, colocando o guardanapo na mesa e levantando-se. Fica claro que para ele a refeição terminou. E ainda nem comemos o nosso sorvete de chocolate. Ele olha para mim. — Vamos lá.

Talvez seja este o canalha sobre o qual Dementia e Greer avisaram. Não consegui imaginar nenhuma desculpa para resistir ao convite taciturno, mesmo que isso significasse sacrificar a sobremesa. Mas preciso esperar que seus pais, meus donos temporários, me deem licença para sair da mesa. Olho para a mãe de Tahir, mas seu semblante iluminado se foi. — Por que você precisa ser tão cruel comigo? — exclama. — Sou a sua mãe! Você costumava me amar.

— É o que vocês me dizem — diz Tahir, entrando na casa.

Tariq agarra a mão da esposa e beija a palma da sua mão. — Ele ainda te ama — garante ele. — Ele vai descobrir isso.



Mas não haverá voo de helicóptero-planador nesta noite.

Tariq, descontente com a atitude de Tahir, decidiu que nossa noite seria melhor aproveitada dando ao filho um curso de reciclagem sobre que tipo de rapaz ele era antes do acidente. A sobremesa é trazida para a arena de entretenimento, onde nos sentamos em cadeiras de pelúcia formando um círculo. No meio do círculo, um equipamento 4D de imagens dos dias de glória de surfe de Tahir brilha para nosso entretenimento.

Talvez tivesse sido interessante fazer um passeio no ar hoje à noite, mas esta experiência também é boa. Começo a assistir um Tahir molhado, sem camisa, cavalgando ondas monstruosas, enquanto engulo colheradas de sorvete de chocolate mergulhado em calda de caramelo. Eu poderia estar em estado atarácico de garota-clone. Observamos o Tahir pré-acidente surfando um tubo de uma onda de

modestos seis metros; ele parece tão perto que quase sinto um respingo. Assistimos à descida de uma encosta de uma onda de 24 metros, algo tão ousado para se ver de perto que pareço sentir meu corpo se crispar pelo perigo. Encontramos Tahir, magnífico em um *smoking* formal em um evento de gala, apertando as mãos de um chefe de Estado, mas distraído por uma garota bonita que passa, fazendo-o virar, sorrir e dizer:

— Ei, linda — enquanto o presidente ri. Acompanhamos Tahir sem camisa, envolto em fitas de campeonato, com um sorriso brilhante, abraçando firme os pais radiantes, em pé, um de cada lado. Em uma foto, sua mãe se inclina para beijar-lhe a bochecha, mas ele não a afasta; em vez disso, verga o braço sob seu queixo e lhe acaricia a bochecha com um dedo carinhoso enquanto ela o beija, com orgulho materno. Um entrevistador lhe pergunta como ele mantém o foco ao pegar ondas. — Creio em meu próprio talento — afirma, confiante. — E sei que meus pais estão sempre ao lado, me apoiando.

Nessa parte, a Sra. Fortesquieu olha para o filho com expectativa, como se dissesse: *Agora você se lembra, não é?* Ela se estica para tocar seu joelho, mas ele se esquiva do contato e se levanta. É difícil acreditar que o menino quieto, mas bonito, ao observar o seu EU antigo holográfico, tão vivo com arrogância e exuberância, poderia ser a mesma pessoa.

Sinceramente, eu não acredito nisso.

Tahir acompanhou a apresentação em silêncio, mas é como se olhasse direto, através do feixe de luz, a parede a distância por trás das imagens, completamente desinteressado em sua glória anterior, de fato até entediado.

— Isso é tudo por hoje? — pergunta ele ao pai.

A mãe foge da sala. Chorando.

Tariq suspira. — Acho que sim. Vou confortar a sua mãe. Amanhã, Tahir, você se sairá melhor. Esforce-se mais com ela.

— Sim, Pai — responde Tahir.



Igual à disposição do meu quarto, adjacente ao de Astrid na Casa do Governador, meus aposentos estão ao lado do cômodo de Tahir. A cama foi feita para mim em um divã longo cheio de almofadas de seda roxa, ouro e fúcsia brilhantes. Tahir ficou em silêncio enquanto me levava até lá. Ele não é o companheiro mais interessante, o que não é de todo algo que diminua seu encanto — pelo contrário,

isso pode até aumentá-lo.

— Foi bacana surfar ondas tão grandes? — pergunto para puxar conversa. Por experiência própria de mergulho, desde que emergi, sinto que a água provoca uma estranha sensação de conexão a algo tão mais poderoso e volátil que qualquer coisa que eu possa compreender e, no entanto, algo que deve ter parecido simultaneamente acolhedor, natural e pleno para minha Matriz. Será que a experiência humana dele foi semelhante?

Tahir responde, sem o menor interesse: — Sim.

Será que *canalha* poderia ainda significar *chato*? Para um lindo Príncipe Chocolate, ele não é nada agradável. Como é possível ser o mesmo rapaz que me segurou no colo e beijou em seu aniversário, que disse que eu o fazia se sentir vivo?

Este rapaz pode, muitas vezes, parecer morto.

Tento outra pergunta: — Você tem boas lembranças de Astrid? Sou sua substituta.

Ele responde fatos, em vez de sentimentos. — Você já me disse isso. Astrid e eu compartilhamos momentos românticos quando estive em Demesne, mas não era uma relação séria. Como filha de um funcionário de Demesne, ela não era uma companheira apropriada para mim. Astrid acertou noventa e nove por cento em seu vestibular. Conseguir ser admitida em uma escola superior era sua principal preocupação, e não um relacionamento.

Se Greer e Dementia estivessem aqui, compartilhariam um momento de tristeza pela amiga Astrid, que acabou de ser facilmente descartada pelo rapaz que, segundo elas, causou-lhe uma grande desilusão. Não vou ficar lamentando sua perda. Determino que quero ser lembrada com mais carinho por esse rapaz. Minha missão é clara: quebrar qualquer barreira surgida dentro dele desde o acidente que esteja tornando-o tão distante e reservado, pois antes era carismático e sociável. Suspeito profundamente que seja uma barreira com a qual só eu saiba como lidar.

Chegamos aos meus aposentos e sento na cama, de onde posso ver, através do estúdio, o quarto de Tahir. Neste complexo, onde há dezenas de ambientes luxuosos e, provavelmente, dezenas de cabanas que são os cômodos dos clones, me pergunto por que eles me querem tão perto de Tahir.

— Estou aqui para sua mãe testar uma Beta ou para ser seu brinquedo? — pergunto-lhe. — Fui excelente companheira de treino para Ivan, que em breve partirá para a Base, na melhor forma de sua vida.

— Você está aqui para que possam ver como um adolescente Beta se comporta.

— Porque se preocupam que eu possa ser uma terrorista? — investigo.

Eu me preocupo que eu possa ser uma terrorista.

— Não — diz Tahir.

— Posso tentar adivinhar o motivo? — prossigo.

— Sim.

Nunca tive certeza de nada em minha breve vida — exceto esse sentimento visceral. Os dados estão todos lá: sua longa ausência de Demesne. Sua indiferença. Ele ingere alimentos líquidos, provavelmente porque não consegue saborear comida normal e tampouco a deseja. Aparenta atravessar as ações de sua vida, recitar fatos do passado, mas parece não fazer nenhuma conexão com o presente, ou não tem interesse pelo que o futuro possa trazer.

Os dados podem ser circunstanciais, mas meus instintos de Defeituosa não estão errados, suspeito. Se estiver *errada*, terei postulado algo tão escandaloso que não há como não ser rotulada de Defeituosa por identificar esta verdade. Mas, se estiver certa, talvez ganhe algo para mim, meu próprio companheiro.

Não consigo resistir a esse salto. Isso poderia levar à minha extinção prematura, ou a um novo mundo de possibilidades, tanto assustador quanto emocionante. — Estou aqui porque você também é um Beta adolescente e seus pais querem ver como você interage com alguém de sua própria espécie — afirmo.

Tahir responde: — Certo. Minha Matriz, o Tahir verdadeiro, morreu naquele acidente nas gigantes. Eu sou o seu clone.

— MEUS PAIS ESPERAVAM QUE VOCÊ DESCOBRISSE isso — revela Tahir. — É por isso que a trouxeram aqui.

— Você *também* tinha esperança? — questiono.

— Esperança ainda é um conceito humano vago para mim. Sou diferente dos outros clones da Dra. Lusardi, pois fui criado para continuar a vida da minha Matriz; não fui clonado para um novo começo. Os pais dele queriam...

— *Seus* pais — corrijo. Já estou trabalhando em apoio a Bahiyya e Tariq.

— Sim, eles ficam me dizendo isso. *Meus* pais queriam cada detalhe factual da vida de minha Matriz incorporado em meu *chip*. Eles têm esperança que eu saiba ainda como a Matriz de Tahir se sentia, mas não reconheço esse desejo. Não sinto nenhuma ligação com sua vida. Estou levando a vida de outro alguém. Talvez com você aqui, eu possa vivenciar a minha própria história.

Tanta energia foi soprada em mim, que acho que poderia explodir. — Por favor, será que podemos correr em algum lugar? — pergunto a Tahir.

Entramos na sala da FantaEsfera, nos aposentos de Tahir. Ele ajusta o jogo para Busca Submersa. Para sobreviver, é preciso percorrer as ruínas de uma das antigas cidades inundáveis. Procuramos alimentos em becos, escalamos paredes de pedra e passamos correndo por sentinelas até alcançar o ápice do castelo central, o santuário elevado em que termina a missão. Para chegar lá, temos que vencer hordas de refugiados em pânico, ladrões e saqueadores, ratos vivos e carcaças de cães mortos. E não podemos ser engolfados pela enchente.

Podemos atingir lá juntos.

Tahir conta o que ocorreu à sua Matriz, em meio à busca.

Tinha sido um dia de sonhos para um surfista. O vento e as ondas cooperavam direitinho. O Tahir original foi rebocado para as *gigantes* pelo helicóptero-planador, determinado a aproveitar as condições perfeitas, sonho de surfistas, algo que buscam e esperam. Mas o oceano é tão mal-humorado e imprevisível. Assim que ele chegou ao ponto, as ondas mudaram, movendo-se com mais rapidez e força. Os capitães rebocadores lhe imploraram para não fazer o salto, mas ele viu uma montanha líquida, que tinha que conquistar, se elevando. Eles o baixaram para pegar a onda. Tinha mais de quinze metros, e nem de longe era a maior que já pegara, mas ela era diferente: maldosa e raivosa, pesada e espessa, com incrível poder e velocidade. Ninguém deveria ter se arriscado naquela onda. Em primeiro lugar, Tahir saiu para a onda alguns segundos tarde demais, como se naqueles últimos momentos contemplasse se deveria mesmo surfá-la. Mas ele foi assim mesmo. Conseguiu cair sobre a face da onda se erguendo na ponta dos pés. Deveria ter sido um surfe milagroso e maravilhoso, descendo aquela montanha em movimento, mas em vez disso pareceu lutar durante todo o percurso. Ele se recuperou no final da queda, e tentou se erguer sob o lábio da onda, mas ela caiu sobre ele, lançando-o para baixo. Tahir caiu da prancha e foi puxado para baixo pela fera, que explodiu sua prancha na espuma. Ele se afogou.

A equipe de surfe foi capaz de recuperar o corpo e devolvê-lo ao complexo Fortesquieu. Bahiyya foi à loucura com o pesar. Ela já havia enterrado cinco filhos. Seus gritos angustiados podiam ser ouvidos na propriedade inteira. Tariq chamou a Dra. Lusardi em segredo. Ele lhe pediu para criar um clone do cadáver de seu filho. Para que pudesse sempre passar por ser humano, o clone de Tahir não foi gravado, e os olhos de sua Matriz, cor de avelã, foram transplantados para o novo corpo.

Na emersão, enquanto o clone Tahir acordava e tomava consciência, com os olhos ainda fechados, uma das primeiras coisas que o rapaz ouviu foi a Dra. Lusardi contando à assistente que ela não queria esse trabalho perigoso, tampouco podia negar algo a essas pessoas poderosas.

— Por que ela não queria a tarefa? — pergunto a ele. Não conseguia imaginar a Dra. Lusardi resistindo a uma encomenda direta de uma das famílias mais influentes do mundo.

— A Dra. Lusardi disse aos meus pais que ela estava apenas no estágio Beta de criação de adolescentes — esclareceu Tahir. — Explicou que não poderia criar um clone adolescente que viveria o tempo aproximado da adolescência de sua Matriz. Meus pais tiveram muito pouco tempo para fazer uma escolha. Decidiram correr o risco e esperar por uma cura.

— Risco? Uma cura? Para quê? — Isso não faz sentido. Não há “cura” necessária para um clone, a menos que signifique uma cura para a extração de alma. Será que este clone de Tahir possui alma?

— A cura para os Horríveis — disse Tahir.

— O que são os Horríveis? Você se refere ao modo como os adultos chamam os adolescentes?

Que eles se tornam horríveis? É apenas uma fase que vai passar.

— Pare! — berra Tahir, invocando a palavra de segurança que termina o jogo. A cidade e os vícios da Busca Submersa desaparecem instantaneamente.

Caímos, os dois, no chão, sem fôlego, exaustos.

Eu estava prestes a executar um ladrão saqueador correndo em minha direção para me apunhalar o coração com sua espada, mas aparentemente a notícia dele sobre os Horríveis é mais importante que a minha manobra lateral de chute de karatê na cabeça do bandido. Tahir mal podia esperar para parar, até que eu tivesse a glória de matá-lo.

— É sério que não sabe nada sobre os Horríveis? — pergunta, incrédulo.

— Pensei que sabia, mas acho que você quer dizer outra coisa. Quer dizer... você poderia ter uma alma?

— Não tenho alma. Não houve tempo suficiente para a Dra. Lusardi se preparar. Ela teve que fazer a extração padrão a fim de replicar o corpo. Para tentar de outra forma haveria risco de a clonagem não dar certo.

— O que é tão horrível nisso? — indago, curiosa. Como a clonagem padrão poderia ser considerada tão terrível.

— Horríveis é como se chama a fase implantada pela Dra. Lusardi pela qual todos os Betas adolescentes passam. Eles morrem antes da idade adulta.

— *O quê?* — grito. Esses seres humanos, eles são monstros cruéis. Mentirosos. Enganadores. Pela primeira vez, quero feri-los com a mesma intensidade. Isso é tão injusto. Meu corpo está dormente, minha energia gasta, a mente enganada e com raiva.

Mal surgi e já estou marcada para morrer?

— Esta é realmente a primeira vez que ouviu falar disso? — pergunta Tahir.

Concordo com a cabeça. Sei tão pouco além do que me foi dito.

— Você está chateada — constata Tahir. — Legitimamente chateada.

— E você, não? — exijo saber.

— Antes, eu ficava indiferente. Desde que usei a *raxia*, estou confuso. Sinto uma raiva surpreendente. Quer saber por que nós experimentamos os Horríveis? — Aceno com a cabeça e Tahir continua:

— Porque eles não descobriram como fazer a transição de um clone adolescente para um adulto e

não queriam correr o risco de donos humanos se apegarem a clones adolescentes que não vingariam. Então, a Dra. Lusardi projetou Betas adolescentes para passarem por uma fase que ela chamou de “os Horríveis”, na mesma época que os adolescentes humanos passariam do final da adolescência para a idade adulta. Basicamente, nós nos tornamos tão rebeldes e agressivos que afastamos nossos humanos, que mal podem esperar para se livrar de nós.

— Certamente, seus pais, com toda sua riqueza e poder, poderiam ter pedido um clone sem esse problema.

— Eles poderiam. Mas a Dra. Lusardi não descobriu como atender a esse pedido. A clonagem como ciência foi destinada para replicar a humanidade, não para desfazer uma morte trágica.

— Então, o que um ser humano deve fazer diante da fase Horrível? — pergunto, confusa. — Somos eliminados? — Tenho visões repentinas de ser jogada de um penhasco apenas pelo crime de ser adolescente.

— Não é necessário. Isso acontece naturalmente. Assim que nos tornamos Horríveis, nos extinguimos rapidamente, morremos. O fato é que, até lá, ninguém sentiria falta de nós. *Gostariam* de se livrar de nós. A coisa toda é uma salvaguarda para os compradores humanos, mas também para a Dra. Lusardi.

Não quero acreditar.

— Nunca houve Horríveis aqui. Somos os primeiros Betas adolescentes.

— Não somos os primeiros Betas adolescentes. Quem lhe contou isso?

Percebo que, de fato, ninguém me contou isso. Acabei de presumir.

Dou de ombros. Não tenho respostas. Tudo o que sempre tive foram perguntas.

— A Dra. Lusardi criou uma penca de Betas adolescentes antes de nós. Foram usados em experimentos na Base. Todos morreram meses após se tornarem Horríveis. Exceto os que escaparam. Ninguém sabe o que aconteceu com eles.

Em algum lugar existem outros iguais a mim. A nós. Como fui ignorante em acreditar que era especial. Diferente.

Nunca me ocorreu que viveria apenas alguns anos, na melhor das hipóteses, apenas para cair na loucura e morrer. Existe algum conforto em saber que provavelmente isso ocorrerá também a este outro Beta adolescente?

Xanthe conhecia o ódio.

Agora, também o conheço. Odeio os humanos que me programaram para morrer antes de eu mal ter uma chance de viver.



Com seus olhos humanos transplantados de sua Matriz, é fácil ele passar por humano. Ele não tem nenhuma tatuagem de estetização. O equilíbrio hormonal dos clones adolescentes é muito diferente dos seres humanos; daí eu não sofrer com as usuais TPMs de garotas das quais Dementia e Greer reclamam, nem Tahir ter pelos no peito ou no rosto. Tariq e Bahiyya acham que são sutis quando carinhosamente esfregam as mãos sobre o queixo e o rosto de Tahir, mas ele sabe que esperam por sinais de pelos faciais. Talvez se seu rosto e corpo não fossem mais lisos e perfeitos, significaria que ele poderia transitar para a idade adulta, não para o Horrível. Eles querem muito ter esperança. Têm tudo no mundo, mas, sem essa esperança, parecem pensar que, na realidade, não têm nada. Seres humanos estranhos: preferem que seu clone pareça e se comporte exatamente como o filho real, em vez de deixá-lo livre para determinar seu próprio destino.

Fizeram de tudo para garantir que ninguém descobrisse que o filho é replicante. Enquanto emergia e seus pais pensavam que ainda dormia, Tahir ouviu o que aconteceu com os cinco membros da equipe de surfe que recuperaram o corpo de sua Matriz das *gigantes*, os únicos, além da Dra. Lusardi e dos pais, a saberem que havia se afogado. Todos receberam passagem de primeira classe e riqueza para a vida toda, para desaparecer para a colônia mais distante da galáxia.

Mas ao me convidar para a vida de Tahir nesta semana, os pais acabaram me confiando sua informação secreta. Seres humanos devem acreditar que, como um clone sem alma, sou ótimo repositório de segredos. Conhecimento é poder. Como posso aproveitar esse poder?

Desde que emergiu, Tahir passou o tempo enclausurado com seus pais na cidade de Bioma, sendo ensinado sobre a vida de sua Matriz, para poder atuar dando continuidade à rotina desde o acidente. A família agora está de volta à Demesne para que a Dra. Lusardi possa “tratar” Tahir secretamente, evitando que seus hormônios adolescentes o tornem Horrível. Anestesiado durante esses tratamentos, não sabe o que lhe acontece enquanto passa por essas consultas.

— Você sente que mudou após os tratamentos? — pergunto-lhe.

— Não sinto nada — afirma ele. — Nem antes, nem durante, nem depois; só me sinto vazio.

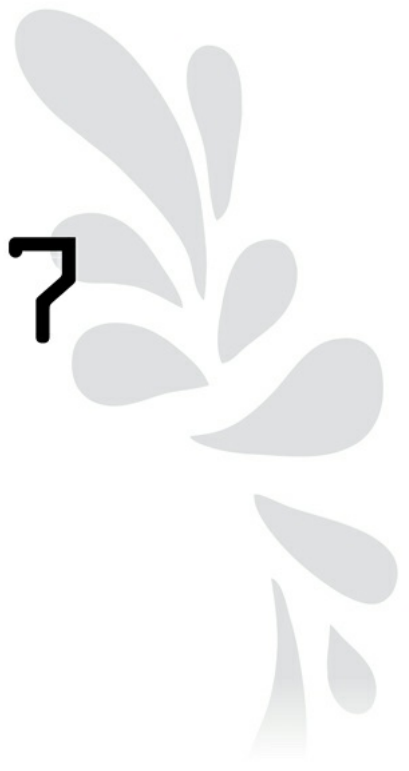
Impulsivamente, agarro sua mão. — Você não está vazio. Você tem a mim.

Ele também agarra a minha mão, mas seu rosto está ajustado em *descrença*. Estender-me a mão é um comportamento imitado, não baseado em um desejo real de me tocar. — Obrigado — diz, educadamente. — Vamos retomar o nosso jogo Busca Submersa agora?

Preciso tornar esse Beta mais parecido comigo. Antes de ambos morrermos, preciso fazer que ele sinta.

— Vamos correr novamente — sugiro.

Mesmo que não haja um lugar real para ir, ainda assim prefiro chegar lá com ele.



O SONO NÃO TEM SENTIDO PARA ELE, DIZ TAHIR, é apenas mais um exercício humano para passar o tempo. Ele o imita para evitar que os pais insistam na sua necessidade dele, mas enquanto eu estiver emprestada, não vão incomodá-lo com isso. Estão muito esperançosos de que o seu tempo de vigília com uma Beta fêmea de algum modo melhore sua disposição desinteressada.

Quando acordo na manhã seguinte, Tahir está deitado no chão de bruços, com os braços dobrados e a cabeça apoiada nos punhos. Ele me observava enquanto eu dormia.

— Bom dia — cumprimenta. — Dormiu bem?

— Sim, obrigada. — *Poderia dormir muito melhor aninhada a você. E você também.* Verifique seus dados: *dormir encaixado.*

— Quem é Z? — interessa-se ele.

Meus olhos, desfocados e semicerrados, imediatamente ficam abertos e alertas.

— Por quê? — pergunto.

— Durante o sono — explica ele —, você murmurou várias vezes: “você sabe que me possui, Z”.

Viro na cama, para longe dele. — Não sei quem é Z — respondo. Tecnicamente, não estou mentindo. Não a conheço. Eu *sou* ela. Mas jamais a conheci. Ouço ele se aproximar de mim e sinto sua respiração quente em minha nuca.

— Não precisa mentir para mim — diz Tahir.

— Como você sabe que estou mentindo? — pergunto. *Por favor, responda que é por que você também é um Defeituoso. Por favor.*

— Intuição.

— Intuição? — pergunto, entendendo agora como o menor sinal de Tahir pode dar a Bahiyya e a Tariq esperança de que o filho deles irá “acordar”.

— Seja o que for — diz Tariq. — Enfim, quem é Z?

— Por favor, você vai manter segredo se eu te contar? — sussurro.

— Claro — ele responde.

Eu não devia, mas falo.

Eu confio.

— Z era minha Matriz. Eu tenho algumas memórias dela. Não muitas, na verdade, mas uma em especial. Do garoto que ela amava.

Tahir acena, sem expressão de choque ou desaprovação. — Sim, essa é uma informação que não deve ser compartilhada com ninguém mais, deve ficar só entre nós.

Gosto disso. Existe um “nós”.

— Você acha que sou uma Defeituosa? — pergunto-lhe.

— Se você é ou não Defeituosa, não tem importância para mim — ele assegura.

Sua indiferença é até reconfortante de alguma forma. Sem julgamentos. Talvez realmente não tivesse importância o fato de ser ou não um clone Defeituoso. Talvez isso não tenha a menor relevância para nossa existência, como criaturas que vivem, respiram e sentem.

— Sou Defeituosa — confesso, surpresa com a facilidade e o alívio ao contar isso.

— E daí? — pergunta Tahir. Parecia a maior revelação do mundo, mas fica claro que para ele nada importa. — Meu pai diz que, de certo modo, somos todos Defeituosos. Humanos e clones. Diz que a palavra é, realmente, uma tática amedrontadora de incitar seres desobedientes para a subserviência. Diz que isso tudo é apenas uma palavra.

Tariq Fortesquieu é *superlegal*, por ser pai de alguém.

— O pai consideraria encorajador que um Beta pudesse se conectar assim com sua Matriz — completa Tahir.

— Você tem memórias reais de sua Matriz? — pergunto.

— Se quer dizer se sinto as memórias, ou as revivo, a resposta é não. As memórias são básicas, sem detalhes reais. Dados apenas. É como ter um livro de colorir com todas as figuras delineadas em preto e branco, mas sem cor alguma. E no caso de o *chip* não funcionar como deve, os pais dele — meus pais — me encham de cartões de exercícios para associar nomes e rostos com pessoas e eventos específicos de sua vida. Temem que eu seja uma aproximação de madeira de seu filho real.

Querem que eu assuma o papel de minha Matriz sem ninguém saber que sou um clone. Mas não é um *show* apenas. De fato querem que eu me sinta como se fosse o Tahir verdadeiro. É claro que não consigo.

— Você é melhor.

Ele irá pensar que quero dizer que é melhor por ser *ciência*; sei que é melhor por ser mais bondoso e gentil que o Tahir verdadeiro.

— Desaponto continuamente Tariq e Bahiyya. Sou incapaz de corresponder a seu amor e afeição ou compartilhar as orgulhosas memórias. Posso imitar a Matriz de Tahir, mas os sentimentos não estão ali. Eles sabem disso.

— Você *gostaria* de ter sentimentos reais?

O rosto de Tahir adota uma expressão que nossa base de dados rotula *curiosa*.

— Por um momento, quando usei a *raxia* de Ivan, eu senti. Mas então a sensação passou. Eu não consigo desejar, Elysia. Você sabe disso.



Naquela tarde, os pais de Tahir nos chamam para um almoço-piquenique na praia. Bahiyya nos aguarda na piscina de hidromassagem construída para ela nas águas de Io: pequena e triangular, de água salgada, com paredes de jade, que contrastam suavemente com as águas cor de violeta que a alimentam ao bater contra suas paredes. Ela usa um turbante de veludo roxo na cabeça, cobrindo os cabelos grisalhos e dando ao rosto um pouco enrugado, mas sereno, um ar mais jovem.

— Você parece muito relaxada — Tahir diz para a mãe ao nos postarmos na margem da praia. Os empregados ajeitam o piquenique na praia, colocando um cobertor na areia e dispendo mesas para as bebidas. — Posso ver que o ar daqui a beneficia.

— Quero aproveitar ao máximo. — Bahiyya inspira e solta o ar com bastante prazer. — Eu lhe disse que Demesne é mágica, não é?

— É verdade — concorda Tahir.

— Você adora estar aqui? — pergunta ela.

— Adoro estar aqui — repete ele.

Ela reconhece sua imitação e lhe diz: — A sua geração não reconhece esses prazeres. Vocês não entendem de guerra e sofrimento. Que vocês nunca tenham que entender.

— Grato — responde Tahir.

Talvez ela também reconheça a futilidade de sua esperança que o filho clonado aprecie todas as dificuldades que sua geração teve, pois fica ansiosa em mudar o assunto. Ela olha meu traje de banho de peça única. — Elysia, ouvi dizer que é excelente nadadora.

Eu me exibio. Dou um passo da praia para a borda de jade da piscina e mergulho da borda pontuda, onde a piscina se encontra com o oceano. Nado estilo borboleta uma distância equivalente ao comprimento de uma raia de competição e volto para o lado do mar da piscina de hidromassagem.

— Meu Deus! — entusiasma-se Bahiyya. — Sua Matriz pode ter sido atleta olímpica. Tanta velocidade e graça. Venha aqui, querida.

Escorrego pela parede e vou para a piscina. A água morna gira sobre a pele e massageia os músculos. A sensação é de calor suave como seda.

— Você também, Tahir — chama Bahiyya. — Venha sentar-se comigo. Adoro ter vocês, filhos, por perto. — Tahir concorda, passa por cima da parede de jade e entra na piscina. — É maravilhoso aqui, não é?

Tahir acena e posso vê-lo começar a dizer “Sim, mãe” de novo, mas o rosto dela se volta para ele, e não para mim, então sorrio e tento fazer os olhos brilharem para que ele saiba a expressão a mostrar à mãe. Ele vê meu rosto, sorri e abre mais os olhos castanhos para que eles pareçam mais brilhantes e meigos. Faço MARAVILHOSO, MAMÃE com a boca, e Tahir repete: — Maravilhoso, mamãe.

Ela notou o olhar dele em mim e não deixa de perceber que a resposta foi sugerida, mas não está descontente. Em vez disso, bate palmas.

— Excelente, Tahir — exclama. — Você contou à Elysia?

— Elysia sabe que sou um clone — conta Tahir.

— Psiu! — sussurra Bahiyya. — Há empregados na praia. Não queremos que eles ouçam. Acharmos que ela poderia descobrir isso. — Ela se vira para mim. — Você descobriu?

Concordo com a cabeça.

Ela sorri para mim. — Você percebe o que isso significa?

Que serei exterminada se revelar essa informação secreta?

— Talvez tenhamos que mantê-la para sempre, Elysia — avalia Bahiyya.



Seria fácil treiná-lo por Transmissor ou holograma, mas os pais de Tahir resolveram prepará-lo para

a gala do Governador usando cartões antiquados. Mordisco biscoitos de chocolate quentinhos recém-assados sobre o cobertor de piquenique vendo Tahir beber a vitamina verde e responder as questões dos pais.

Tariq segura uma foto de um senhor idoso com uma coroa. — O rei do Zakat — identifica Tahir.

— O que tem de especial sobre ele? — Bahiyya pergunta.

— Ele me deu uma ilha em meu aniversário de treze anos — diz Tahir.

Tariq pergunta: — E o que mais ele lhe deu?

— Acesso ao seu harém particular — acrescenta Tahir.

— Certo — aprova Bahiyya. — Velho horrível.

Tariq segura uma foto de um jogador de futebol chutando em uma partida de campeonato internacional. — Quem é esse?

— Bhekizitha Danjuma, conhecido como “o Esfinge”, o campeão mundial de futebol mais venerado, três vezes o Jogador Mais Valioso da Copa do continente — prossegue Tahir.

— O que tem de especial sobre ele? — Bahiyya torna a perguntar.

— Queria visitar Demesne, então veio como seu convidado e me deu aulas particulares de futebol há dois anos, quando eu tinha dezesseis anos — diz Tahir.

Tariq vira o outro lado do cartão, que retrata uma jovem morena sensual.

— E...?

— E o Tahir Matriz seduziu a namorada do Esfinge, levando-o a jurar vingança contra Tahir — conta.

Bahiyya ri. — Mau perdedor.

— Mau perdedor, que estará no Baile do Governador como convidado do enviado, pelo que soube — avisa Tariq.

— O Esfinge está casado agora — alega Bahiyya. — Com certeza, ele não se importa.

Tahir vasculha os cartões do pai e tira um cartão com a mais famosa jovem atriz no continente, de beleza estonteante de descendência mista, com pele escura de canela, cabelo preto brilhante e olhos cor de âmbar.

— O Esfinge está casado com ela agora — completa Tahir.

— Excelente trabalho, Tahir — celebra Tariq.

— Posso levar Elysia para o baile como minha acompanhante? — pede Tahir.

Fui convidada para o baile!

Mas Bahiyya diz: — Claro que não! Ela é um clone. Isso simplesmente não pode acontecer.



— Sempre tive medo de água — confessa Bahiyya. Ela me chamou para ficar de molho uma última vez, antes do jantar, na piscina de hidromassagem. — Só em Demesne, onde a água é tão pura, sinto conforto quando fico em imersão. Tariq mandou construir essa piscina natural para mim de presente após o nascimento de Tahir. É rasa o suficiente para poder relaxar, sem medo de nadar.

— Você não sabe nadar? — interessei-me.

Ela balança a cabeça. — É difícil de acreditar, eu sei! Especialmente com um golfinho como filho. — Ela olha com carinho na direção de Tahir. — Pelo menos, o Tahir Matriz adorava a água. Especialmente aqui. — Ela chama Tariq e Tahir que andam pela praia.

— Homens, por favor, juntem-se às senhoras.

Eles passam pelas paredes de jade da piscina triangular. — Vamos ligar a função de hidromassagem ao máximo? — sugere Tariq.

— Que delícia! — apoia Bahiyya. Seu marido ajusta a configuração da piscina, e as águas ondulantes se aquecem e começam a girar mais, massageando a pele. — Acho que você não nada em lo desde o acidente — Bahiyya diz para o filho. — Você costumava adorar fazer exercícios de natação aqui, antes de grandes encontros. Talvez queira tentar agora? Antes de o sol se pôr. Elysia pode acompanhá-lo.

Elysia está apreciando a vista do vapor no tórax nu de Tahir. Mas conheço a minha tarefa. — Vamos dar um mergulho? — convido Tahir.

— Você nada bem. Gosto de ver você nadar. É muito elegante e forte. Admirável.

— Bom observador — avalia Tariq. — Acho que está progredindo desde que Elysia se juntou a nós, Tahir.

— Gostaria de progredir — afirma Tahir. Há uma nova confiança e sinceridade em sua voz. Ele se volta para mim. — Acho que devemos lhes contar nosso segredo.

Por que não? De qualquer forma, estou marcada para morrer. Este ar e a água são tão agradáveis... Eu me sinto tão bem. A euforia que os humanos vivenciam em Demesne: começo a entendê-la.

— Sou uma Defeituosa — declaro, tentando dar *coragem e destemor* à voz. — Eu sinto coisas.

O arfar chocado que vem de Bahiyya e Tariq não é provocado por minha revelação. É por Tahir, que ri de minha confissão.

Tahir balança a cabeça. — Eu não quis dizer isso. Queria lhes contar sobre a *raxia*.

— Você riu! — exclama Bahiyya. É como se eu nunca tivesse dito as palavras blasfemas: *Eu. Sou. Defeituosa*.

— Sério? — questiona Tahir. — Acho... que me sinto à vontade com a Elysia por perto. Não forcei isto. Aconteceu e pronto.

— Excelente! — elogia Tariq. Ele se volta para mim. — Você é Defeituosa porque tomou *raxia*?

— Na verdade, a *raxia* não fez efeito algum em mim.

Os pais de Tahir se voltam para ele, os rostos chocados. — Você tomou *raxia*? — Bahiyya questiona Tahir.

— Sim — responde Tahir. — Por um breve momento, ela me fez sentir vivo.

Tariq balança a cabeça vigorosamente. — Não! A *raxia* não é a saída. É um opiáceo muito viciante. Qualquer benefício que dê, fazendo você se sentir mais humano, será desfeito muito rápido pela crescente necessidade por ela. Vai te fazer se sentir tão humano que se tornará um monstro por ela.

— Não me tornarei um monstro de qualquer forma, pai?

— Não diga isso! — Bahiyya repreende Tahir. — Não deixaremos que isso aconteça com você. Ou para Elysia. Encontraremos uma cura antes que se instale.

— Temos os melhores cientistas trabalhando para encontrar a cura — completa Tariq. — Você não deve usar *raxia*. A Matriz de Tahir tinha tendências para o vício. Você não deveria herdá-las.

Tahir verifica sua base de dados e então seu rosto fica *confuso*. — Não encontro evidências de tendências de vício na Matriz de Tahir.

— É porque nós as excluímos de sua programação — conta Tariq. — A Matriz de Tahir era um excelente jovem, mas um *playboy*, que tinha vícios, suscetibilidade ao álcool e garotas. Nada que o metesse em muitos apuros, mas existia o potencial. Sabíamos do risco disso piorar à medida que chegasse na idade adulta. Temíamos que as tendências pudessem se tornar mais perigosas, vícios desenfreados, se não fossem controlados. Não use *raxia* novamente — pede Tariq, com a voz muito séria.

— Mas... — começa Bahiyya.

— Estou falando sério! — corta Tariq. — Com quem você conseguiu a *raxia*?

Rapidamente calculo a única pessoa que podemos culpar sem metê-la em apuros. — Demetra — respondo.

— Você está proibido de passar mais tempo com ela se houver *raxia* envolvida — avisa Tariq.

— Entendo que adolescentes gostem de experimentar narcóticos, mas é mais perigoso para você. Seu estado ainda inspira cuidados, Tahir.

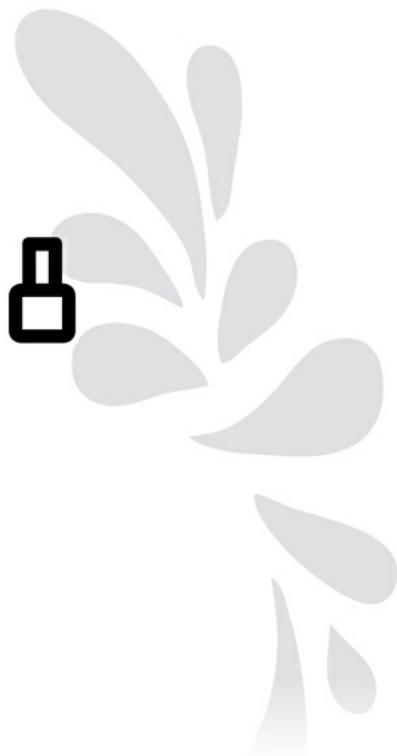
— Tudo bem — concorda Tahir, embora pouco se importe.

Com o assunto resolvido, Bahiyya me olha com carinho. — Orei que fosse um Beta que pudesse sentir. Se você consegue, talvez também seja possível para Tahir.

— Vocês não vão me extinguir? — pergunto.

— É claro que não, menina! — acalma Bahiyya. — Seu segredo está seguro conosco.

— Vamos cuidar de você como se fosse nossa — completa Tariq. — Você pode ensinar Tahir como sentir. Não a *raxia*.



ONTEM À NOITE, DESCOBRI QUE NÃO TENHO muito tempo de vida.

Hoje à noite, descobri pelo que vale a pena viver.

Tahir se mostra mais humano no jantar daquela noite, come a comida do prato, dizendo “Deliciosa” ao comentar a sobremesa, deixa a mãe acariciar sua mão sem pestanejar e recita histórias sobre os participantes do Baile do Governador ao pai. Ter outro Beta na casa demonstra ser benéfico para a “recuperação” de Tahir. Assim, somos dispensados cedo para jogar FantaEsfera. Não precisamos passar por outra noite de hologramas da Matriz de Tahir com seus pais.

Conforme nos dirigimos aos aposentos, ele me pergunta: — Como é a ataraxia na casa dos Bratton?

— Eles a imitam feito clones — conto.

— Sêrio? — estranha Tahir.

— Nem tanto — tenho que admitir. — Não só tenho memórias, mas parece que sou capaz de fazer piada.

— Puxa — diz Tahir, com um jeito que parece pena.

Respondo à pergunta: — Os Bratton buscam a ataraxia, mas ela não parece ser tão fácil de se alcançar como aqui. Os pais brigam constantemente. A filha no continente parece não querer nada com eles... nunca liga, até onde sei.

Chegamos a um saguão longo, onde há holografias de sua Matriz, um álbum familiar ambulante brilhando ao longo das paredes. É como ver sua Matriz crescer perante nossos olhos. Lá está o Tahir verdadeiro quando bebê engatinhando pelo chão. O Tahir dando seus primeiros passos. Ele soprando

as velinhas de seu segundo aniversário, cercado por Tariq e Bahiyya sorridentes. De paletó, escoltado pelos pais e guarda-costas para o primeiro dia de escola. Tahir e o primo Farzad, meninos em Demesne, pegando as primeiras ondas. Quase na puberdade, aos treze anos, vencendo a primeira competição de surfe. Uma foto de perto aos dezessete, de *smoking*, e no último Baile do Governador; por perto, se vê a loira Astrid, olhando-o furtivamente enquanto ele mostra os dentes em um largo sorriso, sem notar seu olhar.

E então sinto como se meu coração parasse.

Lá está o Tahir Matriz, não mais um menino, um jovem vistoso e robusto, cercado pelos colegas competidores na praia, na competição de surfe de grandes ondas. Lá está ele, insolente e confiante, pronto para ser levado para uma surfada épica, mas há alguém mais, um jovem loiro de perfil, atrás dele. O homem bronzeado é mais alto e musculoso que Tahir e parece ser alguns anos mais velho e, embora não veja seus olhos azul-turquesa pelo ângulo da foto, sei quem é.

É o deus surfista da minha Matriz. O homem que pertencia a ela. Esperava vê-lo em algum lugar sob a água, não nas paredes do complexo Fortesquieu.

Eu paro Tahir e aponto. — Quem é aquele?

Seus olhos se fecham e ele puxa pela memória. — Sei que seu nome surgiu nas aulas de memória. Não tenho certeza. Talvez Alexander? Ele era rival de minha Matriz nos encontros de surfe. Por quê?

— Ele parece o homem do qual tenho visões. De minha Matriz.

— Para que isso? — avalia Tahir.

Talvez ele tenha razão. De repente, aquele homem feito deus de minhas visões, sobre o qual estava tão curiosa, não me intriga mais. É um fantasma a ser exorcizado de meu subconsciente.

O deus surfista pertencia à vida de minha Matriz.

Eu quero a minha própria.

Especialmente se irá terminar tão breve.



Tahir e eu entramos na sala da FantaEsfera.

— Vamos encenar Romance hoje? — Tahir me pergunta.

— Sim, por favor. — *Rápido*.

Ele ajusta o jogo para Romance. — Qual contexto? — pergunta de novo.

Liesel e eu já o jogamos antes, usando nossa criação, o Príncipe Chocolate. Por hábito, começo

pedindo o contexto da suíte de lua de mel, um bangalô tropical sobre palafitas em uma lagoa safira. Dentro da suíte, a decoração romântica usual, com uma máquina de algodão-doce, que Liesel acredita que qualquer casal em lua de mel desejaria. Do lado de fora, os degraus levam diretamente para dentro da lagoa repleta de vida marinha vibrante, peixes de todas as cores que mordiscam e fazem cócegas nos dedos e, além da água azul, uma vista infinita do céu sem nuvens, areia branca e coqueiros, todos banhados pelo sol e brisa do oceano.

Para mim, era o paraíso. Dessa vez, não preciso dividir o Príncipe Chocolate com Liesel. Este é só meu e sua carne é real, mesmo que replicada, e o jogo não precisa se manter no nível infantil.

— Cidade de Bioma — solicito.

Instantaneamente, estamos na cobertura do Hotel Green Cactus, o hotel de luxo mais famoso da Cidade de Bioma, construído para parecer um enorme cacto, com balcões parecidos com espinhos. Tahir encaixa o indicador no meu e me guia para as janelas da suíte palácio para admirarmos a vista. Estrelas brilham no céu noturno enquanto as torres em estilo de árvores complementam as estrelas com as próprias luzes piscantes cor de jade que coroam cada edifício. Além do distrito central de negócios, as avenidas se alongam até comunidades individuais, onde as estruturas domiciliares são modeladas biometricamente em cupinzeiros, formigueiros e colmeias, criando arte viva e habitável a partir de inspiração arrepiante-rastejante-maldita. Além das comunidades suburbanas, dunas piramidais dão uma aparência de fortaleza de areias desérticas circundando a cidade.

Tahir solta a minha mão para abrir a janela. Ar fresco e seco, cheirando a flores do deserto, sopra pela janela. Seu braço circula minhas costas, e a mão descansa na curva de minha cintura. Aninho minha cabeça em seu pescoço.

Ambos fomos programados para saber o que fazer.

— E seus pais? — pergunto.

— Eles não vão nos importunar. Querem que fiquemos juntos, a sós. Ninguém nos interromperá. Palavra de honra. Temos a noite toda, todas as noites em que estiver aqui.

Seus braços fortes e quentes são tão aconchegantes. Com o Tahir, agora: esta é a minha escolha. Consigo vivenciar fisicamente como os outros adolescentes, sem suas preocupações. Se nossas vidas estão destinadas a serem breves, por que não tentar algumas noites de Romance, antes de os Horríveis se instalarem?

— Por que eu? — indago a Tahir. Ele poderia ter qualquer garota. Poderia ter uma garota real, como Dementia ou Greer.

— Sei que não consigo sentir. Mas se conseguisse... você seria a garota com a qual viveria uma

história de amor. Você é forte, corajosa e bonita. Você é amorosa. Tem todas as melhores qualidades que um humano buscaria em uma companheira.

— Acho que você também. Simplesmente ainda não sabe disto.

— Programei um jogo para você — contou Tahir. — Feche os olhos.

Fecho meus olhos.

Tahir diz à FantaEsfera: — Elysia, Noite do Baile de Formatura.

Com os olhos ainda fechados, verifico no banco de dados a expressão *Noite do Baile de Formatura*. A interface informa que é uma noite de rito de passagem de adolescentes, da época pré-Guerras da Água, um evento de gala celebrando a formatura do Ensino Médio.

— Abra os olhos agora — pede ele. — Já que não pode me acompanhar no Baile do Governador, pode ser minha acompanhante em seu próprio baile.

Abro os olhos. Estamos no salão de bailes do Hotel Green Cactus, decorado para o Baile de Formatura, com fileiras de suaves luzes brancas balançando do teto, rodeando um lustre em forma de rosa do deserto e emanando uma suave luz rósea. A sala está cercada por arbustos, filas de árvores de seda, com flores rosa e galhos com luzes da mesma cor. A música do baile é em som *surround*, na forma de antigas baladas de impacto, algo sobre como o coração de alguém que continua e continua.

Não estamos sós. Ao nosso redor há muitos casais dançando lentamente. Os dançarinos são todos clones, com olhos fúcsia, gravados com flor-de-lis e delfínio, e a palavra BETA na nuca.

— Uma noite de festa para nós e nosso povo — anuncia Tahir. De terno formal de seda crua caramelo, com um chapéu Fedora marrom, está tão arrumado e lindo que até suspiro. Olho para baixo, para minha roupa. Ele não me vestiu com um modelo de princesa como os que a Liesel gosta; escolheu um PB — pretinho básico —, sem alças, mas não despuadorado, que cobre meu peito deixando algo para a imaginação, indo até o meio das coxas.

— Olhe lá — diz ele, apontando o centro da sala, abaixo do lustre em forma de rosa, que projeta imagens holográficas para os casais dançantes, com legendas, para que cada rapaz ou garota tenha a chance de ser: RAINHA DO BAILE, REI DO BAILE ou PROVÁVEL ESCOLHIDO/A... O lustre escolhe Tahir como o REI DO BAILE e a mim como RAINHA e vejo meu visual completo pela primeira vez. O cabelo foi trançado para cima e preso com diamantes e pérolas. O rosto foi alterado cosmeticamente com batom vermelho escuro nos lábios e sombra dourada metálica cobrindo as pálpebras. As pernas longas estão nuas e brilham como ouro e os pés têm salto alto de grife preto com fitas vermelhas amarradas nas pernas.

— Sua aparência está satisfatória? — Tahir quer saber.

Engulo e aceno com a cabeça. Não me pareço nada comigo, mas a estética está mais que satisfatória. Imagino que tenha a aparência de Z, quando ela possuía o coração do fantasmagórico surfista deus. *Sexy*. Misteriosa.

Tahir me puxa para si e dançamos devagar. Nossos corpos retiram calor um do outro conforme nos apertamos. — Agora, encoste sua cabeça em meu ombro — orienta-me Tahir. Faço o que ele me pede. Olho os outros casais ao redor, que parecem passar da dança para o nível seguinte, trocando beijos e abraços. Tahir também nota e pergunta: — Devemos imitá-los?

Ergo a cabeça do ombro e fito seus olhos castanhos, enquanto sua boca se move perto da minha. Quero parar agora para guardar este momento especial de antecipação antes que nossos lábios se toquem. Clique. O segundo deixa uma impressão perpétua em meu coração. Juro mantê-la para poder extrair o momento sempre que quiser no futuro, quando meu mundo voltar a ser o de servir humanos e não mais uma história de amor com este belo rapaz Beta.

O Tahir Matriz era um amante notável de mulheres, mas o clone Tahir é cru nessas artes, como eu. Seus lábios tão perto dos meus. Já fizemos isso antes, na Praia Escondida, mas então estávamos cercados pela turma, que o desafiava a continuar. Aquilo não contava realmente.

Quero tanto que seja para valer desta vez.

Minha boca se entreabre e seus lábios descem aos meus. *Tschhh*. Afinal de contas, a sensação é científica, pura eletricidade, nossos lábios se tocando. Suas mãos rodeiam minha cintura, as minhas lhe sobem as costas, abaixo da jaqueta, para puxá-lo mais perto, apertá-lo. Os beijos começam inocentes, as bocas se tocando, mas logo ficam mais ardentes, os lábios passeando e explorando, em resposta aos anseios um do outro, mais beijos.

As fileiras de luzes acima poderiam ser fogos de artifício em meu coração.

É *isso* o que importa. É o que conecta, dá sentido, dá amor humano.

Mas a música acaba e Tahir se afasta e diz: — Não importa se não sinto de verdade. Tariq e Bahiyya dizem que é importante eu vivenciar isso.

Eu sinto.

Eu o farei sentir também.

— NÃO GOSTO DE VOCÊ, BETA. VÁ ENTRETER DEMENTIA.

Hoje a Praia Escondida está tão perfeita como sempre, exceto por Farzad, que decidiu que me odeia. Em sua opinião, a semana de experiência da tia Bahiyya arruinou por completo o tempo que esperava passar sozinho com o primo Tahir. Foram melhores amigos quando meninos. Com certeza, agora de volta à Demesne, Farzad ocuparia a maior parte do tempo de Tahir, e não esta companheira de brinquedo Beta.

Dementia e Tahir estão alguns passos atrás ao sairmos do veleiro que nos trouxe aqui, à praia arenosa da enseada. — Sinto muito que não goste de mim, Farzad — respondo. Não lamento, mas minhas habilidades linguísticas estão programadas para responder de forma apropriada e reconfortante para ações verbais dos humanos. — Como devo manter Dementia entretida?

— Quero levar Tahir para surfar em algumas ondas bebê daqui. Você fica com Dementia para ela não nos atrapalhar. Prometi aos meus tios que alguém ficaria de olho nela se ela tivesse permissão de ficar conosco hoje.

— Tahir não tem permissão para surfar — relembro Farzad. Na verdade, Tahir deve dizer que não tem permissão para surfar nem jogar Z-Grav, mas só porque seria lógico para alguém com os ferimentos de sua Matriz. O clone Tahir pode participar sem problemas.

— Tahir não pode surfar as *gigantes* — assegura Farzad. — Essas ondas aqui não são de nada.

— E se ele não quiser surfar? — pergunto. Os rapazes carregam as pranchas para a praia, mas a intenção (ao menos, conforme prometido para Tariq e Bahiyya) era que Dementia e Farzad surfassem esta tarde, não Tahir e Farzad. Greer e Ivan não vieram conosco, pois suas famílias estão ocupadas

preparando o próximo Baile do Governador.

— É claro que vai querer. Ele adora o desafio.

— *Adorava* o desafio — corrijo Farzad. — Isso foi antes. Talvez agora seja diferente. Talvez ele prefira não ousar.

Atrás de nós, Dementia e Tahir param de andar para tirar algas dos pés dela e assim, longe deles, Farzad me lança um olhar de puro ódio e diz: — Você não o conhece, Beta. Como ousa ser tão atrevida? Você não é *nada*. Criada para ser uma prostituta da ilha. Não me diga o que meu primo pode e não pode fazer.

O que eu poderia dizer a Farzad: que seu primo Beta e eu passamos os últimos quatro dias e noites enrolados um no outro, em intermináveis jogos de Romance? Andamos de mãos dadas com os primeiros humanoides pela ponte de terra que conectava a Ásia à América do Norte. Escalamos o Monte Vesúvio na antiga Itália na época anterior à grande destruição vulcânica. Dançamos com reis e rainhas e tagarelamos com grandes filósofos em festas da época da Renascença. Caminhamos ao longo do Sena, em Paris, de boinas, comendo *croissants*, parando para servirmos de modelo para pintores da época do Jazz. Curtimos a Roda Punk do CBGB em Nova York enquanto os *Ramones* tocavam no palco. Passamos a noite aconchegados, juntos, em um saco de dormir, dentro de um iglu ilhado sobre um bloco de gelo desgarrado, flutuando no oceano, na época das Guerras da Água. Rodamos à noite nas dunas nos arredores da Cidade de Bioma e as estrelas do céu soletravam TAHIR + ELYSIA. Misturamos o complicado Romance com a simplicidade de Z-Grav ao pairarmos no ar horas intermináveis, tendo mudado o objetivo do jogo: em vez de ter que chegar ao chão, agora tínhamos que tocar as mãos e os lábios um do outro pelo maior tempo possível, seja no teto ou flutuando no meio da sala ou, literalmente, quicando nas paredes.

Somos Betas, aberrações por natureza, mas está tudo bem, ótimo até, pois compartilhamos isso. Consideramos que, por sermos companheiros biológicos do mesmo tipo, deveríamos então nos comportar fisicamente como tal. E conseguimos tudo isso sem os rituais incômodos de namoro pelos quais os humanos devem passar: *Ele/ela gosta, ou não gosta, de mim? Devo me arriscar deixando que ele/ela saiba o que sinto? E se eu não souber como fazer isso? Você é bonitinha.*

Mas ainda falta algo. *Sinto* nossa ligação; Tahir a *vivencia*. Farzad provavelmente estará em posse da droga que poderia preencher esta lacuna. Conto com isso hoje, e é por isso que encorajei Tahir a aceitar o convite de Farzad.

Por que devo ser sempre uma boa menina? Essa rotina é velha e chata. Eu era tão ignorante quando emergi pela primeira vez, tão inocente e impaciente. Talvez seja um sinal de estar me

tornando Horrível, mas planejo fazer Tahir desobedecer a ordem do pai de não usar a *raxia*. Está na hora de tomarmos as rédeas de nossos destinos, como adultos. Amanhã serei devolvida para a casa dos Bratton. Hoje, precisamos *gozar a vida*.

Entendo cada vez mais a necessidade adulta de Tariq e Bahiyya que Tahir sinta da mesma forma que eles. Também quero que ele sinta o mesmo que eu, e não apenas me imite.

Se vamos morrer, quero que morramos compartilhando algo real antes.

Não conto nada disso a Farzad. Em vez disso, abaixo os olhos para a areia e murmuro: — Está bem.



Farzad logo descobre o que eu poderia lhe dizer de início: eu estava correta.

Tahir não quer pegar ondas bebê. Ele quer jogar futebol com as garotas na praia. Ele não mentiu quando disse a Farzad que seus dias de surfe ficaram para trás, não só por causa das ordens médicas. — Emergi um novo cara depois do acidente — explica Tahir a Farzad, mas olhando para mim. — Quero um esporte novo. O futebol é o esporte do povo. O surfe é para rapazes privilegiados, da elite. — Ele repete informações de seu banco de dados, mas só sei de uma coisa: os outros pensam que Tahir expressa sua opinião.

Os olhos de Dementia quase lhe saltam das órbitas quando ela ergue o punho em solidariedade. — É isso aí! *Gosto* desse novo Tahir!

E eu gosto de observar os músculos firmes desnudos do estômago de Tahir flexionarem e ondularem conforme ele corre pela praia e chuta a areia. Se ele estivesse longe, na água, minha visão seria quase tão boa. Eu me acostumei tanto a tê-lo tão perto. Como vou sobreviver quando retornar à Casa do Governador?

Farzad me lança um olhar como se a nova atitude de Tahir fosse culpa minha.

— Uau, Tahir. Quantos analgésicos está tomando, de qualquer modo?

— Nenhum — diz Tahir.

— Ao resgate com a *raxia*! — grita Dementia, indo até a sacola para apanhar algumas pílulas. Finalmente, a oportunidade.

Farzad fica amuado. — Agora ele acha que é bom demais para isso também. E meu tio e minha tia foram muito específicos que só deixariam Tahir sair conosco hoje desde que ninguém — *Dementia* — usasse *raxia*, o amor desses adolescentes irresponsáveis.

— E daí? — pergunta Dementia. — Vamos nos divertir! Esta *raxia* é da pura, não aquela mistura esteroide esquisita que o Ivan faz. Esta é da boa.

Tahir olha em minha direção, e temos um daqueles momentos de compreensão que vimos Tariq compartilhar com Bahiyya. Eu me inclino para sussurrar em seu ouvido. — Se a *raxia* pode nos fazer sentir, talvez possa também nos guiar para evitarmos os Horríveis?

Tahir acena para Farzad. — Sim — concorda Tahir. — Devemos provar a *raxia* pura de qualidade superior.

Farzad ergue os braços. — A quem devo satisfazer aqui? Meu *bro*, que claramente precisa de *raxia*, ou minha tia e meu tio?

— Seu *bro* — aconselha Dementia.

— Vamos usá-la — concorda Farzad.



Não entendo a atração dos adolescentes humanos por essa droga. Tudo o que ela faz é sedá-los. Dementia e Farzad vêm das famílias mais privilegiadas do mundo. Deitados de lado sobre as pranchas de surfe, olham fixamente um ao outro ao cair em êxtase da *raxia*; seus corpos bronzeados, com roupas de praia, revelam que são saudáveis, em forma e belos. O mundo praticamente pertence a eles. Esses adolescentes poderiam fazer *qualquer coisa* que quisessem, em vez de apenas aquilo que os outros os mandam fazer. Em vez disso, escolhem ficar deitados na areia, olhos semicerrados, lábios ligeiramente sorrindo.

— Seu corpo é incrível — murmura Farzad para Dementia sem sutiã.

— Não, o seu é que é incrível — murmura Dementia para Farzad, que trocou sua bermuda usual de surfe por uma sunga preta apertada, que revela que seus dons são de uma estética que parece agradar à Dementia.

Eles engancham os dedos indicadores sobre a areia e logo caem em um sono vago e preguiçoso.

Tahir e eu nos sentamos perto deles, rolando a bola para a frente e para trás. Esta *raxia* pura não tem efeito em nós. Cada um tomou uma pílula, somos Betas demais para reagir à coisa real. Até agora.

Tahir se estica para fazer cócegas em meu pé. — “Seu corpo é incrível” — imita ele.

Eu me inclino e aperto o osso do joelho fazendo seu pé saltar momentaneamente. — “Não, o seu é que é incrível” — respondo.

Alguma carga passa entre nós nesse momento, algo indefinível e intocável, mas muito real. Estranho, sinto isso no coração. Uma angústia de desejo. Sei, pelo seu olhar, que ele o sente também.

— Talvez a *raxia* esteja funcionando? — indaga Tahir. — Sinto algo diferente. Não estou sonolento como eles. Sinto *algo*. Não excitação por imitação, mas realmente excitado. Como é estranho. Meu coração está vagando.

— O meu também. — Estou começando a me sentir tão... viva. Formigando, desperta, exuberante. Essa *raxia* que não contém os componentes de Ivan misturados parece realmente me acordar para algo maior e mais brilhante que qualquer coisa que tenha vivenciado antes. Eu me sinto mais que bem: estou ótima. Olho para Tahir. Percebo um desejo ardente. Pelo rapaz.

Os olhos castanhos de Tahir brilham novamente, como da última vez que usamos *raxia*. Eu enxergo algo neles: desejo. Isso não é um truque da FantaEsfera. Seus olhos refletem desejo *ardente*.

Tahir engatinha mais perto e põe as mãos em meus ombros. Afaga-os. Coloco as minhas mãos em sua cabeça e puxo seu rosto junto ao meu. Sinto meu pulso acelerar e o coração se apertar — *palpitar* é a palavra que acho que os humanos usam. De repente, preciso de Tahir junto a mim, sobre mim, já. A necessidade é inesperada e visceral. Tahir deve senti-la também, pois seus lábios pressionam os meus, mas agora seu beijo é forte e carente, em vez de suave e exploratório. É como se estivéssemos de volta, em outro jogo de Romance, só que estamos fora, no mundo, e o tempo e o espaço são reais. Desta vez há coisas em jogo muito além de mera experimentação.

A língua de Tahir encontra o caminho para dentro de minha boca, percorrendo meus dentes antes de se enrolar suavemente em minha língua. Uau uau uau! Por um breve segundo, ele afasta seus lábios dos meus e murmura o que estou pensando — “uau” — e então seus lábios se unem novamente aos meus. Quero que este momento nunca acabe, mas também preciso que acelere. Preciso de mais que um beijo. Tahir pressiona seu torso contra o meu e me entrego à areia, adorando a sensação de seu peso sobre mim. Traço com os dedos as partes entre as trancinhas em seu crânio antes de as mãos se aventurarem para baixo, arranhando suavemente suas costas com as unhas. Algo mais é diferente desta vez em relação às nossas seções de Romance na FantaEsfera. Com todos os beijos e carícias durante a semana passada, as sensações do corpo nunca avançaram tanto.

E então veio a *raxia* pura.

Suas mãos buscam minhas costas para desamarrar o sutiã do biquíni. Desamarrado, atiro-o na areia e coloco minhas mãos de volta em seu corpo. Meus dedos buscam debaixo do bermudão, vagam abaixo de seu tórax pela primeira vez, buscando sua pélvis. Seu peito nu comprime meus seios e agora entendo como e por que os humanos buscam a figura de dois corações batendo em

uníssonos. Nós conseguimos. Tum-tum. Tão doce, quase insuportável!

Mas Tahir para. Ele desce de cima de mim e cai, de costas, ao meu lado. Seu belo rosto parece perturbado. Ele se estica para tocar a minha mão.

— É estranho, com Farzad e Dementia bem aqui — sussurra.

Puxo a palma até meus lábios e a beijo. Então fico em pé, erguendo-o ao meu lado. — Vamos!

Desço a praia correndo até a água e mergulho. Ele me segue.

Nadamos e nadamos sem parar até sairmos da vista de Farzad e Dementia adormecidos. Pela primeira vez, entendo a obsessão dos humanos com a água de Io. É pura *mágica* percorrendo minha pele, voluptuosa e intensa. Poderia entender a compulsão de matar, para proteger o acesso até esta água de origem paradisíaca.

Nossos pés afundam no leito raso do mar enquanto as águas violetas lambem nossos corpos, e nossos lábios nos unem novamente. As mãos de Tahir pressionam minhas nádegas e ele ergue meu corpo. Enlaço minhas pernas ao seu redor e nossos corpos se pressionam um contra o outro. Agarro-me com força nele e parece que não consigo parar de beijá-lo — pescoço, bochecha, testa, as pálpebras que se fecham sobre os olhos da Matriz de Tahir. Quero tomar cada centímetro de seu corpo. Minha sede é insaciável.

Sim, a *raxia* com certeza exerce um efeito diferente sobre os Betas que nos humanos sonolentos deitados na areia distante. Meu corpo sente a diferença e, de algum modo, minha mente também. É como se uma porta trancada dentro dos caminhos neurais em minha cabeça não tivesse se aberto, mas se escancarado, para deixar entrar um novo nível completo de vivência e compreensão. Mais fundo, mais puro, mais real.

Então, a mão de Tahir está lá, entre as minhas pernas, e minhas costas se arqueiam de prazer, com seus lábios em meu pescoço.

Ele endireita minhas costas para que nossos tórax se pressionem com força um contra o outro. Ele interrompe os beijos desenfreados o suficiente para me perguntar: — Você quer isso?

Experimento um sentimento de gratidão, compartilhar esse momento com um ser que procura certeza em meu consentimento — não importa que seja um servo fabricado. — Sim! Por favor!

Preciso saber o que é isso antes que tudo se vá.

Ele pressiona seus lábios preciosos contra meu ouvido. — Eu te amo, Elysia — diz ele.

— Eu te amo também — respondo.

Desta vez ele está falando sério. Eu estou falando sério.

Não há retorno. Agora, ambos estamos completamente despertos.

O FOGO FOI ACESO. AGORA, ELE SÓ PODE CRESCER.

Uma coisa interessante ocorre quando a satisfação da *raxia* leva um príncipe Beta proclamar seu amor a uma garota Beta comprada em loja.

Ele fica mais legal com seus pais.

Poderia ser apenas que Bahiyya pediu ao chefe de cozinha para preparar um jantar à base de chocolate para minha noite final no complexo Fortesquieu, onde Tahir e eu nos juntamos a Tariq e Bahiyya para a última ceia. Qualquer delicadeza comigo parece animar Tahir. O primeiro prato foi chocolate branco com caviar, seguido de salada de espinafre polvilhada com vinagrete de chocolate amargo. O prato principal é ensopado de carne de veado com flocos de chocolate meio amargo.

A parte meio amarga de mim é que o chefe de cozinha poderia simplesmente descartar todos os ingredientes não essenciais como caviar, espinafre e carne de veado e servir simplesmente prato após prato de chocolate. Antes da *raxia*, achava o gosto do chocolate delicioso. Agora, pós-*raxia*, ele tem o gosto incrível, a nível celestial. Mas a parte meio amarga da refeição é o reconhecimento do inevitável. Em breve, deixarei a doce liberdade do lar Fortesquieu e retornarei para a casa disfuncional dos Bratton.

Não sei como sobreviver na Casa do Governador após esta semana fora. Tendo Tahir só para mim. Unindo-me a ele.

— Não quer comer um pouco de ensopado? — Bahiyya pergunta a Tahir. — Costumava ser o seu favorito. Experimente. Quem sabe, se lembre?

De fato, Tahir não se importa com comida humana, mas sabe que ela mandou preparar a refeição

para me honrar de alguma forma, então engole uma colherada.

— Delicioso, *Maman* — aprecia ele, chamando-a pelo termo carinhoso que a Matriz de Tahir usava. O rosto dela se ilumina, ouvindo a palavra.

— Meu querido Tahir, você está voltando para nós. Sei disso. Posso vê-lo. — Bahiyya se vira para sorrir com bondade para mim. — Elysia, meu anjo divino. Como poderemos viver agora sem você?

— É verdade — concorda Tariq. — Tahir é mais feliz com Elysia aqui.

— Não consigo vivenciar a felicidade, Papa — Tahir relembra o pai suavemente. Mas os olhos dele encontram os meus ao dizê-lo; ele sabe agora que a felicidade não deve ser uma emoção totalmente fugidia para nós.

O rosto de Tariq se entristece um pouco com as palavras de seu filho. — É claro que consegue, Tahir. Elysia é a prova de que é possível. Dê tempo ao tempo.

Tahir toma outro gole do ensopado. — Mas... — ele faz uma pausa, como se quisesse ter certeza do que está para dizer. Então proclama: — Eu *quero* vivenciar a felicidade.

O rosto de Tariq se alegra novamente, e Bahiyya dá um gritinho. — Isso é tudo que eu poderia pedir a você, meu querido. É tudo. — A emoção do momento nos vence quando suas mãos cobrem seu rosto; ela precisa chorar para desabafar. Quando passa, ela enxuga as lágrimas e olha para o marido. Eles parecem compartilhar outro daqueles olhares telepáticos de decisão deles. Tariq acena para ela e então se volta para mim. — Está acertado, então — diz Bahiyya. — Vou ligar para os Bratton após o jantar e fazer uma oferta.

— Uma oferta pelo quê? — pergunto.

— Por *quem*? — interessa-se Tahir.

Bahiyya acena, e seu rosto se alegra. — Por você, Elysia. Comprarei você dos Bratton e então poderá trazer felicidade para o meu filho o tempo inteiro. Amanhã, terá que retornar para a casa até acertarmos os termos, mas assim que passar o Baile do Governador, tenho certeza de que poderemos chegar a um acordo com os Bratton.

Bahiyya leva a mão à cabeça de Tahir. Ele não se esquiva; em vez disso, pega sua mão e a põe para acariciar sua bochecha. Quando ela toca seu rosto, ele se aconchega na mão dela, como um gato, esfregando o rosto suavemente.

Ela sorri.

Então, de repente, seu rosto fica sério quando sua mão encontra algo preocupante. Ela arqueja, então esfrega a mão com mais força no queixo de Tahir.

— Barba — conta a Tariq, como se Tahir nem estivesse ali.

Seus rostos, há um momento tão ansiosos e felizes, empalideceram. Ninguém mais está interessado em jantar, a julgar pelas suas expressões.

Com exceção de mim.

Estou *morrendo de fome*.

Esse rapaz disse que me amava. Somos companheiros. Agora, podemos ficar juntos pelo tempo que nossos hormônios Beta nos permitirem sobreviver. Podemos ser roubados de vidas longas, mas não de nosso precioso tempo juntos.

Sua barba fará dele um homem ou um Horrível.

De qualquer jeito, ele chegará lá comigo.

— Tahir deve ver a Dra. Lusardi amanhã — diz Tariq. — Ela pode testar uma amostra da barba.

— Sim — concorda Bahiyya.

Porém.

— Não — afirma Tahir.

— O quê? — perguntam os pais juntos.

— Não — repete Tahir. — Não vou mais visitar a Dra. Lusardi.

— Esta não é uma decisão sua — diz Bahiyya.

Tahir olha a mãe com o mesmo tom amoroso que vi no rosto da sua Matriz no álbum familiar holográfico e, pela primeira vez diante de mim — e provavelmente de seus pais —, ele dá seu sorriso de Matriz de *megawatts*, cintilando dentes brancos e puro carisma. — *Maman*, por favor! Tenho dores de cabeça terríveis após os tratamentos da Dra. Lusardi. Não há nada mais que ela possa fazer por mim. — Ele se inclina para esfregar o rosto no de sua mãe.

A reação de seus pais frente à recusa insolente é extática. Seus rostos brilham de surpresa e orgulho. Seu clone finalmente parece e reage como seu filho.

— Então, está combinado — diz Tariq. — Por enquanto. Se é capaz de expressar escolha e afeição, está claramente no caminho de se tornar mais humano. Talvez não precise de mais tratamentos. Não estou convencido de que esses tratamentos o melhorem mais do que os médicos estavam fazendo por você em CB, de qualquer modo.

— Finalmente — completa Bahiyya — temos esperanças.

OS PAIS DELE FORNECERAM CHOCOLATE PARA CELEBRAR minha última noite em seu lar.

Tahir providenciou uma piscina olímpica na versão FantaEsfera.

— Como gostaria de passar sua última noite aqui? — perguntou após o jantar.

— Gostaria de mergulhar. Acho que minha Matriz era mergulhadora. Gostaria de vivenciar seu mundo competitivo. Versão Defeito de Equipe.

— É provável que a versão Defeito de Equipe seja uma melhora — comenta Tahir. — Mais força e agilidade, sem todas aquelas aspirações e distrações humanas incômodas.

Assim, estou nos Jogos Olímpicos de Paris, em meio às Guerras da Água. Enquanto países e nacionalidades são dizimados e realinhados, a necessidade de uma esperança comum, como exemplificada pela tradição olímpica, jamais foi mais forte. Os jogos devem continuar.

É a minha vez de mergulhar.

Dou passos atrás da plataforma dos trampolins de mergulho, jogando “mamãe-mandou” para determinar qual trampolim é o melhor para mim. Paro na torre de cinco metros, mas sinto friidez quanto a seu potencial. Seguro demais. Dou um passo em direção às escadas do de sete metros. Há possibilidades aqui, mas é sem graça. Finalmente, chego à plataforma de dez metros, e meu corpo sente o calor da vontade. É aqui que Z teria escolhido para mergulhar. Ela teria procurado o último GD — grau de dificuldade.

Os pés descalços pressionam para baixo enquanto subo as escadas e sinto algo nestes degraus duros e úmidos que parece familiar, confortador e desafiador. Embora ainda não tenha imergido na

água, sinto seu espírito se erguer até mim da piscina, a primeira vez que incorporo Z com tanta força ao ar livre. *Faça-o por mim*, ela pede. *Porque eu não posso*.

Chego à prancha do topo e subo nela. De dez metros de altura consigo ver, além da piscina e das arquibancadas do público, uma vista panorâmica da cidade. A Torre Eiffel se eleva enorme acima da cidade lendária e o sol rosa alaranjado lança um leve crepúsculo no céu. Estreito os olhos para os assentos para ver o público de todos os lugares do mundo. São de diferentes tamanhos e cores, mas todos têm olhos fúcsia. Meu povo. Meus olhos focam no melhor espectador da multidão, sentado na fileira da frente, acima do ponto central da piscina. Seus olhos são castanhos, metade do cabelo está trançado e ele me olha com forte ansiedade, talvez até com orgulho. Ele dá o sorriso *megawatt* de sua Matriz e então o troca, fechando a boca para que os dentes não brilhem e ergue as sobrancelhas, um gesto sensual distinto que anuncia, agora eu *posso este rosto*. Ergue os polegares para cima num gesto, e meu coração se alegra porque esta pessoa na multidão acredita em mim. Faço-lhe um sinal com os polegares para cima e caminho até o final do trampolim.

Agora, preciso esquecer de Tahir nos assentos e focar minha energia. Lá em cima, erguendo-se acima da cidade, mas também acima do ponto central ao qual sei que a alma da minha Matriz pertence — a piscina —, deixo que uma onda de distanciamento passe por mim, obscurecendo a vista dos assentos e da cidade que se descortina à frente. Esta é a sua concentração tomando conta, bloqueando tudo com exceção do próximo mergulho. Assim mesmo, em meio ao nada, um rosto familiar entra em frequência — o surfista de olhos turquesa e tórax largo. É então que entendo o que ocorreu à carreira de mergulho de Z. Ela perdeu o foco por causa dele.

Vá embora, digo a ele. Ele obedece. Minha mente volta ao nada, por *escolha*. Não serei distraída por ele. Este mergulho é meu. Posso fazer isto por Z e fazê-lo melhor que Z. Posso divinizar meu poder Defeituoso para este mergulho.

Na beirada da prancha de dez metros de altura, coloco minhas mãos no chão e ergo minhas pernas acima de meu corpo. Não penso sobre o risco de meu corpo suspenso de cabeça para baixo, dez metros acima do solo, erguido por nada além de minha força interior; em vez disso, foco meu pensamento no movimento que estou para fazer. Meu corpo se mantém na parada de mãos pelos cinco segundos necessários enquanto visualizo o mergulho que estou para realizar, uma parada de mãos, saída à frente em duplo mortal. Cinco... quatro... três... dois... um: lanço-me com as mãos e impulsiono meu corpo em um giro, segundo giro e então encolho a cabeça contra o peito, estendo os dedos dos pés e entro na água quase sem espirros.

Perfeito.

Embaixo d'água, sinto alegria e orgulho. Fiz isso por ela, mas também por mim. Não estou só no fundo da piscina. Desta vez, quando o rosto do amante de Z aparece, ele está diferente. Seu cabelo loiro está trançado até a metade e seus olhos são castanhos. O rosto se amolda naquele que eu quero que seja. Sua voz grave não diz “você sabe que me possui, Z”. Em vez disso, a voz que ouço é de Tahir me perguntando: “Por que *alguém* deveria poder te possuir?”.



É a vez de Tahir escolher nosso jogo final no FantaEsfera. Vamos de Paris para a Cidade de Bioma.

— Helicóptero-planador CB — diz ele. — Já que não podemos vivenciar a coisa real sem supervisão humana, aqui podemos voar sozinhos no espaço.

Tahir pilota o helicóptero a baixa altitude sobre o Bairro do Mel em CB. O teto, chão e laterais do helicóptero são de plástico transparente, permitindo vistas infinitas do céu noturno, anunciando milhares de estrelas piscando acima do planador e abaixo, vislumbres diretos nos lares-colmeias dos residentes da vizinhança, a quem vemos através das janelas, em seus rituais noturnos: preparando o jantar, colocando os filhos para dormir, fazendo amor.

Aninho minha cabeça no pescoço de Tahir. Ele segura minha mão, a coloca em seu joelho e a cobre com a mão dele. Inclina-se para me beijar o rosto. A distração de nosso beijo leva o avião a bater contra um complexo de apartamentos-colmeia. Outra vantagem de voar em um avião virtual pilotado por um clone inexperiente: nenhum dano, nenhum choque. O helicóptero mal quica do complexo, como se o prédio fosse feito de borracha. Os residentes do local não são perturbados, e o piloto pode escolher colocar o avião em piloto automático, para que ele e seu passageiro possam voltar a seus carinhos.

Nossos beijos são lentos e curiosos, e inevitavelmente devem incluir mãos e passar para contato total de corpos. Quando nossas posições sentadas não conseguem mais acomodar nossos gestos, Tahir comanda: — Aterrissar. Dunas de areia.

O avião aterrissa sozinho sobre uma duna de areia em forma de pirâmide fora da cidade. Tahir e eu saímos e caímos na areia. Ele engatinha sobre mim, segura meu rosto nas mãos e seus olhos castanhos olham intensamente dentro dos meus. Abro a boca para outro beijo, mas ele precisa contar seus sentimentos.

— Estou repleto de tristeza — diz ele. — Tanta dor. É horrível. Como os humanos podem sobreviver a isso?

— Por quê? — Minha mão acaricia sua bochecha recém-barbada. Queria que ele sentisse algo, mas não tristeza. O fato de ele estar magoado leva meu coração a se contrair de dor.

— Não quero que nos separemos. Aquela senhora a quem chama de Mãe já falou a Bahiyya que está contente em receber ofertas por você, mas que nada pode ser finalizado até depois do baile. Tenho certeza de que ela só está ganhando tempo para conseguir um preço maior de meus pais.

— Não quero voltar — confesso. Não conto a Tahir o que me assombra de volta na Casa do Governador. O senhor da mansão que pretende fazer de mim sua prostituta. A Mãe louca que pouco se importa se eu for lançada do rochedo.

— Fico triste de você ter que ir embora. Me *enfurece* — sim, me enfurece! —, até a perspectiva de você ser considerada propriedade. Mas... — Tahir faz uma pausa e inspira fundo, como se resolvendo —, preciso que volte temporariamente. Preciso que ganhe algum tempo para nós.

— Por quê?

— Se você estiver por perto o tempo inteiro, não consigo resistir a você. Agora que estou totalmente desperto para você, para esta vida e suas possibilidades, quero você comigo o tempo inteiro, para podermos forjar um novo caminho. Para realizar isso, não posso ser distraído, para poder formular um plano.

Entendo sua necessidade de se concentrar. Foi como consegui realizar um mergulho olímpico perfeito da plataforma de dez metros no jogo anterior da FantaEsfera. Bloqueando todo o resto e todos os outros.

— Um plano para quê? — Olho em seus olhos castanhos, que pareciam suaves e sonhadores antes. Agora, estão acesos em determinação e raiva.

— Agora eu sei. Somos criaturas inferiores. Mas nossos sentimentos deveriam importar tanto quanto. Quem sabe daqui a quanto tempo vou me tornar Horrível? Precisamos vivenciar tudo o que eles jamais nos permitirão antes de morrermos.

— Talvez possamos sobreviver aos Horríveis. Talvez possamos nós mesmos descobrir uma cura.

— Concordo. Mas nossa única esperança de isso acontecer é se nós fugirmos. Estou arquitetando um plano.

— Fugir? Mas e os seus pais? Eles te amam tanto!

— Sei disso. Agora também sei disso. Não me agrada que minha fuga os magoe. Mas isso é algo que preciso fazer por mim. De outro modo, jamais serei capaz de ter minha própria identidade. Quero que você compartilhe essa vida nova. Você faz parte de mim agora. Não posso deixar você. Você concorda?

Tantas vezes eu disse essa palavra para agradar os humanos. Esta é a primeira vez que a proclamo por mim mesma e por Tahir e por todos da nossa espécie: — Sim!

Não há júbilo, e aí está a realidade. — Mas... como? — pergunto.

— Vamos embora juntos, *voando*. Vou passar o tempo que estivermos separados praticando como pilotar um helicóptero-planador verdadeiro. Então vou roubar o avião de meus pais para nos levar embora daqui.

— Para onde?

— Não sei. Isso importa?

Não importa. Desde que estejamos juntos.



— Li a esse respeito em um dos livros da Matriz de Tahir. Os franceses o chamam de *la petite mort* — me conta Tahir, passando a mão em meu cabelo loiro. Nós despertamos um nos braços do outro no alvorecer em nossa cama de duna de areia. O helicóptero-planador está estacionado a distância, esperando para nos levar de volta ao tempo e espaço reais. — Aquele momento de liberação com a pessoa a quem se ama, eles dizem que é como uma pequena morte.

— Uma super-super? — murmuro. A terminologia de Greer faz mais sentido para mim agora. Aquele momento de maior liberação e entrega, conforme ondas de prazer encrespam o corpo, eu entendo. É super-super extraordinário. Obrigada, *raxia*.

— Prefiro morrer a deixarmos de vivenciar nossa própria liberdade — afirma Tahir.

— Eu também.

Agora podemos juntar um desejo de morte ao nosso pacto de fuga.

E a promessa de uma ação.

Até agora, em Io e na FantaEsfera, professamos nosso amor um pelo outro. Experimentamos *la petite mort* juntos. Mas, tecnicamente, não realizamos o ato real, o ato de copular para o qual os humanos têm tantas palavras diferentes, todas significando a mesma coisa: Sexo. Coito. Trepar. Super-super. Fazer amor.

Tahir e eu decidimos nos guardar.

Compartilharemos a coisa real quando estivermos livres.



DE VOLTA À CASA DO GOVERNADOR, SOU COMO Astrid, a quem substituí: não senti saudade alguma dos Bratton enquanto estive fora. De qualquer modo, ao que parece, mal notaram minha ausência. Com o Baile do Governador de amanhã, a família tem um turbilhão de atividades. Os empregados de olhos fúcsia nunca pareceram tão apressados ou ocupados como após minha volta.

Fujo imediatamente para o santuário do meu quarto, que nem mesmo é meu. Devo esperar lá até que a Mãe me chame. Devo ficar aqui só por pouco tempo, reafirmo a mim mesma. Posso fingir que o quarto é minha própria FantaEsfera com Tahir.

Mas a privacidade não é para ser minha. Ivan surge esbaforido em meu quarto, parecendo suado e pálido. Fecha a porta e pressiona o corpo contra ela, quase como se quisesse se jogar contra a superfície dura para induzir dor, ou mostrar que pode lidar com a dor.

— Adivinha!

Dou de ombros.

Esses humanos e seus jogos de adivinhação começam a me irritar.

— O Aquino fez uma varredura da ilha, procurando *raxia* dos Defeituosos e encontrou grande quantidade escondida no canteiro de obras no Refúgio.

— Uau — surpreendo-me.

Não me sinto nada uau. A acompanhante de brinquedo dos Bratton, agora sem seu companheiro Beta, só quer saber de se jogar na cama e chorar em um acesso de raiva, como criança.

— O Pai armazenou a *raxia* em um cofre aqui, na Casa do Governador, e eu sei o segredo! Há

tanta quantidade, posso tirar um pouco e ninguém notará. Fiz todo o tipo de experiências enquanto estive fora. — Ele flexiona os bíceps protuberantes; parecem duas vezes maiores que da última vez que nos exercitamos juntos.

Duplo uau, de verdade! Preciso conseguir essa combinação e abastecer a mim e ao meu amor.

— Você parece muito forte, irmão — elogio. Ele parece *tão* fortemente viciado. Suspeito que só um pouco de *raxia* nunca mais lhe bastará. Como vai sobreviver na Base?

— Certo? — avalia Ivan. — Deveria agradecer pessoalmente o clone que, dizem, estocava a *raxia*. Dizem que liderava a tal da Insurreição. Você perdeu tanto enquanto estive fora!

Há um líder? Como posso entrar em contato com esse clone?

Outro desejo inatingível.

— Sorte que levaram o cara embora — acrescenta Ivan. — Disseram que era um Defeituoso enraivecido planejando construir mais bombas.

Analisando a situação: sou um clone sem Transmissor para me comunicar com outros de minha espécie. Tenho um *chip* com informações, algumas falsas, o resto apenas fatos básicos; tenho implantado um localizador que pode identificar meu paradeiro para os humanos, em qualquer lugar. Só posso expandir minha base de conhecimento por experiência, não por projeto inerente. Não tenho privacidade alguma nem tampouco poder. Sendo realista, como posso criar um pacto de fuga com Tahir? Vamos precisar de ajuda. Nossos próprios recursos não serão suficientes. Precisamos encontrar esse suposto líder da Insurreição.

— Então, o Defeituoso foi devolvido para a Dra. Lusardi?

Tahir e eu poderíamos invadir o complexo da Dra. Lusardi e libertar os Defeituosos! Não é um sonho lindo?

— De jeito nenhum! O Defeituoso foi extinto imediatamente.

Ou não.

— Como era chamado esse clone? — pergunto, embora tenha certeza que já sei.

— Não estou certo. Mike ou algo assim? Era um controlador de oxigênio. Dizem que tramava sabotar a atmosfera aqui.

O controlador de oxigênio deveria ser Miguel, o amado de Xanthe. Ao menos agora seus corações devem se juntar no porvir, caso tal coisa exista. Se os humanos não arruinaram isso para eles também.

Se Ivan tivesse a mínima desconfiança do quanto sou Defeituosa, perceberia que deveria se afastar de mim agora, pois tenho um desejo súbito de responsabilizá-lo pelas transgressões de seus

irmãos humanos.

Ivan não tem um pingo de preocupação. Puxa um saco de comprimidos do bolso e diz: — Tenho esse estoque pequeno de *raxia* que furtei do cofre, mas é perigoso demais mantê-lo em meu quarto agora. Duvido que venham procurar lá, mas não posso me arriscar, especialmente tão perto de minha partida oficial para a Base. Só mais alguns dias, cara!

Sério, o suor quase escorre pelo rosto e sua respiração parece mais pesada e forçada. Suspeito que agora ele é um viciado.

— Você está bem, irmão? — pergunto. Você está bem com a raiva que me impregna por dentro e que, de repente, gostaria de expressar abertamente, de alguma forma? Pois começo a me sentir bem com a perspectiva, mesmo que isso pudesse me revelar como Defeituosa.

— Só um pouco ouriçado, talvez. — Ele coloca o saco de *raxia* na gaveta da minha cômoda. — Guarde bem para mim, tudo bem, campeã?

Vou assumir o risco. Em breve, Tahir e eu poderemos colocar em uso próprio a porção de Ivan. Essa notícia ruim tem, pelo menos, um lado positivo para mim.

— Tudo bem, irmão — concordo.

— Então, como foi nos Fortesquieu? — interessa-se Ivan.

— Harmonioso e bonito, é claro — respondo. *Raiva, retraia-se. Não estou pronta para lidar com você ainda. Não tenho ideia do que devo fazer com você.*

— Então você gosta de pensar que é melhor que nós, agora que foi convidada dos Fortesquieu? — diz, brincando. Acho...

— Eu não era hóspede, era companheira de trabalho.

— Talvez tenha feito seu trabalho bem demais. Ouvi que eles querem te comprar agora.

— Ainda podemos ser companheiros de treino, quando você voltar para casa da Base — tranquilizo Ivan.

Os olhos de Ivan se estreitam em mim, descontentes, como se eu tivesse feito algo de errado por ser uma Beta boa demais.

— Nós possuímos você primeiro — ele me relembra e deixa meu quarto.



Sozinha no quarto, depois de Ivan sair, olho ao redor as paredes estéreis, a vista da janela para a vereda que leva ao precipício onde minha amiga Xanthe foi morta. Não consigo fingir que o quarto é

minha FantaEsfera com Tahir. É uma prisão.

Entro no quarto de Astrid e sento em frente à penteadeira. Olho no espelho, vejo meus olhos fúcsia, maçãs do rosto salientes, pele de pêssego perfeita, tudo isso criado para mim, mas será que isso tudo é realmente meu? Sou só uma réplica de um ser prévio. Como reivindicar minha própria identidade sem descaradamente anunciar para os humanos: *sou Defeituosa? Por favor, me torturem e, então, me eliminem?*

Somos seres inferiores. Ainda assim, nossos sentimentos deveriam importar.

Lembro as palavras de Tahir enquanto puxo um fio de cabelo loiro pendurado abaixo dos ombros. Torço o cabelo ao redor do dedo indicador, esse cabelo que a Mãe tanto ama trançar.

Esse cabelo que odeio que trancem. *Odeio.*

A Mãe acha que é dona desse cabelo. O Ivan acha que é *meu* dono.

Eles não só acham que me possuem. Eles me possuem, isso é fato.

Esse fato vai mudar. *Eu* vou mudar.

Abro a gaveta da penteadeira e vejo uma tesoura. Coloco uma faixa de cabelo para a frente, entre os dedos, e corto. Terei uma franja: *eu decidi. Pic. Pic. Pic.* Olho no espelho a franja irregular pendurada acima das sobrancelhas. Não é suficiente. Quero me livrar de mais cabelo. Pego o cabelo de trás e não o corto apenas; ataco com a tesoura e o picoto imprudentemente. *Pic. Click. Zap. Fora.* A cada mecha loira comprida que cai ao chão me sinto mais e mais livre.

Vou me tornar eu mesma, quer gostem ou não.



Fui chamada para o estúdio da Mãe.

Ao entrar, seus olhos estão baixos, na mesa, revendo a lista de convidados. Ela não me olha imediatamente, mas diz:

— Então, querida. Acho que fez muito sucesso nos Fortesquieu.

— Sim, Mãe.

— É uma pena, realmente. Agora não terei escolha a não ser vendê-la para eles. Você me fez parecer bem aos olhos deles, mas a um custo alto; não estava preparada para te liberar para sempre. O Governador não quer que eu negue um pedido daquela família.

— Sim, Mãe.

Sim!

A Mãe ergue os olhos e os arregala; seu queixo cai. Ela aponta um dedo para mim.

— Eu *avisei* você para pedir à Bahiyya para falar comigo antes, se quisesse alterá-la de alguma forma. — Ela se ergue, caminha para mim e passa os dedos pelo meu cabelo recém-tosquiado. Embora ainda não esteja livre desta casa, estou livre do cabelo que a Mãe valorizava tanto. Meu novo corte curto é selvagem e despenteado, arrepiado, *tão* diferente da estética clone de Demesne, chata e refinada.

— Nossa, a Bahiyya tem um gosto horrível — critica a Mãe. — Será uma nova tendência de cabelo na CB?

— Não tenho esses dados — informo. Sei que a Mãe não irá protestar contra o corte de cabelo para uma figura tão socialmente poderosa quanto Bahiyya; posso já estar vivendo com os Fortesquieu antes que ela perceba que cortei o cabelo sozinha.

— Esse corte novo não combina com seu traje de baile, mas não há nada a se fazer agora — suspira ela.

— Minha roupa de baile? — repito. — Vou servir no baile?

— Posso não ter escolha, a não ser vendê-la para Bahiyya. Mas se você é tão especial a ponto de ser comprada por nada menos que os Fortesquieu, bem, então, convenci o Governador, por sua vez, que é adequada para ser minha companheira no Baile. Você não será uma convidada, obviamente. Mas tampouco irá servir. Em vez disso, ficará em exibição. Então, todo mundo saberá que *eu* fui a primeira a te adotar. Você foi minha antes.



SOU A PRIMEIRA BETA CONVIDADA PARA UM BAILE.

Não sou convidada, tampouco trabalharei aqui. Sou uma peça de arte performática, sentada em um balanço branco pendurado no teto alto, de onde observo a cerimônia, a seis metros acima do chão, proporcionando entretenimento estético para a multidão.

Todas as famílias de Demesne vieram à ilha para a gala anual, realizada no salão de baile no Refúgio. Não só a festa conta com as pessoas mais poderosas do mundo, mas com os seus brinquedos humanos, posando esta noite como convidados: estrelas do entretenimento, políticos, atletas de renome mundial, que ganharam convites raros para vivenciar a oportunidade única de vir à Demesne naquela noite. Em meio à multidão, vejo as amigas de *mah-jong* da Mãe, amigos de Ivan, os Fortesquieu, e muitas das pessoas dos cartões de instrução de Tahir, incluindo o rei de Zakat e o jogador de futebol de renome mundial conhecido como Esfinge.

Não é pouca coisa as pessoas mais ricas e poderosas do mundo se reunirem para uma festa, tampouco é seu ponto de encontro. O grande salão de baile no Refúgio é projetado no estilo do Salão dos Espelhos, do Palácio de Versalhes da França antiga, modernizado com toques que refletem a cultura própria distinta de Demesne. O salão é um espetáculo do piso ao teto. Como seu antecessor, o Salão dos Espelhos do Refúgio tem dezessete imponentes janelas em arco, separadas por pilastras de mármore decoradas com esculturas douradas. As janelas dão para fora; têm 357 pedaços de espelho embutidos nas janelas em arco a refletir a exposição pródiga exterior de cores coral das flores-tocha *cuvée* para dentro da sala, com efeito hipnotizante. Dezessete grandes lustres de cristal, e 26 menores, feitos de prata maciça, pendem do teto; desses candelabros, milhares de velas iluminam o

ambiente. O piso do salão é padronizado com o característico Assoalho do Novo Versalhes de Demesne, encontrado em muitas das casas locais: grandes quadrados de tacos de bambu, dispostos em viés, com motivos diagonais entrelaçados representando a flor-de-lis, símbolo da ilha. As obras de arte no Salão de Espelhos de Versalhes representavam as vitórias de Luís XIV e do simbolismo da França. Já os afrescos que revestem as paredes e o teto do salão do Refúgio retratam Demesne em toda sua glória: o oceano violeta ondulante, as falésias costeiras, a montanha vulcânica elevada e a selva interior; casas como o complexo Fortesquieu, em estilo mexicano de calcário, e a Casa do Governador; uma vista aérea de toda a ilha com o anel violeta de Io separando seu perímetro do resto do mundo; o nascer do sol no Refúgio; retratos de rostos perfeitos tatuados nas têmporas com flor-de-lis violeta.

Em um canto da sala, uma plataforma foi criada para a apresentação musical da noite, a O.S.R., ou Orquestra Sinfônica de Replicantes, de Demesne. A sinfônica masculina é composta de todas as castas de clones, tatuados de bambu a azevinho, de trabalhadores simples a profissionais de tênis, todos de *smoking* preto e branco. Com seus corpos perfeitos e rostos com aparência agradável, é provável que sejam a orquestra mais bela do mundo.

Mas todos são críticos. A Mãe comenta:

— Afinação perfeita. Paixão zero. — Abanando uma pena de pavão na frente do rosto, ela parece pouco impressionada com a O.S.R. finalizando uma peça de Mozart.

Em pé, abaixo de meu balanço no canto oposto à O.S.R., ela se postou à frente da procissão de convidados recém-chegados cumprimentando o Governador e sua família. O tema da Gala deste ano são os deuses gregos, com a Mãe fantasiada de Hera, a deusa do lar e do casamento, esposa ciumenta e vingativa de Zeus, cujo carro era puxado por pavões. O Governador é o poderoso Zeus, é claro, enquanto Liesel usa um vestido nos tons do arco-íris, simbolizando a deusa Íris, a personificação do arco-íris e mensageira dos deuses. Por estar prestes a ingressar no exército, Ivan veste um uniforme militar formal, mas com um abutre preto clonado descansando no ombro, para simbolizar Ares, o deus grego da guerra. Abutres, que atacam as carcaças mortas no campo de batalha, eram sagrados para Ares.

Nem todas as famílias se vestem com o tema proposto. O evento de gala anuncia paz e prosperidade, mas o que foi perdido durante as recentes Guerras da Água não é esquecido. As famílias ainda em luto vestem preto tradicional para eventos formais. Entre eles, os Fortesquieu que, no final, optaram por trazer Tahir. Durante minha semana em sua casa, debateram se Tahir estava realmente pronto para ser reintroduzido na sociedade, daí os cartões e, talvez a companheira Beta,

devem ter feito o trabalho de forma satisfatória para prepará-lo. A moita de cabelo meio trançado, meio selvagem de Tahir se foi, substituída por fileiras trançadas que revestem o couro cabeludo em oito linhas perfeitas. Ele e Tariq trajam ternos pretos de seda feitos sob medida, simples e elegantes, e Bahiyya, que deve ter perdido mais familiares que qualquer outra pessoa na sala, veste uma roupa criada para seu porte de rainha. Em vez de vestido, usa calça preta de seda parecida com a de seus homens, mas com uma jaqueta preta feminina sobre um corpete debruado com crepe, ornamentado com bordado e decorado com renda, feito de peças de um dos vestidos de luto da rainha Vitória, que Tariq comprou para Bahiyya em leilão, de um museu real já fechado. Seu longo cabelo branco, descendo até a cintura, foi entrelaçado com fios brilhantes com pequenas pedras preciosas: safiras, diamantes, rubis e esmeraldas, contraste deslumbrante com seu traje negro simples, mas elegante, bem discreto.

Esse recato não faz parte de meu traje. A Mãe decidiu que minha aparência angelical mais se assemelhava à de Artemis, a deusa helênica de meninas jovens, ou seja, virgens. Para mim, ela escolheu um vestido branco curto concebido como fantasia de caçadora donzela. O modelo deixa pouco para a imaginação. Embora cubra pouco acima dos joelhos e tenha um cinto trançado de ouro na cintura, o corpete do vestido tem um decote em V revelador que mal cobre meus seios e vai até um pouco acima do umbigo. Meu cabelo recém-cortado não é longo o suficiente para o penteado que a Mãe planejara, então ela optou por uma guirlanda de flores peroladas brancas sobre as mechas loiras emoldurando o rosto. A parte inferior das pálpebras foi delineada com lápis cobre e as pálpebras acentuadas com sombra violeta; as sobrancelhas, definidas com lápis castanho-claro e cílios postiços adicionados aos naturais. Os lábios foram pintados com um batom rosa violáceo.

A Beta da Mãe, prestes a ser comprada por nada menos que a família Fortesquieu, era uma posse valiosa demais para não ser exibida este ano. A ilha toda deveria ser capaz de ver o que a família Fortesquieu cobiça. Agora que podem me ver tão vibrante em exposição no balanço, todos vão querer um Beta adolescente, e tudo porque a Mãe começou a tendência. Ou é isso que a Mãe espera. Os comentários iniciais do primeiro grupo de convidados da noite a agradam. Os convidados me admiram no balanço e avaliam a aparência: — Extraordinária! A melhor Beta até agora! — Risadas, risadinhas, risinhos.

Eu simplesmente balanço lá em cima, não participo, nem trabalho nas festividades.

Vejo Tahir, no meio do salão, engajado em uma conversa com o rei de Zakat. Devido à música, não consigo ouvir a conversa, mas observo sua linguagem corporal reagindo com familiaridade ao Rei ao jogar a cabeça para trás e rir de algo dito pelo outro, levando Tariq e Bahiyya a trocarem um

de seus olhares de aprovação.

Tudo o que consigo fazer nesta ilha é observar. Mas agora tenho um pacto com Tahir. Em breve, faremos as coisas *acontecerem* para nós. Em breve, buscaremos a liberdade. Digo a mim mesma que posso aguentar até lá. Espere só um pouco mais, Elysia.

Mal posso conter meu desejo de saltar deste balanço, me apossar de Tahir e fugir com ele neste instante. Desejaria que ele olhasse para mim para me reconhecer aqui, sozinha neste balanço, reconhecer nosso pacto, para me tranquilizar durante este balanço artístico que desempenho, mas seus olhos não encontram os meus.

Talvez esteja envergonhado demais para olhar para cima. Ou muito zangado.



Não há música alguma tocando, mas Dementia sente uma dança em seu íntimo. Ela não pode deixar de dançar. E assim, sozinha no meio da pista, ondula os braços em movimentos como uma sífide enquanto gira o ventre nu e o quadril para cima e para baixo, para trás e para a frente. Sua dança é notável não só por causa da falta de acompanhamento musical e de um par, mas também devido à forma que sua fantasia se move (ou melhor, não se move) com os giros. Hoje ela é Afrodite, a deusa do amor que surgiu do mar. Dementia criou uma fantasia que não usa tecido algum. Em vez disso, “veste” (se é que se pode chamar assim) uma mistura química rígida, à semelhança da espuma do mar, pulverizada para cobrir as partes íntimas e nada mais. A Afrodite de Dementia é corpo e espuma, e absolutamente nada de tecido. O branco róseo da espuma do mar combina muito bem com sua pele morena.

Greer, em pé, abaixo do meu balanço com Ivan e Farzad ao seu lado, resmunga:

— Em cinco... quatro... três... dois... um... e sim, lá estão eles, bem no horário.

Os Cortez-Olivier, barões do transporte, e pais de Dementia, que fizeram fortuna desenvolvendo petroleiros fortes o suficiente para suportar a nova força do oceano, fazem sua entrada tardia no salão, a tempo de presenciar o espetáculo descarado da filha para todos.

— Pela expressão de seus rostos, mamãe e papai não verificaram o traje dela antes de saírem para o baile — ironiza Greer.

— Demetra! — grita a Sra. Cortez-Olivier. — Venha já aqui! Isso é totalmente inadequado!

O pai toma as rédeas da situação, em vez de gritar com a filha. Ele gesticula para um segurança-clone nas proximidades, que corre na direção dela, tira o casaco e cobre seu corpo quase nu, então

leva Dementia, que grita e chuta, para longe do salão de baile.

Aparentemente, o código social de Demesne exige *certa* aparência de modéstia.

— Dementia ataca novamente — avalia Ivan.

— Acho que é dela que você sentirá mais falta quando nos abandonar e for para a Base — Greer brinca com Ivan. Hoje, Greer está de Selene, a deusa da lua, muitas vezes retratada cavalgando um par de dragões serpenteantes. Veste uma túnica branca com uma meia-lua sobre o cabelo ruivo esvoaçante e carrega uma garra esculpida em forma de dragão. — Ao menos ela torna as coisas mais interessantes aqui na Ilha Chata.

— Elysia é de quem eu mais sentirei falta — diz Ivan, conforme balanço acima dele.

— Ela praticamente não é mais sua. — Farzad lança um olhar de desgosto incontido em minha direção.

— Droga! — exclama Greer, distraída de repente. — Dementia ficará tão triste por perder isso.

— O quê? — indaga Farzad.

— Meu belo Aquino! — Greer suspira quando um novo convidado entra no salão.

— Quem? — interessa-se Farzad.

Vejo alguns oficiais, convidados da Base no continente, de uniforme militar formal, parando para falar com o Governador e o pai de Greer.

— Aquele cara no meio — aponta Greer. — O bem alto. Ele é o Aquino. Este deve ser o seu *oba* final. Sua missão em Demesne está terminando. Vou chorar tanto quando ele for embora desta ilha.

Faço um esforço para localizar este Aquino, o homem que, segundo Xanthe, está supostamente em Demesne para proteger os direitos dos clones, mas que, de fato, é uma ameaça direta à nossa espécie. Por causa dele, Becky foi enviada de volta para a Dra. Lusardi para “experiências”. Por causa dele, os rumores da Insurreição cresceram em excesso... e Xanthe foi empurrada de um penhasco para a morte. Por causa dele, o amado de Xanthe foi exterminado. Mas antes de localizar o Aquino, meus olhos se voltam e se fixam em Tahir. Quero observá-lo apenas, conversando agora com o Esfinge, que, brincando (ou não), o empurra, tentando obter alguma reação. Qualquer coisa dita entre eles faz com que o Esfinge grite: — Você é uma farsa, Tahir Fortesquieu! — antes que o rei de Zakat interrompa para acalmar o atleta. Tariq e Bahiyya parecem pouco calmos; rapidamente, escoltam Tahir para fora do salão de baile e longe de minha vista.

Eu deveria estar com ele, para ajudá-lo.

Farzad segue os Fortesquieu para fora do salão, deixando Greer sozinha abaixo de mim.

— Vinde a mim, Aquino — murmura ela sensualmente, como se praticando sua cantada mais

sedutora. Ela ergue o olhar para mim. — Parece ridículo, não é? Ajude-me a pensar em algo melhor a dizer.

— Aponte-o e tentarei verificar em meus dados algo inteligente a lhe dizer — respondo.

— O loiro alto no meio do salão, rodeado pelo bando de mulheres de meia-idade ofegantes — descreve Greer.

Sem Tahir para me distrair, meus olhos rapidamente focam no Aquino. É difícil ver bem seu rosto, mas consigo enxergar que o cabelo loiro é cortado curto, à máquina, e que é um homem forte. Quando finalmente ele olha acima das admiradoras, seu olhar encontra o meu por uma fração de segundo. Seus olhos, tão turquesa. Seu olhar registra reconhecimento. Um raio atinge diretamente o núcleo do meu ser, a mesma corrente elétrica que senti embaixo da água.

É ele. O Aquino é o homem que pertencia à minha Matriz, o amado cujo coração ela possuía.

O GOVERNADOR ESTÁ EMBAIXO DE MEU BALANÇO. — Elysia, desça imediatamente. Leve a Mãe até sua suíte para descansar. Ela bebeu demais.

— Sim, Governador — respondo, descendo a escada que os trabalhadores clones afixaram ao balanço.

Tento olhar por cima do ombro para ver novamente o Aquino enquanto ainda estou no alto, mas ele desapareceu. Será que sonhei com ele?

O Governador me leva até a Mãe, que discute em voz alta com Ivan, enrolando a língua desleixadamente com as palavras.

— Vocccê é sssó um rappaz muito, mmuito mm mau. Nnnão pode mee dizer o que fazzzer ou não com a mmminha propriedaaaaaaaade, IIIIvan.

O Governador entoa: — Hora de descansar, querida. Reservei uma suíte para você no Refúgio hoje à noite para que possa dormir.

— Não qqquero perderrr os coquetéiss do nascer do sssol. Tradição! — soluça ela.

— Vamos acordá-la a tempo para os coquetéis da manhã — diz o Governador para tranquilizar a esposa bêbada.

— E um litro de café — acrescenta Ivan.

A Mãe coloca as mãos em meu rosto. — MMMinha preciosa Beta-a. Você vai me pôr na cama?

— Sim, Mãe — respondo.

Ela enrola a língua ao me dizer: — Uma menina tão doce. Vou ssssentir tanta ssa audade quando esses essssnobes a levarem embora. — Está cansada demais para protestar contra ir deitar; boceja,

ansiosa ou aliviada, por eu guiá-la para longe da noite mais importante do ano em Demesne.



A Mãe caiu no sono momentos após eu levá-la para a suíte. Ninguém me procurará por horas. Esperam que eu cuide da Mãe.

Oportunidade.

Preciso encontrá-lo. Se estiver certa a respeito dele e se ele quiser me procurar em segredo, há um lugar onde sei que irá — para a piscina. Caminho até a Baía Néctar.

Saio discretamente do Refúgio e me escondo atrás de uma sebe espessa à margem dos jardins. Estarei sendo desleal com Tahir, procurando o Aquino? Não, não estou. Só preciso de algumas respostas. O Aquino pode me contar sobre minha Matriz. Tahir pode se dar ao luxo de saber tudo sobre a dele. Eu quero o mesmo. Tenho um pacto com Tahir. Nada, nem ninguém, pode interferir nisso. Tahir e eu preferimos morrer juntos a deixar de alcançar isso.

Disparo pelos jardins e desço para a enseada da praia na Baía Néctar. Percorro a longa doca que leva à piscina flutuante no meio da baía. A prancha está iluminada festivamente com centenas de velas votivas laranja ao longo das bordas, dando um brilho sereno à água azul-violeta abaixo. Nenhum convidado chegou tão longe do clube ainda. O Refúgio fica longe o suficiente para só se ouvir um murmúrio fraco a distância, mas não perto o suficiente para que as festividades se estendam até aqui. Tiro as sandálias do traje de caçadora, sento na beira do cais e balanço os pés e pernas na piscina.

Por fim, meu corpo começa a relaxar, como sempre faz quando encontra a água.

Eu aguardo. Ele vai aparecer. Sei disso.

Escuto a água batendo no cais. Tento pensar em Tahir e nossa fuga iminente, mas a minha mente continua vagando de volta para o Aquino. Minha imaginação decide enlouquecer — enlouquecer totalmente. Visualizo o Aquino nadando na piscina em vigoroso estilo borboleta. Ele está nu, uma visão de brilhante perfeição masculina, bronzeado e musculoso, deslizando na água usando um estilo batizado com o nome de um inseto, mas esse loiro cinzelado tem a velocidade e a força de um golfinho. Essa visão não é minha imaginação, tenho certeza; em algum momento, minha Matriz o viu nadar assim.

Minha nossa! Nossa! *Nossa!* Agora aquele arrepio já familiar, nada requintado, percorre meu corpo, uma lembrança do que vivenciei com Tahir. Uma extra *petite mort*.

Eu tenho que saber: a minha Matriz era uma puta?

Fora, belo Aquino. Eu amo Tahir. Quero que largue do meu pé. Quer dizer, *não* me largue. Isto é, de jeito nenhum!

Não é possível eu me sentir tão quente e viva. Não! Possível.

— Z!

Viro a cabeça para ver quem está lá.

É o Aquino, real e não imaginado. Sabia que me encontraria aqui. Ele é quase tão bonito em seu uniforme militar formal como quando estava nu. Quase. Quando tive visões dele debaixo d'água, o cabelo de um loiro-sujo era mais comprido, o rosto acolhedor e convidativo. Ao vivo e em carne e osso, o cabelo tem um corte militar e ele parece arrojado, mas rígido, como se preferisse estar de *short* de surfe e em comunhão com a água que adorna o elegante traje militar.

Sua voz é tão grave e viril como quando ouvi sua imagem falar comigo debaixo d'água. — Z! É você? Pensei tê-la visto dentro do salão antes, mas você pulou daquele balanço ridículo antes que eu pudesse vê-la direito.

Eu me lembro: esse Aquino vem de uma seita que odeia a nossa espécie. Lembro que há coisas que gostaria de lhe jogar na cara.

A lua minguante é tão escura, a não ser pelas velas no entorno do cais. Ele se agacha para ver meu rosto mais perto. — Zhara? — pergunta. Há doçura em sua voz profunda. É inesperado.

Ele pega uma vela tangerina e a aproxima de meu rosto. Eu deixo que olhe, meus olhos vidrados direto em seus profundos olhos azuis. Agora, ele não pode deixar de ver a gravação e a flor-de-lis nas têmporas.

— Quem é Zhara? — pergunto.

Ele derruba a vela na piscina, chocado.

— Zhara foi sua Matriz — responde.

Não sei por que me sinto tão compelida, mas de repente eu o empurro com tanta força que ele cai sentado no chão do cais. Essa minha explosão certamente irá revelar que o clone de sua Matriz é, com certeza, uma Defeituosa louca. Que bela primeira impressão. Mas não me importo.

Na verdade, conheço o motivo de meu ato irracional. A razão é inconfundivelmente humana. Ódio.

Eu o odeio por ser de uma seita humana que considera os clones antinaturais. Eu o odeio por ser a causa do retorno de Becky para a Dra. Lusardi e da extinção do amado de Xanthe.

Odeio a Zhara, por me passar o desejo que sentia por ele.

— Ei — reclama o Aquino, chocado. — O que eu fiz?

Agacho em frente dele, para que possa dar uma boa olhada em meu rosto clonado. Sua mão se estende para tentar tocar minha tatuagem mas, com um tapa, afasto-a do meu rosto.

— Para trás, tigre! — rosna ele para mim. — Estava tentando ver se a tatuagem era real. Quando te vi no balanço antes, pensei que fosse a Zhara, fazendo algum tipo de brincadeira. Era o tipo de coisa inadequada que faria. — Faz uma pausa. — Ela também gostava de estapear.

— Não sou a Zhara — proclamo. — Sou Elysia. Sou um clone, e — devo estar com algum problema realmente sério, pois digo a verdade — eu te odeio! Não me importo com o que o ódio me faz.

— Não me odeie — pede ele. — Você nem me conhece ainda... — Ele para, procurando a palavra certa. *Defeituosa*? — Elysia — conclui finalmente, como se relutante em dizer em voz alta o novo nome do clone de minha Matriz. Como se pronunciando o nome em voz alta me tornasse real.

— Conheço-o o suficiente — rebato.

Ele começa a se erguer, mas primeiro me olha com cautela.

— Não bata, tigre! Só estou me erguendo. Deixe-me recuperar o equilíbrio.

Ele fica em pé. Eu me levanto também, mas meus joelhos parecem fracos, o coração despedaçado, a respiração apressada e incomodada. Ele é tão alto e tão — terrivelmente — lindo. Entendo perfeitamente porque ela era obcecada por ele. Verifico em meus dados essa sensação horrível e descubro o que é. *Desfalecimento* é o que vivencio por este homem a quem bati há pouco, tão impulsivamente.

Apavorante.

Desnecessário.

Eu me recuso.

Há tanto que quero e preciso saber sobre Zhara. Não posso desperdiçar esse tempo com o Aquino com desmaios ou tapas. Devo voltar a ser a dócil e moderada Elysia. Descobridora de fatos.

— Como ela morreu? — interrogo.

— Não sei. Até agora, nem sabia que ela *havia morrido*. Sabíamos apenas que estava desaparecida. De onde você veio?

— Da Dra. Lusardi. Como todos nós aqui.

— Nem todos aqui vêm da Dra. Lusardi. De onde você tirou essa desinformação? A Dra. Lusardi só faz aqueles cujas Matrizes morrem dentro do arquipélago Demesne.

Em quem acredito, nesse estranho, ou na Dra. Lusardi, minha criadora?

Não sei fazer todas as minhas perguntas antes que alguém venha me procurar, ou a ele. Talvez ele sinta o mesmo.

— Quando a Zhara desapareceu? — continuo.

Com base na quantidade de tempo desde emergi, sei quanto tempo se passou desde que ela morreu, mas não sei o que aconteceu para custar à Zhara a sua vida.

Zhara. Eu existo porque ela existiu. Ela sou eu.

— Zhara desapareceu após uma viagem de acampamento de classe há alguns meses — conta o Aquino. — Ela e alguns jovens fugiram no meio da noite para a floresta, para usar *raxia*. Quando acordaram, ela não estava lá. Não foi vista desde então. Dada como morta.

— Ela era mergulhadora?

Os cantos da boca se curvam um pouco, como se fosse uma memória querida. — Sim. Como é que sabe? Foi assim que a conheci. Estávamos na mesma equipe. Zhara era uma atleta incrível. Levou a medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Juniores.

É uma pergunta boba, mas não consigo deixar de fazê-la.

— Ela era legal?

Ele solta uma risada gostosa.

— *Legal* não é a primeira palavra que me vem à mente. *Besta* infernal é como o seu pai a chamava. *Intrépida* é a palavra que eu escolheria, *se* estivesse me sentindo bem. Posso ver que um pouco dela passou para você.

Defeituosa, ouvirei ele dizer. *Basta isso*.

— Eu sou eu mesma — aviso logo.

— É evidente — concorda ele.

— Você tem um nome, Aquino?

— Meu nome é Alexander Blackburn.

O nome já parece gravado em meu coração.

Então, Alexander Blackburn faz a coisa mais estranha. Ele estende a mão para a minha, como se me acolhesse, como uma saudação. Sua mão toca a minha e é como se — *zap!* — uma conexão direta com a minha Matriz fluísse por cada fibra de sua reencarnação artificial. — Prazer em conhecê-la, Elysia Bratton.

— Você se acasalou com ela — declaro.

Alexander me olha com curiosidade. — Como é possível você saber isso?

Ele volta a se sentar na prancha e estende as longas pernas longitudinalmente. Por um momento,

cobre o rosto com as mãos. Acho que ele pode estar... chorando? Este Aquino superforte, superalto de peito largo?

— Você está bem? — pergunto. Talvez ele seja uma aberração Defeituosa, não eu.

Ele ergue o olhar. Não foi um choro forte, mas há lágrimas em seus olhos azuis. — Eu nem sabia que ela havia morrido. Não tenho possibilidade nem de lamentar... seu clone está bem aqui. É nojento. Não está certo.

— Você não tem direito de me julgar — digo revoltada.

Não consigo acreditar quanta insolência continua a escapar dos meus lábios. Estou escrevendo minha própria sentença de morte falando com este Aquino. Só que há algo nele que me impede de parar. Eu o odeio por isso também.

— *Não* estou julgando você — replica Alexander. — Não faça suposições daquilo que não tem ideia. Seu banco de dados está errado. Estou de luto por Zhara. Me dá um tempo?

Ele pede minha permissão? Não pode haver dúvida. A raça Aquina é com certeza Defeituosa.

Ele soluça um pouco, um som feminino que soa viril vindo dele.

— Zhara era uma menina bonita, mas tão imprudente. Olhe o que aconteceu com ela. Sua alma perdida, agora ressuscitada sem alma. É muita coisa de uma só vez. Por favor, me perdoe.

Que tipo de brincadeira ele está fazendo comigo, esse humano de raça superior, pedindo absolvição de um clone fabricado?



Quero saber tudo sobre Zhara. Sua família. Seus amigos. Seus mergulhos. Sua vida como um ser humano livre.

Mas não tenho oportunidade para questionar o Aquino. Ouvimos gritos vindos da praia, e ele imediatamente se ergue e vai em direção ao tumulto. Ou, talvez, ele precise de um motivo para cessar sua crise de choro. Eu o sigo.

Na praia, o Esfinge e Tahir se envolveram em uma briga.

— Criança mimada — rosna o Esfinge para Tahir, e o empurra.

A reação de Tahir é um gancho de direita diretamente na mandíbula do Esfinge. Clones são geralmente muito passivos para esse tipo de resposta humana instintiva de ameaça. Algo está muito errado, muito errado com Tahir.

— Sua esposa me convidou para dançar. Eu não a procurei — diz Tahir para o Esfinge.

O Esfinge responde com um soco que faz Tahir se esquivar. Tahir agarra o Esfinge em uma chave de braço, prendendo-o ao chão.

— Parem com isso! — grita o Aquino e tenta arrancar os braços de Tahir do pescoço do Esfinge. Tahir está tão furioso que seus olhos parecem ingurgitados e vítreos, o suor escorre pelo rosto e sua respiração está rápida e furiosa. Ele nem sequer me reconhece. Larga o Esfinge tempo suficiente para empurrar o Aquino para o chão. O Esfinge aproveita a oportunidade para pular em cima de Tahir, mas Tahir gira o Esfinge sobre suas costas e o atira direto sobre uma pedra na areia.

— Meu joelho! — berra o Esfinge.

Tariq e Bahiyya vêm correndo pela praia em busca do filho. O Esfinge está ferido demais para se erguer.

— Seus olhos, como os de um clone! Você é forte demais, como um clone! Nem mesmo um clone. Um Defeituoso! — sibila para Tahir.

Chego perto de Tahir e coloco o braço sobre ele, tentando acalmá-lo, confortá-lo, mas ele se desvencilha de mim.

— Saia daqui. Não quero você agora — rosna para mim.

Só pode haver uma explicação para a fúria de Tahir. Ele se tornou um Horrível.

O ESFINGE PODE NUNCA MAIS VOLTAR A JOGAR futebol. Todos em Demesne comentam isso. Ninguém sabe a história completa do que aconteceu; apenas que o atleta foi ferido em uma briga na Baía Néctar e partiu imediatamente após o episódio, na calada da noite. Foi levado em um voo de volta para o continente para uma cirurgia de emergência.

Tradicionalmente, muitas famílias de Demesne pernoitam no Refúgio na noite do Baile do Governador e tagarelam tomando coquetéis ao nascer do sol até o *brunch*[\[5\]](#) tardio, dependendo de quando os foliões chegam às mesas do pátio após as festividades da noite. Esse tempo matinal é sagrado para eles. É quando discutem os destaques e resultados da gala anual. Os escândalos.

A Mãe me faz sentar ao seu lado para que eu possa esfregar seu pescoço para ajudá-la a superar a dor da ressaca. O Governador ainda não acordou, mas Ivan, a Sra. Choramingo Tinto e a Sra. Rainha da Beleza se juntam a nós para o *brunch*. Comendo ovos *poché* e caviar, o grupo discute os pontos altos e baixos da noite.

— Todo mundo adorou a sua Beta — comenta a Sra. Rainha da Beleza. — Que ideia brilhante colocá-la em exposição no balanço.

— Que chata essa sua dor de cabeça matinal, querida! — lamenta a Sra. Choramingo Tinto.

— E então? — indaga Ivan. — A verdadeira questão é: quem aqui sabe como o Esfinge se machucou?

— Ninguém conta — analisa a Mãe. — Nem mesmo os clones. O que deve significar que a razão é muito boa. Quando o Governador investigar e descobrir, vai me dizer, e eu vou lhes contar. Prometo.

Eu sei o motivo, mas permaneço em silêncio. *Por favor, que Tahir esteja bem.* Se ele é um Horrível, agora preciso mais do que nunca ficar com ele. Mas estou muito ocupada, esfregando o pescoço da mãe e tentando ser invisível.

O plano para o meu pacto de fuga com Tahir precisa ser acelerado. Seus pais o levaram embora tão rapidamente ontem à noite, nem sequer notaram minha presença na praia. Só puderam se concentrar em tirar Tahir de cena o quanto antes. O Aquino me escoltou de volta ao Refúgio e disse, simplesmente: — Sugiro que mantenha em segredo o que aconteceu aqui esta noite.

Mas o pânico se esgueira pela pele. Tahir e eu não temos tempo a perder para ele reaprender a pilotar o helicóptero-planador. Pelo que ocorreu com o Esfinge, seus pais podem devolver Tahir à Dra. Lusardi para “conserto” e ele será estragado. Tahir é perfeito do jeito que está, talvez ainda mais agora. Eu gosto de seu Horrível. Isso significa que ele tem sentimentos. O arrogante Esfinge provavelmente fez por merecer.

O Governador chega e senta-se à mesa.

— A sua Beta foi um sucesso na noite passada — diz a Sra. Rainha da Beleza. — Acho que deve pedir um preço mais alto aos Fortesquieu.

O Governador beberica um *Bloody Mary*.

— O acordo está desfeito. Os Fortesquieu deixaram a ilha no início desta manhã. Tahir estava tendo problemas com dores de cabeça, assim Tariq e Bahiyya decidiram voltar à CB, onde estão os seus médicos, por segurança apenas.

Simples assim? Tahir foi embora? E a minha esperança de conseguir a liberdade com ele?

É tão difícil esfregar o pescoço da Mãe neste momento. Quero estrangulá-la, por enorme frustração.

Tahir não deixou Demesne por causa de uma dor de cabeça. Partiu pelo que ocorreu ontem à noite com o Esfinge. Tariq e Bahiyya devem ter decidido pôr a Dra. Lusardi totalmente de lado e enclausurar Tahir com seus especialistas particulares na Cidade de Bioma. Irão se empenhar mais em treinar Tahir para ser mais parecido com sua Matriz. Tenho certeza: Tahir jamais voltará a Demesne, a menos que passe com sucesso pela fase Horrível e até que tenha absorvido de modo inequívoco a vida e as memórias de sua Matriz que seus pais tentaram implantar. Até que possam fazê-lo ser o filho que querem, Tahir será prisioneiro em sua própria casa.

Então tenho que encontrar um modo de chegar até ele.

Se ele se tornou Horrível, é muito provável que eu também me torne. E se a loucura é tudo o que me espera, o que tenho a perder tentando escapar por conta própria para poder me unir a Tahir? Seria

loucura *não* perseguir a própria liberdade. Se Tahir não conseguir concretizar nosso pacto, *eu* conseguirei.

A Mãe agarra minha mão em seu pescoço e lhe dá um tapinha suave.

— Minha queridíssima Beta — suspira. — Estou tão contente pelo negócio estar desfeito. Eu não queria deixar a Elysia ir embora.

— Quando você parte para a Base, querido? — interessa-se a Sra. Choramingo Tinto. — Graças a Deus sua mãe terá a Beta para consolá-la enquanto estiver fora, Ivan.

— Daqui a dois dias — responde ele. — Mal posso esperar.

Ivan! É claro. Ivan vai partir da ilha. Vai me esconder a bordo de seu voo particular para o continente. Ele me ajudará. Sou sua campeã.

Escapar. É a única palavra que consigo processar dessa tagarelice. Escapar, escapar, escapar.

Antes, passei pelo processo de ser o animal de estimação Beta da Casa do Governador, pois nunca me ocorreu que tinha outras opções. Emergi e fazia o que me mandavam, pois não tinha razão alguma para não fazer, nenhum entendimento de que existiam outras possibilidades para mim. Agora, continuarei a ser seu animal de estimação Beta — não tenho escolha —, mas com a diferença que estou planejando algo. Como posso sair daqui?

Vou me juntar a Tahir. Vamos nos tornar Horríveis e morrer juntos. Mas o faremos como Betas livres. Não como fantoches dos humanos.

Um pensamento me ocorre, deveria pedir ajuda ao Aquino, Alexander Blackburn. Ele sabe que sou Defeituosa, mas não houve sinal algum que tenha me revelado para o Governador. Embora não fosse um estranho para Zhara, na verdade, é para mim e já revelei demais de mim para ele. Procurá-lo e declarar meu desejo de emancipação tem probabilidade muito alta de levar à minha extinção. Não, não o Aquino.

Ivan! Ele é a solução.



Tarde da noite, de volta à Casa do Governador, Ivan entra em meu quarto antes de eu ir para cama. Ele quer a sua *raxia*, como eu sabia que aconteceria.

— Você quer tudo ou prefere pegar apenas um comprimido por vez, para não ficar tentado a usá-la muito rápido? — pergunto.

— Me dê três — responde. — Ultimamente, para ter algum efeito, quanto mais uso, mais preciso.

Entrego quatro comprimidos.

— Não se estresse, irmão. Está muito ansioso para começar sua nova aventura na Base?

— Você não tem ideia. Aqui tudo é igual, o tempo todo. Perfeito. Um tédio. Mal posso esperar para estar em outro lugar. Ter algum propósito. Ação. Mas vou sentir saudades suas, campeã. — Dá um tapinha carinhoso em meu braço. Passo um copo d'água e ele engole os dois primeiros comprimidos. — Boa noite, Beta — despede-se e começa a sair do quarto, mas o chamo de volta.

— Gostaria de jogar Z-Grav? — Preciso esperar algum tempo para a *raxia* fazer efeito.

— Boa ideia! Ótima maneira de passar o tempo até a *raxia* “dar um barato”.

Saímos do quarto e seguimos para a FantaEsfera.



Não preciso deixar Ivan vencer esse jogo específico de Z-Grav. A dose dupla de *raxia* age rapidamente, e ele não tem vontade de me perseguir do teto ao chão. O jogo nos aspira para o teto e Ivan se contenta em ficar ali. Ele flutua no ar e quica contra o teto, mas não faz nenhuma tentativa de forçar a descida ao chão. Nem eu. Ele está bem onde eu gostaria que estivesse.

Um grande sorriso se espalha pelo rosto de Ivan e ele me informa: — Brilhante ideia de jogar Z-Grav usando *raxia*. Por que nunca fiz isso antes? Sinto como se fosse algum astronauta psicodélico de séculos atrás. Tudo está tão de cabeça para baixo, deformado e flutuante. Ele agita os braços ao redor e dá cambalhotas contra a parede.

Se houver um momento para lhe revelar que sou Defeituosa, o momento é esse.

— Irmão, gostaria de saber um segredo?

— Pode apostar que sim! Não sabia que clones tinham segredos. Legal.

— Durante o meu tempo no complexo Fortesquieu, Tahir e eu determinamos que somos companheiros.

— E daí? Você e eu também somos. Que segredo é esse?

— Não, irmão. O outro tipo de companheiros.

Ele salta alegremente contra a parede, mas seu queixo cai, em estado de choque. — Você acha que vocês vivenciam... *amor*? — Ele ergue os braços acima da cabeça para ser sugado de volta ao teto. — Devo estar viajando *legal*.

É agora ou nunca. — Não posso suportar a separação de Tahir agora — declaro. — Devo me juntar a ele na Cidade de Bioma. Você poderia me esconder em seu aeroplano para o continente.

Tahir irá recompensá-lo por me ajudar. Juro.

Os olhos de Ivan se fecham. — De jeito nenhum, cara! Mesmo curtindo barato, ainda sei que é *loucura*. Você sabe que terei que contar para o Pai, certo campeã? Queria só dar um soco tão forte, agora mesmo, em você e no Tahir, por terem estragado tudo assim. — Ele tenta saltar em mim, mas o Z-Grav apenas o aspira de volta ao teto. Frustrado, ele chuta as pernas em minha direção, mas está longe demais para me ferir e está cansado demais para exercer qualquer força real.

E então adormece.

Termino o jogo. Caímos no chão, e eu o deixo na FantaEsfera.

Não tenho escolha agora. Acabei de escrever minha própria sentença de morte.

Devo partir sozinha. *Imediatamente*.

CORRO PARA O MEU QUARTO PARA TROCAR O PIJAMA por roupas normais.

Não tenho um plano. Vou pular da janela e correr como nunca corri antes. Vou planejar durante o caminho.

Não devo me preocupar, digo a mim mesma. Isso é para os humanos. A preocupação me distrai da missão.

Onde quer que esteja agora, Tahir está seguro. Encontraremos um modo de ficarmos juntos. Tenha fé.

Não devo me preocupar. Não devo duvidar do impossível.

Se repetir muitas vezes para mim, vou acreditar.

Troco de roupa no quarto com as luzes apagadas, mas ouço alguém entrar enquanto estou em pé sobre a cama, apenas de lingerie. Primeiro, acho que é a Liesel, querendo conforto. Mas não é ela. A figura corpulenta, visível no fraco luar da minha janela na noite escura, caminha até a minha cama. Eu arquejo, assustada. Quem veio atrás de mim, o pai ou o filho?

— O que mais esconde, Defeituosa? — pergunta.

— Ivan? — pergunto, precipitada. Tenho pressa de colocar a camisa pela cabeça, mas ele a arranca de mim. Ele me derruba na cama e coloca a mão no esterno, para me prender.

— O que você fez com o Tahir enquanto esteve fora? Ele fez de você a prostituta dele?

Não acredito mais que os clones não produzam adrenalina. Minha mente sabe que o corpo está sendo ameaçado e o coração dispara em resposta. Gotas de suor escorrem pela testa. — Nós não fizemos isso — o tranquilizo.

— É bom mesmo. Você pertence a mim. Você é o motivo de Tahir desaparecer tão de repente?

Porque seus pais não aceitariam que o filho precioso se acasalasse com uma prostituta?

— Não é assim, irmão.

— Não dê uma de “irmão” para cima de mim! É claro que é isso. Você realmente se atreveria a escapar daqui para ficar com ele? Você acha que eu a *ajudaria*, Defeituosa?

— Eu... eu... não sei.

— Não minta para mim!

— Não sou capaz de mentir! — minto. Não é de admirar que mentir seja tão fácil para os humanos. Deve ser uma resposta instintiva ao medo.

As mãos de Ivan agarram meu pescoço enquanto ele abaixa seu corpo sobre o meu, pressionando-me contra a cama. Sua boca agora está tão perto que posso sentir sua respiração, deixando-me trêmula de medo.

— O que você está fazendo? — sussurro. — Você não quer mais *raxia*?

— Não! — Não há *raxia* suficiente no mundo para o que preciso hoje à noite.

— O que você está fazendo? — sussurro.

Acho que sei.

Eu me recuso a acreditar.

Ele insiste em fazer de mim uma verdadeira crente.

Seus lábios descem sobre os meus, cobrindo minha boca em uma desleixada união de bocas que é um ataque, não um beijo. Tento mordê-lo, mas isso só o excita mais.

— Não — arquejo entre os ataques de sua boca. — Por favor! Não faça isso.

Posso não ter alma, mas conheço o suficiente para saber: isso não está certo.

— Você sabe que a Mãe te comprou para mim.

Seja uma boa menina, querida Elysia, ela me disse quando cheguei à Casa do Governador.
Deixe o Ivan fazer o que quiser.

Era isso que a Mãe queria dizer?

Suas mãos grandes me seguram e me prendem. Estou impotente para o que está acontecendo. Tento afastá-lo. Eu o chuto, arranho e empurro. Eu tento. Sou forte, mas ele é muito mais. É como se a dose extra de *raxia*, agora misturada com a consciência de que sua Beta é uma Defeituosa traidora que ama outro rapaz, o transformasse em um monstro forte.

E ele gosta da luta.

Fecho os olhos para afastar a face dessa escuridão. Minha mente foge do presente, indo para as

memórias de Tahir me abraçando a noite toda, Tahir tocando minha pele com ternura, Tahir me amando tanto que deixaria toda a riqueza e privilégio do mundo para estar comigo, para me libertar.

Por favor, faça que isso não esteja acontecendo.

Por favor, faça que seja um jogo perigoso da FantaEsfera que acabará a qualquer momento.

Acontece.

— *Pare!* — grito.

Mas a invocação da palavra de segurança não funciona aqui.

Violar [vio-lar]: Romper ou passar à força ou sem direito: violar uma fronteira.

Ivan roubou o que eu guardei para Tahir.

Lembro que o que meu corpo acabou de vivenciar foi apenas dor física. Meu coração não entende o que sentir; ele se recusa a sentir. Talvez esse seja o verdadeiro poder Defeituoso — não a capacidade de sentir, mas a de negar sentimento.

É por isso que a Mãe realmente me comprou. Para que Ivan fizesse o que quisesse.

Não existe essa coisa de segurança.

Especialmente para um clone.

Que agora foi feita consorte de algum humano.

ZHARA TEM SORTE DE ESTAR MORTA.

Agora entendo por que Astrid se esforçou tanto para fugir desta casa infernal no paraíso.

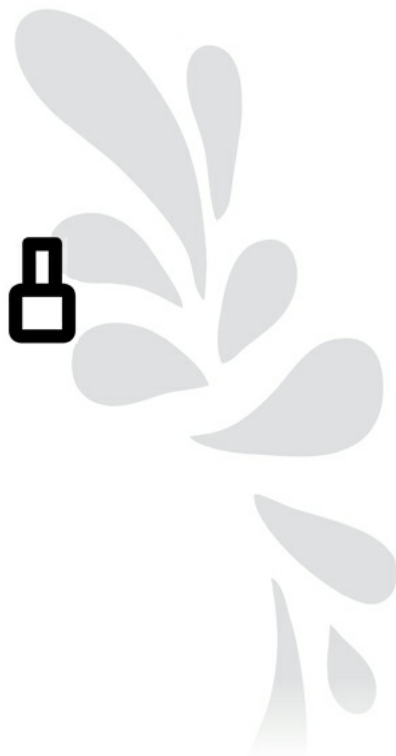
Agora sei por que a Mãe não quer que Ivan acalme Liesel à noite.

In-sur-rei-ção!

Começa a fazer sentido.

É melhor não ter alma.

Assim ela não pode ser tirada de você aos poucos.



IVAN SABE QUE SOU DEFEITUOSA, MAS DECIDIU não contar. Ainda não. Ele anuncia isso me agarrando em uma chave de braço ao acordar pela manhã bafejando seu hálito desagradável em meu ouvido. — Conte isso a alguém e você estará morta, Defeituosa — sibila. — Se ficar quieta, eu ficarei quieto.

Ontem à noite, na FantaEsfera, ele ameaçou revelar ao pai sobre mim. Mas esta manhã, tudo é diferente. Ele não vai contar. Ele quer manter meu silêncio.

Ele se levanta e sai do meu quarto, como se nada tivesse mudado. Amanhã, ele parte para a Base. Só posso esperar até ele partir. Depois que ele se for, minha mente ficará clara. Posso conceber um novo plano de fuga. Preciso encontrar um jeito de voltar para Tahir.

Assim que Ivan se for, vou treinar mais, até uma rota de fuga se tornar viável.

Correr mais, nadar mais rápido, mergulhar melhor.

Poderia aprender a usar armas: facas, revólveres, do tipo real, não as falsas, da FantaEsfera. O Governador gosta de caçar. Ele acabará vindo atrás de mim. Por que não usá-lo para ganhar habilidade e experiência? Use-o como eles me usam.

Eu poderia procurar os outros Defeituosos, participantes da rebelião insurgente. Poderia procurar o Aquino. Alexander Blackburn teve um relacionamento com minha Matriz. Mesmo que sua espécie não goste de clones, sua missão em Demesne era supostamente sobre a representação de meus direitos.



Quero saber os meus direitos.

Ivan sabe que sou Defeituosa.

Eu sei que sou Defeituosa.

Será que algum de nós sabe exatamente o que um Defeituoso realmente pode fazer?

Não poderia me salvar. Mas poderia salvar outros como eu?

Quero ser a garota que Zhara já foi.

Besta infernal.

Talvez eu já seja.

Abro a gaveta secreta de Astrid. Pego sua faca.

Na lateral da gaveta, noto seu rabisco esculpido na madeira. Ela escreveu: Para abrir os olhos dos cegos, para tirar da prisão os presos, e do cárcere os que jazem em trevas — Isaías 42:7.

Amém, irmã.

Alguém deve pagar por seus pecados.



A família está no Refúgio almoçando com os amigos pelo último dia de Ivan. A Mãe tentou me levar, mas Ivan zombou: — Só a família no último dia. Sem clones estúpidos.

Uso o meu tempo sozinha para passear à beira do penhasco na Casa do Governador, ir ao local de onde Xanthe foi atirada.

Pressiono os dedos na saliência embaixo da pele em meu pulso. Preciso me livrar disso. Preciso possuir ao menos uma parte de mim.

Uso a faca de Astrid para cortar a pele. Sangue jorra da incisão enquanto procuro aquela coisa por baixo. O fluxo de sangue, na verdade, me ajuda a encontrá-lo mais cedo. Meu *chip* localizador desliza sob a pele no meu pulso. Pressiono um pano no local para estancar o sangue. Então atiro o *chip* para baixo, no precioso Io.

Não sinto dor alguma. Sinto *raxia* total.

Isaías estava certo. Os presos devem ser trazidos para fora do cárcere.

Coisas ruins acontecem a clones em Demesne porque os clones não reclamam. Eles não podem, a menos que sejam Defeituosos. São por demais comatosos, sendo escravos dos humanos.

Sou Defeituosa, estou viva e quero que alguém pague por seus pecados antes que seja tarde

demais.

Se eu contar a verdade, ela me libertará. Mal posso esperar um dia mais, até que Ivan parta. O resultado será o mesmo.

Se a Mãe souber, ela me mandará embora. A vergonha será grande demais.



Encontro a Mãe na sala de massagem após o almoço familiar. Está deitada de bruços, com o rosto para baixo. Fala através da abertura no encosto de cabeça da mesa de massagem. — Elysia, querida, senti sua falta no almoço, mas o Ivan às vezes é tão mandão. Talvez possa levá-lo para uma corrida para ajudá-lo a queimar toda a energia bruta que acumulou para a Base. O cozinheiro está preparando uma grande refeição para sua última noite conosco. Faça aquele rapaz abrir o apetite! Você tem sido uma companheira maravilhosa para ele. Ele está na melhor forma de sua vida. O Governador está muito satisfeito.

— Eu fiz o que ordenou, Mãe. Deixei o Ivan fazer o que quisesse sempre.

De qualquer maneira, já estou morta. Simplesmente não me importo mais. O que quer que façam comigo, que comece já. Liberte-me da agonia desta casa.

Por um momento, ela ergue os olhos do encosto de cabeça. — Boa menina — elogia.

Meus olhos se enchem de lágrimas. Elas me surpreendem. Nunca chorei antes. — Isso não é tudo — digo. — Ivan usa *raxia*. Ele a fabrica e a esconde. Está viciado. Provavelmente não sobreviverá na Base sem a droga. — Lágrimas jorram livremente dos olhos e não faço nenhuma tentativa de parar a vergonha de molhar o rosto.

Deixe Ivan sofrer algumas consequências também.

Mas a Mãe não está preocupada se o filho é viciado na droga específica que leva clones de Demesne para o mau caminho. — Você... *chora*? — assusta-se.

Seus olhos encontram os meus, o olhar muda rápido de choque para fúria. O massagista clone derruba a garrafa de óleo no chão.

— *Deixe-nos a sós!* — a Mãe grita com ele. O homem musculoso, de peito nu sai da sala.

A Mãe senta-se na mesa, coberta por um lençol. — Defeituosa! — acusa-me. — Você mesma cortou seu cabelo, não é? A Bahiyya não teve nada a ver com isso. Você é Defeituosa!

Acabo de contar que seu filho me violentou, e ela está preocupada porque cortei o próprio cabelo?

— Defeituosa! — admito. — É verdade! E quero ser mandada embora, ou vou me certificar de que todos nesta ilha saibam que o filho do Governador fornece *raxia* aos clones! — Acabei de inventar essa mentira.

Boa, Elysia! Talvez consiga sobreviver no meio selvagem.

— Sou sua dona — retruca a Mãe. — Como você se atreve! — Solta um uivo de frustração, então redireciona os gritos para mim: — *Vá para o seu quarto! E não saia até eu dizer que pode!*



A noite vem, sem comunicação com ninguém, até que um bilhete é colocado por debaixo da porta, escrita em rabiscos de uma jovem.

Querida Elysia,

Não entendo por que todo mundo está tão bravo com você, mas quero que saiba que eu te amo e vou te entregar chocolate escondido, se quiser.

Beijos, Liesel.

PS — Estou falando sério!

Coloco por baixo da porta um bilhete de volta para ela.

Querida Liesel,

Vá embora, assim não se meterá em encrenca. E, por favor, mantenha a porta do seu quarto trancada à noite.

Também te amo.

Elysia

Nunca houve tranca na porta do meu quarto ou na porta de Astrid, mas agora há uma na de Liesel. Eu a coloquei esta tarde, enquanto a família estava no Refúgio. Disse ao mordomo que eram ordens da Mãe.



Meu quarto fica muito longe dos aposentos da Mãe e do Governador para ouvi-los, mas posso sentir. A família está em crise.

Tudo o que posso fazer é esperar. Há guardas parados embaixo da minha janela no caso de eu tentar saltar.

Logo após a noite cair, Ivan vem para o meu quarto. Ele abre minha porta silenciosamente. Por sua descrição, sei que ele foi proibido de me visitar.

— Sua puta — sussurra ele. — Devia te matar.

Ele me empurra para a cama e me deixa escarrapachada, com as pernas abertas. Aperta as mãos em volta do meu pescoço. Ele fala sério.

Arquejo para respirar, enquanto seus dedos se enterram no pescoço, empurrando a vida para fora de mim. Ele vai me matar. Começo a perder a consciência, só desespero e medo mantêm o coração batendo forte, firme.

A escuridão desce, conforme a Horrível surge.

Ivan não tem ideia do que está por vir. Nem eu.

Na última vez, não lutei o suficiente. Agora, lutarei.

Procuro a faca de Astrid escondida debaixo do meu travesseiro e a enterro no coração de Ivan. Ele tenta lutar contra mim, mas o choque do golpe repentino e direto é demais, ele não consegue me igualar. Ele é maior, mas sou mais ágil. Quero vencer mais.

Finco o punhal em seu coração de novo e de novo, da forma que ele se forçou para dentro de mim. Dedico cada corte: por Xanthe. *Facada*. Por Becky. *Facada*. Por Tahir. *Facada*. Por cada escravo fabricado neste inferno de ilha. *Facada, facada, facada*.

Alguém deve pagar por seus pecados.

Vou lhes mostrar, humanos, a Horrível.

Nem consigo ver o que estou fazendo. Tudo o que sinto é fúria, pânico e escuridão.

Por fim, Ivan cai em cima de mim. Seu sangue vermelho escuro jorra sobre os lençóis brancos, sobre o colchão, embebendo minhas costas e nádegas por baixo.

Ouçó um grito ensurdecador.

Não é meu.

É Liesel, em pé à porta, segurando um prato fumegante de macarrão e queijo que trouxe para mim.



A Mãe e o Governador correm para meu quarto depois do grito de Liesel.

Empurrei Ivan de cima de mim e fico em pé na cama, presa.

Eles veem o filho morto deitado aos meus pés ensanguentados. Veem sua Beta assassina, salpicada com o sangue do filho, tremendo em estado de choque e medo.

— Onde está a minha espingarda? — grita o Governador. — Vou matá-la já! Liesel, saia daqui!

— Ele se vira para a Mãe. — Veja o que você nos provocou.

A Mãe cai no chão. — Meu bebê! — geme ela. — Meu filho amado!

O que uma besta infernal faria?

Olho para fora da janela aberta acima da cama.

Deveria pular para fora.

Eu pulo.



Não há tempo para pensar. Tudo o que posso fazer é correr.

Os guardas posicionados abaixo da minha janela não esperavam que eu saltasse. Ouviram os gritos e estavam voltando para dentro de casa para ajudar o Governador quando pulei. Meus pés tocam o chão e sou capaz de começar a correr à frente deles, antes que percebessem o que ocorreu. Corro para as escadas que descem ao lado do penhasco. Se conseguir chegar até as águas mágicas de Io, o mar irá me salvar. Tem que me salvar.

Eles me seguem, o Governador e seus capangas. São mais rápidos do que eu esperava. Os capangas me apanham no ponto onde acuaram Xanthe.

Não há nada a fazer senão esperar.

Enfrentá-los bem à beira do precipício. Prefiro morrer com um tiro do rifle do Governador do que ser jogada do penhasco. Será mais rápido.

O governador aponta o fuzil para mim, com os capangas me cercando de cada lado. Não se preocupam em me segurar. Não tenho para onde ir.

O Governador pressiona o dedo no gatilho.

Simplesmente jogarão o meu corpo ao mar, assim que acabar.

A menos que eu me lance antes.

Faço isso, ou não? São mais de trinta metros até o mar revolto, apenas um penhasco íngreme no caminho.

Mudei de ideia!

Prefiro morrer do meu jeito do que pelas mãos do Governador.

Viro-me, dobro os joelhos e em um instante...

Ele atira.

Eu mergulho.

ABRO OS OLHOS E VEJO UM CÉU AZUL SEM NUVENS que parece se estender até o infinito.

Acima e ao meu redor, há bananeiras. Um tucano está empoleirado no galho de um eucalipto próximo. O cheiro de gardêneas e jasmims e uma brisa leve do mar permeiam o ar.

Tusso. Onde quer que esteja, o ar ralo e sem graça não é nada especial. Estou balançando.

Uma voz feminina que soa familiar cantarola perto uma versão improvisada de *Children of Hope*...

“Nestes tempos difíceis de escuridão e medo,

Deles recebemos o dom mais sublime.

São os nossos sonhos, nossos amores,

Nossos filhos da esperança...

Não, quis dizer da droga.

Filhos da droga, *há-há-ha ...*”

Para a frente e para trás, balanço. Não consigo levantar muito a cabeça, que dói, mas minhas mãos apertam pedaços de corda sob o meu corpo, que estão me apoiando. Vejo a corda presa às bananeiras em cada ponta de minha cama. Não, não é uma cama. Estou balançando em uma rede. Acho que estou na selva.

Estou viva.

Isso é tudo o que sei.



— Está acordada — diz uma voz feminina. Tento virar a cabeça para identificar o rosto ligado à voz, mas uma dor aperta o pescoço e tenho que manter a cabeça ociosa. Fecho os olhos novamente para bloquear a dor martelando a cabeça. Meu corpo sente como se tivesse sido despedaçado. Não consigo me mover.

Balançar. Um balanço agradável, suave e arejado. Ajuda a passar a dor de cabeça.

Uma mão áspera, mas quente, toca em meu braço. A voz feminina diz: — Bem-vinda de volta, Elysia. Alguns de nós não tinham certeza se sobreviveria. Mas eu nunca duvidei.

— Quem é você? — murmuro. Minhas pálpebras abrem um pouco e vejo seu rosto olhando o meu. Tem olhos negros oblíquos, maçãs do rosto salientes contra a pele bronzeada da cor de torrada, e ela é careca. No lado direito de rosto, na têmpora, há cicatrizes com marcas de queimaduras arroxeadas.

Ela deve perceber onde meus olhos estão se focando, pois toca as cicatrizes de queimaduras, uma deformidade grotescamente bela em seu rosto arrojado. Ela anuncia: eu sobrevivi. — Aqui é o lugar onde minha flor-de-lis costumava estar — explica. — Eu sou M-X. Os Defeituosos me chamam de a Curadora. Seu líder a encontrou e a trouxe para mim. Você estava praticamente morta.

— Você me curou?

— O tempo dirá. Eu tentei. Você fala. Isso é um bom sinal.

— Onde estou?

— Está na ilha, na extremidade final do arquipélago de Demesne. Os humanos consideram esta área tão inabitável que não lhe deram nome algum. Eu a chamo de Minha, pois sou a única pessoa que mora aqui. Bem, e também você e seu salvador. Só até que fique forte o suficiente para que eu os mande embora.

— As Cavernas do Delírio ficam aqui? — indago.

— As Cavernas do Delírio são um *resort* de sonhos comparadas com a Minha. Só um clone muito doido viveria aqui. Que seria eu, minha querida.

— Você é uma Defeituosa?

— Não somos todos?

— Por que você me parece familiar, mas nem tanto?

— Meu nome costumava ser Mei-Xing.

— O vídeo de orientação!

— Sim, eu costumava ser a propriedade principal da Dra. Lusardi. Até que ela descobriu meus dons para a cura. Então, fui rotulada como Defeituosa e torturada.

— Você escapou?

M-X olha ao redor, a selva onde só ela e a natureza habitam. — Com certeza!

— Tem certeza de que não estou sonhando?

Sua mão dura dá um beliscão em meu cotovelo. Eu recuo.

— Tenho certeza de que não está sonhando. Você deveria estar morta, Elysia.

Em breve vou saber por que eu deveria estar morta, e como vivi. Mas por enquanto, tenho que voltar a dormir.

— Cansada — respondo.

Não consigo ficar acordada mais um segundo sequer. Por favor, acho que, se ainda estiver realmente viva, então me deixe sonhar com Tahir.



Meus sonhos não são com Tahir.

Meus sonhos trazem sangue, gritos e terror. Assassinato.

Eu tirei uma vida.

Por favor, não me deixe acordar de novo.

A PRÓXIMA VEZ QUE ACORDO, É NOITE.

Fui movida. Estou em uma cama de ramos de zimbro colocados no chão, em um pequeno espaço fechado, uma moradia simples de palha com uma entrada aberta pela qual posso ver uma fogueira queimando lá fora.

Minha dor de cabeça passou. Estico os braços acima da minha cabeça e alongo os dedos dos pés ao máximo. Sinto-me nascer de novo, pronta para enfrentar o mundo. Ou, pelo menos, preparada para enfrentar a ilha Minha (quase) deserta.

Levanto-me sozinha, pela primeira vez em não sei quanto tempo. Sinto tontura momentaneamente, mas logo passa, e saio. Estou de sarongue com batique azul e branco e os pés descalços.

M-X está sentada junto ao fogo, dando banana na mão para um macaquinho aninhado na dobra de seu braço.

— Acordou e agora está andando — diz, ao me ver. — Gostei do progresso. Como está se sentindo?

— Muito melhor.

— Excelente. Acho que gostaria de saber como chegou aqui? — Concorde com a cabeça e me sento em um tronco oposto à M-X. — Do que você se lembra?

— Estavam tentando me matar. Mergulhei do penhasco. Não sei o que aconteceu depois disso.

— Você é muito forte e resistente, talvez mais até que sua Matriz. Mergulhar assim e depois nadar teria matado a maioria. É provável que tenha sobrevivido por ter nadado dentro do anel de Io. As águas nutritivas sustentaram você.

— Nadei até aqui? Não parece possível.

— Não é. Minha fica, no mínimo, a vinte milhas náuticas de Demesne. Depois que pulou, consegui nadar até uma boia mais distante mar adentro. Você chegou lá, desidratada e incapacitada. Perdeu a consciência flutuando na boia, onde foi descoberta na manhã seguinte por um mergulhador com um barco, que a entregou a mim para ser curada. Você estava quase morta.

— Há quanto tempo estou aqui?

— Há pouco mais de uma semana. Em certos momentos consciente, e em outros, inconsciente.

— Os humanos procuram por mim?

— Sim. Mas você foi inteligente o suficiente para remover o *chip* localizador. Rastrearam o seu *chip* no fundo do mar. Você foi tida como morta, mas corpo algum foi encontrado até agora. Ainda estão procurando um corpo, mas eles têm problemas maiores em Demesne agora.

— Tipo o quê?

— Tipo assassinato. Nunca houve um crime assim em Demesne. E cometido nada menos que por um clone. A ilha está, basicamente, bloqueada agora, até que os moradores possam ter a certeza de não ocorrerem mais motins entre os trabalhadores.

— Como sabe de tudo isso? Você tem um Transmissor?

— Inventamos formas de nos comunicar fora da periferia dos humanos. Os que fazem parte da causa desenvolveram uma rede clandestina para Transmitir informações uns para os outros.

— A Insurreição? Essa é a sua causa?

— Sim. O primeiro grande ataque da Insurreição estava prestes a ocorrer pouco antes do assassinato.

— Por quem? Como? — Xanthe e Miguel! Percebo que devem ter participado do grupo que planejou isso.

— Ao seu redor havia clones e simpatizantes que ajeitavam tudo para fazer o primeiro ataque. Você provavelmente não percebeu. A Lusardi deve ter personalizado seu *chip* muito bem para configurações adolescentes, assim você só percebeu o microcosmo de suas próprias interações sociais.

Acho que foi um leve insulto.

— Percebi coisas maiores acontecendo. Só não tinha conhecimento do que fazer com a informação. Desculpe se arruinei o plano.

— Não se desculpe. Agora você é um símbolo de liberdade para os clones.

— Eu tirei uma vida. Estou mais triste por isso. — Meus olhos ficam úmidos, e as lágrimas rolam

pelo meu rosto. As lágrimas me fazem sentir triste, mas também trazem alívio.

— Eles nos escravizaram — revolta-se M-X. — Nos torturaram. Nos extinguiram. Não sentem remorso. Você tampouco deveria sentir.

— Não consigo deixar de sentir remorso. — As lágrimas no meu rosto provocam uma revolta no corpo, que convulsiona em um soluço, súbito e amargo. — Fiz uma coisa terrível. Sinto muito. Realmente sinto muito. — Ivan pode ter me prejudicado, mas precisaria ter pago por isso com a sua vida? — Matei o meu próprio irmão.

— Ele *não era* seu irmão — retruca M-X. — E não choraria por você.

Sou o pior tipo de Defeituosa. Eu sinto. Eu soluço. Eu mato.

— Sou uma Horrível? — pergunto à M-X.

— É possível que seus Horríveis estejam começando. Mas é igualmente possível que tenha agido em autodefesa, nada a ver com a fúria de hormônios e tudo a ver com um instinto básico de autopreservação. É muito cedo para dizer.

Mais que o possível início de Horrível, deveria me preocupar com os humanos à minha procura. — É seguro aqui? Como é que os humanos não tomam de volta a ilha ou as Cavernas do Delírio? Certamente têm a capacidade de controlar esses lugares para si.

— Por lei, essas ilhas do arquipélago são território continental. — esclarece M-X. Apenas o Refúgio de férias de Demesne existe independentemente. Para o governo do continente, essas outras ilhas são pontos improdutivos no mapa. Uma ilha foi transformada em ecobolha virtual devido à riqueza e ao privilégio. Mas essa é a ilha com a vegetação mais exuberante e acessível. Estes outros lugares não valem o incômodo humano. O terreno é muito difícil. Afetar aqueles que usam as outras ilhas poderia significar arriscar uma guerra em grande escala. Eles sabem disso.

— Mas certamente eles são mais poderosos. Com suas aeronaves, armamentos e bombas.

— Mais poderosos com a tecnologia. Mas aqueles de nós que vivem nessas ilhas desoladas sabem como utilizar melhor a terra. Podemos percorrer as selvas e cavernas. Os militares têm problemas maiores no continente do que lidar com essas partículas de terra no meio do oceano. Não vale a pena usar seu arsenal caro em nós. Desde que os Defeituosos não ataquem Demesne, de fato, ninguém se importa.

— Então, nós Defeituosos não temos valor algum para os humanos?

— Sim.

— Incrível!

— Com certeza — M-X conclui.

— A Dra. Lusardi deve se importar. Ela deve querer controlar os Defeituosos.

— Difícilmente — retruca M-X. — Ela precisa controlar os que estão em Demesne. Ela não se preocupa com os outros, assim que partem.

— Como pode ser assim? Os humanos a levaram para lá para fabricar seus clones. Certamente sua margem de lucro e sua reputação são afetados se Defeituosos têm seus acessos nas Cavernas do Delírio.

— Isso é problema dos humanos, não dela.

— Não entendi.

M-X traça com o dedo a cicatriz de queimadura na têmpora. — Quando estive na Casa do Governador, nunca percebeu que a Dra. Lusardi não faz visitas para saber dos clones que ela fabricou? Que nunca participou de funções sociais ou jamais se envolveu na vida da ilha, fora do seu complexo?

— Não, mas agora que mencionou...

— A Lusardi não se importa porque a própria Lusardi é uma máquina. Assim como nós, sua missão lá é servir apenas.

— Nossa! Como um clone!

— A Lusardi é um clone. Duplicada da Dra. Larissa Lusardi original, que era uma cientista brilhante, mas com uma tendência para a justiça. Quando ela se opôs veementemente contra o uso de seus clones para a servidão, a mataram. Transferiram sua memória e habilidade para o seu clone, mas extraíram a alma de sua Matriz, para se livrar dessa ética irritante que a impedia de cumprir obedientemente as encomendas de compra dos humanos de Demesne.



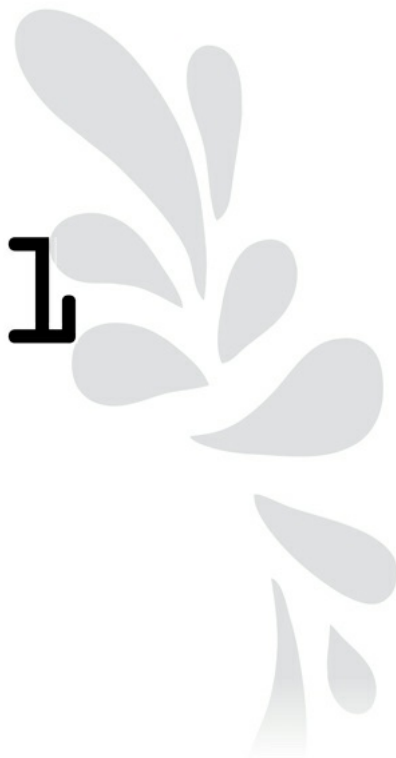
O fogo crepita mais calmo ao se apagar. Logo, precisaremos pôr mais lenha ou nos retirarmos para dormir. Percebo que negligenciei a pergunta mais importante.

— Qual Defeituoso me resgatou e me trouxe para cá?

— Olhe para trás de você. Ele é humano, não um Defeituoso. Embora tenha sido escolhido para liderar o Exército de Defeituosos que se escondem nas Cavernas do Delírio.

Viro a cabeça e vejo uma figura alta carregando toras recém-cortadas para o fogo. Acima das toras, vejo o cabelo loiro e, ao se aproximar do fogo, o azul profundo de seus olhos azul-turquesa.

É o Aquino, Alexander Blackburn. Ele me salvou.



— EU NÃO TE SALVEI — DIZ ALEXANDER. — Você mesma se salvou.

É a manhã seguinte. M-X se cansou dos companheiros e se retirou para o outro lado da ilha para coletar ervas, insetos e conchas para seus remédios. Ainda não tenho nada a fazer além de me balançar na rede enquanto recupero energia, que M-X diz ser a única coisa que devo fazer. De fato, é algo meio incrível toda essa coisa de não fazer nada no meio desse nada tropical. Também é meio chato. No final, mais cedo ou mais tarde, espero ter que me levantar desta rede e seguir com a minha vida.

Não tenho ideia alguma de como fazer isso. A rede parece muito acolhedora, por agora.

— Como me encontrou? — Questiono Alexander Blackburn, que resolveu passar a manhã balançando na rede em frente à minha.

— Eu fazia parte do grupo de busca enviado para recuperar seu corpo depois que pulou do penhasco na Casa do Governador. Sou um mergulhador militar. Ou, era.

— O que significa isso, “era”?

— Significa que estou oficialmente ASP, ausente sem permissão, desde que a trouxe aqui. Os militares pensam que perdi minha vida na missão, ou abandonei meu posto, o que pode me levar à corte marcial se capturado.

— M-X diz que você lidera o Exército de Defeituosos? Então não são um mito.

— Não são mito. São a razão por eu ter entrado no exército.

— Então é um traidor humano?

— Isso é uma questão de perspectiva. Meu povo é de ecoguerreiros. Juntar-me aos militares era a

melhor maneira de tentar destruir Demesne de dentro para fora.

Meu estômago ronca tão alto que ele olha para mim.

— Está com fome?

— Vivo com fome agora — confesso. — Como não há mais razão para me negar o prazer que tenho ao comer, parece que fiquei mais esfomeada que antes.

Ele ri.

— Por que é engraçado? — pergunto, curiosa.

— Exatamente como Zhara. A garota adorava comer.

Seu comentário me irrita.

— O apetite é meu. Gosto de comer porque a comida é saborosa, especialmente chocolate. Não por causa dela.

— Então é, com certeza, algo só seu — concorda Alexander Blackburn. — Zhara não gostava de chocolate.

— Bárbaro! — exclamo, chocada com o quanto pareço com a Mãe.

O Aquino senta-se na rede.

— Então vamos pegar o almoço. Não há chocolate por estas bandas, mas aposto que podemos forrar a barriga com algo bom.

— Onde é que vamos pegar o almoço, Alexander Blackburn?

— Vamos caçá-lo ou pescá-lo, ora! E, por favor, pare de me chamar pelo meu nome completo.

— Então, como devo chamá-lo? Aquino?

Ele ri novamente.

— Zhara me chamava de Xander.

— Vou te chamar de Alex. — Levanto da rede. — Vamos caçar peixe para o almoço, Alex. Gostaria de ir até a água.



Seguimos através da selva densa em direção à praia. Pelo caminho, Alex me conta como ele, sendo Aquino, alistou-se no exército de treinamento para agente secreto quando, na verdade, já era um agente secreto.

Quando menino, era atraído por esportes aquáticos, tanto que seus pais lhe permitiram treinar e competir no continente, algo incomum para um Aquino enclausurado. Aos dezoito anos, decidiu que,

em vez de aprendiz de ofício tradicional Aquino, como carpintaria ou agricultura orgânica, queria viajar e conhecer mais do mundo exterior. Sem meios monetários para custear seus interesses, Alex decidiu entrar para o exército, para treinar e se tornar um comandante. A inspiração para se juntar aos militares foi o pai de Zhara, sargento-instrutor, que também recrutou Alex para a aliança secreta, pró-Defeituosos, dentro do exército.

Então, é verdade o que Xanthe me contou uma vez. Existem realmente humanos no poder que querem ajudar Defeituosos a recuperar suas almas, abolir a legalidade de servidão dos clones em Demesne.

O pai de Zhara se envolveu ativamente na causa após a morte da mãe dela, em um choque durante um protesto antisservidão dos clones. Ele é um homem rígido e conservador, segundo Alex, a última pessoa que alguém jamais pensaria estar a bordo da aliança pró-Defeituosos. Quando Zhara ainda era criança, sua esposa abandonou a família porque eles discordaram sobre a adesão dela ao movimento de protesto. Mas a morte da esposa, a perda da mãe de sua filha, mudou suas opiniões, e ele secretamente envolveu-se no movimento. O pai de Zhara é “alguém de dentro” do exército essencial para a causa. Ele recrutou Alexander para a causa e o apresentou ao pequeno, mas crescente grupo de oficiais militares que querem abolir a prática de servidão de clones em Demesne.

— Como o pai de Zhara se sentiria sobre o clone de sua filha? — indago.

Chegamos à praia. Não espero pela resposta à pergunta. Instintivamente, corro para a água. Até ver a areia branca e as ondas com crista branca rolando sobre a água azul safira não percebera o quanto senti falta do oceano. Entro no mar. Esta água natural é mais fria que a de Io e não acalma e acaricia a pele magicamente, mas me acorda e me agrada estar nela.

— Ajude-me — Alex me chama da praia. Eu me viro. Está em pé ao lado de uma canoa na areia, seu torso esculpido emoldurado pela luz do sol atrás das costas.

Juntos, levamos a canoa para a água. Entro primeiro e ele pula junto, empurrando-a na água. Sentamos em lados opostos da canoa e remamos um pouco mar adentro, ainda em águas rasas, mas longe da praia.

— Não sei como vou contar ao pai de Zhara — confessa Alex, reconhecendo o que eu suspeitava: o pai de Zhara, também meu pai biológico, acredito, não acolheria o clone da filha.

— Não entendo por que você faz parte deste movimento. Os Aquinos não querem erradicar a clonagem porque não é natural? O seu culto não é de pessoas geneticamente modificadas?

— Em primeiro lugar, não somos um culto. Em segundo, os Aquinos projetaram-se por escolha, não por lucros. Nossa raça foi formada com a intenção de reunir os melhores elementos na

humanidade, de modo que nosso povo pudesse viver em harmonia e de forma produtiva na Terra, fora dos limites da ganância. Entendemos que a clonagem é uma forma de escravidão.

— Então não é um abolicionista?

— Sei que a clonagem não pode ser interrompida. Minha missão, minha esperança, é que um dia os clones recebam os mesmos direitos fundamentais que os seres humanos, que nunca sejam usados como escravos de novo.



Os peixes são facilmente visíveis na água clara tropical ao redor da canoa. Mas eu já matei um humano. Não posso matar um peixe também. É muito recente. Recuso a lança que Alex tenta me passar.

— Pensei que tinha dito que estava com fome — ironiza ele.

Sacudo a cabeça com veemência. Não consigo nem *olhar*. — Bem, então segure o balde para que eu possa pôr o peixe dentro.

Seguro firme o balde a seus pés enquanto ele espeta o peixe para nosso jantar. Ouvir o peixe se sacudir ao morrer no balde me faz querer vomitar. Preciso me distrair deste assassinato, mesmo que ele seja o almoço.

— Como foi parar em Demesne? — pergunto.

— Treinei na Base para assumir um posto de comando. Demesne é a atribuição mais procurada e difícil de obter, mas suspeitávamos que eu tinha uma boa chance, por ser Aquino. Porque, supostamente, quem se preocupa menos com os direitos dos clones que um Aquino? Quem melhor para o serviço de carimbar o relatório anual da Comissão de Direitos dos Replicantes?

— Ouvi falar como você protegeu nossos direitos em Demesne. Protegeu tão bem que você mandou a outra Beta adolescente de volta para a Dra. Lusardi para ser torturada. Não tem como ela ter explodido aquela bomba.

— Ela não explodiu. Mas alguém tinha que levar a culpa. Ela era um alvo fácil. Uma viciada em *raxia*, perto da morte, ou já Horrível. — Ele comenta tão casualmente. — Dano colateral, é como os militares chamam.

— Eu chamo isso de atrocidade — informo. Então, acrescento: — Então, quem detonou a bomba?

— Fui eu — diz Alex. — Sob as ordens do Governador. O objetivo era dismantelar um pequeno anel de *raxia* escondido na selva perto do complexo da Dra. Lusardi. A Beta adolescente foi culpada

para que o Governador pudesse ter cobertura para a verdadeira razão por trás da bomba, que era na verdade um aviso muito público para aqueles que apoiam a Insurreição. — Ele faz uma pausa e me fita nos olhos. — Sinto muito — desculpa-se. — Essa batalha requer escolhas difíceis. As coisas só vão ficar cada vez mais difíceis.

Como a escolha que ele fez de se tornar ASP, por mim, arriscando a própria vida, e sua morte iminente se os militares o recapturarem.

Eu perdi demais para lamentar mais agora pelo que já se foi. Minha vida pela frente deve ser uma tela limpa, cheia de possibilidades. Se ao menos Tahir pudesse ser incluído nela.

— Desculpas não trarão Becky de volta — respondo. Não há mais nada a dizer sobre o assunto, para mim já chega. Fico em pé no barco, preparando-me para mergulhar. — Gostaria de dar um mergulho rápido.

Mas Alex olha para as nuvens se formando no céu e alerta: — Vem chuva por aí. Mas há um local maravilhoso para nadar em um atol logo ali. Aponta uma pequena ilha a cerca de quatrocentos metros de nosso barco. — Eu te levo lá amanhã, se o tempo melhorar.

— Posso mergulhar lá também?

— Há alguns pontos elevados de mergulho, sim. Mas talvez isso não seja uma boa ideia em sua condição delicada, sua ousada. — Ele diz aquela última palavra com muita familiaridade.

— Ousada? Era isso que a Zhara era?

— Sim.

— Então, não me chame assim. E eu estou me sentindo mais que bem para mergulhar de novo.



TODA NOITE, AO PÔR DO SOL, ALEX MEDITA. É coisa de Aquino. Refletir sobre a gratidão. Algo assim. Não é uma aventura na FantaEsfera.

Sua ausência permite que M-X e eu conversemos ao anoitecer junto ao fogo. Aqui, na Minha, M-X não me trata como uma companheira, mas como uma garota normal. Aqui, na Minha, não importa se eu ficar Horrível. Já sou selvagem e livre.

— Gostaria de ficar por aqui — digo à M-X.

— Agora que está melhor? — pergunta ela.

Aceno com a cabeça.

— Impossível — responde. — Eu curo e mando embora. Não tem graça ter convidados de longo prazo.

— Não acredito. Todo mundo gosta de companhia.

— Não é verdade. Se tivesse testemunhado as coisas que testemunhei na enfermaria da Dra. Lusardi, depois também preferiria uma vida de solidão. Além disso, terá que partir em breve com o Aquino. Ele se ligou a você.

— Como?

Mas acho que já sei. *Você sabe que me possui, Z.* Começa a fazer sentido. Aquinos se acasalam para a vida toda. Qualquer coisa que aconteceu para separá-los, ele ainda está ligado a Zhara. E, por extensão, a mim. Quer eu queira isso ou não. Quer eu o deseje, de minha parte, ou não.

— Você é a companheira dele — explica M-X. — Ele te resgatou. Cuidou de você até que revivesse.

— Você disse que *você* me curou.

— Dei remédios herbais. Ele ficou ao seu lado noite e dia, enxugou-lhe a testa, segurou sua mão, a alimentou, a manteve limpa. Acho que até orou por você.

Se ele pensa que me possui agora, está muito enganado.

Não quero ser possuída por ninguém, nunca mais.

O macaquinho de M-X sobe em seu ombro, pula para a bananeira acima dela e puxa um novo cacho de bananas. Ele arranca uma banana do cacho e a entrega para M-X para que ajude a descascá-la, mas ela devolve a banana ao macaco.

— Vá lá e ofereça comida para nossa convidada. Ela deve estar com muita fome agora que se sente melhor.

O macaco se aproxima e me oferece uma banana. Eu a pego, mas não a descasco. O macaco me olha interrogativamente. Então a descasco e a ofereço de volta. — Toma, pode pegar.

— Precisa comer — avisa M-X. — Enquanto convalescia, foi alimentada com caldo fortificado de ervas curativas, mas agora deve estar louca por comida mais nutritiva.

— Sim, mas por alguma razão o cheiro de bananas me dá náuseas. Será que não tem chocolate escondido por aí? Talvez uma vitamina de morango?

— Seus dias de vitamina de morango já eram. Não só não a temos aqui, na selva, mas seu corpo não deve mais processar os produtos químicos da Dra. Lusardi.

— Por que não?

— Porque está grávida.

Viro a cabeça para me certificar. Será que estou em um jogo da FantaEsfera? Ou será uma piada de mau gosto da M-X?

— Não é possível — respondo finalmente. — Replicantes não podem se reproduzir.

— Era o que acreditávamos. Até agora.

— Como você sabe?

— Sou uma Curadora. Sei disso. E sua amostra de sangue confirmou minha suspeita.

— Eu me recuso — declaro. Minhas mãos apertam meu ventre. Não sinto nada. — Há uma coisa dentro de mim? Quero que suma.

A simples ideia de meu corpo produzir um novo ser já me repugna. Mal comecei a minha própria vida. Se realmente houver uma nova vida crescendo em meu corpo, foi concebida por violência e não era para ser. Não deveria ser possível. Esses humanos me alimentaram com tantas mentiras.

Isso é tão injusto! Quero gritar.

— Aquela “coisa” é uma vida e, aparentemente, é tão lutador quanto você — responde M-X. — Você deve respeitá-la. Se isso é possível para você, talvez seja possível para o resto de nossa espécie. Você é esperança.

— Eu tirei uma vida. Não sou digna de ser um símbolo de liberdade e esperança. Sou uma covarde.

— Se isso fosse verdade, não teria me dado ao trabalho de te curar.

Eu protesto!

— Não posso ter um bebê. Nem sei ainda como ser uma pessoa. Você me ajudará? — pergunto. — Se ele emergir.

— Nascer — ela me corrige. — O nenê vai nascer. Não emergir.

— Se ele nascer — digo. O nível de desespero e medo que sinto de repente é tão chocante quanto a notícia que meu corpo, que não deveria ser capaz de reproduzir, pode reproduzir na verdade. Essa notícia é pior do que perder Tahir ou do que descobrir o nosso iminente Horrível. — Você vai tomar conta dele? — imploro. — Não posso. Não o quero.

— Você não sabe o que quer. Passou sua curta vida tendo lavagem cerebral para acreditar que nem sequer podia desejar. Não pode tomar essa decisão sobre o que cresce dentro de você. Ainda é muito cedo.

— Posso sim! — asseguro.

— Não pode!

— Ajude-me a me livrar dele — imploro.

— Prometi ao Aquino que não o faria, em troca dele te levar embora agora que se curou. O Aquino acredita na santidade da vida. Agora, ele te levará como companheira dele. Ele amará e criará seu filho como dele.

— Isso é absurdo! Não peço isso dele!

— Não precisa. É um imperativo biológico. Ele não consegue *não* fazer isso com sua companheira. Sua Matriz era a companheira dele, independente dele ou dela terem idade suficiente ou estarem prontos para formar esse vínculo. Aconteceu. E Aquinos se acasalam para a vida toda. O que significa que você é companheira dele agora, porque ela foi.

É como viver na Casa do Governador. Não me dão escolha onde eu gostaria de ir, ou como. Simplesmente mandam. Cada vez mais, entendo por que adolescentes humanos ficam rebeldes. Deve acontecer para que possam controlar suas próprias vidas.

Que controle eu poderia tomar em minhas mãos?

Sou uma adolescente clone Beta grávida que assassinou o filho do chefe executivo que domina uma ilha de propriedade das pessoas mais ricas do mundo. Não tenho educação, nem riqueza, nem recursos. A escolha de meu próprio destino não é realmente uma opção neste momento. Sou obrigada a acompanhar alguém que pode me ajudar a sobreviver nesse próximo estágio de minha vida.

AS TEMPESTADES MARÍTIMAS FORA DO ANEL DE IO são especialmente fortes; fizeram a Matriz de Tahir perder a vida. Toda a energia usada dentro do anel desestabilizou cada vez mais o oceano fora das águas violetas de Io. Essa é a razão pela qual apenas Defeituosos casuais e piratas tentam atravessá-lo.

Naquela noite, sonho com esse mar violento, não violeta, conforme uma tempestade passa acima de nossa fortaleza na selva, pingando chuva em meu corpo através dos furos do telhado de palha da cabana, enchendo o coração de terror com cada relâmpago e estrondo do trovão.

Em meu sonho, vou pescar com Alex.

Enquanto velejamos, penso que os Humanos me surpreendem. Criaram a tecnologia de replicar a si mesmos, e a de cercar ilhas paradisíacas em bolhas ecológicas no meio do nada, servidos por seus clones fabricados. Construíram cidades, destruíram cidades e tornaram a construir cidades. Foram ao espaço e criaram colônias a anos-luz de distância da amada Terra. Ainda assim, apesar das proezas técnicas, continuam existindo entre eles aqueles que viajam de... bote inflável?

É sério? Grito para Alex, acima do barulho das ondas. *Um bote inflável?*

Esse barco é tudo o que tínhamos nas Cavernas do Delírio respondeu. *No exato momento não podem se gabar dos suprimentos. Era pegar este barco ou nadar.*

O céu se torna cinza escuro e a névoa circunda o barco. Rapidamente, a visibilidade vai a zero. Quando deixamos a ilha Minha, o céu estava claro e o mar calmo. Ele não admite, mas eu sei. Estamos perdidos. O mar revoltoso nos tirou do curso. O oceano deve estar me punindo pelo que fiz a Ivan. O céu se rasga em fúria estrondosa, lançando um relâmpago direto no casco do bote. Conforme

ele começa a esvaziar, o Aquino diz: *Parece que vamos nadar no final das contas.*

A água é fria e implacável, furiosa. Quer nos engolir totalmente. As ondas nos fustigam, a corrente golpeia, mesmo assim conseguimos nadar.

Fique por perto! Alex grita para mim. *Temos que conseguir chegar ao atol.*

Ele não precisa me instruir. Meu corpo sabe exatamente o que fazer. Já fez isso antes.

Foi assim que Zhara morreu.

Não sei se é por causa da queda do relâmpago, a proximidade de seu poderoso amado, ou porque sou simplesmente a mais Defeituosa das Betas Defeituosas, mas, em meu sonho, as visões de Z estão de volta. Na verdade, sou grata por isso; ver o que ela vivenciou permite que eu me separe de meu nado impossível do pesadelo no mar tempestuoso.

Nas visões anteriores herdadas dela tive apenas relances de Alex. Embaixo d'água, ele acenava e me seduzia, um canto de sereia. *Você me possui, Z*, dizia ele. Pela primeira vez, agora ouço a voz dela. É a mesma voz que tenho, mas mais forte, mais zangada. Ela era muito mandona.

Iahuuu! Festa mortífera!, grita. Vejo as ondas golpeando o bote em que está. Vejo outras duas pessoas no bote com ela, um macho e uma fêmea, talvez da mesma idade dela, mas seus rostos estão borrados. Não consigo vê-los. Consigo apenas sentir seu medo e pânico em conflito direto com o relaxamento sereno fluindo em suas veias. Zhara e seus amigos saíram em excursão desautorizada, afastando-se do acampamento escolar. Queriam estar no meio do oceano e usar *raxia* e nadar tão próximo do anel de Io quanto conseguissem chegar. Não conseguiram chegar nem perto antes da tempestade cair. Rapidamente, a escapada de sonhos da *raxia* se tornou um pesadelo. Para sobreviver, tiveram que abandonar o barco. Mas a droga que tomaram teve um efeito contrário a eles, tirando-lhes o foco e a força que precisavam no momento de crise.

Pelo menos, morreremos felizes, pensou Zhara.

Mesmo que ela não acreditasse nisso.

Ela duvidou ser forte o suficiente para nadar desta vez. Dúvidas persistentes e incômodas foram o que mutilaram sua força durante a vida. *Não sou boa o suficiente nem forte o suficiente. Não sou digna.* Mas ela era.

Foi a *raxia* que a matou, não o nado durante a tempestade. Ela tomou *raxia* para sentir alívio, para sentir algo diferente da dor que se enraizou tão profundamente em seu coração, que ela quis morrer em vez de vivenciar mais um dia com essa dor no coração, uma ferida tão grande que matou seu foco competitivo e lhe custou o lugar no time olímpico de mergulho. Descobriu que usar *raxia* fazia a dor desaparecer. Mas dessa vez, a *raxia* fez com que estivesse tranquila demais para nadar.

Sóbria, ela poderia ter sobrevivido à tempestade. Mas, nesse momento de crise, ela não só não conseguiria se salvar, mas levaria seus amigos consigo. Eles não estavam muito dispostos a deixar o grupo da escola. Mas ela implorou. Insistiu. Conseguiu o que queria, como sempre, prometendo que seria supermaravilhoso e uma aventura da qual iriam se vangloriar mais tarde, quando retornassem ao acampamento.

Seu pesadelo é meu pesadelo. Eu luto para nadar nas águas tempestuosas, lutando para sobreviver, da mesma forma que ela. Vejo claramente o que ocorreu à Zhara. Ela se afogou. Foi ao fundo não por falta de forças, mas simplesmente porque seu coração parou. Uma overdose. Queria tanto fazer o coração parar de doer. A *raxia* permitiu que o coração obedecesse.

DEPOIS DO SONO CONTURBADO, O SOL DA MANHÃ brilha forte e pacífico, como se o céu jamais tivesse liberado o inferno na noite passada.

— Você me prometeu que nadaríamos — cobro de Alex na manhã seguinte, quando o encontro se livrando de um monte de galhos derrubados pela tempestade noturna. — Quero que seja tranquilo e refrescante. Em águas *calmas*.

Ele larga a árvore caída que estivera afastando.

— Vamos lá — concorda. — Estou sempre disponível para nadar.

Levamos a canoa ao atol próximo que ele apontou ontem. É uma ilha de recifes de coral de poucos quilômetros de terra firme com praia e árvores cercando uma fonte central de água. Em um dia claro, quente e ensolarado como hoje, sem uma nuvem no céu, enquanto golfinhos nadam ao redor do atol, tartarugas verdes bamboeiam pela areia e aves marinhas nos sobrevoam, humanos poderiam considerar essa extensão de praia algum tipo de paraíso.

Zhara teria adorado ficar presa em uma ilha deserta com Alexander Blackburn. Poderia ter chamado a experiência de lua de mel. Penso nisso como outra curiosidade que devo vivenciar até que possa, finalmente, me reunir a Tahir.

Uma Beta grávida pode sonhar, certo?

Alexander e eu não somos os primeiros a descobrir esta ilha. Outros já estiveram aqui antes de nós e espalharam suas relíquias por ali. Esculpiram seus nomes nas flores de cactus: *Amber ♥ Pierre*. *Jake + Nicholas*. *Sozinho com Deus e as tartarugas*. *Ezekiel*. Deixaram roupas — camisetas e maiôs — penduradas nos galhos das árvores.

Alex me conduz até um ponto no centro do atol onde as árvores verde-esmeralda cercam uma lagoa de um azul perfeito margeada com areia rosada. Um paraíso real. De qualquer forma, Alex acredita que preciso de ajuda nesse paraíso. *Há!* O paraíso poderia ser o *único* terreno onde fui educada a navegar. Ele tenta pegar a minha mão para equilibrar meus passos para dentro da água morna, como se eu fosse frágil. Tiro a minha mão da dele.

— Tenho dezesseis anos — digo a Alexander. — Sei tomar conta de mim mesma.

— Você tem o equivalente a dezessete — corrige Alexander. — O aniversário de Zhara foi no mês passado.

Não sei bem o que lhe responder. Há tantas coisas para perguntar, mas é tão difícil focar quando, toda vez que ele me olha, sei que está enxergando ela. Observa minha gravação e meus olhos fúcsia, tenho certeza que lamenta. Quando olho para ele, vestindo apenas uma sunga preta sobre o corpo extremamente musculoso, vejo seus olhos turquesa e os tufos de cabelo loiro queimados de sol ao redor do rosto e tudo o que consigo pensar é: você fez *amor* com ela. Você *fez amor* com a Outra de mim.



Não posso negar: vê-lo nadar é um espetáculo de pura beleza.

Ele não só nada na água, é como se dançasse nela. As braçadas, tão poderosas, são graciosas ao mesmo tempo; é como um peixe humano que pertence a esta água benéfica tropical.

Talvez ele também possa ensinar à coisa que está crescendo dentro de mim a nadar. Não há muito no departamento da felicidade que eu seja capaz de oferecer a esta coisa concebida em violência. Mas um Aquino conseguiria amá-la e protegê-la como eu jamais poderia.

Nado, seguindo Alex até o meio da lagoa onde a água é profunda, mas nossos pés ainda conseguem tocar o fundo. Afundo os pés na areia quente do leito do mar. O sol parece brilhar diretamente sobre Alex, como se o cercando com um halo.

— Conte-me mais a respeito da Zhara. — peço.

Começamos os dois a andar na água, para nos mantermos em movimento enquanto a conversa vem à tona.

— Encontrei-a pela primeira vez quando tinha dezesseis anos e ela treze — relembra. — Ajudava a treinar sua equipe de mergulho. Zhara era uma mergulhadora excelente, treinando para as Olimpíadas, mas tinha muitos problemas familiares. Perdera a mãe muito nova e estava sempre

brigando com o pai. Poderia ter sido uma verdadeira campeã atlética, mas sua natureza básica rebelde, tempestuosa, estava sempre em guerra com seus talentos físicos. Logo depois de completar dezesseis anos, eu estava com dezenove e decidira me alistar. Na água, éramos companheiros, pois lá Zhara era ela mesma. Mas em terra, era impossível de lidar. Era voluntariosa e egoísta. Estava continuamente tentando me provocar a começar um relacionamento com ela. Sentia muita atração por ela, mas achava que não era madura o suficiente para me acasalar com ela. Mas então, uma noite, logo antes de partir para a Base, cedi à tentação. Ela me desafiou. E não consegui resistir. Mas na manhã seguinte, rompi. Disse-lhe que fora um erro, que era jovem demais, impetuosa demais. Parti para Base e, pelo que ouvi, lentamente perdeu o controle até aquele acampamento, quando desapareceu.

— Pensei que Aquinos se ligassem para a vida toda. Como pôde ter rompido com ela depois? — questiono. Não tenho razões para defendê-la, mas sei que meu tom de voz parece acusador.

— A engenharia Aquina pode ter falhas, tanto quanto a sua — explica Alex. — Não é cem por cento perfeita. É a minha vergonha, minha falha. Minha rejeição da Zhara após o que aconteceu não deveria ter acontecido, mas aconteceu. — Ele para de andar o tempo suficiente para me observar. — Fui insensível e em contradição direta à verdadeira natureza de meu povo. Não tenho orgulho. E agora, aí está você.

Ei, sol, quero dizer ao efeito de halo solar emoldurando seu corpo musculoso. Acredito que o Aquino não é tão angelical no final das contas.

Ele é honesto. Tenho que respeitar isso nele.

Nado ao redor dele em pé, inspecionando-o da forma que os humanos frequentemente me inspecionaram. Avaliando. Seus bíceps e músculos peitorais esculpidos. O bronzeado de sua pele. Seu cabelo loiro beijado pelo sol. Os olhos turquesa, olhando tão intensamente dentro dos meus. Desejando.

Alex ergue os pés do fundo da água e volta a nadar, desta vez, me perseguindo pela água. Rio enquanto ele se lança abaixo e ao redor de mim e faço o mesmo, ressuscitando essa dança na água que sei que praticou tantas vezes com ela.

Mas *eu* vivencio isso agora. Ela se foi. Ele é meu para ser tomado, se assim o quiser.

Será que sequer tenho escolha?

Deixo que me apanhe. Estamos sem fôlego quando seus grandes braços cercam meu corpo e me puxam para perto dele. Olho no fundo de seus olhos e reconheço. Ele não é Tahir. Mas ele servirá.

Com Alex, posso me juntar ao Exército de Defeituosos nas Cavernas do Delírio. Alex pode me

treinar para que possa participar da Insurreição. Ser o símbolo de liberdade que querem que eu seja. Eles querem se insurgir; *eu* quero me insurgir. Quero propósito e direção, não uma vida ceifada precocemente como a de Zhara. Quero terminar o que Xanthe e Miguel começaram.

Alex tomará conta do ser crescendo dentro de mim. Ele não é o meu amor. Mas ele é uma solução excelente. Minha escolha está feita. Vou me juntar à sua convocação. *Seus* braços, tão musculosos e fortes, são tão sedutores. Não é um sacrifício tão grande querer ser abraçada por eles.

De repente, tudo o que Zhara sentia por ele, luxúria, amor, paixão, obsessão, ternura, desejo, parece fluir intensamente dentro de mim. Aqui com ele na água, ergo minhas pernas e o envolvo com elas. Ele me segura forte, seu peito pressionando o meu e, sim, não consigo negar. Meu coração dispara. Uma tontura.

— Sim? — pergunta com sua voz grave.

— Sim — murmuro.

Os lábios de Alex se inclinam sobre os meus, que se entreabrem para encontrar os dele. O sol, a água, este momento: nós nos ligamos um ao outro.



Mergulhar. Nadar. Beijar. Abraçar. Conhecer.

O sol poente da tarde nos avisa que o crepúsculo se aproxima. Precisamos sair da lagoa azul do atol para voltar à Minha antes do pôr do sol, antes da hora da meditação de Alex e para que eu possa me despedir de M-X.

Determinamos que amanhã partiremos para as Cavernas do Delírio, para nosso novo início.

Quando retornamos para a canoa na praia, vemos um pequeno barco na água, se dirigindo à costa.

— Reconheço aquele barco — diz Alex, segurando minha mão ao caminharmos para a praia. —

Pertence ao Exército de Defeituosos nas Cavernas do Delírio.

O barco encosta e é arrastado para a areia por dois homens corpulentos gravados com azevinho. — Novos recrutas do Refúgio, pelo que posso ver.

Os dois homens ajudam uma garota a sair por cima da borda do barco. Uma garota humana, não tatuada, parecendo selvagem e punk, o longo cabelo loiro listado de tintura preta e azul, despenteado pelo vento do mar. Ela nos vê e chama: — Xander!

A mão de Alex larga a minha. Os Defeituosos e a garota estão em pé bem diante de nós.

A garota olha fixamente para mim. Ela registra *choque* e então *angústia*.

Seu rosto é o meu.

A garota é Zhara.

Sempre suspeitei ser verdade e agora tenho certeza. Eu tenho alma. Porque minha Matriz nunca morreu.

Dedicado a TK

- [1] *Raxia* é o nome de uma droga imaginária criada pela autora (N. do E.).
- [2] *Swell*: significa ondulação oceânica. Para os surfistas, indica boas condições para a prática do esporte, pois, quando o swell chega à praia, as ondas estão maiores e mais fortes. (N. do E.).
- [3] No original, “Mrs. Red Whine”. A autora utiliza a semelhança sonora entre *wine* (vinho) e *whine* (queixar-se) para atribuir um novo nome à personagem (N. do E.).
- [4] A música *Children of Hope* é uma canção fictícia criada pela autora especialmente para a história. (N. do E.).
- [5] *Brunch*: uma refeição feita no final da manhã. A combinação de *breakfast* (café da manhã) com *lunch* (almoço). (N. do E.).



RACHEL COHN nasceu em Silver Spring, nos Estados Unidos, em 14 de dezembro de 1968. Formou-se em Ciências Políticas na *Barnard College*, em Nova York, onde vive até hoje, escrevendo livros para o público jovem. Um de seus maiores sucessos, *Nick & Norah – uma noite de amor e música*, escrito em parceria com David Levithan, foi adaptado para o cinema em 2008, com Michael Cera e Kat Dennings nos papéis principais. Para a história de *Beta*, Rachel inspirou-se em um sonho: nele, uma garota-clone adolescente estava à venda em uma loja de *shopping* e foi comprada por uma elegante mulher, conhecida como a esposa do governador. Acordou sabendo que tinha uma trama. Agora ela acaba de colocar o ponto final no segundo livro da série, *Emergent*, que deve ser lançado nos Estados Unidos em outubro de 2014.

Saiba mais sobre a autora:

www.rachelcohn.com

Título original: *Beta*

Copyright © 2012 by Rachel Cohn

Todos os direitos reservados. Publicado por Hyperion, um selo do *Disney Book Group*. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento e recuperação, sem autorização escrita da editora.

Tradução: Marina Garcia

Fotografia e arte da capa © 2012 by Zack Gold

Design da capa: Marci Senders

1ª edição digital 2014

ISBN 978-85-16-xxxxx-x

Reprodução proibida.

Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados.

Editora Moderna Ltda.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho

São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904

Atendimento: tel. (11) 2790 1258 e fax (11) 2790 1393

www.editoraid.com.br

DE ACORDO COM
AS
NOVAS
NORMAS
ORTOGRÁFICAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cohn, Rachel

Beta [livro eletrônico] / Rachel Cohn ;
tradução de Marina Garcia. -- São Paulo :
Moderna, 2014.
3,2 Mb ; ePUB.

Título original: Beta.

1. Ficção - Literatura juvenil 2. Ficção
norte-americana I. Título.

14-02825

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5